

Conrado Pires de Castro

**COM TRADIÇÕES & CONTRADIÇÕES:
Contribuição ao estudo das raízes modernistas do
pensamento de Sergio Buarque de Holanda**

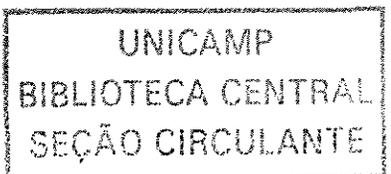
200330273

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria e História Literária, na área de Literatura e Outras Produções Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Campinas
Fevereiro de 2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL



UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	11002
V	EX
TOMBO BC/	55844
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	18/9/03
Nº CPD	

CM00189068-7

bibid 299958

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C279c

Castro, Conrado Pires de

Com tradições & contradições: contribuição ao estudo das raízes modernistas do pensamento de Sergio Buarque de Holanda. / Conrado Pires de Castro. - - Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982. 2. Modernismo. 3. Brasil - Vida Intelectual. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Leonardo Pires
de Castro

e aprovada pela Comissão Julgadora em
21/08/2003.

Carlos Eduardo O. Berriel

Carlos Eduardo O. Berriel

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel – Orientador

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço

Prof. Dr. Pedro Meira Monteiro

Prof.^a Dr.^a Enid Frederico – Suplente

1. Introduction

2. Methodology

3. Results

4. Discussion

5. Conclusion

6. References

7. Appendix

8. Acknowledgements

9. Contact Information

Agradecimentos

Como ser generoso num instante em que nos assaltam tantas dúvidas, incertezas e inseguranças várias? Como ser justo num momento, como esse, em que nossas forças já desfalecem quase que por completo? No entanto, não fosse o auxílio e o apoio afetivo e material de inúmeras pessoas talvez estas derradeiras linhas – que paradoxalmente abrem este trabalho - nem estariam agora sendo escritas. É certo que não tenho em mãos, muito menos na mente, as energias necessárias para me entregar de todo coração a todos aqueles que com um simples gesto, uma única palavra, um breve olhar e outras tantas miudezas que freqüentemente nos desacostumamos a conferir seu exato valor, sem sequer perceber nos salvaram do precipício de que muitas vezes nos arrostávamos.

Embora correndo todos os riscos de lapsos e esquecimento involuntários, silenciar certos nomes seria uma injustiça que nesse momento não seria capaz de suportar. Todavia, palavras mais calorosas serão deixadas para ocasião em que tudo em mim serenar e o abraço amigo, fraterno ou enamorado possa se fazer sentir.

Jorjão, Paulinho, Déa, PQ, Mateus, Xampu, Darça (André), Gabriela, Iara são bons amigos que tornaram mais agradável e divertido os jurássicos tempos de graduação na Unicamp. Após, já na pós-graduação, somaram-se ao grupo Marcão, Paula, Cláudia Leal, Pito, dentre os mais próximos.

A professora Lígia Osório Silva, primeira a acreditar na viabilidade de um economista “*gauche* na vida” iniciar-se cientificamente no estudo de *Raízes do Brasil*, devo o estímulo e a orientação serena face a tão árduo princípio. Em seguida, o feliz encontro com outros “sergiólogos”, que até hoje rende convívio intelectual e humano da mais alta qualidade: Pedro Meira Monteiro – que talvez sem saber, me lançou ao desafio e ao olho do furacão Sergio Buarque de Holanda –; Marcus Vinícius Correa Carvalho e João Kennedy Eugenio, cordiais companheiros de pesquisa, sempre prontos a ofertar a palavra de ânimo quando tudo convidava ao esmorecimento; o sóbrio Robert Wegner, que até hoje se espanta com meu “natural inquieto e desordenado”. Menção especial cabe a Antonio Candido de Mello e Souza, mestre e “epistológrafo amigo”, cujas generosas palavras de incentivo sempre me vinham à cabeça nos (vários, aliás) momentos de fraqueza.

Tereza Cristina Oliveira Nonatto de Carvalho, responsável pela Coleção Especial Sergio Buarque de Holanda da Biblioteca Central da Unicamp, com a competência e gentileza que lhe são próprias, sabe como guiar ávidos pesquisadores no labirinto dos livros que um dia pertenceram ao autor de *Raízes do Brasil*. Além da presteza na localização de obras e artigos, Tereza discretamente forneceu também a senha de acesso ao universo buarquiano ao sugerir uma visita ao Arquivo Central do Sistema de Arquivos (SIARQ) da Unicamp, onde se encontra depositado o Fundo Privado Sergio Buarque de Holanda. Nesta instituição aprendi muito do pouco que sei e do que sou como pesquisador. Se isso não fosse suficiente para justificar o carinho especial que guardo de toda equipe do SIARQ/Unicamp, Neire Rossio Martins e Márcia

Aparecida Marques Silveira, num período difícil de minha vida, ainda me acolheriam durante três meses nessa instituição, oferecendo-me uma oportunidade de trabalho que foi de fundamental importância para a conclusão dessa pesquisa.

Em se tratando de Sergio Buarque, os caminhos haveriam de ser tortuosos e as fronteiras um tanto quanto indefiníveis. Daí que, em momentos diversos, as animadas e intermináveis polêmicas com Patrícia Barreto, Gildo e Pimenta sobre Caetano Veloso e Chico Buarque, quando Sergio ainda era para mim “apenas o pai” deste último, acabariam por me alertar contra as falaciosas e muitas vezes artificiais clivagens da moderna música popular brasileira e, por extensão, do modernismo brasileiro. Ademais, amigos queridos que são, estiveram sempre presentes nos momentos decisivos de minha vida. Durval, Julieta, Rosana, Maurício e Sandra, Serginho, Walter Avelar (*in memoriam*) – seresteiro de mão cheia e violeiro de “anel no dedo e dedo na viola” -, foram os primeiros, e durante muitos anos colocaram a música na minha vida. Verdade é que das minhas “promessas” não cumpridas no campo musical, nasceu em grande parte a obsessão que me levou ao cabo desse trabalho: se não “vinguei” no ofício do filho – aliás, nos ofícios dos filhos, pois Sergio Buarque de Holanda Filho, o simpático Sergito, é economista -, não desistiria tão facilmente do trato com a obra do patriarca (embora, diga-se de passagem, a probabilidade de aqui desafinar seja infinitamente maior ou bem mais perceptível, pelo menos, aos sentidos do público!...)

Ainda dos tempos de graduação, além da já mencionada professora Lígia e do mestre Fernando Lourenço, que por razões específicas também merece tratamento à parte, guardo vivo na memória o exemplo dos professores Marco Aurélio Garcia e Wilson Cano, mestres para além das fronteiras da academia. A princípio, ao aportar na pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, travei contato mais estreito com os professores Francisco Foot Hardman e Antonio Arnoni Prado, cujos cursos e primeiras orientações foram particularmente importantes para a consecução desta pesquisa. A eles, em especial ao professor Arnoni, sou grato pela lição de que, por mais difícil que pareça, é preciso sempre andar com os próprios pés e pensar com a própria cabeça.

O professor Fernando Lourenço, sem confundir os papéis do docente e do amigo, esteve sempre disposto a receber e discutir francamente idéias de jovens pesquisadores que batem na porta de sua sala, verdadeira incubadora de idéias e celeiro de novas pesquisas. Mesmo nas circunstâncias mais inóspitas, arranja tempo para nos receber, ler e comentar os resultados parciais de leituras tantas vezes desconstruídas, retendo e sublinhando aquilo que simpática e compreensivamente costuma denominar “achados”. Junto com os professores Pedro M. Monteiro e Carlos Eduardo Ornelas Berriel, sugeriu durante o exame de qualificação valiosas pistas para que a conclusão deste trabalho chegasse ao seu termo.

Gratidão especial merece o professor Berriel, mão firme e amiga que assumiu todos os riscos de patrocinar um trabalho que as circunstâncias aconselhariam desencorajar. Trata-se de um daqueles felizes encontros que a

vida nos proporciona quando menos esperamos ou sequer poderíamos imaginar. Por intermédio de seu incondicional respaldo intelectual e moral foi possível reunir as forças necessárias para vencer minhas humanas limitações que estorvavam a realização desta dissertação. Se algum mérito nela houver, grande parte dele deve ser creditado à íntegra orientação do professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Muito fecundo também se revelaram os contatos com colegas do Grupo de Trabalho – Historiografia Brasileira, sediado no CEDHAL/USP, e do Centro de Estudos Brasileiros do IFCH/UNICAMP. Nesse dois ambientes de reflexão reforcei minhas convicções de que o saber é uma construção que, embora seja plasmada individualmente, se realiza e desenvolve de forma coletiva. Meus sinceros agradecimentos a Paulo Henrique Martinez e Ismênia Tupy, coordenadores do GT- Historiografia brasileira, pela rica oportunidade de aprendizagem ali desfrutada. Aos colegas do CEB – Alexandro, Ana Lúcia, André, Carlão, Leonora, Marcelo e Roberto Barbato - devo o privilégio de compartilhar algumas experiências de debate e crítica de idéias, muitas das quais se inscreveram no meu modo de pensar e expressar. Em particular, pelas intermináveis e proveitosas conversas que, por afinidades eletivas dos temas de pesquisa, tive ocasião de travar com André Botelho e Roberto Barbato Jr.

Meus pais, irmãs e “novos” irmãos – Osório, Márcia, Cláudia, Carla, Marcílio, Serginho e Zé Ricardo –, minhas raízes, tantas vezes me proporcionaram os suportes material, emocional e humano para prosseguir e superar eventuais dificuldades. Beth, lindinha, carinhosamente soube compreender as angústias e o humor oscilante desse “homem sem profissão”, que vive de leituras e escrever relatórios de pesquisa. Difícil traduzir em palavras minha gratidão a essas pessoas. Júlia e Mariana não agüentaram esperar a lenta conclusão desse trabalho e chegaram a este mundão maravilhoso a tempo de ver o titio cercado de papéis proibidos, sempre jogando as brincadeiras para mais tarde... Com todos aprendi a encarar com candura e garra as adversidades da vida, delas colhendo o doce fruto de nossa existência. Registro aqui meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Esta dissertação se propõe a apresentar elementos para sugerir que as ambigüidades do pensamento de Sergio Buarque em sua “primeira maturidade” são de alguma forma tributárias da ambigüidade própria do modernismo. Não se tratou de valorar esta ambigüidade, mas de tentar historicizá-la através da leitura crítica de alguns textos. Desta perspectiva, interessa ressaltar como a visão da sociedade brasileira presente em *Raízes do Brasil* é tributária de profundas inquietações que têm origem numa dimensão estética de certas temáticas e técnicas do modernismo literário e artístico. Numa formulação talvez mais precisa, importa reunir alguns elementos para verificar a hipótese de que as preocupações intelectuais de Sergio Buarque residem não apenas num modo particular de enxergar as contradições da vida moderna, mas fundamentalmente remontam a uma forma específica de experimentar essas novas realidades. Assim, caso hipoteticamente se aceite que o seminal ensaio sergiano em sua estrutura de composição dialoga com a experiência modernista da década de vinte, muitas de suas passagens mais sibilinas ou desfocadas, que a muitos podem parecer certo exibicionismo de Sergio Buarque, portador de uma imensa erudição, podem se ver redimensionadas, carregadas de sentido quando esmiuçados os motivos do autor. A modesta contribuição deste trabalho, caso ele tenha alcançado minimamente seus objetivos, se traduz num primeiro esforço para a reunião de algumas poucas evidências a esse respeito.

Abstract

This dissertation proposes to present elements suggesting that the ambiguities in the thoughts of Sergio Buarque during his “first maturity” are in some way derived from the ambiguity of the modernist movement itself. It does not intend to attribute value to this ambiguity, but to try to place it historically through a critical reading of texts. From this perspective, it is of interest to point out how the vision of Brazilian society present in *Raízes do Brasil* [*Roots of Brazil*] is derived from deep restlessness originating in an aesthetic dimension of certain artistic and literary themes and techniques of modernism. A more precise formulation would have to gather elements to verify the hypothesis that Sergio Buarque’s intellectual concerns do not reside in the particular way of looking at the contradictions of modern life, but fundamentally refer to a specific manner of experimenting these new realities. Thus, if it is hypothetically accepted that the seminal Sergian essay in its structure composes a dialogue with the modernist experience of the 20’s, many of his more sibylline or unfocused passages, characteristic of an immensely erudite Sergio Buarque, to many might seem to be exhibitionist, may be reexamined and loaded with meaning when the author’s motive are examined with great care. The modest contribution os this work, in case it reaches its objectives, is to be a first effort in the compendium of a small amount of evidence on the subject.

Sumário

O texto e seus contextos: palavras introdutórias _____	19
--	----

Parte I : Circunstância Modernista enquanto problema

Movendo-se entre raias movediças _____	29
Palavras mágicas, realidade e literatura _____	33
Triunfante, afirmativo, bem instalado na vida _____	63

Parte II: O mistério modernista e o desmentido da literatura

Problema, mistério e desenlace dialético _____	87
Visão, progresso , província _____	95
Vagas insinuações no plano das idéias _____	151
Transição, tradição e marginalidade _____	175
Considerações Finais _____	229

Fontes e Referências Bibliográficas

1. Fontes _____	233
2. Obras de Sergio Buarque de Holanda _____	233
3. Bibliografia Geral _____	234

“Com muito trabalho conheceria a história do Senatus Populusque Romanus e da família, saberia a data de nascimento de S. e as outras datas para ele importantes até hoje, investigaria os seus amigos e os inimigos, teria dele tantas imagens quantos os fatos, as datas, os amigos e os inimigos, mas, mesmo sabendo tudo de quanto fosse possível saber, a última questão continuaria de pé: como pôr tudo isso num retrato, como pôr tudo isso, também, num manuscrito? A minha arte, enfim, não serve para nada; e esta caligrafia, para que serve ela?” (...) Esta escrita vai terminar. Durou o tempo que era necessário para se acabar um homem e começar um outro. Importava que ficasse registrado o rosto que ainda é, e se apontassem as primeiras feições do que nasce. Foi o desafio da escrita.”

(José Saramago, Manual de pintura e caligrafia)

*“Não se afobe, não
Que nada é pra já
O amor não tem pressa
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário
Na posta-restante
Milênios, milênios
No ar*

*E quem sabe, então
O Rio será
Alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
Explorar sua casa
Seu quarto, suas coisas
Sua alma desvãos*

*Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras
Fragmentos de cartas, poemas
Mentiras, retratos
Vestígios de estranha civilização*

*Não se afobe, não
Que nada é pra já
Amores serão sempre amáveis
Futuros amantes, quiçá
Se amarão sem saber
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você.*

(Chico Buarque, Futuros Amantes)

“A experiência revolucionária e a habilidade de organização são qualidades que se adquirem. É preciso apenas desenvolver em nós mesmos estas qualidades necessárias! É preciso que tenhamos consciência de nossos defeitos, o que, no trabalho revolucionário, já é mais de meio caminho para os corrigir.”

(Mais uma das máximas atribuídas ao Camarada Vladimir)

O texto e seus contextos: palavras introdutórias

*"Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.*

.....
*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sobre a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?"*

(Carlos Drummond de Andrade, "Procura da poesia")

"... mas, qualquer que seja a resposta, o essencial não é pensar em formular a questão? Em outras palavras, é mais importante ter idéias do que conhecer verdades; (...) Ora, ter idéias significa também dispor de uma tópica, tomar consciência do que existe, explicitá-lo, conceituá-lo, arrancá-lo à mesmice (...) e perceber que o que é poderia não ser. O real está envolto numa zona de possíveis não-realizados..."

(Paul Veyne, O inventário das diferenças)

Toda introdução é uma espécie de início pelo fim. Trata-se de um *retorno* antes *interno* que eterno ao corpo do texto. Novo e último debruçar sobre as idéias e argumentos espalhados ao longo do percurso dissertativo no intuito sumário de apresentá-los a um suposto leitor eventual, convidando-o a demorar-se pouco mais com a leitura que adiante o espera. Mas também deve servir de alerta quanto às possíveis lacunas e fraturas da narrativa para que não se espere do texto mais do que ele possa efetivamente oferecer. Sem a pretensão de antecipar o alcance de pensamento exposto, torna-se no mínimo necessário prevenir os mal-

entendidos passíveis de serem verificados numa apreciação desamparada de maiores suportes acerca dos limites e das limitações do presente trabalho.

Afinal a que vem esta dissertação? O que esta escrita tem ou pode nos trazer de relevante para a compreensão do pensamento de Sergio Buarque de Holanda? Estas são perguntas fundamentais da crítica, seja ela literária ou social. Para respondê-las, uma fértil tradição da crítica literária brasileira julga necessário atender a duas ordens de interpretação, duas ordens teórica e empiricamente indissociáveis, mas que para fins de maior clareza didática são analítica e artificialmente separadas. Primeiro, deve-se verificar como uma obra incorpora em sua estruturação elementos colhidos na realidade social para a conformação de sua “realidade” ficcional ou imaginária. Isto é, como traduz em determinada forma literária os traços mais significativos das formas sociais que a obra procura representar e/ou problematizar. Depois, uma vez vencida esta tarefa, é preciso interpretar a função que esta obra específica desempenha em meio a um corpo estruturado de referências ao qual se pode enfeixar na noção de “sistema literário”. Tal noção comporta a compreensão das relações existentes entre um conjunto de autores e obras que se ligam por uma linguagem e um leque temático – isto é, imagens, estilos e temas - comuns, que dão “lugar a um tipo de comunicação inter-humana (...) por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” junto aos “diferentes tipos de público, sem os quais uma obra não vive”.¹

¹ Cf. Candido, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1993, p. 23.

Ao crítico e à crítica caberia portanto o esforço de elucidar ou ao menos fornecer elementos para se trazer à tona as formas pelas quais certos denominadores comuns permitiriam “reconhecer as notas dominantes duma fase” particular, de algum *momento decisivo* de saturação e transformação das formas particulares de continuidade literária, senão mesmo de tradições culturais propriamente ditas. Trata-se, em suma, de reconstituir sentido pleno as palavras dentro de um quadro de referências mais ou menos preciso, no qual estas mesmas palavras assumem um papel fundamental de socialização e decantação de experiências culturais mais ou menos delimitadas. São questões dessa natureza que inspiraram a composição desse trabalho.

Em outras palavras: é possível admitir que aspectos significativos do pensamento e da obra de Sergio Buarque se relacionam com um conjunto de outros tantos autores e obras que se encontram ligados por um referencial temático e uma linguagem “comuns”? Como as raízes de certas idéias centrais do repertório sergiano refletem uma experiência particular de socialização da cultura de determinada geração, grupo, corrente de pensamento, enfim, de determinado momento ou fase da história social e literária do nosso país?

Desta forma, a apresentação minimamente satisfatória desse trabalho requereria explicitar como essa inspiração “atua” e “ordena” o alcance crítico e os sentidos que se insinuam nas páginas dessa dissertação. Esta operação implica em descortinar as relações que esta reflexão pretende estabelecer com seus leitores eventuais; quais as tensões e incitações, em suma, se propõe instaurar na mente de seus interlocutores presumidos. Entretanto, para proceder desta maneira, caberia antes refletir se este trabalho conseguiu dar forma satisfatória a

esta ordem de questões que o inspiram e lhe dão razão de ser. Uma análise rigorosa dessa dissertação facilmente mostraria que, no conjunto, a intuição dos problemas alinhavados em muito ultrapassa as conclusões que seria lícito derivar de sua lógica expositiva. Dado o prazo que dispúnhamos – mesmo sem contar o grau de dificuldade da tarefa que tínhamos pela frente –, não haveria tempo nem espaço para esmiuçar, consolidar e condensar todas as implicações do complexo de questões que se desprendem das páginas que se seguem. Donde, talvez, certo desequilíbrio e inevitável desigualdade na economia interna do texto.

O trabalho que o leitor tem em mãos está dividido em duas partes, as quais, grosso modo, poderíamos associar ao *contexto* modernista e aos *textos* da primeira maturidade de Sergio Buarque de Holanda. Mais do que apresentar soluções acabadas e definitivas para a diversidade de problemas colocados numa ou noutra parte da dissertação, esforçamo-nos em alinhavar questões que possam (ou devam) ser melhor desenvolvidas por outros e novos estudos sobre o espinhoso tema das relações entre modernismo e as idéias contidas em *Raízes do Brasil*, mais precisamente entre uma suposta mentalidade modernista e o processo formativo do pensamento de Sergio Buarque.

Na primeira parte da dissertação – “Circunstância modernista enquanto problema” – buscamos apontar traços de continuidade e ruptura que se inscrevem nas tensões sociais e culturais que formam o pano de fundo da cena modernista paulista, em particular, e, mais genericamente, nacional. Sugerimos então o papel de Graça Aranha como figura sintomática, encarnação de um verdadeiro “homem ponte” entre as gerações de 1870 e 1922. No desdobramento seguinte da argumentação, em “O mistério modernista e o desmentido da literatura”, essas

circunstâncias se projetam e ganham corpo numa série de continuidades e rupturas decantadas na própria configuração das idéias do jovem Sergio até tomarem forma no seu livro de estréia, em 1936. Para conferir lastro concreto às nossas especulações quanto às raízes modernista do pensamento de Sergio Buarque, além da análise de alguns de seus artigos datados da década de vinte, procuramos esboçar uma leitura de *Raízes do Brasil* num rápido contraponto com textos de dois críticos – um de pintura, outro de literatura –, cujos propósitos eram, respectivamente, situar a “marginalidade na arte moderna”² e as “tradições americanas”³ num largo arco de tempo, não por acaso coincidente com o horizonte temporal recortado do seminal ensaio sergiano.

Em vista do teor das palavras acima, resta atentar para o fato de que o subtítulo desta dissertação adquire contornos precisos. Mais do que altivas repostas, esse trabalho saí a busca de questões ainda timidamente formuladas. Dar ouvidos aos silêncios, conceder a palavra ao que não se inscreve imediatamente nos textos. Estreitar alguns intervalos de interpretação por meio da ação compreensiva da crítica. Afinal, o que aqui se apresenta nada mais é do que uma modesta *contribuição ao estudo das raízes modernistas do pensamento de Sergio Buarque de Holanda*.

² Cf. Milliet, Sergio. “Marginalidade na arte moderna”, in: *Pintura quase sempre*, Porto Alegre: Livraria Globo, 1944, p.101-154. (Originalmente publicado em 1942, pelo Departamento de Cultura de São Paulo).

³ Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, in: *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1943, p. 379-399.

Parte I

A CIRCUNSTÂNCIA MODERNISTA ENQUANTO PROBLEMA

|
|
|
|
|
|
|
|
|
|
|
|

“ A propósito do trigésimo aniversário da Semana de Arte Moderna (...) já me ocorreu assinalar, ao lado de seus aspectos realmente positivos, alguns teimosos equívocos de que ela se tornou em parte responsável e que ainda projetam sua sombra sobre a história do modernismo. E um modo, a meu ver, de frisar seu conteúdo positivo consiste justamente em tentar identificar e denunciar aqueles equívocos. Tendo mobilizado numerosas forças díspares, a Semana pudera de algum modo dissimular o que entrava de anárquico e impreciso no impulso inicial, além de ter imposto, quase brutalmente, à atenção de brasileiros, de todos os quadrantes, uma tentativa de origens nitidamente provinciais. (...) as próprias exigências da mobilização tenderam a dar-lhe um perfil unitário e em verdade mais límpido e preciso que exato. Misturando as tintas, essas exigências ajudaram a formar-se uma imagem bastante convencional e certamente falsa do movimento: imagem de onde desapareceram todas as complexidades em favor de uma simplificação mentirosa e que hoje serve, indiferentemente, aos seus apologistas inadvertidos como aos seus mais rancorosos detratores. Ora, a verdadeira história do modernismo foi, em grande parte, a história de uma resistência a tudo quanto parecesse justificar essas visões simplificadoras. Muitas delas fundam-se de fato em meras aparências.”

(Sergio Buarque de Holanda. Depois da Semana, Diário Carioca, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1952)

Movendo-se entre raías movediças

"The world fears a new experience more than it fears anything. Because a new experience displace so many old experiences."

(D.H. Lawrence, Studies in classic american literature, 1924)

Quando apareceu a primeira edição de *Raízes do Brasil*, em 1936, a crítica não tardou em saudar Sergio Buarque de Holanda como um dos mais instigantes membros da geração modernista. Muitos eram os que aludiam à familiaridade do autor no tratamento de idéias gerais como consequência de sua prolongada militância crítica no periodismo literário do decênio anterior. O ensaio, assim, tornava-se alvo fácil para as opiniões desmesuradas expressas no calor da hora, sujeito a toda sorte de elogios e a detratações várias. Filiações inusitadas ao pensamento de seu autor, bem como reflexões judiciosas extravagantes a propósito do conteúdo da obra, nos convidam ao estudo metódico do que se poderia chamar, na boa companhia de Antonio Candido, de "pesquisa da constituição do texto" do seminal ensaio sergiano.¹

Na convivência boêmia das rodas literárias dos anos 20, compartilhando algumas experiências com "mestres" cada vez mais distantes, o futuro historiador paulista estreitaria laços de amizade com grandes vultos da inteligência nacional da época. Sorvendo contrastantes perspectivas deste tumultuado ambiente intelectual, filtrando-as inclusive nas redações da imprensa carioca e paulistana,

¹ Cf. Candido, Antonio. "Inéditos sobre literatura colonial", In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p.92-104, especialmente as páginas 103-4.

Sergio Buarque não tardaria em amadurecer uma forma muito peculiar e inventiva do “*hablar fuerte*” inerente ao exercício da crítica, não raro hesitante entre o respeito e a necessidade de refutação.² Fato, aliás, que pode ser prontamente verificado no excessivo zelo de linguagem e no esforço de composição que perpassa toda sua obra.

O entrelaçamento do precoce crítico de idéias e livros com o erudito historiador das raízes brasileiras adquire tamanha força que chega mesmo a ser problemático precisar fronteiras legítimas. Solução feliz encontrará quem vislumbrar certa transgressão estilística na produção de Sergio Buarque ao transitar entre as movediças raias da história e da literatura: sutilmente “literário” ao tratar de questões objetivas de história social e minuciosamente “objetivo” quando o assunto é literatura.³ Por tais motivos é lícito imaginar que o autor de *Visão do Paraíso* encontrou a perfeição de seu estilo nos momentos em que conciliou o crítico e o historiador.

Em *Raízes do Brasil*, por exemplo, explorando o senso de variação das idéias no tempo e espaço, em meio ao agudo tato filológico e histórico do ensaio, podemos entrever um retrato vivo e coerente de uma época impregnada de embates relativos a disparatadas concepções estéticas e ideológicas. As revelações que nos trazem os motivos polêmicos identificáveis na gênese desta grande síntese interpretativa são bastante elucidativas, proporcionando seguras

² Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 8.

³ Aos intérpretes mais argutos da produção intelectual de Sergio Buarque de Holanda é moeda corrente a percepção deste juízo. Pode ser encontrado quase que literalmente, por exemplo, entre outras apreciações, em Süsskind, Flora. Outra nota - comentário ao texto “Nota breve sobre Sérgio crítico” de Antonio Amoni Prado. In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p.145.

pistas para o esclarecimento e interpretação de “uma ponte na formação intelectual de Sergio Buarque, entre sua militância modernista e a vocação de historiador, que valeria a pena ser mais esmiuçada”.⁴ Somar esforços para uma melhor compreensão das heranças modernistas no ensaio sergiano é o objetivo que se propõe no presente trabalho.

Nossa ambição, talvez temerária, será a de apreender a verossimilhança da atribuição de supostas radicalidades discursiva e analítica das páginas de *Raízes do Brasil*, relacionando-as com a atitude francamente modernista que parece informar o pensamento do erudito historiador em seu livro de estréia. Por atitude modernista entendemos a aguda sensibilidade para perceber o que entra de contraditório no conteúdo simultaneamente civilizador e progressivo, revolucionário e desagregador, das formas de vida, visões de mundo e instituições tipicamente modernas.

Desta perspectiva, interessa ressaltar como a visão da sociedade brasileira presente em *Raízes do Brasil* é tributária de profundas inquietações que têm origem numa dimensão estética de certas temáticas e técnicas do modernismo literário e artísticos. Numa formulação talvez mais precisa, importa reunir alguns elementos para verificar a hipótese de que as preocupações intelectuais de Sergio Buarque residem não apenas num modo particular de enxergar as contradições da vida moderna, como também fundamentalmente remontam a uma forma

⁴ Cf. Dias, Maria Odila Leite da Silva. Sérgio Buarque de Holanda, historiador (Introdução). *Sérgio Buarque de Holanda - Coleção Grandes Cientistas Sociais nº 51*, São Paulo, Ática, 1985, p. 11.

específica de experimentar essas novas realidades.⁵ A modesta contribuição deste trabalho, caso ele tenha alcançado minimamente seus objetivos, se traduz num primeiro esforço para a reunião de algumas poucas evidências a esse respeito.

* * *

⁵ A importância do componente estético nas discussões sobre as dimensões da vida moderna e da modernidade é tema central dos trabalhos de Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; e Frisby, David. *Fragments of modernity: theories of modernity in the work of Simmel, Kracauer and Benjamin*. Cambridge, Massachusetts: The Mit Press, 1988.

Palavras mágicas, realidade e literatura

“Reconheço: fui injusto. É preciso descontar as três quartas partes de imbecilidade, que formam o lastro interessante das instituições humanas sejam elas governos, classes de ricos ou de pobres, grupos de artistas ou de ‘sportsmen’. O que faz a imponência dos clãs é a imbecilidade. Não há dúvida. A função dos agrupamentos é justa, humana e creio de imposição divina. Mas essa função originária desaparece. O que na prática dentro das sociedades se vê, não é a origem que as constituiu, mas o caráter atual que as deforma e a diretriz que as desnorteia.”

(Mário de Andrade, Crônicas de Malazarte – VII, 1924)

Muito embora toda generalização seja vulnerável, caprichosa, senão discutível, é comum arrolar as realizações mais altas da cultura brasileira dos anos 30 como tributárias, direta ou indiretamente, das tensões espirituais trazidas à tona pela geração modernista de 1922. Apesar do possível exagero contido em tal sentença, não há como desconsiderar que o desrecalque aventureiro de uma agitação provinciana subitamente embalaria uma autêntica reviravolta nas letras nacionais. Em suas dimensões fugidias, absorvendo e adaptando traços da civilização da qual participávamos enquanto manifestação tardia, o modernismo representou o espaço privilegiado para o esforço de individuação de uma cultura própria ao novo mundo. Alimentando esperanças talvez equívocas, sobram razões para que não se duvide que os vanguardistas de 22 levariam tantas vezes à injustiça as aclamações revolucionárias, comportando foros de indiscutível originalidade, para todas suas atitudes de ruptura com os homens de letras que os antecederam.

Não obstante as exigências de fixarem-se as necessárias ressalvas e mediações históricas para uma avaliação isenta de preconceitos, nunca pôde ser seriamente contestada a imensa contribuição desta geração para a reorientação dos estudos brasileiros. Verdade é que suas principais conquistas não se encontravam imunes a graves contradições e são ainda terreno escorregadio nas análises mais significativas do período. Após o arrefecimento do exacerbado racionalismo burguês europeu, cujo desenlace beligerante divisava sinais de decadência aos contemporâneos, modernistas e anti-modernistas brasileiros, por entroncamentos e ramais inumeráveis, conspiravam recompor o equilíbrio desfeito com o agonizante mundanismo cosmopolita da *belle-époque*. Parciais ou efetivas, de acordo com a radicalidade específica de seus agentes, tais atitudes de mudança comportavam uma ambigüidade intrínseca na qual, ao lado de tendências indicadoras de “renovação”, “destruição”, “ruptura” ou “reforma”, se justapõem persistências de outras atitudes que indicam “tradição”, “continuidade” ou “adaptação” dos valores em questão.⁶ Num mundo tornado “pequeno demais para os imperialismos guerreiros ou pacíficos” - conforme grafava Paulo Prado,

⁶ Um sintético e seguro esboço destas contradições do discurso do período pode ser encontrado em Marson, Adalberto. Dimensões políticas do modernismo na década de 20. *Ciência e Cultura*, 25 (11), novembro de 1973, pp. 1030-1037. Preocupado com a questão da causalidade histórica que poderia justificar as frequentes correlações entre o modernismo e outros movimentos contestatórios dos anos 20, pondera este historiador que enquanto não se estabelece o significado das categorias e dos conceitos expressos nas mensagens dos modernistas (em geral e em particular), será difícil fugir das generalizações em torno de suas supostas tendências ideológicas. Cumpriria então à análise historiográfica captar a ambigüidade ou ambivalência das forças em choque no período, sejam transformadoras ou conservadoras, em sua própria esfera de atuação e, assim, a correlação específica que mantêm com os outros fenômenos sociais que as circundam: “A correspondência pretendida entre manifestações ideológicas no campo da política e do ideológico (particularmente na literatura) tem resultado mecânica e apriorística porque extrai uma generalização com base em atitudes individuais de autores ou agentes políticos, deixando de lado o conteúdo específico de suas mensagens.” *Idem*, *ibidem*, p.1037.

em 1928, na obra *Retrato do Brasil* -, como saber se a originalidade relativa destes grupos distintos não residiria nestas funambulescas tentativas?

Em sua busca de revitalização da “cultura nacional” - experimentalista, sem dúvida, mas sem descuidar da erudição - muitas foram as potencializações daquelas referidas ambigüidades por parte dos modernistas. Não há mesmo quem falte julgar que desta eventual fraqueza o movimento modernista retirava parte substantiva de sua força.⁷ Sem incorrer em grande absurdo, entretanto, pode-se quase dizer que tamanha empreitada padeceu de alguns vícios de origem que já é possível, quiçá indispensável, denunciar.

Em realidade poderíamos imaginar os tumultuados anos 20 como algo próximo daquelas épocas festivas aludidas por Ortega y Gasset, nas quais o entusiasmo orgiástico porventura faz mesclar as gerações distintas. Porém, advertia o retesado espanhol, na hora de viver a existência normal de sua própria geração, a caótica fusão se desagrega em grupos verdadeiramente orgânicos, em

⁷ Para Ronaldo Brito, muitas das ambigüidades e inadequações tributadas ao nosso modernismo podem ser compreendidas em função do caráter obrigatoriamente tardio das exigências quanto às novas formas de percepção e interpretação do mundo, seja no plano ideológico, seja no plano artístico, em nossa sociedade. Tais ambigüidades e inadequações, em si mesmas uma crassa manifestação de desvios quanto à norma original de que derivam, constituem a força e a fraqueza do modernismo brasileiro enquanto primeira sistematização de uma estratégia cultural moderna, primeiro esforço organizado para olhar o Brasil moderno. Expressava, assim, uma aspiração para acertar o nosso “compasso com uma história que, propositalmente, nos deixava para trás”. Portanto, outros seriam os nossos índices de modernidade. Ao invés do sentido negativo das vanguardas européias, a busca de sentido para o modernismo brasileiro corre numa espécie de contramão dos seus modelos europeus. Se estes últimos, apesar de todo escândalo e toda crise, continham algum fundamento mais sólido, uma razão mais profunda de ser, o modernismo brasileiro carecia de sentido mais sedimentado - “Nós, ao contrário, não fazíamos sentido: a nossa razão de ser era a Europa. Por isto buscávamos um sentido com a nossa vanguarda – a afirmação da identidade nacional, a *brasiliidade*. Paradoxal modernidade: a de projetar para o futuro o que tentava resgatar do passado. Enquanto as vanguardas européias se empenhavam em dissolver identidades e demubar os ícones da tradição, a vanguarda brasileira se esforçava para assumir as condições locais, caracterizá-las, positivá-las, enfim. Este era o nosso Ser moderno”. Cf. Brito, Ronaldo. “A Semana de 22: o

que cada indivíduo reconhece misteriosamente aos demais de sua coletividade como as formigas de cada formigueiro se distinguem por uma peculiar adoração. Então a comunhão entre caravanas estrangeiras se desfaz; seus membros seguem voluntários e satisfeitos o destino de prisioneiros fiéis aos poetas de sua idade, às musas triunfantes e mesmo às idéias políticas aquilatadas em sua mocidade. Uma experiência melancólica que cedo ou tarde todo homem sensível chega a fazer, concluiria o controvertido autor de *Rebelião das massas*, é descobrir-se ligado a certo estilo de vida, adscrito a um grupo de idade, vazado por horizontes históricos que se fixam indelévels sobre ele.⁸

O movimento modernista refletiu, em muitos aspectos, a presença de tensões entre valores e estilos de vida que coexistiam em meio a um nebuloso processo de assimilação de realidades inusitadas. Expressava uma civilização que, condenada pelo domínio incontestado de sua condição agrário-exportadora, sucumbia ao próprio veneno.⁹ Talvez repetisse a conhecida história do século XIX, na qual outros *filhos finais de uma civilização*, para utilizar a fina expressão de Mário de Andrade, os filhos dos fazendeiros, educados nas profissões liberais, monopolizavam e dominavam

trauma do moderno", in: *Sete ensaios sobre o modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983, p. 14 e 15. (Cadernos de Textos 3)

⁸ Cf. Ortega y Gasset. *Em torno de Galileu*, Petrópolis, Editora Vozes, 1989.

⁹ Se as sucessivas e latentes superproduções agrícolas possibilitam a diversificação econômica, cultural e política de uma sociedade agrário-exportadora, dadas as condições de uma divisão internacional do trabalho específica, também comprometem as suas bases de sustentação, pondo a nu as fragilidades inerentes às sociedades que não têm o controle sobre os mecanismos que condicionam um desenvolvimento auto-sustentado. A este respeito, conferir os clássicos trabalhos de João Manuel Cardoso de Mello (*O capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982) e de Wilson Cano (*Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1990).

em geral todas as posições de mando, e fundando a estabilidade das instituições nesse incontestado domínio.

Tão incontestado, em realidade, que muitos representantes da classe dos antigos senhores puderam, com freqüência, dar-se ao luxo de inclinações antitradicionalistas e mesmo empreender alguns dos mais importantes movimentos liberais que já operaram em nossa história. A eles, de certo modo, também se deve o bom êxito de progressos materiais que tenderiam a arruinar a situação tradicional, minando aos poucos os prestígio de sua classe e o principal esteio em que descansava esse prestígio, ou seja o trabalho escravo.¹⁰

Agora, entrando já nas primeiras décadas do século XX, não se tratava mais de abolir as marcas do passado escravista – empresa de que os incêndios do ministério de Rui Barbosa e a “babel” paulistana infestada de imigrantes de vários cantos do mundo haviam se encarregado, deitando-as nas sombras de um passado pouco distante -, e sim de buscar afirmar a identidade cultural de São Paulo face à “tirania” cultural da Capital Federal, esteio e farol do bom tom da inteligência nacional. O provincianismo cosmopolita de São Paulo tratava de abolir a servidão cultural que se espalhava dos “alpendres” da rua do Ouvidor e do *Petit Trianon*, estendendo para o plano da cultura e das manifestações artísticas o federalismo já consolidado nas esferas política e econômica da província.

O ambiente da Faculdade de Direito colocava em contato jovens da velha cepa oligárquica paulistana, abalada em seu prestígio por conseqüência das altas e baixas do café, com grupos provenientes de uma ainda amorfa classe média em

¹⁰ Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956, p. 87-8.

emergência. Aí, em seus bancos escolares, germinavam não somente as relações e o contato entre grupos sociais diferenciados, mas também brotavam algumas articulações em torno daquilo que um estudioso chamou o “capital social” da República das Letras. Isto é, uma série de vínculos sociais e de cumplicidade entre letrados pertencentes a camadas sociais sem expressão na sociedade, setores em via de marginalização social, e o grupo das famílias de elite, firmadas no poder econômico e político, em busca da afirmação e legitimação de seu *status* no plano cultural.¹¹

Também as agências de notícias e as redações da imprensa em franca expansão no período constituíam um espaço privilegiado para a comunicação e intercâmbio de diferentes expectativas quanto ao forte processo de metropolização que rasgava o horizonte da província.¹² Experimentados cronistas e aspirantes moços às glórias da pena tentavam apreender os fulgurantes movimentos de uma sociedade em rápida transformação nas páginas de jornais e revistas, lutando de forma quase instintiva para compreender o que havia ocorrido com a estabilidade do mundo de outrora, onde os pequenos núcleos familiares encontravam-se perfeitamente ajustados às necessidades mais elementares do

¹¹ Isso não implica em dizer que existia uma convergência unívoca de ideologias, nem que neste ambiente não imperavam olivagens e tensões ideológicas marcantes, que principiaram a se explicitar de modo mais franco no final da década de dez e na virada dos anos vinte. Para a noção de “capital social” na Velha República consultar a primeira parte do livro de Micelli, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Uma reconstituição do ambiente ideológico da Faculdade de Direito no período citado pode ser encontrada na tese de doutoramento de Paulo Henrique Martinez: *Dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)*. Tese de Doutorado, Departamento de História Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/USP, 1998, p. 27 e seguintes.

¹² De acordo com levantamento feito por Joseph Love, em seu trabalho sobre São Paulo na Primeira República, mais de quinhentos jornais e revistas foram fundados nesta unidade federativa nas três primeiras décadas republicanas, contemplando todos os matizes ideológicos imagináveis. Cf. Love, Joseph. *A locomotiva: São Paula na federação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 130.

grupo social. Mas era justamente este agrupamento humano que sofria as conseqüências de um processo de crescimento caótico, em que confluíam para o seio da cidade “imigrantes de todas as partes do mundo, assim como do Brasil”, bruscamente arrancados de seus respectivos laços comunitários, tornando-se, de uma hora para outra, “estranhos uns aos outros”, mal falando “uma linguagem comum”, além de completamente “estranhos à vida urbana moderna”, precisando portanto desesperadamente de uma nova identidade e de novas bases de solidariedade.¹³

Nesse ambiente extravagante grupos dos mais variados competiam entre si, disputando ainda um tanto inconscientes os meios para se agarrarem à nova realidade do turbilhão social em que se viam jogados. Grupos tradicionais, funcionários públicos, profissionais liberais, classe média e o nascente operariado tateavam “um vocabulário adequado (...) dentro do qual seus julgamentos e esperança pudessem ser compartilhados”.¹⁴ Vez por outra, procurando satisfazer os elementares anseios de correspondência e segurança, mas não menos experimentar a sensação de estima e consideração de seus virtuais pares, pequenos grupos cobiçavam o estreitamento dos laços de solidariedade do corpo social debuxando programas nacionalistas e de salvação nacional, idéias fortes cujo sentido último parece querer sustentar uma pretendida harmonização de

¹³ Cf. Sevcenko, Nicolau. “Transformações da linguagem e o advento da cultura modernista no Brasil”, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 6 (11), janeiro-junho de 1993, p. 87.

¹⁴ Berman, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.16.

interesses díspares quando as transformações econômicas e sociais acenavam com ameaça de conflitos de maior intensidade.¹⁵

Documento patente dessa atitude social encontra-se nas páginas explicativas do programa da primeira fase da *Revista do Brasil*, datado de 1916. Ali se expressa vivamente o anseio de complementar o sobejo “[d]esapego à vida, lume no espírito e generosidade no coração” dos brasileiros com “a mola real de todos os triunfos” dos “indivíduos como das nações”: *a consciência do nosso valor*:

O que há por trás do título desta Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de construir um núcleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente numa projeção vigorosa e fulgurante da sua

¹⁵ Sobre o papel das representações literárias na decantação de representatividade social e ideológica nas sociedades de classes ver Eagleton, Terry. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Nesse sentido ver também as considerações de Dolf Oehler a respeito da afetação e melindre pseudo-aristocrático dos artistas românticos na Paris do século XIX, em seu repúdio ao burguês típico, compreendido como “antípoda tanto do aristocrata como do próprio artista”: “O romântico projeta no burguês tudo quanto é odioso: tudo aquilo que ele detesta é chamado de ‘burguês’. Essa generalização grosseira do ‘J’appelle bourgeois quiconque pense bassement’ (Flaubert) é o correlato romântico da imagem que a burguesia fazia de si mesma. Se o burguês histórico concebia a si próprio como o ‘homem por excelência’, o romântico enxergava no ‘burguês’ o ‘negativo do homem por excelência’, ou seja, ele havia muito perdeda de vista o burguês real e o substituíra por um burguês-fantasma, que podia assumir também as feições do proletariado. Há muito já foi observado que o romantismo antiburguês e suas quimeras – por vezes pouco mais que pose e coqueteria – faziam o jogo da burguesia; as fraquezas e as aporias dessa postura antiburguesa foram descritas com máxima precisão por Sartre no *Idiot de la famille*. O ódio mortal do romantismo e da boêmia ao ‘burguês’ não fazia mais do que facilitar as estratégias da burguesia para negar a si mesma como classe. ‘On reconnaît le bourgeois à ce qu’il nie l’existence des classes et singulièrement de la bourgeoisie’, observa Sartre em 1947.” Contudo, cabe ressaltar, segundo Oehler isso não é suficiente para impedir o surgimento de uma estética efetivamente antiburguesa, cuja linguagem cifrada, estrategicamente elaborada para ferir a imaginação e os brios de determinado público, repleta de insinuações políticas e de crítica social, alusões, ironias e mistificações, permanece ainda por ser elucidada pela “descrição e interpretação sistemática de nexos históricos e estéticos soterrados”. Cf. Oehler, Dolf. *Quadros parisienses: estética antiburguesa em Baudelaire, Daumier e Heine*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 11-2 e 23-25.

personalidade. Vivemos desde que existimos como nação, quer no Império quer na República, sob a tutela direta ou indireta, senão política ao menos moral do estrangeiro. Pensamos pela cabeça do estrangeiro, vestimo-nos pelo alfaiate estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira e, para coroar essa obra de servilismo coletivo, calamos, em nossa pátria, muitas vezes, dentro dos nossos lares, a língua materna para falar a língua do estrangeiro! (...)

O nosso povo precisa aprender, ou recordar, que há, no seu sangue e na sua tradição, essa força imponderável que nos leva naturalmente, insensivelmente para os cimos, que nos reserva ao pé de nossos semelhantes, sem violências, como um direito indisputado, um lugar especial e honroso, e que tem sido, em todos os tempos e em todos os pontos do mundo, a marca inconfundível das raças adultas, emancipadas e sadias. (....)

A “Revista do Brasil”, desejando contribuir para que ela se acenda de novo, com luz mais viva e duradoira, na alma abatida do país, entendeu que podia realizar essa obra de patriotismo, provocando estudos do passado, que nos desvendarão, nas coisas e nos homens, uma larga fonte de inspiração, de amor e de orgulho, e estimulando todas as energias atuais para um trabalho de observação científica e literária, que nos patenteie a todos a profundez e a riqueza dos nossos tesouros intelectuais.¹⁶

Nessas palavras de abertura e explicitação de motivos não será difícil perceber a tentativa de se opor à Capital Federal reformada – ao “Rio civiliza-se!” - , a imagem de uma São Paulo industriosa e trabalhadora, celeiro de uma

¹⁶ Cf. *Revista do Brasil*, São Paulo, 1916, p. 2 e 3. A grafia das palavras foi, para comodidade de leitura, por nós

promissora *modernidade tradicional*, assimiladora de todos os conflitos étnicos e culturais em seu formidável cadinho de todas as raças¹⁷, e que se propõe, “pela palavra e pela escrita”, a apertar os laços de solidariedade entre “as populações que a vastidão do território e as dificuldades de comunicação trazem afastadas e ignoradas umas das outras”:

A complicação, o emaranhado das nossas florestas retrata-se, até certo ponto, na trama das nossas idéias e na organização de nossa vida. Nenhum de nós é o homem de uma só profissão e o cérebro de cada um de nós é um laboratório, em atividade incessante, para onde se canalizam, em tumulto, em atropelo, as idéias mais desencontradas, na ânsia de uma fusão que nunca se opera, ou, quando se opera, nunca logra ser perfeita. Em ciência, em arte, em política e no mais vivemos a pôr o pé em todas as veredas em que se estrela a encruzilhada de hesitações de onde raro nos afoitamos a partir, rasgando por uma delas, e onde, freqüentemente, nos deixamos tombar, certos de que fizemos trabalho fecundo, amortalhados na ilusão doirada de uma glória fácil e passageira, quando toda a nossa agitação não foi mais do que a de uma folha solta que o vento ergueu na espiral do redemoinho, reluziu um instante aos beijos do sol e rolou de novo – e para sempre – no seio da poeira de onde saiu. (...)

atualizada.

¹⁷ A este respeito conferir o sugestivo ensaio de Vinicius Dantas sobre a poesia de Oswald de Andrade: Dantas, Vinicius. “Oswald de Andrade e a poesia”, in: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, julho de 1991, p. 201 e seguintes. Também Nicolau Sevckenko, em trabalho há pouco mencionado, nos recorda que as “autoridades aprenderam como explorar essa vulnerabilidade cultural e essa necessidade espiritual, fornecendo-lhes uma nova mitologia que tinha em seu âmago a própria cidade, apresentada como o lugar onde a ‘modernidade’, a palavra mágica que prometia um mundo mágico, poderia finalmente se manifestar, como resultado inexorável da fé persistente na energia, na aceleração e na conquista”. Sevckenko, Nicolau. “Transformações de linguagem...”, Op. cit., p. 87.

O milagre histórico da persistência da nossa integridade territorial, a despeito da ausência de laços fortes que uma às outras prendam as populações das diferentes partes do país, precisa pelo futuro andante, perder o caráter fenomenal com que se apresenta e passar a ser a resultante, natural e lógica, da fusão completa e indissolúvel de todos os elementos étnicos e sociais que formam, de norte a sul, a nação brasileira.

Essa obra, que é urgente, tão cedo não se realizará, porém, se, desde já, não a iniciarmos pela palavra e pela escrita.¹⁸

O cosmopolitismo contente de si mesmo da *belle-époque* tropical carioca, ainda conforme este editorial, revela “um estado mórbido” que era preciso combater.¹⁹ Contudo, advertia que neste objetivo não entrava o desejo de “incutir no povo a paixão estreita e sáfara, rasa e egoísta” pelo adventício, nem fermentar um clima propício para a xenofobia crassa:

O seu nacionalismo não é, porém, e não será nunca, uma forma de hostilidade ao estrangeiro. Não queremos isolar o Brasil da humanidade, o que seria um disparate, nem podemos negar a dívida de civilização que nos prende ao estrangeiro. Não é preciso lembrarmo-nos da verdade eterna do eterno conceito de Terencio para nos convencer de que tudo quanto é humano nos deve interessar: basta correr os olhos em torno de nós....

Não só pelo que nos faz, não só pela ação direta, contínua e persistente, na vida das nossas idéias e no teor dos nossos costumes, mas também, e sobretudo, pelas

¹⁸ Cf. *Revista do Brasil*, op. cit., p. 1, 4 e 5.

lições variadas e sugestivas da sua história, o estrangeiro é, e há de ser, para nós, como para toda gente, objeto de observação atenta e cotidiana.

O nacionalismo dessa revista visa até, pelas suas tendências e pelas raias do horizonte que se traçou, um fim mais humano que regional. (...)

O seu nacionalismo não é um grito de guerra contra o estrangeiro: é um toque de reunir em torno da mesma bandeira, conclamando, para um pacto de amor e de glória, os filhos nascidos sob a claridade do mesmo céu.²⁰

É certo que cedo haveria outros toques de reunir, não obstante ostentar bandeiras carregadas de tonalidades cada vez menos comportadas, portadoras de sementes de radicalismo mais ostensivo. Nesse sentido é que se pode compreender as palavras de Sergio Buarque, escritas dez anos depois do número de abertura da *Revista do Brasil*, quando este periódico se transfere de São Paulo para o Rio de Janeiro, ao ser incorporado ao império midiático em construção de Assis Chateaubriand, inaugurando uma nova fase, visivelmente reformulado, mais flexível e comercial:

Qualquer pessoa que compare o Brasil intelectual de hoje com o de há dez anos não pode deixar de observar uma divergência apreciável entre os dois “momentos”, não só nos pontos de vista que os conduzem, como ainda mesmo nos indivíduos que os exprimem. Não quero insistir na caracterização dessa divergência, que me parece profunda, nem vejo em que poderia ser útil mostrando o motivo que me leva

¹⁹ Para um quadro literário e social do Rio de Janeiro da época consultar os trabalhos de Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983 e Nedell, Jeffrey. *Belle-époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

²⁰ Cf. *Revista do Brasil*, op. cit., p. 3 e 4.

a preferir um ao outro. Está visto que para mim os que exprimem o momento neste ano de 1926, contam mais do que os de 1916.²¹

Em outra chave, supostamente menos polêmica do que compreensiva, é interessante notar que Tristão de Athayde, alguns anos mais tarde, associaria também esses “dois momentos” da vida intelectual brasileira ao intentar perfazer o arco histórico que vai da dissolução das escolas e dos ambientes literários coletivos na passagem do novecentos até o deflagrar da onda nacionalista que suscitaria o ambiente para uma revolução literária. Na virada dos anos trinta, num artigo que passava em revista as “Vozes de Perto” do momento literário modernista, Tristão de Athayde (ou melhor, Alceu Amoroso Lima), guardadas as diferenças de espírito e de época, não hesitava em aproximar a campanha de Bilac pelo sorteio militar e o *Losango Cáqui* (1926) de Mário de Andrade, “*poemas já francamente modernistas do poeta-soldado, mas - segundo Alceu - bem expressivos do espírito de dez anos antes, de 1916, dessa época em que todos nós, mais ou menos, fizemos o nosso serviço militar, com grande alvoroço de uma renovação da farda, das coisas nacionais, do estilo brasileiro em tudo, enfim*”.²²

O crítico, já fervorosamente convertido no católico e nacionalista dogmático, arrematava seu raciocínio afirmando que:

²¹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. *Revista do Brasil: (2ª fase)*, Rio de Janeiro, ano I, nº3, p. 9-10, 15 de outubro de 1926. Republicado em Barbosa, Francisco Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988. p. 85-88; Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. (organização, introdução e notas de Antonio Amoni Prado). São Paulo: Cia das Letras, 1996, volume I, p. 224-28. Transferindo as atividades editoriais da revista para o Rio de Janeiro, Assis Chateaubriand entregou o comando da redação a Rodrigo M. F. de Andrade, que sob sua direção arregimentou e patrocinou o convívio entre escritores tradicionais e a tropa de choque modernista nas páginas reformuladas desse periódico.

²² Cf. Lima, Alceu Amoroso. *Estudos: 5ª série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira – S/A, 1933, p. 126. (grifo no original)

a campanha nacionalista de Bilac, a concentração do Brasil em sua realidade americana durante a guerra, o sentimento da decadência européia com essa mesma guerra, e pequenos acontecimentos literários como aquela festa *brasileira* organizada por Affonso Arinos, em 1916, no Teatro Municipal de S. Paulo, em que cantamos e representamos toda espécie de 'folc-lore' [sic] com tanta disposição e tanto amor (...) - tudo isso marcava o desejo de *novo espírito brasileiro* em arte.

Novas formas estéticas, proclamadas por Graça Aranha e seus colaboradores na Semana de Arte Moderna, do Teatro Municipal Paulista, em 1920 [sic], entre vairs, e *novo espírito brasileiro*, proclamado anteriormente em 1916, na "Noite de Arte Brasileira", que teve de ser repetida tal o êxito alcançado, no mesmo teatro paulista, - marcaram o início do modernismo literário em suas duas faces mais patentes: *formas novas e espírito local*.²³

Esta "Noite de Arte Brasileira" aludida por Alceu Amoroso Lima na passagem citada nada mais era do que o coroamento de uma série de conferências realizadas por Affonso Arinos a respeito das "Lendas e Tradições Brasileiras" sob o auspício da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, aristocrática associação que levaria aos palcos do mesmo Teatro Municipal, anos depois, em 1919, a representação de *O Contratador de Diamantes*, peça póstuma do autor dos contos regionalistas de *Pelo Sertão*, em que a velha cepa dos bandeirantes piratininganos era apologética e simbolicamente enaltecida.²⁴ A

²³ Idem, *ibidem*, p. 126-7. (Grifos no original)

²⁴ A interpretação do significado simbólico da encenação de *O contratador do diamantes* pode ser encontrada nos trabalhos de Sevcenko, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 240-47; Berriel, Carlos Eduardo Omelas. *Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo*

forma assim como o tom em que se plasmavam essas representações tradicionais e lendárias do *novo espírito brasileiro* vistas do planalto paulista quase que deixam adivinhar as clivagens anunciadas em clave polêmica pelo jovem Sergio Buarque.

É inegável, entretanto, que naquelas conferências de 1916 Affonso Arinos gravaria as famosas palavras que de um modo ou de outro reverberariam nas futuras manifestações do modernismo paulista. Dizia ele então:

Nestes dias de eclipse da grande civilização do século XX, ficou provado que os maiores, os mais belos, os mais ricos monumentos da superfície da terra se arrasam e pulverizam como as construções das crianças em folga na areia dos nossos jardins. Só uma coisa sobrenada no cataclismo; só uma arte desafia os iconoclastas, só um tesouro não teme o saque: - o fundo das tradições, de ideal, de poesia, que são a alma de uma raça e o documento único de sua identidade entre os seus companheiros de planeta. A desventura alheia nos aconchega uns aos outros. Aproveitemos desse momento para nos conhecermos. Durante um século estivemos a olhar para fora, para o estrangeiro: olhemos agora para nós mesmos. Quantas vezes a vária Fortuna esconde junto de nós aquilo que com renitente afã buscamos ao longe.²⁵

Ora, se a orientação dos olhares poderia dirigir-se para as mesmas paisagens, mesmas não eram as perspectivas das sucessivas gerações nas quais semelhantes palavras teriam algum apelo. Passado o turbilhão da Primeira

Prado. Campinas: Papyrus, 2000, p. 69-78. Também ensaiamos uma interpretação desse episódio num relatório de pesquisa cujo tema era "Uma semana cordial: a história de grupos que virou crônica", cf. Castro, Conrado Pires de. *O aristocrático São Paulo daquele tempo...*, mimeo., 1998.

Grande Guerra, o “sentido das correntes espirituais e artísticas” no Velho Mundo tendeu a abolir “certos padrões longamente estabelecidos”, fato que não deixaria de imprimir nova dinâmica na articulação das imagens dos movimentos sociais e intelectuais pelo mundo afora:

A carnificina de 1914-8 acarretara, em círculos cada vez maiores e mais influentes, um descrédito da civilização, do próprio conceito de civilização. A idéia de sua precariedade, de sua mortalidade, marca os mais diversos ramos da atividade intelectual. Apenas, por uma estranha metamorfose, a negação irá converter-se agora em posição, em afirmação. Duvidando de si, das bases em que assentara seu longo prestígio, a civilização passa a incorporar a si aqueles mesmos elementos que outrora conservara à distância: sangue novo que lhe restaurará as forças gastas. O que normalmente poderia redundar em retração e recolhimento, resulta agora em expansão, em otimismo. Em diástole.

“Nous autres, civilisations, nous savons, maintenant, que nous sommes mortelles”. Com estas palavras principiava Paul Valéry, em 1919, sua carta famosa sobre a crise do espírito. E um dos efeitos quase imediatos do descobrimento de sua própria desvalia, sabemos que foi, para o mundo civilizado e seus arrebaldes, uma espécie de valorização sentimental de tudo quanto se mostrara até então refratário às conquistas espirituais e materiais da cultura européia. Descobriu-se, por um lado, o subconsciente, e simultaneamente, na mesma luta contra o império da inteligência, e da razão clássica, reabilitaram-se os orientalismos, os irracionalismos, os misticismos de toda espécie. Por outro lado, erigiram-se pedestais para o exótico, o

²⁵ Cf. Affonso Arinos, *Lendas e tradições Brasileiras*, citado por Costa, João Cruz. *Contribuição à história das idéias no*

pitoresco, o primitivo, o *art nègre*.

Ora, o prestígio de súbito alcançado por esses elementos não poderia deixar de afetar vivamente aqueles que procuravam colocar-se ao nível das novas tendências de arte e pensamento. E no Brasil, onde alguns desses “exotismos” não precisavam constituir artigos de importação, mas estavam, ao contrário, integrados à nossa paisagem humana ancestral, sua investigação podia e devia confundir-se com a investigação de nossas origens, e sua exaltação, com a exaltação de nossa peculiaridade.²⁶

Destarte, por exemplo, o internacionalismo provinciano de São Paulo, umbilicalmente vinculado à sua atualidade comercial, em contato mais espiritual e mais técnico com o “mundo moderno”, punha-se gradativamente a forjar novas representações para a manifestação de seus totens e tabus.²⁷ As mutações civilizatórias, sugeridas quase como corolário das transformações em curso, convidavam à ânsia de renovação e à revisão dos antigos valores mentais e materiais até então consagrados, muitas vezes à sombra de um retorno aos elementos primitivos de nossa formação social.

A aristocracia paulista, filhos finais daquele mundo carente de significação legitimável, conforme as palavras do poeta da “*meditação sobre o Tietê*”, pôde então “medir bem o que havia de aventureiro e de exercício do perigo” no movimento modernista e “arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional

Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 421-22.

²⁶ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. “Fluxo e Refluxo – III”, in: *O espírito e a letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, volume II, p. 340-41. (Originalmente publicado no *Diário de Carioca*, Rio de Janeiro, 04/02/1951)

²⁷ Cf. Andrade, Mário. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p.236 .

na aventura”. Acalentando o “estado de exaltação incontável” dos avanguardistas, dissolvendo-os nos favores da vida, prolongava sua bruxuleante vitalidade na “maior orgia intelectual que a história do país registra”. Não de caso pensado, mas pela própria natureza e seu estado de decadência, assim procedia esta oligarquia quatrocentona, desabafava o autor de *Paulicéia Desvairada*:

Numa fase em que ela não tinha mais nenhuma realidade vital, como certos reis de agora, a nobreza rural paulista só podia nos transmitir a sua gratuidade.²⁸

É mesmo curioso notar o papel que estes jovens artistas empenhavam no horizonte mítico da condição piratiningana. Falando do aristocrático Paulo Prado, não hesitava Mário de Andrade em vislumbrar-lhe o “espírito aventureiro ao extremo” como uma reminiscência de “qualquer salteador europeu”, amancebado com a genealogia pelo “critério monárquico do Deus-Rei” no Novo Mundo. O “Gedeão” Menotti del Picchia, por sua vez, escrevendo a crônica da primeira hora modernista nas páginas do tradicionalíssimo *Correio Paulistano*, perfazia a sublimação heróica de “serra-acima” ao aclamar a diligente “bandeira futurista” em sua missão de proselitismo na corte literária carioca em 1921:

Os paulistas, renovando as façanhas dos seus maiores, reeditam no século da gasolina, a epopéia das “bandeiras”. Desta feita não partem elas para o sertão ínvio e incerto, amarelo de lezírias, eriçado de setas. Os *bandeirantes* de hoje compram um leito no noturno de luxo e seguem, refestelados numa poltrona de “poolman”, ardorosos e minazes, rumo à Capital Federal.

²⁸ Cf. Andrade, Mário. O movimento modernista. In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 237-238.

Antes de ontem partiu para o Rio a primeira *bandeira futurista*. Mário de Andrade, - o papa do novo credo – Oswald de Andrade, o bispo, e Armando Pamplona, o apóstolo, foram arrostar o perigo de todas as lanças, morriões, guantes, lorigas, inclusive murzelos e roncinantes, do parnasianismo ainda vitorioso na terra do defunto Sr. Estácio de Sá.

Bela coragem! Eu, que sou também bandeirante desse grupo galhardo, sigo-os com os olhos cheio de amor, inveja e susto... A façanha é ousada! Em lugar das onças, das tribos selvagens, das serpentes, que se atravessam no caminho das “entradas” como o grito de revolta da terra virgem contra a audácia dos conquistadores, a “bandeira” futurista terá que afrontar os megatérios, os bizontes, as renas da literatura pátria, toda a fauna antediluviana, que ainda vive, por um milagroso anacronismo...

Belo exemplo dá S. Paulo, gloriosa terra esta, fonte inexaurível de iniciativas de liberdades, de belos gestos! Mário Moraes de Andrade levou consigo, certamente, aquele chuço de ouro que é a *Paulicéia Desvairada*, chuço com que cutuca a paquiderme cultural literária da nossa gente misoneísta, ainda atenta em declamar os versos do barão de Paranapapiananuacacaba!

Entretanto – louvado seja Deus! – os bandeirantes futuristas, estou certo, vão, maravilhados, descobrir na formosíssima urbe máxima do país, acampamentos de “novos”, de brilhantes espíritos moços e renovadores, que já iniciaram sua guerra às múmias, recebendo a falange desta terra com abraços fraternais e amigos. Será, pois, essa “bandeira” apenas um reforço à garrida hoste combatente. E a vitória coroará a investida...

Eu, que, como Gedeão bíblico, conto dia a dia os meus soldados, verifico, com radioso prazer, que, como no milagre evangélico da multiplicação dos pães, as unidades aumentam, engrossando dia a dia a turba “futurista” de S. Paulo. Sirva isso de exemplo à Capital Federal. As adesões diárias são de molde a se acreditar, para breve, numa evasão coletiva dos soldados da velha guarda, transformando-se o novo cisma literário numa religião consagradora dos novos deuses das letras nacionais. Nestes dias revelarei novas e prestigiosas conquistas do futurismo paulistano.

Bons ventos, pois, façam tremular no céu da glória a bandeira dos bandeirantes de São Paulo, atualmente no Rio. Que ricas sejam as jazidas de talento que por lá encontrem e farta, na razia, a preia, que avolumará, para o futuro, a triunfante legião dos avanguardistas do liberto pensamento brasileiro...²⁹

Embora um tanto desmesurada enquanto citação, a transcrição na íntegra dessa crônica se justifica devido aos elementos-chaves nela constantes para o esclarecimento de uma mitologia bem paulista – “terra gloriosa (...) de iniciativas de liberdade, de belos gestos” - que esteve por trás de algumas facetas do primeiro tempo modernista. Para além de situar a empresa cultural bairrista na tradição histórica de um momento épico da formação da nacionalidade, talhada à imagem e semelhança de uma sociedade em movimento que se pretende a “locomotiva do país”, de quebra, com uns poucos ajustes, também a insere no

²⁹ Cf. Hélios. “A ‘bandeira futurista’”, *Correio Paulistano*, 22/10/21, in: Del Picchia, Menotti. *O gedeão do modernismo:1920-22. (Introdução, seleção e organização por Yoshie S. Barreirinhas)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura, 1983, 266-268. Ver também Brito, Mário da Silva. *História do Movimento Modernista no Brasil - vol. I*, São Paulo, Edições Saraiva, 1958, pp. 282-83.

fluxo subterrâneo das tradições literárias nacionais, assegurando-lhe um destino que alhures não teve condição de equilíbrio ou parada: não falamos simplesmente da vizinhança com os versos de “O caçador de esmeraldas”, nos quais Bilac canta o sertão pátrio “no virginal pudor das eras primitivas”, ou do helenismo ecumênico (e, também, menos poético) da epopéia de *Os bandeirantes* de Baptista Cepelos, nem sequer da já referida dramatização do arraial tijucano em *O contratador de diamantes*; mas de uma experiência que calaria mais fundo na alma nacional, de *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

Inspirados nas excitadas indicações do escritor fluminense, muitos polígrafos piratininganos fizeram do Planalto Paulista a barreira física depuradora de uma “raça de gigantes”, centro de primeiras sínteses genuinamente formadoras de um povo novo, proclamando o elogio da mestiçagem seletiva do meio, em seus traços de “centro de isolamento”, atenuando os rasgos da degenerescência do grupo étnico de além mar “já gafado do germe da decadência”.³⁰ Mesmo noutros autores a princípio menos comprometidos com a reverência laudatória da historiografia oficial, senão mesmo saídos das irreverentes fileiras modernistas, como Sergio Buarque e o citado Paulo Prado, podemos encontrar ecos entusiasmados dessa visão sublimada e triunfante da vida planaltina.

Em *Raízes do Brasil*, por exemplo, em sua primeira edição, o bandeirante também aparece como indivíduo purgado pela vivência do sertão, e suas realizações caracterizadas como “obra grandiosa” que “não pode ser bem

³⁰ Cf. Ellis Jr., Alfredo. *Raça de Gigantes*. São Paulo: Melhoramentos, 1926, e Prado, Paulo. *Província & Nação: Paulística e Retrato do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 194 e 178 – donde, aliás, foi retirada a última frase do período acima.

compreendida em toda a sua extensão, se não a destacarmos um pouco do esforço português, como um empreendimento que encontra em si mesmo a sua explicação, embora ainda não ouse desfazer-se de seus vínculos com a metropole européa, e que, desafiando todas as leis e todos os perigos, vae dar ao Brasil a sua actual silhueta geographica”:

Não é mero accaso que faz com que o primeiro gesto de autonomia occorrido na colonia, a aclamação de Amador Bueno, se verificasse justamente em São Paulo, terra de pouco contacto com Portugal e de muita mestiçagem com aborigenes, onde ainda no seculo XVIII as creanças iam aprender o português nos collegios como as de hoje aprendem o latim.

No planalto de Piratininga nasce em verdade um momento novo de nossa historia nacional. Ali, pela primeira vez, a inercia diffusa da população colonial adquire forma propria e encontra uma voz articulada. A expansão dos *pioneers* paulistas, entre os quaes se destacam figuras monumentaes, como a desse extraordinario Antonio Raposo Tavares, não tinha as suas raizes do outro lado do oceano, podia dispensar o estímulo da metropole, e frequentemente contra a vontade e contra os interesses immediatos desta. Mas ainda esses audaciosos caçadores de indios, farejadores e exploradores de riqueza, foram, antes do mais, puros aventureiros- só quando as circunstancias forçavam é que se faziam colonos. Acabadas as expedições, quando não acabavam mal, tornavam geralmente á sua villa e ás suas terras...³¹

³¹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, p. 72-3. Posteriormente, em sua obra historiográfica de maturidade, Sérgio Buarque voltará a estudar o processo de conquista e ocupação dos caminhos e fronteiras sertanejas. Nela procura tratar do papel civilizatório desempenhado pela arraia miúda de índios e mamelucos, em sua ação educadora, a frear os impulsos brutais de exploradores do sertão, ensinando o trato com um

Essa mitologia paulista, no modernismo, ganharia voz articulada em *Martim Cererê*, poema épico de Cassiano Ricardo, no qual se pinta o mundo mágico e as conquistas dessas “figuras em ponto grande” – “gigantes de botas sete léguas” – em seus *raids* pelo sertão, como a antecipar os anúncios do “mundo automático de hoje” que se desgarraria das fronteiras abertas pelas façanhas desses

meio de todo refratário ao legado europeu de que eram herdeiros os portugueses. O processo de conquista e ocupação dos caminhos e fronteiras sertanejas é visto como um drama turbulento que vem a preparar a fisionomia geográfica da futura nação. Por isso na abertura do seu livro sobre as *Monções*, Sergio Buarque advertia seu propósito futuro de encetar “um estudo onde, em quadro mais amplo, se analisassem aspectos significativos da implantação e expansão, em terra brasileira, de um civilização adventícia. Aqueles aspectos, precisamente, em que tal civilização, colocada perante contingências do meio, pôde aceitar, assimilar e produzir novas formas de vida, revelando-se até certo ponto criadora e não somente conservadora de um legado tradicional nascido em clima estranho.” Para semelhante processo de assimilação, produção e elaboração de formas novas de vida; entraram em ação a decisiva presença de negros, índios e mamelucos, em certa medida a revelar a importância, acentuada de maneira um tanto quanto alusiva e metafórica, da integração das populações marginais ou marginalizadas, que muito tinham a ensinar, muito mais do que suspeitavam os comandantes e dirigentes coloniais, a respeito do trato com a natureza, com o meio, os macetes da terra. Não seria isto um caminho indireto para sublinhar a importância da participação das massas no processo de criação dos elementos fundadores da nacionalidade, ou seja, de assinalar o papel disciplinador do meio e de quem melhor se encontrava integrado nele, para a efetiva assimilação criadora, para a elaboração espontânea de novos valores? Não haverá aqui aquela vizinhança do popular e do hermético que na aurora do mundo barroco, período crucial do processo de Conquista ou “invenção da América”, salvou a comunicação entre os diversos mundos de uma dissolução mais violenta? Não sugere isto o descrédito quanto ao caráter arrogante e exclusivista das camadas dirigentes, empedemidas em seus castelos de sonho, a se negar a apreender com a sabedoria popular o caminho de superação das desigualdades? Este, aliás, é o ponto em que Sergio Buarque diz ter repercutido o modernismo em sua obra de historiador: “Modernismo significou, acima de tudo, a quebra do formalismo das velhas tradições. Em estudos de folclore, os modernistas dirigiram sua atenção para o interior do Brasil, longe das cidades europeizadas. Tomando os negros objetos de sua arte, eles declararam que não somente os brancos eram brasileiros. Eu trouxe estas preocupações para dentro do meu trabalho histórico, bem como para os demais. *Raizes do Brasil* foi uma tentativa de fazer alguma coisa nova, para quebrar com a glorificação patriótica de heróis do passado, para ser crítico. Contra a sugestão de Oliveira Vianna de que nosso passado e nosso futuro são arianos, eu considero nossa herança vinda do índio e do mameluco. Em vez de glorificar os bandeirantes, eu os descrevo como traficantes de escravos ocupados, dia após dia, em ganhar dinheiro: enfrentando dificuldades, certamente, mas comprando, vendendo, comerciando. Eles não tinham a intenção de fundar um império. Num artigo sobre os movimentos populacionais do ‘século XVI ao XVIII (publicada na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*), notei a importância do índio em determinar rotas da colonização, em descobrir os recursos naturais, e mesmo nas práticas naturais da medicina.” Cf. Graham, Richard. “An interview with Sérgio Buarque de Holanda”, in: *Hispanic American Historical Review*, 62 (1), 1982, p.13-14. Ver também a este respeito o primoroso artigo de Monteiro, Pedro Meira. “Sergio Buarque e os atores da ‘nossa revolução’”, in:

empreendedores.³² Embora a conquista desses mundos não se dessem sem conflito, valia por si mesmo no que continham de promessa:

Pois quem caminha e leva uma fronteira
nos próprios pés, caminha dividido:
de um lado é herói, do outro é bandido.

(“O último gigante”, *Martim Cererê*)

Tamanha “Metamorfose” viria a ficar clara alguns versos mais adiante, quando Cassiano Ricardo divisava os sucessivos feitos de seus antepassados:

Meu avô foi buscar prata
mas prata virou índio.
Meu avô foi buscar índio
mas índio virou terra.
Meu avô foi buscar terra
e a terra virou fronteira.
Meu avô, ainda intrigado,
foi modelar a fronteira:
E o Brasil tomou forma de harpa.

(“Metamorfose”, *Martim Cererê*)

Nessa imagem geográfica do país em “forma de harpa”, retomada aliás na prosa didática de *O Brasil no original* (1936), como que se advinha a figuração

Cadernos de História Social, Campinas, número 4, outubro de 1996, p.59-79, e o sugestivo livro de Wegner, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

ideológica da harmônica dissolução de todas as incongruências que se fizeram presentes no processo de colonização a partir do planalto de Piratininga levado a cabo pelas entradas e bandeiras paulistas – “nesta síntese bíblica, em caminho do Oeste”, diria o poeta. As bandeiras, destarte, são retratadas paradisiacamente como uma grande “democracia viva” em movimento, tanto étnica como socialmente:

Branca no espírito de aventura,
na direção, no grito de comando;
índia no movimento
e africana nos pousos, nas lavouras,
ou em torno das minas, a bandeira,
não era tanto uma cidade em marcha
senão uma democracia viva, obscura
e ainda espectral, no sonho e na loucura.

E homens sujos, jogados
na praia, pela ruim natureza,
negros fugidos dos engenhos
ou detritos humanos cuspidos à margem
dos latifúndios, como inúteis, sem Brasil
e sem cura,
iam com ela, em sua massa anônima.

³² Cf. Ricardo, Cassiano. *Martim Cererê: O Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974, p. 161-62.

Como que a voz do Oeste lhes falava

ainda tonta do clamor matutino:

Só não irão

os que não ouvem a chamada do destino!

os que não vêem, os que não sentem nada

além desta floresta, além desta alvorada!

Os que morreram em si mesmos

Sem ímpeto inicial da caminhada!

Os que a distância não convida

Pra conhecer o outro lado da vida!

(“A Esperança Mora a Oeste”, *Martim Cererê*)

Os exemplos históricos e literários até aqui arrolados não podem senão dar uma pálida idéia de algumas poucas linhas das múltiplas tendências que compõem o desenvolvimento do colorido espectro de diferentes quadros e quadrantes do modernismo. O grosseiro destes traços, embora não chegue a englobar toda a complexidade e riqueza do repertório de um movimento irreduzível a meia dúzia de fórmulas convencionais ou idealizações categóricas nas quais geralmente se o tentam aprisionar, serve, entretanto, para ilustrar como seria alimentando um parentesco subterrâneo entre passado, presente e futuro que o modernismo marcaria presença no esforço de reavaliação da inteligência nacional.³³

³³ Em seu estudo acerca da “dimensão filosófica” na “brasilidade modernista”, Eduardo Jardim de Moraes teve a oportunidade de observar, argutamente, como este traço um tanto quanto bairrista e provinciano do modernismo paulista “muitas vezes” concorreu para “tomar problemática a integridade do nacionalismo presente nos propósitos modernistas”.

Conectando idealizações do futuro com visões do passado, ainda que por veredas duvidosas, foi possível despertar os interesses adormecidos nos discordantes tempos de crescimento de uma nacionalidade apressada, difusa e fragmentária como é a nossa. Por esta fresta o modernismo, a partir de iniciativas de origens nitidamente provinciais, pudera fomentar um crescente intercâmbio entre as distintas regiões culturais do Brasil, encorpar uma sistematização progressiva da cultura (em verdade *culturas*) nacional, inclusive influenciando uma forte interação entre as artes e as disciplinas de pesquisas. Para o crítico e historiador norte-americano Richard Morse, assíduo investigador da vida e das culturas latino-americanas, o que talvez confira alguma autoridade e isenção para seu ponto de vista, o modernismo encetou as condições “para uma busca eclética, historicamente orientada, de uma ‘ontologia’ brasileira”. Uma vez transcorrida a fase heróica do movimento, concluiria Morse, “para muitas pessoas o modernismo tornou-se antropologia social; recuperação do folclore abandonado; estudo das instituições sociais, econômicas e políticas do Brasil; etnologia e filologia; história intelectual, ou crítica literária”.³⁴

Lembrando as passagens do comentário de Sérgio Milliet ao poema *Raça*, em que o crítico de *Terra roxa & outras terras* asseverava a condição profundamente brasileira dos versos de Guilherme de Almeida em função de sua origem paulista [“Guilherme é profundamente brasileiro. Digo mais: paulista (...) Isso não é um defeito, porque só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo do seu país”], Eduardo Jardim sublinha de forma peremptória: “Com efeito, as afirmações de Sérgio Milliet representam uma dificuldade não resolvida dentro do movimento e mesmo na obra de Mário de Andrade, apesar das aparentes indicações em contrário, ela é solucionada de modo insatisfatório”. Cf. Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p. 104-108. A citação está na página 105-06.

³⁴ Cf. Morse, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: DIFEL, 1970, p.347. As confissões de Mário de Andrade parecem endossar semelhante juízo. Na opinião do poeta, depois da avalanche modernista, seria obrigatório a todo brasileiro culto estar a par do que se passava nas numerosas “Cataguazes” do país. Nisto que considerava uma

Tamanho raio de influência não se conquistaria por dádiva dos céus. Não se extrairiam do solo excessivos benefícios sem que o terreno se encontrasse previamente lavrado para recebê-los. O amanhar de vasto campo, ao contrário do que muitos imaginam, em pouco se assemelharia a uma completa subversão dos processos herdados de “antigos modernistas”, em particular dos integrantes do que se convencionou chamar “a geração de 1870”, aqueles que mais de perto sorveriam os positivismos, evolucionismos, naturalismos, monismos, idealismos, materialismos, socialismos e outras assombrações do Recife antigo. A partir de suas precárias sínteses científicas, das polêmicas travadas em meio às campanhas abolicionista e republicana, de suas projeções utópicas rutilantes, se estabeleceriam novas dinâmicas de relacionamento entre o público e o escritor. Alargando o espectro de uma curiosidade intelectual eivada de galicismos, concorreu para disseminação de idéias nem sempre coerentes, muitas vezes desencontradas, culminando em firmar o que a José Veríssimo sugeriria a designação de “idéias modernas; expressamente ‘pensamento moderno’.”³⁵

Adotando-se a perspectiva histórica, talvez se dissolva o que possa parecer insólito nesta proposição. Crivadas de contradições, as realidades históricas ou perdem-se nelas ou as absorvem. Em absoluto, destarte, haveria imoderado

verdadeira “descentralização da Inteligência Nacional”, não via Mário de Andrade senão o coroamento de todos esforços empreendidos durante a longa jornada dos anos 20. Cf. Andrade, Mário. *O movimento modernista*, op.cit.

³⁵ Cf. Veríssimo, José. *História da Literatura brasileira*. 4ª edição: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963, p. 250. Os estudos de Francisco Foot Hardman vêm apresentando sugestivas indicações para a caracterização histórica e para a qualificação do que representaria a alcunha “antigos modernistas”. Cf. Hardman, Francisco Foot. *Antigos modernistas*. In: Novaes, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 289-305. Também o trabalho de Roberto Ventura apresenta uma interessante análise da importância das polêmicas culturais travadas na imprensa brasileira entre 1870 e 1914 para o moderno desenvolvimento do nosso pensamento social e literário. Cf. Ventura, Roberto. *Estilo Tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

arbítrio em surpreender neste longo processo de apreensão de realidades cambiantes, em seu contínuo fluxo e refluxo de opiniões irreconciliáveis, os germens da efetiva interação sistêmica de uma nebulosa tradição que prepararia o terreno das práticas literárias das vanguardas de nosso século. Somente as ironias da história, no entanto, poderiam explicar como foi possível efetuar a releitura e sistematização de tradições antes dispersas na vida cultural brasileira, submetendo-as a drásticas metamorfoses em múltiplas e contraditórias combinações. A propósito destas exóticas combinações, os eventuais silêncios e omissões que perpassam as representações consagradas pelos entusiastas do furor modernista, são evidências sutis da vitalidade recíproca de fecundações similares na experiência intelectual deste país.

* * *

Triunfante, afirmativo, bem instalado na vida

*“Eu escutava o homem maravilhoso,
O revelador tropical das atitudes novas,
O mestre das transformações em caminho:
‘É preciso criar a poesia deste país de sol!*

.....
De entusiasmos isolados donde nascem mundos.

.....
É preciso criar a poesia do Brasil!’

.....
*Eu escutava, de olhos irônicos e mansos,
O mestre ardente das transformações próximas....”*

(Ribeiro Couto, “A invenção da poesia brasileira”, 1926)

Não seria portanto casual o fascínio, o entusiasmo e mesmo a decisiva influência que exerceria Graça Aranha, um dos mais talentosos alunos de Tobias Barreto, amigo de Joaquim Nabuco e Machado de Assis, sobre os “jovens” e ainda “tímidos” modernistas de São Paulo e do Rio. Atento a problemas que os moços lhe propunham, mostrando-se algumas vezes até acessível às idéias que contraditassem seus mais caros preceitos, o homem, mais que o escritor, aos poucos cativava as novas gerações com sua expansividade generosa, propensa à sem-cerimônia realmente espantosa para uma pessoa de sua posição e idade. Sua ânsia por uma eterna juventude, combinada com sua ingênua crença na longevidade dos valores progressistas da *belle-époque*, tornava-o disponível para aceitar e abraçar quase que quaisquer novidades, desde que visivelmente espetaculares e riosas, mesmo quando fixadas superficialmente, sempre que

solícitas às efusões telúricas de seu exaltado nacionalismo. Decerto que este inquebrantável otimismo, não com rara freqüência, expunha-o a inconsistências de todas as ordens e ao naufrágio de muitas de suas ilusões e juízos.³⁶

Em meio à efervescência dos acontecimentos de 1924, por exemplo, Prudente de Moraes, neto e Sergio Buarque de Holanda planejavam concretizar a realização de uma revista que preenchesse o vazio deixado com o desaparecimento de *Klaxon*, centralizando, durante o tempo que vivesse, os debates acerca dos rumos do movimento modernista. Com indisfarçável empolgação, o projeto foi acolhido por Graça Aranha, que, de imediato, se prontificou a sugerir o nome e sorrateira orientação programática para a empreitada. Após muito hesitar na adequação do título proposto ao periódico, os dois jovens amigos, destituídos de melhor inspiração, acabaram por renunciar ao batismo acatando a sugestão de Graça Aranha em designá-la simplesmente de *Estética*.³⁷ A mencionada renúncia, cujas conseqüências cedo suscitariam mal-entendidos, foi recompensada com a primazia da publicação de “Mocidade e Estética”, originalmente escrito para constar no volume *O Espírito Moderno* (1925), que, acrescido de um parágrafo enaltecendo aos jovens editores, serviria de artigo de apresentação para a nova revista. Era, ao menos, conforme justificaria, anos

³⁶ Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, Op. cit., p. 22-29 e 273-279.

³⁷ A valer pelas palavras de Sergio Buarque, tem-se o seguinte testemunho: “Tenho certeza de que concordamos um tanto contra a vontade e na falta de inspiração melhor. De qualquer modo não tínhamos certamente, nem os tinha, aliás, Graça Aranha, pendores para qualquer coisa que se assemelhasse ao esteticismo e à arte pela arte. Apenas para nós, Prudente e eu, a palavra ‘estética’ encerrava um significado amplo, capaz de abrigar as mais diversas expressões de modernismos, aquelas, inclusive que, sobretudo em São Paulo, tendiam a uma franca dissidência com a orientação do autor de *Canaã*. Graça, no entanto, pensava claramente em sua ‘concepção estética do Universo’ na filosofia expressa em *Estética da Vida*.” Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*. São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 276.

mais tarde, Prudente de Moraes, neto, um nome de imenso prestígio a lhes acobertar a aventura.³⁸

E semelhante aventura realmente pretendia-se audaciosa. Propunha-se a atingir um público mais amplo, não se restringindo apenas ao pequeno grupo modernista, externando com franqueza o diálogo interno do modernismo, não mais em sua versão polêmica e iconoclasta, antes porém em seus trabalhos de afirmação construtiva. Almejava-se, enfim, retomar os motivos da insurgência do movimento modernista a partir de uma perspectiva crítica, a qual, no entender dos editores de *Estética*, somente era possível dentro dos quadros do modernismo, dado o grau de incompreensão geral das suas obras, técnicas e proposições junto ao grande público. O endosso de um consagrado “monstro da literatura” brasileira, mesmo diante do ônus em verem-se aclamados pelos jornais com a alcunha de “os meninos do sr. Graça Aranha”, seria essencial para viabilizar os sonhos dos jovens empreendedores da revista *Estética*.³⁹

A própria composição editorial deste periódico apresentava uma logística relativamente sofisticada para o avançar de posições dentro de um cenário que demandava a consolidação inadiável, e não mais a afirmação pura e simples, de experiências e valores tipicamente modernistas. Em comparação a *Klaxon*, comentava um dos membros da primeira geração “klaxista”, *Estética* imprimia uma feição menos aguerrida, representando “o modernismo triunfante, afirmativo, bem instalado na vida, o modernismo que cumprimenta com a ponta dos dedos ‘Olá

³⁸ Cf. Moraes, neto, Prudente de. *Vida da Estética e não Estética da Vida*. *Estética*. ed. fac-similada. Rio de Janeiro: Gemasa/Prolivro, 1974, pp. 7-12. p. 8.

como vai!”⁴⁰ O abandono do tom provocativo, a recusa de ousadias visuais e gráficas na configuração externa da revista, não consistiam apenas numa mera concessão feita pelos agitadores modernistas ao público menos afeito às suas realizações. Sobretudo, tratava-se de elidir o pretense desprezo imputado “aos modernos de 22” em relação a todos os mestres do passado: “há mesmo - argumenta Maria Célia Leonel - um intenção quase que didática de esclarecer, de definir o Movimento para seus inimigos e para os próprios modernistas”.⁴¹ E nesta definição, ao contrário de enfadonhas querelas literárias, advertia Rubens Borba de Moraes em seu *Domingo dos Séculos* (1924), importava a fidedignidade do artista em traduzir uma época e revelar uma percepção precisa das tensões espirituais de seu tempo.⁴²

Nas páginas do primeiro número de *Estética*, quiçá adotando conduta similar, o jovem crítico Sergio Buarque não hesitaria em aclamar Graça Aranha com o título de “homem essencial”, situando-o face a Machado e Nabuco, seus

³⁹ Cf. Leonel, Maria Célia de Moraes. *Estética (revista trimensal) e modernismo*. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, p.140-143 e 179.

⁴⁰ Cf. Moraes, Rubens Borba de. Carta a Prudente de Moraes, neto. São Paulo, 28/11/1924. *apud* Leonel, Maria Célia de Moraes. Op. cit., p.140. Ao contrário do arrojado lay-out de *Klaxon*, bastante colorida e plástica no diagramar de palavras e símbolos, *Estética* optava por um estilo sóbrio e discreto, inspirando-se talvez nos padrões editoriais do periódico londrino *The Criterion*. Cf. Leonel, Maria C.M. Op. cit., p.37-42.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 142. A pomposa retórica de Graça Aranha contra tudo que parecesse contrariar a sua idealização de um “espírito moderno” não deve nos enganar quanto ao vezo clássico, temperado com pitadas tradicionalistas, de sua formação.

⁴² Neste opúsculo assevera Rubens de Moraes que “[é] um erro pensar que os modernos condenam os clássicos, os românticos e todos os *passadistas*. Bilac, Castro Alves, Gonçalves Dias foram grandes poetas. Escreveram obras românticas e pamasianas no tempo do romantismo e do pamasianismo. Fizeram muito bem. FORAM MODERNOS”. (grifos no original). Cf. Moraes, Rubens Borba de. *Domingo dos Séculos*. Rio de Janeiro: Candeia Azul, 1924, p. 14. Ver também a resenha que Sérgio Buarque escreveu para esta obra de Rubens Borba originalmente publicada em *Estética* (“Rubens de Moraes – *Domingos dos Séculos*”, Rio de Janeiro, no 2, ano II, janeiro-março de 1925, p.222-24) e hoje reproduzida em Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, volume I, p. 201-3.

amigos diletos, consagrando-lhe um papel imprescindível para a nova geração que revolucionava as letras nacionais. Saudando-lhe o sentimento estético, açambarcador de toda imaginação histórica e do gênio político que a alimenta, capaz, por isso mesmo, de abrir uma clareira em meio à mata virgem de uma história ausente de “tradição viva como no Velho Mundo”, ressaltava a importância da contribuição de Graça Aranha para uma “maior afirmação da nossa individualidade nacional”. A imaginação estética, no autor de *Canaã*, fatora de sínteses sociais, interessaria por expressar “todo um sistema, toda uma sensibilidade ou todo um mundo” enraizados em nosso ambiente, apresentando uma constante preocupação de ordem política, portadora de “uma maior intimidade (...) [com] a nossa raça e o nosso meio cósmico”. À falta de um passado histórico suficientemente denso para impregnar com uma natureza moral toda a vastidão da natureza física do Novo Continente, apenas a emoção estética poderia retirar o homem americano, e o brasileiro em particular, da depressão a ele conferida pela inexistência de uma imaginação histórica original.⁴³

A aquiescência porventura equívoca dos jovens do Rio ao ideário estético-filosófico de Graça Aranha, em particular dos rapazes que dirigiam a cordata revista *Estética*, incitava a apreensiva curiosidade de Mário de Andrade. Num momento em que as almejadas definições modernistas ainda não medravam satisfatória nitidez, o escritor paulista sondava maiores notícias junto a seu comparsa Manuel Bandeira, residente em plagas fluminenses: “não me saberás

⁴³ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. Um homem essencial. *Estética*, Rio de Janeiro, I (1): 29-36, setembro de 1924. Reproduzida também em Barbosa, Francisco de Assis (org.) *Raízes de Sérgio...*, op. cit., p. 56-61; Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p. 179-185.

dizer como estes rapazes do Rio, Prudente, Sergio, Melo Franco recebem a filosofia do Graça? Blagueando ou não? Preciso saber.”⁴⁴ Todavia, ao menos momentaneamente, deixando de saciar a curiosidade do grande poeta, seria conveniente marchar sem atropelo através das trilhas deixadas pela “bandeira futurista” e examinar mais criteriosamente seus vestígios.

Tal qual a atitude de desprendimento da aristocracia cafeeira paulista, o acadêmico maranhense, pertencente de longa data à antiga “aristocracia de espírito”, empenharia a sua reputação e seu imenso prestígio de escritor consagrado para cancelar a arremetida da juventude intelectual. Não havia nisto qualquer traço de heroísmo, nenhum ato de renúncia. Depois de uma longa estadia européia, voltando aposentado ao Brasil em pleno furor modernista, Graça Aranha, com “seu entusiasmo”, com sua irresistível “vitalidade e mocidade” animadora, com “seu encanto”, diria-nos um sobrevivente de *Klaxon*, “catalizou os esforços dispersos de jovens tímidos paulistas” para o desenlace dramático da Semana de Arte Moderna.⁴⁵

Embora não tivesse tido parte nas origens do movimento, estruturado na província sem o seu concurso, - a princípio, como fazem crer vários críticos, estritamente paulista -, poucos negarão a importância da sanção de seu nome para a sua viabilidade, trazendo inclusive mais facilidade e maior rapidez para a fixação do modernismo num público pouco afeito à absorção de idéias à primeira vista tão exóticas quanto as propagadas pelos “avanguardistas”. Assim procedia

⁴⁴ Cf. Andrade, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*, Rio de Janeiro, Organizações Simões Editora, 1958, p. 64.

⁴⁵ Cf. Moraes, Rubens Borba de. *Memórias de um sobrevivente de Klaxon. Anhembi*, São Paulo, ano XII, nº 138, vol. XLVI, maio de 1962, pp. 492-500, pp. 495 e 498.

Graça Aranha senão para satisfazer seu desejo íntimo de representar à mocidade literária a mesma função de mentor do “espírito moderno”, como o representaram seus mestres Tobias Barreto e Joaquim Nabuco, em tempos mortos e outros tempos. Sequer um momento vacilou em suas convicções otimistas, mesmo nos momentos críticos de dissensão, sempre apresentando a esperança de que a crônica futura lhe confortaria as mais ousadas expectativas.⁴⁶

Alguns anos mais tarde, extintos os motivos que o fariam sucumbir ao “irresistível poder de sedução” do amigo de Nabuco, confessava Sergio Buarque de Holanda que “Graça Aranha tinha uma noção admiravelmente viva, sem dúvida bastante exagerada, do valor pioneiro das suas doutrinas filosóficas para não querer associar-lhes o destino do movimento que, ao desembarcar no Brasil em 1921, já encontrara em ebulição”.⁴⁷ Em *Tentativas de Mitologia*, com sua habitual polidez de estilo, já acariciado pelo distanciamento no tempo e atilado suficientemente por outras inquietações do espírito, Sergio Buarque seria ainda mais categórico, guardando ressalvas ao comportamento de Graça Aranha junto às fileiras modernistas:

Se os lemas a que gostaria de ver submissos sem discrepância todos os inovadores pareciam às vezes coincidir com alguns pontos de vista a que estes tinham chegado

⁴⁶ Além das referências citadas na nota 33, ver também o interessante perfil de Graça Aranha composto pelo crítico simbolista Nestor Victor, da mesma geração que o autor de *Canaã*: Victor, Nestor. *Os de hoje: figuras do movimento modernista brasileiro*. São Paulo: Cultura Moderna, 1938, p. 11-33, em particular as páginas 24 a 27.

⁴⁷ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. Depois da Semana. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 24/02/1952.

por conta própria e, fosse como fosse, sem o seu socorro, tratava-se em geral de coincidências fortuitas simplesmente epidérmicas.⁴⁸

Também assim o compreendia Mário de Andrade, em sua correspondência com Manuel Bandeira, ao queixar-se do “diletantismo extravagante em que caíram” muitos modernistas de São Paulo e do Rio, atribuindo esta postura à influência nefanda encetada pelos estratagemas de Graça Aranha para passar como chefe e diretor das consciências modernistas.⁴⁹ Embora inebriados pela cativante argúcia do autor de *Estética da Vida*, não foram poucos os que, só para posar de independentes, procuravam dissimular as mais íntimas reações contra as artimanhas do velho Graça, não raro oscilando entre a fria indiferença e a pilhéria primitivista:

⁴⁸ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, p. 274. Ainda que a homonímia do ensaio em questão (“Depois da Semana”) possa sugerir alguma coincidência de conteúdo com o artigo anterior, também aqui são estas apenas epidérmicas. Para constar neste volume, último livro editado em vida pelo autor, Sergio Buarque reescreveria parte de suas crônicas a ponto de quase desfigurá-las. Aliás, diga-se de passagem, foi da confrontação entre diferentes edições e alguns originais da obra do autor de *Raízes do Brasil* que surgiram as primeiras inquietações de pesquisa que fundamentam este estudo sobre as heranças modernistas no ensaísmo sergiano.

⁴⁹ Poucos meses antes desse desabafo de Mário de Andrade, que é de maio de 1925, Manuel Bandeira escrevia em carta para Carlos Drummond de Andrade comentários bastante sensatos a respeito do problema do nacionalismo na arte brasileira, assunto acerca do qual “aqui se conversa muito”, dizia de poeta para poeta: “O Graça Aranha condena o primitivismo e bate-se pelo universalismo. Esse universalismo entretanto não exclui os temas nacionais, como ele próprio se encarregou de mostrar no *Malazarte*. O Oswald de Andrade defende o primitivismo, mas o primitivismo dele é civilizadíssimo; creio que há mal-entendido na rotulação: o que ele quer é acabar com a imaginária livresca, fazer olhar para a vida com olhos de criança ou de selvagem, virgens de literatura. Conheço alguns poemas Pau-Brasil, onde há coisas assim: ‘A lua nasceu, com licença da Câmara Municipal’. É ingênuo, mas ingenuidade de civilizado. Sucede o mesmo com as músicas negras de Villa-Lobos. Em suma, não se trata de falar de ou cantar como crianças negras ou selvagens mas de se exprimir com o mesmo lirismo ingênuo. Pensando bem, creio que no fundo estão todos de acordo e o problema é enquadrar, situar a vida nacional no ambiente universal, procurando o equilíbrio entre os dois elementos. O Mário de Andrade (...) parece ter resolvido o problema nos seus últimos poemas, sobretudo no ‘Noturno de Belo Horizonte’, que é todo o Brasil, ou pelo menos, um pedaço enorme do Brasil, sentido com larga emoção por um espírito de alcance e cultura universais”. Cf. Bandeira, Manuel. “A Carlos Drummond de Andrade: Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1924”, in: *Seleção de prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 583.

A paz se fez e fiquei triste. Porque me parece irremediável: quando se falar do nosso movimento no futuro o Graça aparecerá como o chefe dele e diretor das nossas consciências, o que é a coisa mais inexata e injusta que se pode haver. Mas me parece irremediável isso. Dá raiva. Não porque eu pretendesse dirigir o movimento, creio que já bem provei a minha repugnância de ser diretor de consciência, não tenho coragem de assumir tanta responsabilidade. Porém dá raiva ver um homem aparecer de repente e de longe com a reputação que já tinha apossar-se duma coisa que ainda não sabia que era mas que inteligente como era viu que viável só porquê tinha a esperança de que do livro dele, essa “Estética da Vida” que é apenas uma síntese mal feita de filosofias ocidentais, saísse a renovação do Brasil. E como chegou no momento psicológico em que o Brasil estava com o nosso sacrificio se renovando, afeiçoou-se a essa renovação pra ser o manda chuva dela. Quando o Osvaldo disse que o Graça desconhecia inteiramente o modernismo quando chegou no Brasil, disse a mais verdadeira das verdades. Leu e observou tudo o que estávamos fazendo, bem lembro das palavras vagas que pronunciava ouvindo e vendo nossas pinturas e poesias! e se apossou de tudo. Isso dói porquê o sofrimento nosso embora continue a valer pelo que traz pelo Brasil foi se tornar pedestal de um homem que em nada nos influenciou. Em nada. Por outra influenciou pra pior porquê bem sei quanto esse diletantismo extravagante em que caíram os paulistas que estavam indo tão bem! depende da atitude do Graça Aranha contra qual quiseram reagir. Osvaldo pregando incultura só pra reagir e ficar independente, o jeito de espectador do Ribeiro Couto, todo o diletantismo dos paulistas, Taci, Sergio, Rubens quasi que só vem disso: não parecer influenciados. De forma que em vez de deixarmos o espírito seguir a evolução natural forçaram-no

a devanear passeante, renegam o Brasil, riem quando o tempo não é de rir propriamente mas de agir conscientemente.⁵⁰

O autor de *Macunaíma*, por sua vez, condenando a gratuidade aparentemente excessiva de seus amigos, reputava inimaginável o esforço que empreendia para desvencilhar-se do espectro de Graça Aranha:

Eu mesmo você não imagina - desabafava a Manuel Bandeira - o esforço que faço quando minhas idéias coincidem com as do Graça como por exemplo a respeito do abasileiramento do Brasil pra não ser insincero pra comigo mesmo só pra mostrar que difiro dele. Felizmente sou mais feliz que os meus amigos e arrocho a vaidade e continuo sincero. Afinal das contas que importa o Graça e que ele fique o criador de nós todos? O que importa é a vida, e olhar com franqueza a vida e saber aceitá-la e trabalhá-la com energia e realidade.⁵¹

O desejo de Graça Aranha em figurar uma espécie de Joaquim Nabuco da abolição da literatice nacional logo revelaria os caprichosos limites de seu “espírito moderno”, comparável àqueles espíritos acadêmicos que têm horror à academia, embora a ela estreitamente ligados por uma misteriosa atração. A liberdade de espírito que lhe fora desvelada por Tobias Barreto no Recife, transformando-se em verdadeiro cárcere de ferro, não tardou aprisioná-lo em sua dimensão histórica.

⁵⁰ Cf. Andrade, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*, Rio de Janeiro, Organizações Simões Editora, 1958, p. 75 e 76 (carta datada de 07 de maio de 1925); ver também Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, Op. cit., p. 22-29.

⁵¹ Em meio a estas “observações abusadas”, Mário de Andrade não se escusava de reconhecer méritos no autor de *Canaã*: “Detesto o Graça. Essa a influência que ele tem sobre mim. Mas nunca há-de aparecer nos meus gestos porquê apesar de tudo, o que ele está pregando atualmente é bom, está quasi sempre certo e deve ser ouvido.” Idem, *ibidem*.

Com muita obstinação Graça Aranha lutou contra esta incontornável crueldade da vida. Não obstante, sua eterna juventude, hesitante entre as sugestões mágicas e lógicas, sedenta por incessantes renovações do espírito, envelhecia com o inexorável soar das trombetas do tempo. Os lampejos de um monismo estético não mais bastavam para sinalizar orientação segura em meio à cinza das horas, cheias de imprecisões e descontentamentos, que só se deixam visualizar quando, diante de tensões concretas, a imaginação estética não pode mais prescindir de sua congênere (e talvez congênita) histórica.⁵²

O episódio da publicação terminal de *Klaxon* desferira um tímido, e quem sabe primeiro, golpe na aparente harmonia de intenção e propósitos entre os participantes dos desdobramentos da Semana de Arte Moderna. As controvérsias medravam nas dificuldades encontradas para “sustar a inevitável deterioração daquela unanimidade superficial e, em suma, fictícia”.⁵³ O que se punha em jogo

Para uma apreciação menos severa e mais simpática acerca do papel de Graça Aranha no modernismo brasileiro consultar o livro de Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista*, Op. cit., p. 113, 122-23.

⁵² Cf. Freyre, Gilberto. “Graça Aranha: um germanizado que se desgermanizou”, in: *Nós e a Europa Germânica: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX*. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1971, p. 140-153. Talvez seria mais correto admitir que o aprisionamento de Graça Aranha não se dera tanto pelos prismas do Recife antigo, mas que ele foi cada vez mais se tomando presa do espírito diplomatzante do Itamarati. Lembra Gilberto Freyre, a propósito dos servidores do Barão de Rio Branco, como este “inclito chanceler parece ter preferido para seu serviço, e serviço do Itamarati, águias que, mesmo bravias, dentro do Brasil, se deixassem por ele dirigir, nos seus vôos internacionais, como aconteceu com aquele que o gênio do Barão tanto fez brilhar em Haia, de modo, aliás, magnífico para o Brasil. Sabe-se que o próprio Joaquim Nabuco não foi homem tão fácil de ser adaptado pelo Barão aos seus designios e aos seus métodos como foram Graça Aranha, Domicio da Gama. Clóvis Beviláquia: todos esses, mais macios do que ásperos...” Idem, ibidem, p. 124. A respeito das relações diplomáticas e as diplomacias literárias do Itamarati nas vésperas da eclosão modernista em breve poderemos contar com a tese de Doutorado de André Botelho sobre Ronald de Carvalho, que vem sendo realizada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH/Unicamp). Este estudo poderá trazer indicações bastante precisas acerca do alcance da sugestão intuída nesta nota.

⁵³ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 273.

eram as próprias estratégias encetadas para se assegurar a dianteira das manifestações modernistas; ou seja, o problema da direção e liderança postuladas para a ocupação dos novos espaços abertos pelos escritores modernos. No ano de 1952, rememorando as contingências do preparo do último número da revista *Klaxon*, aliás, dedicado a homenagear o autor de *A Viagem Maravilhosa*, o historiador das raízes do Brasil indiretamente narra as origens mais remotas de sua desilusão com o modernismo, quando, em meados da década de 20, sentia estiolarem-se em convencionalismos todas as principais conquistas do impulso renovador do movimento avanguardista:

Pude testemunhar freqüentemente o interesse metódico com que o homenageado acompanhava o preparo desse número destinado, na aparência, a consolidar a “frente única”. A mim, que estava indicado para escrever sobre “o sociólogo” deram-me longas explicações, durante alguns passeios que algumas tardes realizávamos a pé, descendo o Russel e o Flamengo na direção de sua residência no Hotel dos Estrangeiros. Lembro-me claramente de como nessas caminhadas ele destacava sempre o papel decisivo que tinham no pensamento filosófico e sociológico expresso em *Estética da Vida*, duas leis da sua forja (...) E se afinal deixei de escrever o artigo prometido, creio que aquelas conversas foram, para mim pessoalmente, de algum proveito. Delas, se não me engano, retirei o primeiro estímulo para um ensaio que durante longo tempo sonhei escrever com o nome de *Teoria da América* e cujas idéias cheguei mesmo a desenvolver e publicar mais tarde em livro intitulado *Raízes do Brasil*.⁵⁴

⁵⁴ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. Depois da Semana. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 24/02/1952.

À medida que escapavam todos os eventuais discípulos, principalmente quando Graça Aranha pôs-se a reunir os moços para pregar a sua *Estética da Vida*, a incompreensão entre distintas mentalidades literárias explicitavam-se, incitando a dispersão e a divergência entre várias correntes modernistas. A obliquidade das diferenças, estreitando-se em intolerâncias recíprocas cada vez mais acentuadas, levariam a fatigar o jovem crítico Sergio Buarque de Holanda dos combates contra fantasmas que “se agitam num vazio e vivem à custa de heranças”.⁵⁵

Suas crescentes desconfianças com relação às plataformas e programas procedentes de idealismos fáceis, destinados tão-somente a alimentar vaidades mal nutridas, o levariam a documentar seu rompimento com as fileiras modernistas no artigo “O lado oposto e outros Lados”, publicado em 15 de outubro de 1926 na *Revista do Brasil*.⁵⁶ Em sua aparente indiferença, mandando para o diabo todas as formas hipócritas de políticas literárias e suas conseqüentes diplomacias nocivas, Sergio Buarque buscava a certeza da possibilidade de “uma arte de expressão nacional”.⁵⁷

Talvez as potencialidades de “uma arte de expressão nacional”, assim como outras conquistas da civilização e da civilidade, só seriam atingíveis sem o obstinado concurso, não raro intolerante e excludente, de seus mais sinceros e entusiastas promotores. Quiçá seriam estas razões o que convenceria Sergio

⁵⁵ Cf. Barbosa, Francisco Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988. p. 86.

⁵⁶ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. O lado oposto e outros lados. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, ano I, nº3, p. 9-10, 15 de outubro de 1926. Republicado em Barbosa, Francisco Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988. p. 85-88; Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*, op. cit., volume I, p.224-228.

⁵⁷ Idem, ibidem, p. 87; idem, ibidem, p. 226.

Buarque a denunciar tudo aquilo que julgava frívolo e enganoso no invocar demônios ou realizar o mistério de escolhas caprichosas para a organização exterior de nossas manifestações culturais:

Eu, Sérgio Buarque de Holanda, acho indiscutível que em todas as coisas exista um limite, um *termo*, além do qual elas perdem sua instabilidade, que é uma condição de vida, para se instalarem confortavelmente no que só por eufemismo chamamos sua expressão e que na realidade é menos do que seu reflexo. Só os pensamentos já vividos, os que se podem considerar não em sua duração, mas objetivamente e já dissecados, encontram um *termo*. Quero dizer: esse termo só coexiste com o ponto de ruptura com a vida.

Os homens que sentiram nitidamente essa ausência do princípio de vida, essa atmosfera irrespirável que nos propõem, as formas inteligíveis, já mandam ao diabo tudo quanto possa preencher um termo, tudo quanto caiba entre as quatro paredes de um pensamento comunicável ou expresso. A palavra escrita ou falada só se concilia com a dificuldade vencida, com a energia satisfeita e a paz proclamada depois da guerra. É em vão que se tentará atrair a tempestade, invocar os demônios ou realizar o mistério dentro do cotidiano, quando não se renunciou à virtude ilusória da linguagem dos cemitérios.

Mas não é sem remorso que os homens aceitam a falsa paz que as letras impuseram. A resistência ao milagre caracteriza um estado de espírito que não é bem o dos contemporâneos. Já se ousa pretender mesmo sem escândalo, que a mediocridade ou a grandeza de nosso mundo visível só dependem da representação que nós fazemos dele – da qualidade dessa representação. Nada

nos constrange a que nos fiemos por completo na suave e engenhosa caligrafia que os homens inventaram pra substituir o desenho rígido e anguloso das coisas. Hoje mais do que nunca toda a arte poética há de ser principalmente – por quase nada eu diria *apenas* – uma declaração dos direitos do Sonho. Depois de tantos séculos em que homens mais honestos se compraziam em escamotear o melhor da realidade, em nome da realidade temos de procurar o paraíso nas regiões ainda inexploradas. Resta-nos portanto o recurso de dizer das nossas expedições armadas por esse domínios. Só à noite enxergamos claro.⁵⁸

Não há porque deixar de imaginar que a segunda metade da década de vinte esteve, para Sergio Buarque, repleta de trevas. Mas estes já são problemas que terão lugar, recebendo cuidadoso e devido tratamento, em outra parte deste trabalho.

Por ora, eles foram chamados em presença para sublinhar a seguinte questão: até que ponto estas preocupações do jovem modernista ganhariam vulto na ulterior produção intelectual de Sergio Buarque de Holanda? Noutras palavras, melhor qualificando a questão, paira no ar a seguinte dúvida: de que forma a idéia da elaboração de uma grande síntese interpretativa do continente americano, aquilatada durante mais de uma década, mediada, inclusive, pela experiência de

⁵⁸ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Perspectivas*. In: Barbosa, Francisco Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. op.cit. p.65-69 (Originalmente publicado em *Estética*, Rio de Janeiro, nº 3, ano II, abril-junho de 1925, p. 272-77). Cf. Idem. *O lado oposto e outros lados*. op.cit. p. 85-88.

dois exílios voluntários da província literária do Distrito Federal⁵⁹, sulcaria o acendrar da discreta arquitetura de *Raízes do Brasil*?

Entretanto logo ocorre à mente outra ordem de questões: existe disponível qualquer tipo de documentação que permita viabilizar semelhante proposta de análise? Onde encontrá-la? Quais novas informações pode ela nos trazer? Como proceder à verificação de hipóteses e intuições obtidas mediante o contato com a documentação disponível para o período em questão ou quaisquer tipos de registros relativos à vida intelectual de Sergio Buarque de Holanda?

O sonho de qualquer estudioso da obra de Sergio Buarque é, sem nenhuma dúvida, poder algum dia encontrar um calhamaço de 400 páginas, escrito na Alemanha, e que renderia várias alusões posteriores a propósito de uma primeira versão de *Raízes do Brasil*. É o que se conclui a partir da apresentação de *Tentativas de mitologia*, um dos raros momentos em que Sergio Buarque, de próprio punho, se permitiu maiores digressões a respeito de sua pessoa:

Saturado das leituras, acabei por desinteressar-me desse vício. Tanto que, um belo dia, resolvi distribuir entre amigos quase todos os meus livros, sobretudo os de literatura. Depois segui para o estrangeiro, lamentando apenas o separar-me por longo tempo de amigos diletos, embora contente com o poder apagar de minha lembrança pessoas menos estimáveis a meu ver e idéias que me iam importunando.

⁵⁹ Em meados de 1926, desiludido com as sucessivas ondas de intolerância que passaram a freqüentar as praias modernistas, Sergio Buarque aceita o convite de Vieira da Cunha para dirigir o jornal *O progresso*, na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, e segue para o interior de Espírito Santo; em junho de 1929, pouco tempo depois de retornar ao Rio de Janeiro, Sergio Buarque embarcaria rumo à Europa, contratado para o cargo de correspondente internacional

Do que não me livraria depressa era do projeto de *Teoria da América*, pois justamente durante a estada no estrangeiro naqueles meus *Wanderjahre* alemães, ela principiará a ganhar forma definida. O contato de terras, gentes, costumes, em tudo diferentes dos que até então conhecia, pareceu favorável à revisão de idéias velhas e à busca de novos conhecimentos que me ajudassem a abandoná-las, ou a depurá-las. (...) Os livros de Weber e um pouco as lições de Meinecke, em Berlim, indicando-me novos caminhos, deixarão sua marca na minha Teoria da América. Quando voltei ao Brasil em 1931 trazia um calhamaço de suas 400 páginas. Dele tirei o essencial de um estudo histórico encomendado por Claudio Ganns para uma luxuosa revista nova. (...) Convidado a ampliá-lo (...) alguns anos depois saiu meu livro, com quase dois capítulos tomados a esse artigo (todo o restante foi redigido de novo sem nada que lembrasse a antiga "Teoria"), já se chamava *Raízes do Brasil*, nome que ainda conserva hoje, na sua 12ª edição.⁶⁰

Em se tratando de um espírito irreverente como era Sergio Buarque, pode-se até mesmo duvidar da existência deste rascunhar originário, muito embora de fato o referido artigo, intitulado "Corpo e alma do Brasil", existe e se encontra disponível.⁶¹ Não demandará entretanto gigantesca argúcia perceber que ainda restam algumas dúvidas: quais seriam as "velhas idéias" que careceriam ser

de *O Jornal*, iniciando seu interregno berlinense na crepuscular República de Weimar, onde se familiariza com o moderno pensamento social e sociológico alemão.

⁶⁰ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 29 e 30. (Grifos acrescentados, CPC)

⁶¹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Corpo e Alma do Brasil. Ensaio de Psicologia Social. Espelho*, Rio de Janeiro, nº 1, p.14-16, 52-53, março de 1935. Recentemente este artigo foi republicado na edição especial da *Revista do Brasil* dedicada a homenagear este intelectual e historiador. Cf. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), p. 32-42, julho de 1987.

revistas, depuradas ou simplesmente abandonadas? Tal questão não pode ser desconsiderada, ainda mais que, conforme se disse, a passagem de uma *Teoria da América* para *Raízes do Brasil* não pode encontrar morada em outro lugar.

Destarte, ao invés de acentuarmos a experiência alemã, recebedora das maiores atenções dos estudiosos de Sergio Buarque⁶², e sem dúvida fundamental para a composição da obra em questão, procuraremos rastrear os primeiros passos que dimensionariam uma preocupação intelectual que, ao nosso ver, além de constituir quase uma constante, dominaria grande parte da obra posterior deste grande historiador brasileiro.

Dar ouvidos a algumas destas longínquas inquietações, ainda quando não exaustivamente, nos permitirão atentar para o clima de opinião que a obra de Sergio Buarque reflete. Não há razões para se duvidar de que elas nos possibilitarão a verificação da hipótese que nos tem guiado os estudos, qual seja: verificar, na historicidade própria à passagem da idealização de uma *Teoria da América* para elaboração final de *Raízes do Brasil*, se a crítica do modernismo não serviria de acicate tanto à refutação de posturas intelectuais cristalizadas

⁶² Os recentes trabalhos de Pedro Meira Monteiro, Marcus Vinícius de Carvalho, João Kennedy Eugênio e Robert Wegner vieram alargar os estudos acerca de outras fontes e sugestões presentes em diferentes momentos da obra de Sergio Buarque de Holanda. Além do indiscutível traço weberiano de *Raízes do Brasil*, Pedro Meira Monteiro ressalta a importância das leituras de Sergio Buarque em torno das obras de Vilfredo Pareto e de alguns membros da Escola de Chicago (William Thomas, Florian Znaniecki, Ezra Park., Ernest Burgess, etc.). Já Marcus Vinícius de Carvalho apresenta pontos de contato epistemológico na concepção de *Raízes do Brasil* e o pensamento historiográfico de Wilhelm Dilthey, enquanto João Kennedy Eugênio procura fixar um fundo romântico que se faria sentir nas primeiras fases da formação de Sergio Buarque de Holanda. Finalmente, tratando da obra madura do historiador dos primórdios da expansão paulista, Robert Wegner estuda os possíveis diálogos de Sergio Buarque de Holanda com determinada produção historiográfica norte-americana, particularmente de Frederick Jackson Turner, George Williams e Charles Sanford. Para maiores referências acerca dos trabalhos desses jovens pesquisadores, o leitor poderá consultar a bibliografia elencada no final desta dissertação.

quanto ao diálogo criativo e desmitificador com tradições díspares. Quaisquer semelhanças ou antinomias em meio a este percurso, podendo sugerir mais do que meras coincidências, reclamam a intervenção compreensiva da interpretação histórica.

Delinear uma primeira aproximação a esta hipótese é a tarefa que ora nos propomos. Trata-se de uma tateante colaboração que pretende iluminar certos aspectos ao estudo dos procedimentos utilizados pelo autor para fugir e recolocar, sob prismas às vezes melhor pontuados, as polêmicas que suscitavam suas teses mais profundas. Desta forma, valiosos elementos para a reinterpretação dessas mesmas teses expõem-se de uma maneira particularmente convidativa a uma reflexão mais apurada dos problemas que vimos até aqui apontando. Esta hipótese de investigação, longe de ser original, apenas não logrou receber o merecido desenvolvimento.⁶³

Não se trata, portanto, de julgar corretas ou incorretas todas as idéias presentes em *Raízes do Brasil*. Muito menos de aferrarmo-nos em tortuosas polêmicas sobre se o homem brasileiro é ou deixa de ser “aventureiro”, “cordial”, “personalista”, “inquieta e desordenado”. Antes é preciso compreender o significado íntimo destas grandes chaves analíticas, escutar atentamente as

⁶³ A sugestão da existência de uma solução de continuidade entre a militância crítica modernista de Sérgio Buarque e *Raízes do Brasil*, sendo lugar comum na apreciação coeva da primeira edição do referido ensaio, foi um tanto quanto descuidada pelos intérpretes do conjunto de sua obra. Este fato, inclusive, deve-se à influência, senão responsabilidade direta, do autor em privilegiar os seus trabalhos históricos posteriores, evocando-lhes o rigor mais afeito às exigências do tirocínio acadêmico e universitário. Salvo engano, foi um artigo de George Avelino Filho que sublinhou a importância e a necessidade da retomada de uma perspectiva de investigação que atente para as heranças modernistas presentes em *Raízes do Brasil*. Cf. Avelino Filho, George. As raízes de “Raízes do Brasil”. *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n.18, p.33-41, set. 1987. Ver também o recente artigo de Prado, Antonio Amoni. *Raízes do Brasil e o modernismo*. In: *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. (org. Antonio Candido). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p.71-80.

mensagens que as animam e as alicerçam.⁶⁴ Aperceber-se de que criticar não é julgar, mas fundamentalmente compreender.

Decerto que a recente atenção que vem recebendo a obra de Sergio Buarque tão logo se encarregará de preencher injustificáveis lacunas em sua fortuna crítica. Nossa disposição em colaborar para este trabalho, certos de que indubitavelmente exigirá esforços coletivos, alimenta a proposição esboçada nesta pesquisa.

* * *

⁶⁴ Há ainda mais uma questão, de fundo é verdade, que valeria a pena ser ressaltada. À medida que Sergio Buarque vai adquirindo seu perfeito domínio da escrita, os confrontos, na primeira edição explicitados pelos descompassos verificáveis entre o campo semântico das análises do autor e os quadros mentais da sociedade brasileira dos anos trinta, vão se atenuando, sugerindo estratégias bastante sofisticadas encetadas por este autor para atualização e reorientação de suas idéias e intervenções em meio ao debate cultural da inteligência brasileira das décadas posteriores. O que se revela nestas alterações, pelas significações que trazem à luz, não pode ser, em hipótese alguma, desconsiderado. Será que nada podem nos dizer a propósito das velhas idéias que mereceriam reparos, depurações ou a valia comum do esquecimento?

Parte II

O MISTÉRIO MODERNISTA E O DESMENTIDO DA LITERATURA

“...justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz.”

(Theodor Adorno, Educação e emancipação, 1969)

Problema, mistério e desenlace dialético

“Há mistérios demais no mundo. Uma quantidade excessiva de enigmas pesa sobre o homem nessa terra. É preciso resolvê-los como nos for possível e procurar manter-nos enxutos dentro d’água.”

(Fiódor Dostoiévski, Os irmãos Karamazovi)

Hoje em dia já é quase um truismo a afirmação de que qualquer tentativa de síntese panorâmica do movimento modernista é uma tarefa bastante complicada, senão mesmo desaconselhável, ou no mínimo um arriscado exercício de leitura redutora para um tema de natureza tão complexa. O assunto, tanto pela sua extensão quanto pela sua abrangência, cercado por todos os lados de lendas e tabus, envolve muito de cálculo e de paixão, ressentimentos e disputas, reclamando muita prudência àqueles que se arrojam a tão capciosa aventura interpretativa.

Há tempo que os estudiosos do modernismo concordam que muito ainda falta para ser feito no plano das investigações, levantamento e estudos das fontes primárias, para que os traços indispensáveis a uma formulação compreensiva possam definir uma visão ampla, a única capaz de promover a integração de particularidades sem desdenhar das contradições estabelecidas no movimento real dos fenômenos históricos e culturais.¹

Sem muita corrupção - e, nesse momento, em virtude de iniciativas editoriais, até com maior propriedade -, o mesmo se poderia dizer com relação ao

¹ Consultar, entre outros, as observações de Lara, Cecília. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas*. São Paulo: IEB/USP, 1972, p. 7; Barbosa, João Alexandre. *Linguagem e realidade do modernismo de 22*. In: *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p.73-106.

estudo das implicações de uma suposta herança modernista na obra de Sergio Buarque de Holanda. Bastaria lembrar as mais ou menos recentes publicações do riquíssimo material coligido pelo trabalho de Francisco Assis Barbosa², bem como o criterioso preparo da edição crítica dos estudos literários levado a cabo pelo professor Antonio Arnoni Prado³, ambas a resgatar artigos dispersos, adormecidos em velhas (quando não raras) coleções de revistas especializadas ou nos habituais rodapés literários dos jornais da primeira metade deste século XX, e que ali permaneceram no esquecimento por reconhecido desleixo ou imperdoável excesso de cautela do escritor perfeccionista que era Sergio Buarque, sempre infatigável na tarefa de dissipar as marcas ainda sensíveis do esforço criador mobilizado em suas formulações originais.⁴ Essas marcas, segundo confessaria na importante apresentação de *Tentativas de Mitologia*, eram vistas “como

² Barbosa, Francisco Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

³ Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. (organização, introdução e notas Antonio Arnoni Prado) São Paulo: Companhia das Letras, 1996, dois volumes.

⁴ Francisco de Assis Barbosa, em sua introdução para o volume de escritos esparsos de Sergio Buarque que editara, nos conta que o historiador paulista tinha verdadeiro pavor de seus “artigos publicados em jornais e revistas do tempo do aprendizado”. Nos revela ainda que Sergio Buarque se mostraria magoado “quando Leonardo Arroyo imbuído das melhores intenções, supondo até que lhe estava prestando reverente homenagem, reproduziu diversas crônicas da seção ‘Literatura nos Estados’ de *O Mundo Literário*, de 1923, comentando-as na *Revista do Arquivo Municipal*. Essa exumação arqueológica desagradou a Sérgio, com surpresa de Arroyo”. Procurando dar mostras do zelo buarquiano pela expressão, Assis Barbosa rememora que os esforços para a revisão de uma nova edição de *Raízes do Brasil* haviam sugerido a seguinte observação de Paulo Prado: seria menos trabalhoso se Sérgio Buarque tivesse de escrever livro novo. (Aqui, nesta passagem, Francisco Barbosa incorre em ligeiro equívoco cronológico, talvez em função do fato de frase similar constar no prefácio da 2ª edição (1948) que acompanha as sucessivas reedições de *Raízes do Brasil*. Comentário similar pode ter saído da lavra de Paulo Prado, entretanto este falecera em 1943, bem antes da publicação aumentada e revista do ensaio buarquiano, o que – aliás – reforça e confere poder de verdade à apreciação que lhe foi atribuída). Cf. Barbosa, Francisco Assis. *Op. cit.*, p. 11-12. Convém não esquecer que mesmo a seleção de ensaios de *Tentativas de Mitologia*, última obra que Sérgio Buarque publicou em vida, custou ao autor muitos anos de trabalho e hesitação. Basta lembrar que ela já se encontrava anunciada em 1958, na contracapa da edição limitada da tese de

andaimos destinados a desaparecer na construção acabada”⁵, fato que sem dúvida contribuía para ampliar consideravelmente o poder de sugestão e profundidade de muitos estudos de sua autoria.

Apesar dos trabalhos publicados pelo empenho crítico de Francisco de Assis Barbosa e Antonio Arnoni Prado, ainda se está longe de precisar as conexões de sentido que ligam a obra por assim dizer imatura do jovem modernista Sergio Buarque com a erudita produção do ensaísta e crítico literário, progressivamente a se metamorfosear num dos mais importantes expoentes do pensamento histórico brasileiro dos últimos tempos.

O significado da trajetória modernista de Sérgio Buarque, mais do que um problema, contempla um mistério. A se valer das palavras desse autor, apropriando-as aqui com relativa liberdade, o mistério é qualificativamente diverso do problema, cujo bom entendimento reclama soluções, quase invariavelmente condenadas, uma vez alcançadas, a fazer desmoronar o sentido e a razão de ser das motivações que lhe deram origem e significação.⁶ Já quanto ao mistério, este não se deixaria render à meridiana clareza das explicações didáticas, quando não mesmo se insurge contra as tentativas de reduzi-lo a termos racionais, solicitando antes certa aquiescência que o permita ser sentido, respeitado, vivido, para que eventualmente possa se constituir enquanto um objeto de estudo à parte.

Mas como “mistério que se esclarece não é mistério”, o seu destacamento “científico” não se oferece sem distúrbios: ainda que se faça talvez possível extrair

Cátedra com a qual concorrera ao concurso de provimento da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo.

⁵ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 16.

e sublinhar, com maior ou menor êxito, alguma estrutura racional ou esquema de referências objetivas a pôr ordem naquilo que queda impreciso no mistério, o investigador, nessa tentativa, provavelmente é sempre espreitado pelo risco de falsear, por excesso de imaginação ou imperícia discursiva, o verdadeiro sentido do que examina. A única alternativa que lhe restaria, ainda segundo Sergio Buarque, se resumiria na tentativa de reduzir, através de métodos cada vez mais acurados, a zona de mistério que envolve o tema em questão.⁷

Portanto, seria pueril ou mesmo ingênuo pretender devassar, em toda complexidade e extensão, o pensamento de um dos mais eruditos integrantes da geração de 1922 sem ferir a parte de mistério que lhe cabe, delineando, porventura, certas zonas fronteiriças. Reduzir tudo isso a condição de problema, não obstante parecer a alternativa mais prudente, implicaria em amputar significações intangíveis, nem sempre imediatas quando não mesmo infensas a mediações estritamente racionais. Todavia, como toda alternativa acarreta em determinadas perdas, pairam no ar algumas dúvidas: até que ponto será legítimo ler *Raízes do Brasil*, de Sergio Buarque de Holanda, com lentes modernistas? De que maneira divisar objetivamente as fronteiras de um problemático e eventual entrelaçamento do precoce crítico de livros e idéias com o erudito historiador das raízes brasileiras?

Esboçar respostas para questões deste quilate requer uma delimitação precisa do recorte de análise. Caso contrário não será difícil violentar arbitrariamente o conteúdo da obra em nome de duvidosos caprichos de

⁶ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. "Hermetismo & Crítica", in: *Tentativas de mitologia*, op. cit., p.167 e ss.

interpretação. Uma hipótese de trabalho plausível seria investigar as possibilidades de decalcar indícios que se relacionem aos impasses explicitados na difusão do ideário modernista na própria construção do argumento de *Raízes do Brasil*. Ou seja, em outras palavras, verificar se é factível sustentar que o referido ensaio contempla uma interpretação alegórica das contradições intrínsecas do movimento modernista.

Dessa forma, quem sabe, minimizam-se as perdas para todos os lados, visto que se torna possível contornar o embaraço de dissolver o mistério no problema. Pois aqui - uma vez mais ainda, quase desnecessário lembrar - o problema da delimitação apropriada do modernismo, assim como o da trajetória modernista de Sergio Buarque, permanecem um mistério.⁸

⁷ Idem, p. 179.

⁸ Existem vários apontamentos esparsos na obra de Sergio Buarque a respeito da delicada relação entre biografia, interpretação histórica e exercício crítico. Mais do que uma simples brecha para a comunicação entre o crítico modernista e o erudito historiador, estas passagens testemunham uma preocupação fundamentalmente hermenêutica no tratamento de questões centrais ao desenvolvimento das ciências humanas. Ver, por exemplo, além do artigo de *Tentativas de Mitologia* de que nos temos servido até o momento, Holanda, Sergio Buarque de. *Cobra de Vidro*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 131-46 e 167-72; *O espírito e a letra*, op. cit., volume I, p. 283-97; *Do Império à República*. São Paulo: Difel, 1972, *passim*. Mas é entre anotações particulares, guardadas no arquivo pessoal de Sergio Buarque, que encontramos a formulação explícita do problema em questão. Abordando as dificuldades hermenêuticas que se colocam aos estudos históricos biográficos, especificamente a propósito do delicado trânsito entre época e biografia, afirmava Sergio Buarque que este problema envolvia uma intrincada questão compreensiva. Refletia então que para o entendimento mais sutil desse tipo de problema “hão de revelar-se insuficientes os recursos puramente racionais ou lógicos, e então importará apelar para algum recurso a que, para também simplificar, chamaríamos *intuição*, despojado este conceito das implicações que lhe agregou, por exemplo, o bergsonismo. Em outras palavras, e aqui preciso falar mais difícil, nenhum acesso teremos à alteridade, ao que ainda é um mistério para nós, se nos servimos só da razão discursiva, e da lógica formal. Esta pode clarear, precisar o já conhecido, porque se move só no já conhecido. Para ir além, alcançar o desconhecido, ‘descobrir’, ainda não se achou meio adequado dentro dos processos unicamente indutivos. Recorrendo a imagem um tanto grosseira, seria como querer entender a ‘essência’ das trevas, entrando num quarto escuro de vela acesa. Ilusório igualmente seria o acreditar-se que o ‘outro’ pode ser perfeitamente alcançado se o assimilarmos a nós mesmos; que aparentemente nos conhecemos e ligamos esse conhecido, o *nosco me ipson* à teoria de que os homens são iguais por essa operação, que um crítico de Levi-Strauss chamou ‘digestiva’, dando de barato que ‘a humanidade é sempre uma só’, o que consiste, aliás, numa petição de princípio. (...) Para surpreender o

Em casos extremos, como também parece o ser este da biografia intelectual de Sérgio Buarque, a predominância do mistério talvez se faça sensível pela discreta e insistente alusão de fatos, personagens, objetos históricos, experiências, etc. irreconhecíveis sem uma identificação prévia, fruto, quem sabe, de uma obscuridade calculada, quando não mesmo do deliberado recurso, por parte deste autor, a uma espécie de mitologia pessoal, cujo mapa, uma vez encontrado, desvelaria os caminhos às suas ilimitadas fronteiras.⁹

As palavras acima repetem o que mais ou menos dizia Sérgio Buarque ao tecer considerações a respeito da amplitude da poesia de Pound e às limitações do *new criticism* para alcançá-la, fato que, imediatamente, nos leva a pensar se seria lícito estender o mesmo tipo de raciocínio para o trânsito modernista presente (ou a ele subjacente) em *Raízes do Brasil*. Afinal, como acercar-se do mistério sem traí-lo, isto é, como respeitar essas zonas de mistérios sem descambar para um novo tipo de impressionismo, onde o desfile de notações eruditas ou curiosas nada mais seriam do que o fruto da especulação - às vezes sugestiva, mas nem por isso menos arbitrária - do crítico?

Não haverá tamanho exagero em imaginar que bastante do conhecido e folclórico repertório buarquiano comporta uma espécie de aura mitológica, a qual o próprio Sérgio Buarque não ficaria longe de alimentar. É de se suspeitar que ele poderia até mesmo aceitá-la, um tanto ironicamente, afirmando que semelhante

específico do *outro*, o próprio Sartre faz apelo expresso a uma coisa chamada 'compreensão', (...) por meio da empatia, e só por ela, procura entender seu personagem, isto é, por uma espécie de intuição das camadas de significação heterogêneas e irreduzíveis que no mesmo personagem se abrigam". Cf. Anotações manuscritas de Sérgio Buarque, p. 11-12, localizadas no FPSBH, SIARQ/Unicamp, Cp 349 Pasta 11.

⁹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. "Hermetismo & Crítica, op. cit., p.168.

capa de mitologia, embora indubitavelmente envolvendo uma transfiguração, não importa sempre ou necessariamente numa desfiguração dos fenômenos tais como efetivamente se passaram. Apenas talvez advertiria quanto às exigências de um ajustamento de lentes ou quanto ao instrumental específico requerido para qualquer tentativa de identificação dos acréscimos de realidade que os próprios sucessos históricos, com suas conseqüências diretas, suas repercussões e, não menos, seus antecedentes, cuidariam de conferir posteriormente a determinadas situações ou fenômenos particulares. Mais ou menos como se fosse possível assumir que muitas vezes se revela conveniente assimilar as idéias que os outros fazem de nós, para que possamos ser efetivamente compreendidos.

Uma vez reconhecida e admitida essa possibilidade, um grande passo já se teria dado para que se torne relativamente viável atinar com o que ela dissimula. Daí que o aprender a desbastar e a denunciar os movimentos duvidosos que se acumulam nesses processos dissimuladores – ou seja, o complexo e difícil aprendizado para tornar consciente tudo o que neles ainda queda de inconsciente -, é a forma mais segura de manter-se fiel e comprometido com a própria realidade na qual se procura interpretar e intervir.

O mistério assim guarda sobre o problema a vantagem do desenlace dialético, no qual se processa a fusão do sensível com o racional, a solicitar desenvolvimentos duradouros em suas superações transitórias. Isto porque no decifrar de mistérios, em seu delimitar de fronteiras legítimas à interpretação crítica, entra decisiva parcela de intervenção criadora que restaura e dilata - no tempo e no espaço - um pouco do próprio processo de elaboração de sua

estrutura íntima, seus esquemas de referência objetivas, que põem em ordem e dão vida aos seus significados latentes.¹⁰

Aliás, conforme nos ensina o próprio Sergio Buarque, a “grande função da crítica, sua legitimação até certo ponto, está na parcela decisiva com que pode colaborar para esse esforço de recriação. (...) E nesse sentido não haverá exagero dizer-se que a crítica pode ser verdadeiramente criadora.”¹¹

* * *

¹⁰ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Hermetismo & crítica”, op. cit., p.169.

¹¹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. “Poesia e Crítica”, in: *O espírito e a letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, volume I, p. 273. (Originalmente publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1940).

Visão, progresso, província

“Comparações são fáceis e inúteis, produzem apenas apreciações de clichê. Não chegam a penetrar no coração da criação pessoal; e justamente isto é a minha mui modesta ambição. Para tentá-lo, vou escolher um processo estranho, estranho como o meu assunto. Vou construir uma teoria para apanhar a minha vítima, vou construí-la de pedaços de outras criações, alheias, com as quais Graciliano Ramos não tem nada que ver, vou colher esses pedaços, entregando-me ao jogo livre das associações. ‘Gastei meses construindo esta Marina que vive dentro de mim, que é diferente da outra, mas que se confunde com ela.’ Vou construir o meu Graciliano Ramos.”

(Otto Maria Carpeaux, Visão de Graciliano Ramos)

Já dissemos que quando apareceu a primeira edição de seu livro de estréia, *Raízes do Brasil*, em 1936, não foram poucos os que aludiam à fluência e à familiaridade com que o ensaísta debatia pontos de vista gerais, transitando com naturalidade no tratamento de idéias alheias, para depois sugerir e desenvolver argumentos próprios, como conseqüência de sua prolongada militância crítica no periodismo literário do decênio anterior.

De acordo com um articulista de *O Jornal*, por exemplo, em comentário publicado a 30 de novembro de 1936, a experiência intelectual e jornalística de mais de doze anos muito contribuíra para o desenvolvimento da pura inteligência dos fenômenos da nossa formação social, em obra na qual “aos raciocínios cabe a melhor parte”. Não obstante, acrescentava, suspeitar que daí decorria

a facilidade que também manifesta para descair em apreciações francamente errôneas, que, se não invalidam a obra, pelo menos em muito diminuem seus méritos.¹²

As reminiscências daquele período de formação se fazem sentir na forma com que o autor consegue manejar atilado senso das proporções em seus escritos. Um antigo companheiro das fileiras modernistas, anos depois, diria mesmo que a excursão de Sergio Buarque na experimentação e na crítica literária seria fundamental para que ele “houvesse (...) atingido a leveza de explanação, a limpeza de linguagem, a capacidade de seleção que são o apanágio dos que souberam especializar-se sem se algemarem como escravos à especialização”.¹³

Durante os anos de polêmica nas fileiras modernistas, Sergio Buarque cuidaria de lapidar sua “imaginação livre, despida de preconceitos”, forrando-a com “uma intensa e forte cultura sociológica, humanística e filosófica”. Estas últimas palavras remetem às considerações de Múcio Leão, que, em novembro daquele mesmo ano de 1936, comentava o aparecimento do seminal ensaio sergiano, externando sua perplexidade ante a resistência do autor à publicação de livros, ele que, segundo o juízo deste crítico, então secretário da Academia Brasileira de Letras, “é, no Brasil atual, o homem que mais ama os livros, que mais religiosamente os lê, que mais vive no seu contato íntimo”.¹⁴

¹² Cf. Vianna, Hélio. “Notas sobre *Raízes do Brasil*”. In *O Jornal*, Rio de Janeiro, 30/11/1936.

¹³ Milliet, Sérgio. “À margem da obra de Sérgio Buarque”. In: *Quatro ensaios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966, p. 49-55.

¹⁴ Leão, Mucio. “Registro literário”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07/11/1936.

Hoje são quase antológicas as páginas em que Manuel Bandeira narra suas impressões do garoto que almejava inspirar seriedade por trás do monóculo no olho direito, com o nariz freqüentemente metido num livro ou numa revista pelos cafés, livrarias e até mesmo nos bondes do Rio de Janeiro, imprimindo ao poeta o receio de que tanta eterna leitura fizesse o jovem Sergio soçobrar num cerebralismo intratável. Felizmente, em tempo sublinhava o poeta e amigo Bandeira, Sergio despiu-se desse risco “caindo na farra”.¹⁵ Talvez por isso mesmo, tanto quanto um Machado de Assis e um João Ribeiro, Sergio Buarque dava ao vate pernambucano a impressão de um milagre: “como terá sido possível que chegassem a tamanha força e tamanha disciplina mental dentro do nosso atraso e da nossa desordem?”, perguntava-se intrigado.

Manuel Bandeira encontrava pelo menos um traço em comum para equiparar estas três figuras tão díspares, brasileiras e típicas de suas províncias: na falta de uma expressão precisa para designar tal espécime de qualidade, simplesmente apelava para o que desconfiava ser o “antônimo de cafajestismo”:

O meio carioca é cafajeste, e creio que tem sido assim pelo menos desde os tempos de Pedro I. Pois Machado, nascido e criado aqui, João Ribeiro e Sergio vivendo aqui desde os vinte ou vinte poucos anos, não apresentam a menor tísna de cafajestismo. Sergio é o anticafajeste por excelência. Bem, Sergio é paulista, e todo paulista tem os seus defeitos, mas é raro que seja cafajeste.

A classe de Sergio! Foi a primeira qualidade que me chamou atenção para ele há

¹⁵Ver Bandeira, Manuel. “Sérgio, anticafajeste”. In *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p. 90. Depoimento bastante semelhante, no que se refere às intermináveis leituras do jovem modernista, e com o mesmo

uns trinta anos. Nunca me esqueci de sua figura certo dia em pleno Largo da Carioca, com um livro de baixo do braço, e no olho direito um monóculo que o obrigava a um ar de seriedade. Naquele tempo não fazia senão ler. Estava sempre com o nariz metido num livro ou numa revista – nos bondes, nos cafés, nas livrarias. Tanta e eterna leitura me faziam recear que Sergio soçobrasse num cerebralismo cuja única utilidade seria ensinar a escritores europeus de passagem pelo Rio a existência, desconhecida por eles, de livros e revistas de seus respectivos países. Sergio talvez não tivesse lido ainda a *Iliada* ou a *Divina Comédia*, mas lia todas as novidades das leituras francesa, inglesa, alemã, italiana e espanhola. Sergio não soçobrou: curou-se do cerebralismo caindo na farra.¹⁶

Mas isso, se não fazia de Sérgio Buarque “um cafajeste”, tampouco o transformava num personagem livresco, destacado da vida. Todavia, de acordo com Afonso Arinos, amigo dileto desde os tempos da Faculdade de Direito no Distrito Federal, alguns dos “traços mais marcantes de Sérgio Buarque de Holanda” sugeririam valiosos elementos que poderiam ser muito bem aproveitados para a caracterização de aspectos virtuosos na experiência da geração modernista “numa obra de interpretação e de definição, - num romance exemplo”:

A evolução intelectual do jovem mestre paulista se processou, e sempre pelos mais altos caminhos culturais, por um caprichoso roteiro que teve as suas origens no tumulto subjetivo, na abstração filosófica e na teorização estética, tudo sob um cunho internacionalista e universalista, para terminar nesta nítida posição de

sentido, nos oferece Sergio Milliet em suas anotações “À margem da obra de Sérgio Buarque”. In: *Quatro ensaios*, Op. cit.

objetividade, de adesão aos valores reais e de construção analítica e nacionalista dominante de nossa literatura de hoje, ainda mesmo nos setores de ficção pura. Sergio Buarque de Holanda, mais e melhor, talvez, do que qualquer outro de nós, representa, através dos caminhos aventureiros de sua formação, este movimento verdadeiramente coordenado, porque espontâneo e natural, de objetivação e recuperação brasileira do pensamento nacional. Mais e melhor do que nós outros porque, nele, as bases culturais do primeiro período a que acima aludimos eram, provavelmente, as mais sólidas, e também porque a originalidade e a força de seus atuais estudos brasileiros, principalmente perceptíveis em livro que breve aparecerá, dificilmente encontram similares. Sergio Buarque de Holanda partiu do monóculo, (complemento ousado de indumentária que o fazia ver as coisas possivelmente com maior requinte europeu mas seguramente pela metade), partiu do cubismo, do super-realismo, da psicologia revolucionária de Freud, da poesia hermética de Guillaume Apollinaire ou de Max Jacob, tudo isso apoiado em sólida informação geral de caráter filosófico, para chegar às atuais preocupações, em que os problemas brasileiros são vistos através de uma larga experiência de cultura internacional, e sempre sob um aspecto construtivo e poderosamente original.¹⁷

¹⁶ Bandeira, Manuel. "Sérgio, anticafajeste", *Op.cit.*, p. 90.

¹⁷ Ao que completava Afonso Arinos: "Por intermédio da história pessoal de Sergio Buarque de Holanda, história dos seus variados contatos com todas as formas de curiosidade intelectual, e do destino que ele deu naturalmente à experiência acumulada, apreendemos o significado essencial representado por toda nossa geração; o que é precisamente este: o de colocar os elementos colhidos nas excursões pelas literaturas e artes do mundo ao serviço da formação de uma cultura nacional. Neste sentido os nossos grandes nomes são o contrário de seus predecessores, que partiam do meio brasileiro para se incorporarem ao ambiente intelectual europeu..." Cf. Mello Franco, Afonso Arinos. "Introdução e Itinerário", in *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15.03.42. Artigo depois recolhido e publicado no volume de crítica literária *Mar de sargaços*, São Paulo: Livraria Martins, 1944.

Tomando consciência dos riscos envolvidos nos convites e nas solicitações da vida literária de então, o futuro autor de *Raízes do Brasil*, cedo talvez, abandonara uma promissora carreira literária – ou ao menos assim imaginava Mário de Andrade, outro de seus amigos poetas¹⁸ –, desinteressando-se temporariamente do seu antigo “vício” da leituras literárias. Desinteresse temporário, ressalte-se bem, visto que o escritor Jorge Andrade certa vez – quase cinco décadas depois, é verdade - arrancara a confissão de Sergio Buarque de que os livros lhe “deram o sentido da história”, e eram para ele “a vida em comprimidos”.¹⁹

Em meio a essas posologias, aprendera Sergio Buarque que viver não é senão conviver com a realidade que nos cerca. Para o grande mestre, então, os sentidos da história não se lhe ministravam apenas nas homeopantias das bibliotecas. De certo também eram sorvidos na convivência boêmia das longas “noites cariocas” e demais localidades por onde passara, desde os recantos mais

¹⁸ No final do ano de 1925, em carta dirigida a Mário de Andrade, comentando e fazendo uma série de apreciações a respeito da influência que o surrealismo ou “super-realismo” lhe havia exercido, Sergio Buarque terminava por confessar ao amigo e incentivador: “Acho quanto v. me escrever será muito bom para mim. Imagino que v. deva ter passado um pouco por experiência semelhante à que me trouxe ao meu atual estado de espírito. De qualquer modo a sua influência me fará bem: tenho fé nisso. O interesse que v. demonstra em mim me sensibilizou muito, mas a sua confiança nas minhas capacidades é absurda e me envergonha. Não sei se poderei fazer muito mais do que tenho feito. Em todo caso não desespero”. Cf. In: *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. (org. Antonio Candido). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 111. Também Manuel Bandeira, na mesma crônica de que nos temos ocupado, quase que cochichando, apesar do tom de sua frase, revelava: “Saibam todos que Sergio versejou antes dos vinte anos, e sabia fazer versos no duro”. Bandeira, Manuel. *Op. cit.*, p. 91.

¹⁹ Cf. Andrade, Jorge de. *Labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 190. Neste livro Jorge de Andrade mescla imaginação e memória, refundindo figuradamente elementos tirados de uma série de reportagens que o autor preparara para revista *Realidade* no início dos anos 70. A entrevista com Sergio Buarque consta no exemplar de junho de 1972 da referida publicação. Cf. Andrade, Jorge. “Um Buarque antes do Chico. O perfil de um dos maiores historiadores brasileiros: Sérgio Buarque de Holanda, 42 a.C.” (entrevista), *Realidade*, São Paulo, ano VII, nº 75, junho de 1972, p. 70-80.

provincianos até os requintes da velha República de Weimar. Pois como lembrava o amigo Otávio Tarquínio de Souza na ocasião dos festejos do cinquentenário do chefe do clã dos Buarque de Holanda, após sublinhar sua inesgotável disposição para as mais variadas leituras:

Mas esse leitor incansável, esse ardiloso caçador de livros é o menos livresco dos homens. A literatura não o deformou de maneira alguma, salvo talvez para o que o vulgo chama de vida prática. Isso será porém antes uma escolha deliberada, uma prova de vigilante espírito crítico. Espírito crítico que não esteriliza nada do que há de espontâneo e generoso na sua natureza. O amigo dos livros é o amigo da vida, jovial, franco, disponível. Quem tanto tempo dedica a estudos e leitura tem sempre tempo para grandes, intermináveis conversas. Quem está sempre a par da mais recente doutrina filosófica ou da mais moderna corrente literária, encontra lazer para deleitar-se com a última piada. Os que o conhecem mais de perto não terão jamais surpresa com atitudes suas. Fiel a si mesmo, suas reações são invariavelmente as da consciência mais delicada, do pundonor mais alerta. E como supremo encanto, nesse homem que hoje completa meio século de vida, subsistem, intocadas, largas zonas de infância. Assim se lhe explicará a capacidade de interessar-se ao mesmo tempo por muitas coisas e de não gastar jamais o interesse que algumas delas particularmente lhe despertam. O riso que lhe provoca.²⁰

Contudo, voltando novamente no tempo, fixando nossa atenção aí pelos idos de 1926 ou 1927, quando ainda nos rememora Manuel Bandeira, Sérgio

resolveu dispersar parte substancial de sua biblioteca particular, distribuindo-a entre os amigos,

como se já a trouxesse de cor (e trazia mesmo de memória a dele) e acabou emigrando para Cachoeiro do Itapemirim. As suas andanças por lá só podem ser contadas pelo príncipe dos cronistas brasileiros, o velho Braga, que naquele tempo era ainda menino e suspeito que fez parte das badernas que acompanhavam em assuadas os passos mal seguros do dr. Progresso.

Por um triz que Sergio se perde, e foi quando pretendeu ser professor no Ginásio de Vitória. O Estado do Espírito Santo até hoje não sabe o que botou para fora quando o seu governador de então voltou atrás de ato que nomeava professor de História Universal e História do Brasil o futuro autor de *Raízes do Brasil*. Benditos porres de Cachoeiro do Itapemirim! Eles nos valeram a devolução em perfeito estado, de Sergio, enfim descerebralizado, pronto para a aventura na Alemanha, de volta da qual já era a figura sem par a que me referi no começo destas linhas.²¹

O poeta Manuel Bandeira alude aqui a temporada e as tertúlias por que Sergio passou no Espírito Santo, quando aceitou o convite que lhe fizera Vieira da Cunha para dirigir um jornal, *O Progresso*, em Cachoeiro do Itapemirim.²² De fato a sugestiva deixa do bardo dos *ritmos dissolutos* não ficou sem render frutos,

²⁰Cf. Souza, Otávio Tarquínio de. "Cinqüentenário do mestre", in: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 11/06/1952. Artigo reimpresso no número especial da *Revista do Brasil* dedicado a Sergio Buarque de Holanda, organizado por Francisco de Assis Barbosa. Cf. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p.88-89.

²¹ Bandeira, Manuel. "Sérgio, anticafajeste", *Op. cit.*, p. 90.

²² Cf. Barbosa, Francisco Assis. "Introdução". In: (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988, p.27; ver também do mesmo Francisco Assis Barbosa, o ensaio: "Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda:

embora – é verdade - não tenha ele vivido o suficiente para vê-la impressa. O “velho Braga” não deixaria sem registro a passagem de Sergio Buarque por terras capixabas, e é dele um dos *flashes* que resgatam para nossa memória as origens da arremetida buarquiiana para a terra que Graça Aranha avizinhava às da promessa:

Foi o caso que, em 1925, o jornalista e caricaturista Vieira da Cunha fundou em Cachoeiro um jornal diário chamado *Progresso*. Vejo, em uma publicação antiga, o clichê muito reduzido da primeira página do número 11, de 1º de maio de 1925. Ai um correspondente do Rio manda opiniões de vários escritores sobre o jornal. São elogios de Graça Aranha, Prudente de Moraes Neto, Américo Facó, José Geraldo Viera, Elói Pontes, Olegário Mariano e, entre outros, Sérgio Buarque de Holanda. Pouco depois, Vieira da Cunha convenceu Sérgio a ir para Cachoeiro dirigir o jornal. Ele partiu. Manuel Bandeira saudou essa ‘aventura’ dizendo que ele era o Coronel Fawcet de Cachoeiro de Itapemirim, lembrando um explorador inglês que se perdeu na Amazônia...²³

Talvez a associação não fosse tão despropositada, pois, como em *feitio de oração* rezavam Noel Rosa e Vadico, “quem acha vive se perdendo”....²⁴ Porém a

Ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*.” In: *Sergio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, Arquivo do Estado; USP, IEB, 1988, 27-54.

²³Cf. Braga, Rubem. O Dr. Progresso acendeu o cigarro na Lua. In: *O recado da Primavera*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1985, p.158. O *Progresso*, a crer nas palavras de Rodrigo M. F. Andrade, tratava-se de “órgão comercial e político, a par do semanário *O Jaú* (‘porque estaria a Senhorita X. tão melancólica, Domingo último, quando saiu do cinema?’)” Cf. Andrade, Rodrigo M. F. de. “Singularidade e multiplicidade de Sergio”. In *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p.87.

²⁴ Uma recentemente controvertida biografia de Assis Chateaubriand revela que a ampla repercussão alcançada nos anos vinte pelo episódio da “aventura” do Coronel Fawcet através da hileia brasileira fazia parte de uma estratégia

verdade é que não deve ter sido muito difícil convencer Sergio Buarque a empreender essa “aventura” pela antiga capitania de Vasco Coutinho. Não porque lá houvessem veios de ouro ou promessas de uma Atlântida perdida que selaram o trágico destino do aventureiro inglês. Havia, contudo, os saborosos e hábeis acenos poéticos de Ribeiro Couto a sensibilizá-lo, com seus cantos como a “prolongar em sentimento as imagens mais cruas” e talvez “mais injustas” que se movem através do universo supostamente “mediocre e estreito”²⁵ de *Um homem na multidão*:

Cachoeiro! Passei por ti uma tarde

..... E nos meus olhos ficou o teu rio cortado de pontes,

As tuas casas velhas amontoadas pelas colinas

E o arrabaldes a perderem-se pelo verde dos campos.

Nos meus olhos ficou também a tua estação

mercadológica tramada por Chatô ao introduzir nas páginas de *O Jornal* “uma novidade que fazia muito sucesso na imprensa dos Estados Unidos – as reportagens. A primeira delas causou furor entre os leitores e tratava de um personagem cuja sombra acompanharia Chateaubriand por muitas décadas: o coronel e etnólogo inglês Percy Fawcett, que surgira no Brasil acompanhado de um filho e de um ajudante para ‘libertar a população’ de uma suposta Atlântida encravada na Amazônia brasileira, uma sociedade de 10 mil anos de existência, povoada por brancos e implantada sobre o maior veio de ouro do planeta. Quando *O Jornal* se interessou pelo assunto, Fawcett já se embrenhara pela selva adentro – de onde, aliás, jamais retornaria. Mas o talentoso Azevedo Amaral mandou ouvir as dezenas de pessoas que haviam estado com Fawcett antes da partida, o que foi suficiente para que o próprio redator-chefe do jornal escrevesse uma emocionante série de reportagens intitulada ‘Haverá uma Atlântida brasileira?’. O material foi publicado contra os conselhos de Cândido Rondon”, que conhecera Fawcett e negava crédito à aventura e ao aventureiro inglês. Cf. Morais, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 143. O impacto negativo das reportagens sobre a literatura e as possíveis novas relações destas com o público leitor foram alvos de comentário do jovem Sergio Buarque no artigo “A decadência do romance”, originalmente publicado no número de 15 de março de 1921 da revista paulista *A Cigarra*, agora reimpresso em Holanda, Sergio Buarque de. *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p. 105-7.

²⁵ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “*Um homem na multidão – Ribeiro Couto*”, in: *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p. 223. [Originalmente publicado na *Revista do Brasil (2ª fase)*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1926].

Onde moças risonhas conversam com viajantes no
meio de bagagens,
Aproveitando sonhadoramente a parada breve do trem.
Ó doce, ó ingênuo Cachoeiro do Itapemirim
Que perturba, com o rumor dos teus bailes casadoiros,
A paz dos campos e o murmúrio das águas...

(Ribeiro Couto, "Cachoeiro do Itapemirim")

Entre a "paz dos campos e o murmúrios das águas", não obstante eventualmente perturbada pelos "bailes casadoiros", o moço modernista encontraria uma oportunidade ímpar de afastamento temporário das rodas literárias cariocas. O convite de Vieira da Cunha cairia, portanto, como uma luva para o desgostoso Sergio Buarque, então recém-saído de um fogo cruzado de desavenças literárias em decorrência de haver endossado e publicado algumas opiniões sinceras acerca da cena modernista e seus desdobramentos contemporâneos.²⁶

Na realidade, conforme Manuel Bandeira teve outra vez ocasião de salientar, antes insinuando que afirmando, esse retiro capixaba de Sergio Buarque acobertava fins "nobilíssimos", que

²⁶ Falamos aqui das repercussões a respeito do artigo em que Sergio Buarque pretendeu estabelecer um balanço do movimento modernista após o rompimento de Graça Aranha com a Academia Brasileira de Letras. O artigo foi recebido com bastante animosidade e em parte tornou-se responsável por incontornáveis cisões no interior das fileiras modernistas, as quais – aliás – já vinham de antes e continuariam a se aprofundar tempos depois. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. "O lado oposto e os outros lados". in *Revista do Brasil* (2ª fase), Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1926, p. 9-10. Também reimpresso em Barbosa, Francisco Assis. *Raízes de Sergio...*, *Op. cit.*, p. 85-88 e Holanda, Sergio Buarque de. *O espírito e a letra*. (organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, volume I, p. 224-8.

prendiam-se a motivos filosóficos, posso dizê-lo sem medo de errar, embora desconheça ainda hoje, como desconhecia então, os princípios que constituíam naquela época a “mensagem” (é a palavra elegante de agora) de Sérgio.²⁷

Há, possivelmente, dispersos elementos que reforçam e conferem vida à opinião de Bandeira. Todos eles, aliás, decorrentes de experiências literárias. Além, obviamente, do refúgio do aludido turbilhão modernista e de sua rede de intrigas momentâneas, a passagem pelo Espírito Santo poderia propiciar as condições favoráveis para um profundo mergulho num dos mais vivos recantos transfigurados na obra de Graça Aranha, figura, talvez involuntariamente, transformada num dos principais vórtices nos pontos de discórdias e polêmicas que sangravam a cena modernista. Cachoeiro do Itapemirim, ponta de lança para uma eventual tomada de Vitória, era quase como um laboratório de observação que permitiria uma espécie de tratamento psicanalítico para o jovem Sergio, então, juntamente com Prudente de Moraes, neto, saudado como um dos “meninos do Graça”, reconhecidamente admirador do “homem bem mais do que o escritor”.²⁸

Contudo, a relação de Sergio Buarque com Graça Aranha envolve possivelmente aspectos bem mais complexos do que meras palavras podem antever e captar. E, aqui, entramos no delicado campo das admirações juvenis que, às vezes, indiretamente, carregam consigo laivos de influência. Assunto tanto

²⁷ Bandeira, Manuel. “Retirada da Rússia”, *O jornal*, Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1931. Artigo reimpresso em: Barbosa, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sergio...*, *Op.cit.*, p. 291-3, citação a página 291.

²⁸ Ver a este respeito o livro de Leonel, Maria Célia de Moraes. *Estética (revista trimestral) e modernismo*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL/Fundação Pró-Memória, 1984, p. 140-43 e 179. Cf. Também o depoimento de Sergio Buarque para o *Suplemento Literário do Estadão*: “Graça Aranha tomou-se de simpatia por Prudente e Sergio. Tanto os elogiava que

mais delicado posto que sugestões dessa ordem pessoal não se limitam ao campo intelectual, mas também poderíamos dizer que se espraiam e chegam a rebater – por que não dizer? – no plano existencial. Pois, nessa época, meados do anos vinte, a despeito das evidências mais superficiais, era justamente o homem, muito mais do que o escritor ou pensador, que decepcionava alguns de seus amigos e admiradores, ao menos Prudente e Sergio.²⁹ Foi quando o autor de *Canaã*

eles acabaram chamados ‘os meninos do Graça’.” Cf. A juventude de Prudente nas recordações de Sérgio Buarque de Hollanda. In: *O Estado de São Paulo*, 19/05/1977, (Suplemento Literário, nº 877).

²⁹ As razões de tal decepção pessoal só podem ser esclarecidas consultando-se, num ligeiro exercício de *petit histoire*, os desabafos e confissões – para falar com Mário de Andrade – das “cartas de pijama, onde a vida se vive”, e as desavenças individuais se explicitam. Todavia, sem precisar descer ao nível dos mexericos, é de todos sabido que por volta de 1924 teve início uma muitas vezes aberta disputa em torno das primazias literárias do modernismo, bem como também um intuito freqüentemente velado por chefias e de caciquismos estéticos em diferentes rodas e arraiais modernistas. O fato é que, a partir dessa data, as emulações entre grupos rivais principiava a cercear a livre manifestação dos indivíduos mais independentes ou desligados dos caprichos de igrejinhas literárias. Foi quando, no Rio, um grupo capitaneado por Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, entre outros, resolveram - por vaidade, questão ideológica ou ambas razões – “pôr o Oswald de lado”, e esfriar as relações com os principais representantes paulistas da primeira hora modernista. Nessa empreitada Graça e seus áulicos acabariam por pressionar, direta ou indiretamente, os rapazes diretores de *Estética* para que evitassem contatos com “alguns elementos primaciais do modernismo”. Uma crítica assinada por Prudente e Sergio a respeito do livro *Estudos Brasileiros*, de Ronald Carvalho, foi o suficiente para que o segundo periódico modernista se encaminhasse para o seu empastelamento. Tratava-se de uma apreciação franca e honesta, o que bastou para ferir suscetibilidades e brios da ala “aranhista” do movimento. Manuel Bandeira conta em uma de suas cartas a Mário de Andrade que “o artigo de Prudente ofendeu muitíssimo o Ronald. E o Sérgio é que tem aguentado o tranco”. [14/04/1925] Sem chegar a cogitar um firme repúdio a respeito dessa nota, Graça Aranha apenas manifestou, arvorando-se a condição de orientador de *Estética*, que se os rapazes quisessem publicar a nota sobre Ronald deveriam ter usado outra publicação que não a revista que dirigiam. Todavia, em 18 de dezembro de 1925, confidenciava Manuel Bandeira a Mário de Andrade que Graça Aranha havia feito coisas ainda muito piores: “Ele é um intrigante (...) tentou separar o Sérgio e o Prudente. O Ronald já fizera o mesmo por ocasião do caso da *Estética*. Mas o Ronald é sutil, ao passo que o Graça é um desastrado: nunca vi diplomata mais burro. Claro que o Sérgio niu-se dele”. Por essas e outras Manuel Bandeira, meses antes, extermava a Mário de Andrade a seguinte opinião: “Pra mim a *Estética* devia acabar. Aquilo nasceu mal, sob uma imposição que os rapazes não deviam ter aceitado”. Referia-se o poeta ao fato de Sergio e Prudente haverem acatado o “artigo programa” de “Mocidade e estética”, de Graça Aranha, o que fez com que o autor de *Canaã* se presumisse orientador teórico da publicação. Cf. *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. (Organização, introdução e notas de Marcos Antonio Moraes). São Paulo: IEB/USP, 2000, p. 198, 196, 267 e 208.

princípios a denunciar e a condenar, “quase como reprovável moralmente, tudo o que lhe parecesse extravios de uma doutrina que, a rigor, só ele aceitava”.³⁰

Nessa quadra, recordava Sergio Buarque, Graça Aranha pôs-se a combater o namoro de certas correntes modernistas com a “arte negra”, freudismos, surrealismos, primitivismos e “toda essa história de subterrâneos da consciência”, reputadas por ele como “velharias” representativas de “uma tentativa de volta ao romantismo”, que não prestavam para o rejuvenescimento das artes e das modernas letras brasileiras:

Aliás a solução para tais problemas já foi dada, e só não a conhece quem não a quis conhecer, disse [Graça Aranha]. Percebi que ele estava pensando em seu próprio jargão filosófico, isto é, nas complacências com o “terror cósmico”, denunciadas como um cruel estorvo no caminho que leva até à “perpétua alegria”.

O tom professoral, apesar disso, ele tratava de contorná-lo e evitá-lo ao menos nos primeiros tempos. (...) Também não deixávamos de opor reservas a sua preferência manifesta pelos espetáculos mais visíveis e radiosos do mundo exterior, por mais

³⁰ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 278. Para que não haja dúvidas quanto ao fato de que, neste caso em particular, o tempo talvez tenha solicitado alguma acomodação na posição de Sergio Buarque, vale a pena citar um relato de Manuel Bandeira a Mário de Andrade a respeito das dissensões modernistas por volta de 1925: “O *Rio-Jornal* deu a notícia do aparecimento de *Estética*, assinalando a atitude dos rapazes que ‘pareciam querer separar-se de alguns elementos primaciais do modernismo, no sentido de se aproximarem do grupinho futurista de São Paulo (Oswald e Mário de Andrade)’. Sérgio, que desconfiara da cumplicidade de Ronald na perfídia (o Peregrino [editor do *Rio-Jornal*] está noivo da cunhada de Ronald, a cuja casa, por esse motivo, vai diariamente), interpelou o Ronald, que se mostrou alheio. Sérgio escreveu uma carta ao *Rio-Jornal*, negando qualquer dissídio e reivindicando a liberdade de atitudes dentro da corrente modernista”. Cf. *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, Op. cit., p. 198.

que ele nos quisesse convencer de que no Brasil, país tropical, e principalmente no Rio de Janeiro, eram esses os que devíamos principalmente cultivar.³¹

Destarte, quem outrora concedera generosas lições de entusiasmo, independência de espírito e amor à liberdade aos mais jovens³², passava a se revelar amorosamente ciumento ao cobrar obediência e submissão quase exclusivas ao credo estético e às soluções filosóficas de sua “visão espetacular do Universo” e do “objetivismo dinâmico” professados em *A Estética da Vida* e no *Espírito Moderno*.³³ Isso, entretanto, não era suficiente para abalar o relativo prestígio que as idéias de Graça Aranha gozavam junto ao diretores de *Estética*. Aparentemente, essa admiração ainda não havia sofrido graves abalos, embora o comportamento cada vez mais sectário do provector companheiro de jornadas literárias não demoraria a promover barreiras na convivência antes amena e familiar entre os jovens integrantes da campanha modernista.

Tais circunstâncias, diga-se de passagem, fizeram a glória e a perdição da revista *Estética*. Todos seus 3 números editados traziam rico material teórico, o

³¹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, Op.cit., p. 24-25.

³² Em sua conhecida conferência sobre “A emoção estética na arte moderna”, proferida em fevereiro de 1922, nos festejos da Semana de Arte Moderna, afirmava entusiasticamente Graça Aranha: “Cada homem é um pensamento independente, cada artista exprimirá livremente, sem compromissos, a sua interpretação da vida, a emoção estética que lhe vem de seus contatos com a natureza. (...) Cada um é livre para criar e manifestar o seu sonho, a sua fantasia íntima desencadeada de toda a regra, de toda sanção”. Cf. Aranha, Graça. *O Espírito Moderno*. São Paulo: Cia, Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925, 15-16.

³³ Neste particular, consultar o comentário de Andrade, Rodrigo M. F. de. “G. Aranha – *O espírito moderno* – Cia. Graphica Editora Monteiro Lobato – São Paulo, 1925”, in: *Estética*. Rio de Janeiro, v.1, n.3, abr./jun de 1925, p.290-96. Ver também a “Carta a Graça Aranha” de Mário de Andrade, publicada em *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1926, e reproduzida em Koifman, Georgina (org.) *Cartas de Mario de Andrade a Prudente de Moraes, neto: 1924/36*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985, p. 185-190.

que conferia à publicação uma evidente “vocação crítica”.³⁴ Na qualidade de segundo periódico do movimento modernista, comenta o professor Alfredo Bosi, ao longo das páginas de *Estética* é possível discernir o afloramento de atitudes díspares, móveis e instáveis, em relação às artes em geral, bem como certo ressentimento de contradições estéticas profundas. Foram experiências dessa natureza que contribuíram para que as divergências modernistas viessem a campo, além de suscitar a definição de posicionamentos individuais mais claros e a excitação de melindres pessoais. É a partir desse momento que as aludidas contradições acabam por refletir, senão mesmo exigir, algo mais do que simples “opções literárias”.³⁵

Não obstante, como bem observou Maria Célia de Moraes Leonel, em algumas das páginas de *Estética* ainda vão gravadas uma espécie de “protesto de consideração” a Graça Aranha, o que não impede a atitude vacilante de seus diretores ao imprimir uma linha de revisão crítica das tendências do movimento.³⁶ Se Prudente de Moraes, neto reconhece explicitamente que o ideário estético do escritor maranhense não traduz nem representa “toda a arte moderna, mas apenas uma de suas tendências”, Sergio Buarque não deixa de salientar que o

³⁴ Cf. Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 35ª edição. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 342-43.

³⁵ Desde então vários dentre os modernistas recolhem-se e se põem a elaborar “programas existenciais amplos” – verdadeiras “filosofias de vida”, sugere o autor da *História Concisa da Literatura Brasileira* –, que dão “conta da gratuidade das ‘visões de mundo’ e das ‘visões do Brasil’ que nasceram da experiência modernista”, mal disfarçando “as raízes estetizantes e irracionais e as bases apenas literárias que as precederam”. Destarte, no entendimento de Alfredo Bosi, as inconsistências ideológicas dos vários agrupamentos modernistas adviriam de seus “foco[s] puramente literário[s]”, assaz precários para “entender por dentro os processos de base que então agitavam o mundo ocidental, e, particularmente, o Brasil”. Cf. Bosi, Alfredo. *História Concisa da Literatura...*, Op. cit., p. 343.

³⁶ Cf. Leonel, Maria Célia de Moraes. *Estética e modernismo*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, p. 50-54. A citação está na página 50.

“espírito moderno” de Graça Aranha “proporciona neste momento uma *afirmação* inesquecível”: “uma negação das negações, que são os obstáculos a uma afirmação maior”.³⁷

Um observador menos perspicaz se contentaria apenas em enxergar que as palavras de Sergio Buarque, quando comparadas às de Prudente, deixam entrever uma apreciação mais condescendente com a doutrina de Graça. Todavia está em questão algo bem mais profundo, que além de selar futuras dissensões modernistas, traria significativos desdobramentos na obra do autor de *Raízes do Brasil*. Afinal, no que consistia aquela “*afirmação* inesquecível” que a contribuição de Graça Aranha proporcionava naquele instante? Tentar encontrar uma resposta para esta pergunta nos ajudará a compreender de que maneira e por que razão Sergio Buarque parecia se confrontar com as idéias do autor de *A Estética da Vida* como quem se confronta com um demônio mais do que com uma doutrina. Uma força demoníaca, em suma, a lhe instigar uma série de desejos e a despertar-lhe insuspeitáveis conflitos pessoais.³⁸

De um lado, a relação de Sergio Buarque com Graça Aranha pode sugerir aspectos complexos e angustiantes porque carregada de toda energia e toda angústia da relação de Sergio com seu pai. Em Graça, mais ou menos da mesma geração de seu pai, Cristovam Buarque de Holanda, Sergio estaria apto a projetar

³⁷ Cf. A resenha de Prudente de Moraes, neto (“Guilherme de Almeida – *A fruta que eu perdi* – Anuário do Brasil – Rio, 1924”) e o artigo de Sergio Buarque (“Um homem essencial”) no primeiro número de *Estética*, Rio de Janeiro, nº 1, ano I, vol. I, setembro de 1924, p. 92-93 e 29-36, respectivamente.

³⁸ As considerações que se seguem inspiram-se nas idéias de Marshall Berman, quando não mesmo deliberadamente as repetem, a respeito da relação entre o jovem Marx e Hegel. É possível, sem muito arbítrio, guardando-se porém as devidas proporções, inferir relativo paralelismo em determinados aspectos nas relações travadas entre aqueles dois

uma imagem inversa da imagem paterna, pintada como uma figura extremamente autoritária e de hábitos austeros. Mais tarde, quase meio século após os acontecimentos aqui estudados, Sergio Buarque traçaria o seguinte perfil paterno em testemunho a Jorge de Andrade:

Meu pai era muito autoritário. O que sou hoje acho que é uma reação contra a lembrança desse autoritarismo. Mas eu compreendo. Ele não podia ser de outra maneira. (..) Cada um é fruto da sua própria procura.³⁹

Procuras outras, distintas maneiras, dariam vazões a outras tantas reações, não menos conflituosas ou forjadoras de identidades. A idealização, portanto, de ambas figuras, a paterna e a do escritor, uma vez satisfeitas as determinantes sublimações que as suscitaram, teria instaurado um tenso jogo de representações, jogo sujeito a desilusões e crises, no processo de formação de identidade do jovem Sergio. Tais confrontos, de uma forma ou de outra, se fazem presentes em determinados momentos da própria vida e da obra do autor em questão. De qualquer forma, talvez abusando um pouco das ilações, não seria difícil imaginar que Sergio Buarque pudesse transformar Graça Aranha “numa figura mítica que tinha menos a ver com as suas obras do que com seus desejos e temores” familiares.⁴⁰

monstros sagrados da filosofia alemã e entre nossos conterrâneos esteta e historiador. Cf. Berman, Marshall. *Aventuras no marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 38 e 39.

³⁹ Depoimento posteriormente aproveitado e transfigurado no romance, espécie de “reportagem-psicológica”, *Labirinto*. Cf. Andrade, Jorge de. *Labirinto*, Op. cit., p. 186 e 177.

⁴⁰ A frase entre aspas pertence ao citado perfil marxiano de Marshall Berman. Ainda aqui é possível sublinhar certo aspecto do paralelismo anteriormente apontado: “Os Marx, como muitas outras famílias intelectuais tanto daquela época como de hoje, parecem ter tido o hábito de mitificar suas emoções, enfrentando seus conflitos emocionais mais

Por outro lado, não eram poucos os aspectos decididamente absorventes e sedutores no estetismo filosófico de Graça Aranha para quem procurava se livrar dos impasses e do pessimismo de que eram tributários os reformadores “modernistas” da “geração de 1870”.⁴¹ Há que se lembrar que foi justamente na leitura de Silvio Romero e José Veríssimo que o jovem Sergio iria buscar apoio em suas primeiras pelejas em torno de uma tão ansiada “originalidade literária” nacional.⁴² Junto com “o notável crítico” José Veríssimo e o “maior historiador de nossa literatura”, Silvio Romero, o imberbe articulista tendia a enxergar nas realizações literárias a expressão mais geral e mais segura do sentimento e da evolução espiritual de um povo. Embora não coadunasse plenamente com o pessimismo etnográfico de Veríssimo e Romero, era com o auxílio dos critérios da

profundos em termos intelectuais e ideológicos: naquela época, como hoje, a linguagem intelectual pode tanto revelar como camuflar o que realmente está se passando”. Cf. Berman, Marshall. *Aventuras no marxismo*, Op. cit., p. 38.

⁴¹ O termo modernista para caracterização da geração de 1870, salvo engano, foi gravado pela primeira vez por José Veríssimo na “Introdução” à sua *História da Literatura Brasileira* (1916). Sob esta crisma Veríssimo pretendia agrupar todos os praticantes de “um conjunto de idéias literárias, ou manifestando-se literalmente, influídas pela corrente geral de idéias filosóficas e científicas a que se chamou pensamento moderno”. Não lhe parecendo possível descortinar “com toda certeza o acento predominante” de seus adeptos, José Veríssimo optou por classificar essas tendências “segundo o seu principal estímulo mental – a sua superstição das idéias modernas – e chamar-lhes de modernismo”. Cf. Veríssimo, José. *História da literatura Brasileira*. 4ª edição. Brasília: Editora da UNB, 1963, p. 10. O exame minucioso das idéias de Silvio Romero e José Veríssimo pode ser encontrado nas clássicas obras de Candido, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero*. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 1988 e Barbosa, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Editora Ática, 1974. Quanto ao estudo das possíveis vinculações entre o modernismo de 1870 e o de 1922, consultar Moraes, Eduardo Jardim. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978; Ventura, Roberto. *Estilo Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 e Paes, José Paulo. *Canaã e o ideário modernista*. São Paulo: Edusp, 1992.

⁴² Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Originalidade Literária”, in: *Correio Paulistano*, São Paulo, 22 de abril de 1920. Trata-se do primeiro artigo publicado por Sergio Buarque, encaminhado à redação do tradicional jornal paulistano pelas mãos de seu antigo professor no colégio São Bento e amigo de seu pai, Afonso Taunay. Foi reproduzido também nas duas antologias de artigos literários de Sergio Buarque organizadas, respectivamente por Francisco Assis Barbosa e Antonio Amonio Prado: *Raízes de Sergio Buarque de Holanda*, Op. cit., p. 37-42 e *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p.35-41

crítica naturalista por eles mal ou bem praticados que o estreante Sergio Buarque intentava investigar

todos os fatores que têm contribuído e ainda podem contribuir para a completa emancipação espiritual do Novo Mundo.⁴³

Destarte, neste artigo com que pela primeira vez emprestava seu nome às letras de forma do *Correio Paulistano*, a literatura ainda era apreendida como um produto social, não só resultante da inteligência e sensibilidade de personalidades individuais, mas também e fundamentalmente da conjunção dos fatores históricos, geográficos e étnicos que determinariam, em última instância, a direção e a originalidade das obras literárias. Daí o rápido alinhavar de alguns autores representativos, símbolos potenciais de nossa virtual originalidade espiritual, na medida que conseguiram atingir maior ou menor concordância em suas obras com o conjunto de processos a que eram estas devidas.⁴⁴

Mas semelhante forma de conceber os fenômenos artístico e literário, associando-os de modo bastante rígido a uma visão voluntariamente sociológica,

⁴³ Idem, *ibidem*. (*Raízes de Sergio...*, p. 37 e *O espírito e a letra*, p. 36).

⁴⁴ As tendências americanizantes da literatura brasileira, segundo os argumentos do debutante articulista, nasceram com o interesse, talvez tardio, pelo selvagem, pelo homem americano, em oposição ao elogio burlesco e exagerado das riquezas naturais presentes nos primeiros cronistas coloniais da América Portuguesa. Ao contrário do que se observou na América Hispânica, faltou ao colonizador lusitano, quem sabe em virtude dum maior pragmatismo e de seu pedestre realismo, uma impressão mais sutil da natureza do Novo Mundo, pela qual se balbuciou "o mais remoto fator da originalidade literária" na porção do continente dominada pela língua de Cervantes. O tímido elogio do jovem Sergio à vertente indianista das letras nacionais emana particularmente de sua "contemplanção da natureza e da vida americana", evocada como um exemplo feliz de inspiração em assuntos nacionais a ser seguido, não como programa, o que reputava insensato e estulto, mas como orientação fecunda para a nacionalização da literatura em nossas plagas em termos originais: "O Brasil há de ter uma literatura nacional, há de atingir, mais cedo ou mais tarde, a originalidade literária. A inspiração em assuntos nacionais, o respeito das nossas tradições e a submissão às vozes profundas da raça

na qual toda criação artística se torna presa indissociável do determinismo do meio, da sociedade e das raças que a geram e alimentam, não tardaria a se revelar incongruentes (para dizer o mínimo) com os propósitos de renovação cultural que se abriam no horizonte para a imaginação do rapazola recém transformado em comentador de livros e idéias gerais. E seria justamente para o decadentismo da literatura *fin de siècle* que Sergio Buarque voltaria sua atenção a fim de auscultar o “prelúdio à literatura revolucionária do século XX”, ou simplesmente “o gênio do século”.⁴⁵

De início, e paradoxalmente, é bem provável que os primeiros contatos com esta bibliografia foram mediados pela leitura dos três volumes de *Homens e coisas estrangeiras*, de José Veríssimo, nos quais o crítico paraense se empenhava em vulgarizar rasgos da moderna literatura hispano-americana e a examinar as principais tendências do estetismo finissecular europeu.⁴⁶ É interessante notar que, a princípio, o repertório temático dos primitivos escritos “americanistas” de

acelerarão esse resultado final”, concluiu assim Sergio Buarque o libelo que franqueou seu ingresso no debate de idéias literárias. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Originalidade Literária”, Op. cit., (*Raizes...*, p. 42; *O espírito...*, p.41)

⁴⁵ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “O gênio do século”, in: *A Cigarra*, São Paulo, 01/09/1921, reimpresso em *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p.108-112.

⁴⁶ Para que não se cometa nenhuma injustiça, cumpre lembrar que estes escritos de José Veríssimo pertencem a uma fase em que o crítico já havia efetuado profundas modificações em sua maneira de enfocar determinados problemas literários. Não mais lhe satisfazia o critério “nacionalístico” – são palavras de Veríssimo -, uma vez que este tipo de análise, além de estreitar “demais o campo da atividade literária dos nossos escritores”, não era capaz de reconhecer “no talento com que uma obra é concebida e executada, um critério do seu valor, independentemente de uma inspiração mais apegada à vida nacional”. Contudo, segundo o professor João Alexandre Barbosa, no período em que os três volumes de *Homens e coisas estrangeiras* foram compostos, ainda refletiria a “dualidade básica” sustentada em toda a sua obra: por “um lado, é o escritor voltado para a criação literária enquanto objeto resultante de uma cristalização de experiências fincada no passado (daí o seu tradicionalismo, a incompreensão para com o novos, o seu romantismo garrettiano *après la lettre*); por outro, todavia, é o inquisidor atento da vida política, social e econômica do país”. Cf. Barbosa, João Alexandre (org.) *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Edusp, 1977, p. XXVIII-XXIX e XXXVI.

Sergio Buarque, quando não se refere explicitamente à pena de Veríssimo, aborda autores e questões tratados ou citados nas páginas dos volumes acima mencionados. É o caso do “ariélismo” de Rodó, do idealismo ao mesmo tempo nacionalista e universal do “modernismo” hispano-americano de Rubem Dario, Santos Chocano, Ventura Garcia Calderón, Manuel Ugarte, além de outros temas como a utopia estética de John Ruskin, a retórica e a particular noção nietzchiana de cultura, o esnobismo de Oscar Wilde, perfis de Tolstoi e Dostoievski, etc., através do quais Veríssimo divulga as idéias, “os estremecimentos e inquietações da sensibilidade *fin de século*, refinada e complexíssima, que experimentam as almas atormentadas de nossa época, (...) pronta[s] a escutar os mais débeis latidos do coração moderno, tão gasto e enfermo”.⁴⁷

Em pouco tempo o jovem Sergio Buarque se assenhalaria de um círculo de literaturas e leituras mais amplas e diversificadas, citando em vários idiomas, para alcançar os traços característicos de uma nova era literária, tudo isso em função

⁴⁷ Palavras de Carlos Reyes, citadas por José Veríssimo em *Homens e coisas estrangeiras*. (1ª série). Rio de Janeiro, Paris: H. Gamier, 1902. Ver os artigos de Sergio Buarque escritos entre maio e novembro de 1920 e março de 1921: “Ariel”, “Vargas Vila”, “Santos Chocano”, “A cidade verde”, “A decadência do romance”, todos eles constantes no volume *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p. 42-56, 69-71 e 105-107. É certo que esta suposta afluência das leituras de Veríssimo sobre os primeiros escritos de Sergio Buarque mereceria um estudo mais aprofundado, e que os apontamentos aqui traçados não passam de simples referências e indicações preliminares. Todavia, o leitor poderá encontrar fortes evidências dessa afluência ao confrontar o tratamento – inclusive vernacular – que Sergio e Veríssimo conferem à ideologia estética de Ruskin, crítico e agitador social inglês por ambos clamado como “sumo pontífice da religião da beleza”, bem como as apreciações de Veríssimo a respeito da civilização norte-americana citadas por Sergio Buarque em endosso às suas considerações sobre o “utilitarismo *yankee*”. Ademais, não haverá demasiado arbítrio em imaginar que Sergio Buarque se interessará pelas possibilidades estéticas sugeridas nas referências de Veríssimo a respeito da “reação idealista e sentimental” contra as correntes naturalista e pamsiana verificadas nas literaturas hispano-americanas, as quais, inclusive, se caracterizavam também por uma aspiração espiritualista que solidarizava a América do Sul contra as concepções utilitárias do Norte. Cf. Ventura Garcia Calderón, *Del Romanticismo al Modernismo, prosistas y poetas peruanos*, Paris, 1910, citado por Veríssimo, José. *História da Literatura Brasileira*, Op. cit., p. 10. Ver

dum ideal cedo fixado: a divisa da originalidade. Chama a seu auxílio a exaltação da originalidade e da personalidade presentes, grosso modo, nas vertentes simbolista, decadentista e futurista como preciosos instrumentos para “despertar os artistas do ramerrão habitual” de todos os *parti pris*, de todos os preconceitos tradicionais, de todas as convenções idiotas e regras sem razão de ser. Tamanha incitação e encorajamento a “todas as tentativas, todas as pesquisas”, todas afoitezas e liberdades eram entendidas como conseqüência necessária da reação contra o “excessivo amor às regras dos parnasianos”.⁴⁸ Por outro lado, também sublinhava uma “tendência para o idealismo, para o irreal, para o misterioso, o simbólico”, como resultante de uma reação contra o “naturalismo de Médan”.⁴⁹

Muito entretanto restava a ser desbastado para que o terreno estivesse livre de “todo sorte de imbecilidades” e pudesse vingar o programa da “Arte do futuro”: “*Liberdade estética – Fantasia ilimitada*”.⁵⁰ Todavia, vaticinava o jovem Sergio, grande passo já havia sido dado ao se descobrir

outro caráter na arte, oposto mesmo ao que descobrira Ernest Hello para quem a essência do Belo, ou antes, a sua expressão sensível era a serenidade, o repouso, a conquista efetuada, a batalha ganha, a paz pressentida e proclamada durante a

também: Veríssimo, José. *Homens e coisas estranhas. (1ª série)*, Op. cit., p. 255-66 e 383-409, Holanda, Sergio Buarque de. “Ariel” e “A cidade verde”, Op. cit., p. 44, 69 e 71.

⁴⁸ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “o gênio do século”, op. cit., p. 112 e também o artigo “Il faut des barbares”, in: *A Garoa*, São Paulo, 3 de janeiro de 1922, recentemente exumado e reimpresso por Boaventura, Maria Eugênia (org.) 22 por 22: *Crônicas da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 37-39.

⁴⁹ Holanda, Sergio Buarque de. “Il faut des barbares”, Op. cit., p. 37.

⁵⁰ Holanda, Sergio Buarque de. “O gênio do século”, Op. cit., p. 112.

guerra. Ficará assentado que o campo da arte é vastíssimo, é infinito, que o repouso e que o movimento são indistintamente motivos dignos de serem representados.⁵¹

Esta teria sido a função, segundo Sergio Buarque, da “heróica investida futurista”, a qual, não obstante, “pecou pelo seu exclusivismo admitindo somente a tendência a que chamaríamos dinamista em oposição à estaticista que caracteriza a arte do passado”.⁵² Mesmo assim não havia motivos para desenganos e o articulista se mostrava confiante:

Tudo faz supor que os nossos mais avançados contemporâneos estejam em caminho de pressentir a via que os levará à redenção esperada, consagrando-se os verdadeiros novecentistas. Tudo faz supor que o nosso século romperá com a rotina costumeira e inaugurará uma formidável tendência que fará da arte alguma coisa que não seja o eterno maria-vai-com-as-outras, das anteriores. Surjam novos evangelhos, novas doutrinas, novas teorias, novas idéias, novas opiniões, novos artistas, novos profetas! É o que se deve esperar.⁵³

Nestas esperanças ainda se fazem sentir, mesmo que transfiguradas, os rasgos dos critérios evolucionistas e etnográficos da crítica naturalista ao se tomar os indivíduos – *os nossos mais avançados contemporâneos* – como elos de mediação entre a série literária ou artística e a evolução social. Daí suas dificuldades, seus impasses latentes. Pois, conforme a leitura de Roberto Ventura,

⁵¹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Il faut des barbares”, Op. cit., p. 39.

⁵² Idem, p. 38.

⁵³ Idem, p. 39.

importante estudioso da cultura e das polêmicas literárias no Brasil entre 1870 e 1914,

O *indivíduo* apresenta, na concepção de Romero, um duplo papel que remete ao naturalismo de Taine e ao evolucionismo de Spencer. Para Taine, o indivíduo é um “espírito representativo”, como produto dos fatores naturais e sociais. Por outro lado, deve atuar sobre a sociedade e a história como “centro de força” e “fator de diferenciação e progresso”, de acordo com os conceitos evolutivos de Spencer. Na concepção de Romero, a literatura se relaciona à sociedade por meio do indivíduo: “não basta refletir a sociedade, o principal é agir sobre ela”. *Sua crítica privilegia, portanto, a semelhança entre o indivíduo, a obra e o momento histórico, e não a sua diferença ou originalidade.*⁵⁴

Uma dúvida, no entanto, persiste: como conciliar o intento da representatividade literária com o anseio de diferenciação nacional e progresso da originalidade? Como alcançar esse anseio de totalidade representativa sem desprezar as saliências e as nuances próprias dos fenômenos estéticos? O que está em causa é precisamente a implosão dos “critérios científicos” ante sua fragilidade em captar a essência dos fenômenos artísticos e literários. Exatamente para esta ordem de inquietações a “concepção estética do Universo” de Graça Aranha pretende apresentar respostas ou soluções transitórias.

Na concepção estética do Universo de Graça Aranha também se faz presente a idéia de que as artes, em geral, e a literatura, em particular, servem

⁵⁴ Ventura, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.97. Grifos no original.

como veículo da (re)construção da idéia de nação, como simples meio para fornecer lastro ao espírito nacional e sua evolução cultural.⁵⁵ Em verdade, Graça Aranha apenas relaxaria os critérios doutrinários e estéticos herdados da Escola de Recife – operação, aliás, possibilitada pelas brechas do raciocínio de Tobias Barreto⁵⁶ –, muitos dos quais tenderiam a converter a criação artística e literária num mero pretexto, lugar de passagem para navegações mais arrojadas.

Embora não traia a fidelidade ao monismo filosófico tobiático, Graça efetua um sutil *tour de force* nas teorias de seu mestre de Recife para que as garras dos determinismos tão caros aos positivismos e evolucionismos da Escola “teuto-sergipana” não imobilizassem uma percepção mais arejada das relações do

⁵⁵ Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 19-45.

⁵⁶ No livro *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*, Eduardo Jardim de Moraes sustenta uma posição ligeiramente contrária a este ponto de vista. Ele acredita que a formulação graciana de uma cosmovisão de fundo estético colocaria o autor de *A Estética da Vida* em certa tensão com a ortodoxia da Escola do Recife. Não há que desmentir a existência de tensões, mas é possível vislumbrar linhas de continuidade no procedimento de ruptura empregado no ideário estético filosófico de Graça Aranha. Em seu estudo acerca de *Canaã e o ideário modernista*, comentando as proximidades entre os pressupostos filosóficos da Escola de Recife e o repertório estético e ideológico de Graça Aranha, José Paulo Paes teve ocasião de observar algumas nuances da concepção monista do universo de Tobias Barreto, “inimigo do dualismo filosófico ou religioso”, mas não do “sentimento religioso, estudado na consciência e nos livros e monumentos dos povos”: “o autor dos *Estudos Alemães* cuidava de distinguir o que chamava de monismo filosófico, o qual, ‘conciliável com a teologia, não tem horror às causas finais’, do monismo naturalístico ‘do professor Haeckel’, preocupado tão-só com ‘a intuição mecânica [...] a simples concatenação de causas e efeitos’, demasiadamente preso ainda ao ‘domínio das ciências naturais’ e como tal avesso, para citar palavras do próprio Haeckel, às ‘estéreis meditações [...] dos puros metafísicos’. Contrariamente a isso, Tobias, por neokantiano além de darwinico-haeckeliano, achava que ‘a ciência tem limites’ e que nos fenômenos havia ‘um resto incalculável [...] mecanicamente inexplicável’, que Hartmann chamava de ‘hipersensível’ e cujo enfoque competia à metafísica ou à ‘filosofia crítica’. Ao domínio da metafísica pertence, pois, a consideração das causas finais da liberdade humana, já que Tobias timbrava em dar ênfase à autonomia do homem, o qual podia deixar de ‘obedecer passivamente à necessidade física, para agir conforme à Razão’. Tal distinção entre o determinismo cego da natureza e a liberdade racional do homem subjaz inclusive à sua visão da sociedade. Visão que, sem lhe desmentir a fé evolucionista, não partilha em nada a crueza de vistas do chamado darwinismo social”. Cf. Paes, José Paulo. *Canaã e o ideário modernista*. São Paulo: Edusp, 1992, p. 53-4. Ver também Costa, João Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p. 312 e seguintes.

homem com a natureza e com a cultura. Este *tour de force* consistia em substituir a rígida subordinação de toda atividade da inteligência a princípios e leis definidos e certos, leis e princípio que seriam os mesmos para o mundo físico e o da cultura, por um princípio metafísico – ou seja, pela intuição de uma consciência metafísica criadora. Destarte, nas mãos de Graça Aranha, o monismo filosófico da Escola de Recife vai progressivamente adquirindo um colorido esteticista estranho às preocupações originais de Tobias Barreto e seus epígonos.⁵⁷

Do ponto de vista da *Estética da Vida*, o Universo só existe dentro da consciência e “só por ela e para ela” se realiza. A consciência individual se origina quando o sujeito adquire percepção de si próprio pelas suas sensações, atinando para o fato de que ele forma um todo separado e distinto de outros seres. Todavia, apenas a consciência metafísica pode conceber a compreensão integral dos fenômenos sensíveis do universo, isto é, “a explicação ou o sentimento da sua própria existência, o sentimento do Todo, a causalidade”.⁵⁸ Embora a formação dessa consciência metafísica seja o grande mistério do espírito humano, ela joga um papel fundamental na teia filosófica do gracioso estetismo de Aranha. No esquema da estética da vida essa consciência metafísica, razão principal da ascensão humana sobre sua pura animalidade, é disputada no homem pelo terror cósmico, princípio de toda vida reflexa e dual.⁵⁹

⁵⁷ Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*, Op. cit., p. 22 e seguintes.

⁵⁸ Aranha, Graça. *A Estética da Vida*. Rio de Janeiro – Paris: Livraria Garnier, s/d. (1921), p. 5.

⁵⁹ Essas considerações, tanto quanto as que se seguem, inspiram-se no comentário e interpretação da filosofia de Graça Aranha formulados por Tristão de Athayde. Cf. Lima, Alceu Amoroso. “Graça Aranha pensador”, in: *Estudos Literários*, volume I. Rio de Janeiro: Edições Aguilar, 1966, p. 430-39, particularmente pp. 432-33. (Originalmente publicado no *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1921).

Tudo funciona como se na origem houvesse o caos inconsciente. Formado o homem, o terror se instaura quando o homem se torna consciente da cisão entre ele e os outros seres, entre ele e o mundo, fenômeno que alcança sua máxima magnitude no sofrimento gerado pela revelação do crescente abismo entre o desejo de conhecer e a matéria desse conhecimento. Essa dualidade básica o homem procura superar pela religião, pela filosofia e pela arte, meios encontrados para se voltar ao inconsciente primitivo, para reencontrar a completa integração do homem no espetáculo do universo em perpétuo movimento:

A ciência decompõe o Universo, discrimina-o, estuda-o nas suas manifestações parciais. Só há ciência do que se pode fragmentar. Pode-se analisar, explicar cada ordem de fenômenos percebida pela sensação; a ciência não dará jamais a explicação sintética do todo, a essência da causalidade. Ela ficará estranha ao sentimento da unidade infinita do Universo, que só nos pode ser revelada pela religião, pela filosofia, pela arte.⁶⁰

Os procedimentos de decomposição e análise da hipótese científica, na visão de Graça Aranha, não permitem ao espírito a compreensão do Universo em sua realidade essencial, e são descartados por sua compreensão parcelada da totalidade, apenas apreendendo os diferentes fenômenos quando fragmentados em diversos aspectos ou facetas. A totalidade apenas se apresenta como um espetáculo em movimento, como universo em seu contínuo fluxo. A via estética é a única que possibilita uma visão sintética do Universo em sua realidade essencial. A reflexão leva a separação entre o *eu* e o *mundo*, a consciência

⁶⁰ Aranha, Graça. *A Estética da Vida*. Op. cit., p.38.

mantém o espírito humano numa situação de dualidade em face do universo. A emoção, ao contrário, envolve todas as dimensões em que o homem participa do espetáculo do mundo. O sentimento é o meio privilegiado de transcendência e imersão no mundo, de superação das dualidades reflexivas instituídas entre o *eu* e o *mundo*:

Eliminado por inacessível o conhecimento da substância universal, irrealizada a explicação científica da formação do Universo, excluído o preconceito religioso que atribui uma finalidade moral ao Todo Infinito, (...) o Universo só pode ser sentido, entendido, interpretado como função estética do nosso espírito. Nessa concepção definitiva, o único desespero é o da nossa separação do Todo. A consciência metafísica explica o mistério dessa separação e mostra que a nossa existência é a aspiração inconsciente e absoluta da volta à unidade essencial. Para realizarmos essa benfazeja fusão, a natureza humana nos oferece meios transcendentais. A nossa vida se subordina à concepção estética do Universo, que ficará como a base da perfeição desse mecanismo infinito, de que somos a parte e o todo. (...) O Universo é uma harmonia total. O espírito humano participará dessa profunda harmonia. Tudo é unido, é a substância única que vive em tudo, e cada parte imaginária contém, a essência do Todo. A substância é universal. O ideal é sentir e não compreender, porque compreender é uma dualidade que nos separa do Universo. (...) Nessa perfeita unidade com o Todo, não se prossegue nenhum fim, tudo é aparência, tudo é ilusão.⁶¹

⁶¹ Idem, p. 79-80.

Neste sentido, se a consciência for identificada como uma ilusão, a volta à inconsciência restabeleceria o equilíbrio mental que fora atordoado pelas “bagatelas da moral, da ciência e da ação”.⁶² O que a ciência não pode oferecer encontra substituto adequado na dimensão emocional da intuição filosófica e religiosa, do amor e, principalmente, da intuição artística:

Só nos resta desse Universo, no nosso espírito, uma pura idealidade, e o sentimento da sua unidade infinita se impõe à nossa consciência, como a nossa razão de ser. Ele nos liga a todos os fenômenos universais e explica a nossa existência como uma aparência fenomenal da substância. E o Universo se projeta no nosso espírito como uma imagem, um espetáculo. Assim toda a idéia que se tenha do Universo, seja científica, matemática ou biológica, seja idealista ou religiosa, é espetacular. *Pode-se afirmar que a função essencial do espírito humano é a função estética, e que só esta explica o Universo a nós mesmos.*

Pela concepção matemática o Universo é explicado por uma série de equações que se desenvolvem infinitamente; pela concepção naturalista, universo é uma série de formas sem fim; em ambas há uma série de imagens que tendem refletir a idealidade universal. Não há um sistema filosófico que se subtraia à fatalidade da concepção estética. Todos os sistemas de filosofia, todas as religiões imaginam o Universo. Nessa própria expressão “imaginar”, “figurar” está subentendida aquela função essencial do nosso espírito, a função estética, pois imaginar é criar imagens. (...) Ora, imagem é forma e o Universo será a forma última, primordial, da nossa

⁶² Athayde, Tristão de. “Graça Aranha pensador”, Op. cit., p. 433-34.

imaginação. É uma idealidade estética, que vem da forma. (...) Tudo é forma, tudo é espetáculo.⁶³

Desse modo os limites colocados à ciência servem de pedestal para a concepção de uma visão estética ilimitada. As obras de arte, suporte por excelência da intuição das formas do Universo, são compreendidas como o transporte privilegiado da consciência ao sentimento universal. O infinito é a pura inconsciência das limitações – ou, de forma positiva -, é o desconhecimento de todos os limites, e por isso o Universo se faz fonte de matéria plástica para toda sorte de imposição formal, se mostra maleável e sujeito a adaptação e criação progressiva de novas formas:

O nosso pensamento obedece, como a natureza, ao ritmo do Universo, à fatalidade de criar formas. E nós “pensamos” o nosso próprio pensamento, uma imensa vertigem nos empolga e caímos nesse abismo de imagens, que não sabemos se são os aspectos reais das coisas ou as ilusões da idéia criadora. Nessa conformação entre o pensamento e a Natureza, tudo é um só e indefinido mundo de representação, tudo é espetáculo, e ninguém pode dizer se há um mundo objetivo e outro subjetivo, porque tudo é um, a unidade absoluta e benfazeja do Universo.

A grande fatalidade do espírito humano foi ter percebido o espetáculo universal. Mas, que essa divina alucinação inspire o sentimento da estética da vida. Façamos de todas as nossas sensações, sensações de arte. É a grande transformação de todos os valores da existência. Não só a forma, a cor, o som, mas também a alegria e a dor e todas as emoções da vida sejam compreendidas como expressões do

⁶³ Aranha, Graça. *A estética da vida*, Op. cit., p. 76-77.

Universo. Sejam para nós puras emoções estéticas, ilusões do espetáculo misterioso e divino, que nos empolguem, nos arrebatem, nos confundam na Unidade essencial de todas as cousas, cujo silêncio augusto e terrível perturbamos um instante pela consciência que se abriu, como um relâmpago, nas trevas do acaso.

A cultura há de se inspirar nesse conceito e há de abandonar todos os outros que fazem da vida um debate moral. E será a libertação. Passaremos a ter consciência de que somos uma força entre as forças universais, e assim entramos na vida eterna, na vida da natureza, realizando com esta a comunhão absoluta e misteriosa, que é o termo final da dolorosa separação do nosso eu do Todo infinito.⁶⁴

Não há dúvida que esse palavroso repertório estético-filosófico teria como incendiar, ou ao menos servir de substância inflamável, ao fogo dos caracteres com os quais seria escrito, no monumento erguido à sua glória, o programa da *Arte do futuro: liberdade estética e fantasia ilimitada*.⁶⁵ Porém tamanha liberdade, tanta fantasia, logo traria à tona seus limites caprichosos: o risco da diluição demolidora e da imersão das pesquisas estéticas num “subjetivismo delirante”⁶⁶ a ser disciplinado em esquemas formais suficientemente plásticos para acatar todas as tendências modernas, o que envolve graves questões técnicas e psicológicas a serem examinadas e gradualmente conquistadas.

Dentre inúmeras soluções possíveis para problemas desta ordem e natureza, a filosofia de Graça Aranha caminhava na direção de uma alternativa em

⁶⁴ Aranha, Graça. *A estética da vida*, Op. cit., p. 29-31..

⁶⁵ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “o gênio do século”, op. cit., p. 112.

⁶⁶ A expressão pertence a Graça Aranha. *O Espírito Moderno*. São Paulo: Cia, Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

particular: a que denominou de “objetivismo dinâmico”.⁶⁷ Este preceito estético postulava fazer frente aos desvarios do *eu*, do subjetivismo romântico, por meio da aspiração objetiva em captar a representação das coisas em função de seu próprio movimento, fixando-as em sínteses promotoras da excitação dos sentidos, assentando-as em formas capazes de sugerir todas as sugestões emotivas. Elaboração constante de esquemas formais que, pela sua perfeição, tornam a vida (ao menos a vida dos sentidos) mais intensa, que levam a um estado superior de consciência (consciência metafísica, quase panteística), onde a emoção deslumbra e integra o espectador, o artista ou seu interlocutor, na realidade semovente. Estaria assim realizada a essência da arte: a sugestão de emoções que perpetuam e transmitem as sensações vagas aos nossos sentidos e que levam nosso espírito a entrar em sintonia com o fluxo e o refluxo do mundo.⁶⁸

A possibilidade de fixação de idéias sintéticas, da decantação formal que elimina os caracteres particulares, reduz os fatos simples e vulgares, para atingir a essência, a vida geral dos objetos de mesma ordem, pegando-os pela rama de suas próprias forças elementares, para então realizar a função primordial da arte, que é integrar, pelos frêmitos vagos da emoção, os indivíduos e as coisas num ritmo ditado pelo Universo, certamente teria muito que encantar e satisfazer a sede de totalidade, de universalização dos aspectos nacionais, presentes no horizonte utópico dos grupos modernistas.⁶⁹ Essa possibilidade, como pode ser

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p.23-47.

⁶⁸ Cf. Almeida, Renato de. “O objetivismo em arte”, in: *Estética*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, set. 1924, p.23-28.

⁶⁹ Para essa caracterização sumária do “objetivismo dinâmico” ver Aranha, Graça. *O Espírito Moderno*. Op. cit., p. 26-9.

percebida na leitura do artigo “O homem essencial”, realmente encantou Sergio Buarque:

cada *personagem* encarna, exprime, representa e *não só representa como traz em si* todo um sistema, toda uma sensibilidade ou todo um mundo. Esse processo é paralelo ao da biologia moderna, representada por Von Uexkull e outros, segundo os quais o indivíduo é inseparável da sua paisagem. (...) Assim Graça Aranha sistematiza um método novo de crítica, o único que se concilia com seu temperamento pouco analítico. Tratando de um determinado autor ou criando um personagem de ficção, seu espírito deve se interessar menos na psicologia em si do personagem ou do criticado, que na síntese social que um e outro representam. A psicologia virá naturalmente, mas em função dessa síntese.

A análise pela análise interessa mediocrementemente ao autor da *Estética da Vida*. Direi melhor: a análise só lhe interessa na medida em que lhe possa servir para uma síntese de ordem geral. Reunindo assim os fragmentos dispersos de uma personalidade imaginária ou real, para reconstruí-la no seu todo, sem desprezar as partículas por assim dizer *metafísicas*, quer dizer, aquelas que só podem servir para essa reconstrução global de cada individualidade, é então possível a Graça Aranha suprir admiravelmente a sua deficiência de poder analítico que para a sua *Weltanschauung* não chega a construir uma deficiência. A análise é absolutamente dispensável para sua concepção de mundo.⁷⁰

⁷⁰ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “O homem essencial”, in: *Estética*. Rio de Janeiro, v.1, n.1, set. 1924, p. 33 e 34. O artigo está reproduzido também em Barbosa, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sergio...*, *Op.cit.*, p. 56-61 e Prado, Antonio Amoni (org.) *O espírito e a letra*, *Op. cit.*, volume I, p. 179-85.

Trata-se, em realidade, de uma concepção de mundo na qual a intuição das coisas governa o próprio conhecimento delas mesmas. Essa concepção sensível e intuitiva dos fenômenos do mundo circundante apresenta, de fato, certos pontos de convergência com antigos ideais da juventude buarquiana, particularmente no que diz respeito à efetivação de um estilo próprio de cultura, entendida essa expressão tal como a entendia Nietzsche, para quem “a cultura é antes de tudo a unidade do estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo”.⁷¹

Entretanto, por mais sedutoras que estas orientações de Graça Aranha se revelassem, em virtude de seu caráter atemporal, de sua dilatada imaginação estética a suplantam quase sempre qualquer rasgo de imaginação histórica, o que outrora suscitara encanto, não tardaria a entrar em conflito com a percepção – bastante cara a certas vertentes do modernismo – de que as culturas possuem uma duração própria, de que não são ou não representam padrões estáveis, mas modificam-se dinamicamente e organicamente. Não podem, destarte, obedecer à fixação de fórmulas sintéticas ou palavrosas, saídas simplesmente da intuição prestidigitadora de criadores de formas.⁷²

A conquista da sensibilidade para a percepção das temporalidades em confronto, o apego à concretude das manifestações da vida contemporânea, não tardariam a se manifestar em Sergio Buarque. Tais manifestações, contudo, não o fariam abdicar do desejo das sínteses, mas apenas o levaram a encará-las de uma outra forma, diferente dos enquadramentos e antecipações idealistas, donde

⁷¹ Citado por Veríssimo, José. “Um ideal de cultura: sobre uma página de Nietzsche”, in: *Homens e coisas estrangeiras*. (1ª série), Op. cit., p. 363.

talvez, conforme sugerimos páginas atrás, se defrontar com as teses de Graça Aranha menos como doutrina e mais como um demônio, a desafiá-lo em busca de outras respostas mais condizentes aos seus anseios concretos de totalidade. Sergio aspira reencontrar a percepção da totalidade num mundo fragmentado, mas está consciente que esta não se oferecerá através de um artifício estético ou meramente da intuição criadora ditada única e exclusivamente por alguma força sobrenatural. Parecia bastante consciente que o trabalho da inspiração é o resultado de muita transpiração. Daí talvez a sensibilidade aguçada para a temática weberiana, mormente no que nela entra de possibilidade de intuir, por *meio da análise exaustiva*, normas regulares de conduta para o trânsito entre as esferas mais várias da vida social moderna.

Note-se que é possível enxergar pontos de contato, evidentemente superficiais, entre o método sintético e intuitivo de Graça Aranha e a análise compreensiva weberiana. Porém existe uma cisão crucial que os torna irreconciliáveis. A diferença estaria em que, em Graça Aranha, como bom idealista que era, a *imagem* intuída precedia ou mesmo suscitava o evento representado. A análise não constituía o passo essencial, nem sequer se fazia necessária. Caso tivesse lugar, ela vinha em função da imagem e não o contrário, como se observa no procedimento metódico compreensivo, em que a imagem vem coroar o desenlace do trabalho rigoroso e exaustivo da análise. Desta forma seus resultados podem ser auferidos em sua verificabilidade, enquanto as imagens

⁷² Para uma visão mais amistosa da concepção estética de Graça Aranha, consultar: Carvalho, Ronald. *Estudos Brasileiros*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Brasília: INL, 1976, p. 91 e seguintes.

sintéticas intuitivas fiam-se apenas nos caprichos e nos humores do esteta de plantão.

Portanto, não será demasiadamente arbitrário imaginar que o cenário tanto quanto a circunstância de um exílio voluntário em terras capixabas possibilitavam compreender até onde iam as convergências e as divergências profundas com o ideário estético e filosófico de Graça Aranha. A revivência pessoal de alguns processos sociais transfigurados artística e intuitivamente em *Canaã* talvez permitiria a Sergio Buarque avaliar o potencial compreensivo dos procedimentos analíticos, ou ao menos sugerir uma reconciliação com a perspectiva analítica como forma de acesso à representação do mundo. E um acesso porventura menos intelectualista, pois os símbolos não surgiam arbitrariamente dos humores e caprichos da inspiração do artista, mas emergiriam como coroação de um processo de simplificação e tipificação de aspectos da realidade previamente selecionados pela visão de mundo do escritor, a qual exerce a mediação entre as formas sociais e forma literária, ajustando a decantação formal à acentuação dos traços da realidade que a obra pretende expressar.⁷³

Ademais, a vida numa pequena comarca poderia facultar ao nosso autor uma melhor compreensão das diversas temporalidades em confronto em nossa civilização - para falar com Tristão de Athayde – toda ela cortada por “discordância

⁷³ Mas não é certo que tantas e tamanhas distinções se decantassem com meridiana clareza logo num primeiro desterro em sua própria terra. Mesmo num segundo exílio, em Berlim, a mente de Sergio ainda encontraria meios de se encantar com os irracionalismos e esquematizações arquetípicas da caractereologia de Ludwig Klages. Porém isto já assunto para outras pesquisas, que aliás exigiriam maior fôlego e maior diversificação de estudos. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Cobra de vidro*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 127-28; Idem, *Tentativas de mitologia*, op. cit., p.29-30.

de tempos de crescimento”.⁷⁴ Temporalidades e mundos sociais que, no romance de Graça Aranha, se tocam e se inscrevem na própria *semântica da paisagem*, “panorama aberto” no qual se traduz e se lê “a história simples daquela terra obscura”.⁷⁵ Neste particular, talvez não seria despropositado lembrar que desta temporada no Espírito Santo traria Sergio Buarque uma apreciação da vida e do meio capixabas que em muitos momentos soaria familiar a um conhecedor atento das emulações romanescas de *Canaã*.⁷⁶ Por outro lado, também pareceria o cenário ideal para se iniciar, senão mesmo se aprofundar, nas leituras dos romances de Dostoievski, Gogol ou mesmo Tchekhoff, e toda uma série de escritores russos, cuja mística criadora, segundo o mesmo Tristão de Athayde, poderia sugerir à nossa arte moderna

um valor espiritual que o puro dinamismo quantitativo não poderá trazer-lhe, e uma seriedade que sempre faltará aos artificios do primitivo, do terra a terra, do simplesmente popular. (*Estudos: 1ª série. 2ª edição, p. 24*)

De uma forma ou de outra, ao remeter às dissensões modernistas, esta passagem novamente sugere o quão propícia teria sido esta temporada em “terra estrangeira”, essa espécie de experiência de *desterro em sua própria pátria*, para a depuração de certas idéias, para o amadurecimento da sensibilidade para determinados problemas e decantação de certo estilo de pensamento

⁷⁴ Athayde, Tristão. “Política e letras”, in Cardoso, Vicente Licínio. *À margem da história da República*. Rio de Janeiro: Edição Anuário do Brasil, 1924, p.239.

⁷⁵ Ver Graça Aranha. *Canaã: romance*. Rio de Janeiro: J. Aguilar; Brasília: INL, 1974, p. 43. A idéia de “semântica da paisagem” é discutida e desenvolvida por Paes, José Paulo. *Canaã e o ideário modernista*. São Paulo: Edusp, 1992.

suficientemente maleável e atento às dissonâncias que se acobertam sob guarda-chuvas diversos, não obstante portarem semelhanças que em nada facilitam as distinções necessárias e muitas vezes imprescindíveis.

Desse tempo de Cachoeiro do Itapemirim Sergio Buarque recordava-se das longas conversas travadas na pensão em que residia, local onde se encontravam funcionários e políticos da cidade para beber e motejar acerca de pacatos acontecimentos que poderiam render assunto na crônica da vida social do município. Era ali que se reunia o Clube do Alcatrão, grupo de pândegos que adotara esta alcunha em função da presença nele de um representante local do Conhaque de Alcatrão de São João da Barra, sendo formado, segundo a lembrança de Rubem Braga, pelos “bons homens da terra”: Coronel Ricardo Gonçalves, presidente da Câmara Municipal; José de Magalhães Bravo, genro da proprietária da pensão e diretor do Banco Pelotense; Áureo Monjardim do Banco do Estado; o jovem diretor de um dos jornais da cidade, Sergio Buarque, entre outros mais.⁷⁷

Eram, possivelmente, dessas animadas reuniões do Clube do Alcatrão que Sergio Buarque de Holanda recolhia preciosas informações para se divertir nas

⁷⁶ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Notas do Espírito Santo”, in: Barbosa, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sergio...*, *Op.cit.*, p. 89-92. (Originalmente publicado em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1927). Voltaremos a abordar este ponto mais adiante.

⁷⁷ Para estas informações, além da já citada crônica de Rubem Braga, consultar também as notas manuscritas preparadas por Arlinda Rocha Nogueira e revistas por Dona Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda a pedido de Francisco Assis Barbosa para serem enviadas à Biblioteca Ayacucho na Venezuela, que editaria em sua coleção a tradução de *Visão do Paraíso*. Cf. Nogueira, Arlinda da Rocha. “Apontamentos para cronologia de Sergio” e “Cronologia”. (Mimeo.) O Manuscrito encontra-se disponível na Coleção Especial Sergio Buarque de Holanda – BC/UNICAMP. Ver Também Holanda, Sérgio Buarque de. *Visión del Paraíso*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987. (Biblioteca Ayacucho, 125).

páginas de *O Progresso*, semeando confusões entre as duas facções políticas da cidade, quando não mesmo criando situações de embaraço entre alguma delas e a própria direção do jornal. Na maior parte das ocasiões estes embaraços decorriam do linguajar recheado de insinuações, das construções tramadas de antemão para contemplar sentidos amplos e certamente dúbios para fisgar uma reação disparatada, um compromisso segredo ou mesmo interesses inconfessos, que denunciassem algo apenas pressentido mas não de todo escancarado.⁷⁸ Verdade é que esse resultado não era alcançado sem algum abuso de expressão e excesso (em certos casos condenável) de artifício de linguagem. Tanto era assim que o próprio Sergio Buarque, passados muitos anos, em um manuscrito pessoal, reportaria meio acabrunhado tais peripécias de juventude:

Passei uns meses, há muito tempo, em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, e o diretor ali de um jornal chamado *O Progresso*, meio dado a humorista, abusava tanto das aspas e da caixa alta, para indicar que as palavras deveriam ser entendidas *cum grano salis*, que no fim o jornal tinha quase mais aspas do que palavras. Quanto a mim acho até galante isso de enfeitar de chifrinhos os vocábulos equívocos, mas admito com certa frustração que já não estou para tais excessos.⁷⁹

É certo que este testemunho tardio carrega consigo as marcas de alguém já totalmente compenetrado “da necessidade de melhor trabalhar a [sua] linguagem,

⁷⁸ É certo que estas construções jocosas e de efeitos ambíguos, que provocavam enormes confusões entre as duas facções políticas, eram facilitadas pela circunstância dos líderes locais possuírem o mesmo sobrenome. Ambos Monteiro, um Bernardo Monteiro, outro Jerônimo. Cf. Nogueira, Arlinda da Rocha. “Cronologia...”, Op. cit., p. 7 e 8.

ao menos a linguagem escrita”, para que ela se aproximasse o máximo possível de “um ideal de correntia clareza”.⁸⁰ Mas no linguajar das páginas de *O Progresso* ainda mostravam-se os dentes do *claro riso dos modernos*, confuso e mordaz ao se rebelar com ou sem razão. Os modernos, conforme reconheciam naquela época Prudente e Sergio, dois de seus legítimos representantes, se entendiam

uns aos outros, mas não conseguem pôr suas idéias ao alcance de todos. Elas não surgem nítidas. Vão se definindo aos poucos. Resultado de uma excessiva agitação interior.⁸¹

Difícil saber se a temporada em Cachoeiro do Itapemirim serviu para serenar as agitações interiores do moço modernista, mas certamente ela teve alguma valia para algumas boas definições que selariam o destino futuro daquele rapaz inquieto e beberrão que os locais apelidavam de “dr. Progresso”. Além dos inevitáveis choques com a moralidade provinciana e com os hábitos e costumes tradicionais das pequenas comarcas⁸², nessa experiência colheu elementos que

⁷⁹ Manuscrito de Sergio Buarque de Holanda guardado no Fundo Sergio Buarque de Holanda que se encontra depositado no Sistema de Arquivos da Unicamp (SIARQ/Unicamp). Cf. FSBH/SIARQ/Unicamp: Cp 349 Pasta 11.

⁸⁰ Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de...*, *Op. cit.*, p.17.

⁸¹ Cf. *Estética*, Rio de Janeiro, número 2, ano II, janeiro-março de 1925, p.218

⁸² Ao menos isto é o que se pode deduzir das palavras que escrevera Manuel Bandeira, em janeiro de 1931, quando da ocasião do retorno de Sergio Buarque da Alemanha, traçando algum paralelo possível entre a arremetida do autor de *Raízes do Brasil* ao Espírito Santo e às plagas teutônicas. Então escrevia assim o poeta pernambucano: “... lá [em Cachoeiro do Itapemirim] se defendeu com bravura pelo tempo de quase dois anos. É interessante notar que a capacidade de resistência de Sérgio vai até dois anos, valor que podemos afirmar como a ‘constante de resistência’ de Sergio. Afinal a sua situação em Cachoeiro do Itapemirim se tornou insustentável, sobretudo depois de um baile na sociedade recreativa local e de um ou dois passeios líricos no jardim da praça da matriz, Sergio Buarque de Holanda bateu em retirada, abandonando uma mala, que lá ficou indevidamente detida durante mais de um ano, o que motivou uma intervenção diplomática da província do Curvelo (Distrito Federal), porquanto dentro daquela mala se continham dois volumes preciosos, o *Up Stream* de Ludwig Levinsohn e a *Antologia Modernista de Língua Inglesa* de Harriet

cedo ou tarde lhe seriam úteis para umas poucas lições quanto ao que poderia entrar de falacioso no abusar de certos expedientes aparentemente mais apropriados para “desterrar a fala artificiosa” da prosa escrita, não raro levando a resultados que mais se aproximavam a “uma dicção desajeitada e visivelmente forçada”.⁸³

Foi a partir de então que Sergio Buarque principia por travar uma batalha com sua forma expressiva, na tentativa de alcançar uma clareza expositiva, aos poucos conquistada por meio do tirocínio da prática jornalística, em particular do jornalismo político com o qual se ocuparia ao retornar ao Rio de Janeiro no final dos anos 20. Ou, então, segundo suas próprias palavras:

Essa clareza, que não me era natural, eu vinha tentando realizá-la de longa data. É provável que ela me tivesse sido já inculcada por alguma prática jornalística, mormente de jornalismo político a que me dediquei durante algum tempo. Isso, porém, em grau menor do que na crítica, pois as crônicas parlamentares publicadas diariamente – minha seção no *Jornal do Brasil* intitulava-se “O Dia dos Senadores”-

Monroe com dedicatória de Constance Lindsay Skinner para um dos mais magros representantes sobreviventes da velha aristocracia rural pernambucana. Enfim tudo acabou bem...”. Bandeira, Manuel. “Retirada da Rússia”, *Op. cit.*, p.291-92. A respeito deste baile na sociedade recreativa de Vila do Itapemirim, e não propriamente em Cachoeiro do Itapemirim, ver a crônica de Rubem Braga, natural deste último município, que testemunhou na adolescência a passagem de Sergio Buarque no Espírito Santo: “Lembro-me sobretudo de uma noite de verão de lua cheia, na saída de um baile – não Cachoeiro, mas na Vila de Itapemirim. Ele dizia que ia acender o cigarro na Lua. E partiu, cambaleando entre as palmeiras. Vai ver que acendeu”. Braga, Rubem. O Dr. Progresso acendeu o cigarro na Lua, *Op.cit.*, p.160. Talvez o referido episódio da mala também tenha rendido as alusões irônicas da parte de Raul Bopp, quando do encontro dele com Sergio Buarque na Alemanha em 1930. Bopp, entretanto, acrescentaria o tempero das leituras irracionistas de Klages que ele e o futuro autor de *Raízes do Brasil* empreendiam naquela altura. Dizia então Raul Bopp em carta para Sergio Buarque: “Vê se você concentra todo o *geist stock*, pra não me extraviar essas aliás únicas propriedades. Se você me perde a mala fico reduzido a zero. *Geist* seu holanda. Nada de teorias do sub-consciente com a mala. Por causa do Klages fui deixando o capote”. Cf. Fundo Sergio Buarque de Holanda, SIARQ/Unicamp, Cp 29 Pasta 5.

⁸³ Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de...*, *Op. cit.*, p.18.

saíam sem assinatura. Tinham, como convém, o caráter impessoal das crônicas atribuíveis à redação da folha, e era o bastante para que delas se excluíssem a busca da originalidade na expressão, da prosódia enviesada, dos vocábulos abstrusos, da pomposa erudição, que costuma ser, infalivelmente, a marca de fábrica dos escritores ainda incipientes. Encerrada esta espécie de serviço militar obrigatório, com a minha ida para a Alemanha, julguei-me afinal dotado de uma forma de expressão suficientemente flexível e impessoal, para ousar a tentativa de abordar qualquer assunto, até mesmo a crítica literária.⁸⁴

Porres etílicos, embriaguez de palavras cifradas, “passeios líricos pela praça da matriz”, tudo isso trazia novamente ao Rio de Janeiro um Sergio Buarque aparentemente mais cauteloso, embora não menos aventureiro, quem sabe talvez preocupado em não mais ferir suscetibilidades gratuitamente.⁸⁵ Ora, a crer na

⁸⁴ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 17.

⁸⁵ Verdade é que tais preocupações e cautelas aparentes seriam peremptoriamente abandonadas ou desmentidas na sarcástica crônica em que Sergio Buarque tece, de forma nada respeitosa ou gratuita, “algumas considerações à margem da recente visita do Dr. Pontes de Miranda a Berlim”, onde nosso autor trabalhou de meados de 1929 a final de 1930 como enviado especial dos *Diários Associados*. Trata-se de um curioso exemplar de sátira jornalística no qual Sergio Buarque confronta a publicidade provinciana acerca dos títulos e méritos intelectuais do “filósofo, jurista e publicista brasileiro” com a “áurea de silêncio que envolveu o nome do ilustre pensador” em viagem aos centros europeus: “O silêncio que, aliás, envolveu lamentavelmente o seu nome prende-se a uma porção de circunstâncias que, a bem dizer, independiam da vontade de seus amigos e – verdadeiramente se diga – de sua própria vontade. Porque, seguindo nesse ponto o modelo de alguns espíritos ilustres, o dr. Pontes de Miranda não é de maneira nenhuma um adversário da publicidade. Chego a imaginar que se vivesse numa dessas épocas de grande projeção espiritual, como, por exemplo, o Renascimento, preferiria ao modelo de seu quase homônimo e sócia mental Pico de la Mirandola, esperando por qualquer Paolo Giovio que se dispusesse a escrever o elogio de sua saberia infinita, a atitude certamente muito mais eficaz de um Bevenuto Celini, encarregando-se a si próprio de gravar para todo o sempre os trabalhos e os dias de uma existência memorável. O pai da ciência positiva do direito – como já o teria qualificado um filósofo alemão imaginário – é dos que se sabem fazer justiça, quando tarda ou escasseia a que lhe devem os admiradores”. Essas considerações, cujos eventos revolucionários de outubro de 1930 constituem implícito pano de fundo, têm como meta associar a pretensa sabedoria - os “instintos de sabedoria” e os ímpetos salvacionistas a eles correlatos - a uma onda de catástrofes e desastres sem paralelos. A inteligência por assim dizer sobrenatural do eminente jurista patricio encontraria

veracidade parcial dessas anotações carregadas de intenções biográficas idealizadas retrospectivamente, vazadas pelo olhar da maturidade assaz segura de uma coerência mais imaginária que factível no curso real dos acontecimentos, seríamos tentados a supor, junto com Manuel Bandeira, que a breve experiência em Cachoeiro do Itapemirim devolveria Sergio a ponto de bala para sua tedesca aventura. Entretanto isto não era óbvio para todos. Talvez nem mesmo para o próprio Sergio Buarque, muito devendo esta suposta clarividência de propósitos à libertinagem lírica da rememoração retrospectiva das anotações de Bandeira. E aqui, seguramente, as recordações adquirem contornos nítidos que muitas vezes

certa correspondência com outros tantos sucessos sobrenaturais que ofuscariam sua visita a Alemanha: "Desde o dia em que aqui chegou, dir-se-ia que a Alemanha foi invadida por um vento agoureiro. Multiplicaram-se os desastres. Cresceu de maneira alarmante o noticiário criminal dos jomais. O governo esteve ameaçado de ruir em consequência de uma moção de desconfiança. Verificaram-se desfalques sensacionais. Temporais terríveis abateram sobre todo país, chegando mesmo a destruir, na Silésia, uma das pontes mais resistentes da Europa Central. E por fim, mas "not least", os jomais entraram a noticiar insistentemente uma série imensa de escândalos passionais, o que na Alemanha é realmente coisa do outro mundo". Destarte, explicados e justificados os desencontros em Berlim, o fio de sustentação irônico do artigo ganha corpo na insinuação de prováveis paralelismos que se inscrevem nas razões do súbito retorno de Pontes de Miranda ao Brasil: "Quando teve notícia da vitória da revolução brasileira e da dissolução do Congresso Nacional por parte da Junta Provisória, o jovem sábio, que até então se mantivera em uma compreensível reserva acerca dos acontecimentos no Brasil, não soube conter uma frase que trai indiscutivelmente seu profundo instinto de defesa e de proteção à integridade moral do Brasil. (...) '- Partirei imediatamente afim de ensinar àquela gente o verdadeiro caminho para a salvação do país'. // Depois dessas palavras o dr. Pontes de Miranda despediu-se dos presentes visivelmente impressionado. Era o delírio da partida. Era a saudade da pátria que voltava ao seu coração quase adolescente. O banzo agitado de um filho dos trópicos entre as gentes pálidas da Germânia. Os seus olhos luzidios revelavam sob os óculos do sábio, imaginações misteriosas e ardentes. Nesse minuto seu cérebro deveria estar concebendo pensamentos imortais. Foi a última vez que me avistei em Berlim com o dr. Pontes de Miranda. Dois dias depois soube que já tinha partido inesperadamente para Hamburgo com destino ao Rio. Bons ventos levem a esse futuro salvador do país! E façamos votos para que Nossa Senhora da Aparecida, padroeira do Brasil, saiba desviar de nossa terra a onda de calamidades que invadiu nestes dias a Alemanha". Cf. Holanda, Sergio Buarque de. "Instintos de Sabedoria: Algumas considerações à margem da recente viagem do Dr. Pontes de Miranda a Berlim", in: *O jornal*, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1930. (SIARQ/Unicamp, Fundo Privado SBH, Pasta 13 Pi 54).

se confundem com o que pode ser apenas lirismo mesclado com um fundo de prospecção teleológica.⁸⁶

Seja como for, procurando conferir justiça e linearidade evolutiva a sua trajetória de crítico literário, historiador e comentador de idéias gerais, o próprio Sergio Buarque, anos mais tarde, gozando dos benefícios da maturidade, já de posse de todos seus recursos, escreveria que

o que eu consegui realizar, mal ou bem, nessas tentativas de abordagem crítica, não me veio como um desafio do tempo ou como dádiva milagrosa. Veio de uma conquista gradual e alcançada largamente sobre um vício meu, não sei bem se adquirido ou congênito, que me fazia desenvolver quase sempre meu raciocínio como se falasse ou escrevesse só para mim, ignorante do interlocutor presente ou leitor eventual. De onde as obscuridades freqüentes em que tropeço ainda hoje quando me ocorre passar os olhos sobre um dos meus antigos escritos, e que me escapavam outrora, por mais que me advertissem vários amigos a respeito delas.⁸⁷

Assim, aquilo que outrora escapava ao controle do crítico parece suscetível de perder muito de suas angulosidades, caprichos e incoerências, redimidas agora pela presença onisciente do escritor calejado e cioso de seu ofício. Daí que as

⁸⁶ Cf. Bandeira, Manuel. "Sérgio, anticafajeste", *op. cit.*, p. 91. A propósito do caráter seletivo da memorialização biográfica de Sergio Buarque, seria prudente levar a sério as palavras do próprio historiador paulista que, já septuagenário, num *depoimento pessoal*, deixou escapar a seguinte advertência: "Mas não se esqueça: quando falo do passado, não sei se é recordar ou se é a lembrança da lembrança. Assim, as recordações perdem os contornos nítidos e se confundem, às vezes, com o que pode ser apenas imaginação". Cf. Andrade, Jorge de. *Labirinto*, *op. cit.*, p.164.

⁸⁷ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de mitologia*, *Op. cit.*, p. 17. Ver também, a propósito das sutilezas e obscuridades do estilo do jovem Sergio, o texto de Andrade, Rodrigo Mello Franco de. "Singularidade e multiplicidade de Sergio", in: *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p. 86. (Originalmente publicado no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 11/06/1952)

obscuridades algumas vezes muito calculadas, outras tantas mal contidas, nem sempre sequer percebidas ou conscientes, corram o risco de se verem aplainadas por meio de uma infalível e improvável purgação alcançada pelo simples tirocínio obrigatório de “serviços militares” prestados nas trincheiras e tribunas das recatadas e provincianas crônicas da vida política e social capixaba e carioca.

Porém, em fins da década de vinte, muito mais improvável e inimaginável pareceria aos convivas das noites de Cachoeiro do Itapemirim reconhecer o lendário “Dr. Progresso” na sisuda figura do correspondente internacional dos *Diários Associados*. Em verdade, conforme nos assegura o citado testemunho de Rubem Braga, a notícia dessa aventura de Sergio Buarque através da Alemanha os colocaria às raias da estupefação:

Não sei quanto tempo Sergio ficou lá em Cachoeiro do Itapemirim. Lembro-me que logo pegou o apelido de dr. Progresso, e que usava óculos. Pouco antes, segundo atestam Afonso Arinos e Manuel Bandeira, ele usava monóculo. (...) Sim, eu me lembro do Dr. Progresso; seus porres afinal não eram tão grandes, e ele nunca ofendia ninguém. Costumava tomar umas e outras com o saudoso Cel. Ricardo Gonçalves e outros bons homens da terra, que formavam o clube do Alcatrão (...) Logo que saiu de Cachoeiro ele embarcou para Alemanha, de onde mandava artigos e reportagens para *O Jornal*. O pessoal de Cachoeiro via aquele nome no jornal: será o Dr. Progresso? Que o quê!, dizia alguém. Então o Chateaubriand ia mandar um bêbado para Europa? Mas o Motinha do nosso *Correio do Sul* dizia que sim; ficassem sabendo que Sérgio era um homem muito culto, muito preparado, tanto assim que trocava língua com os alemães da fábrica de cimento. “Vocês

acham que ele não vale nada é porque ele não ia mostrar o que sabia, a verdade é esta, não tinha com quem conversar, nós aqui somos todos umas bestas!", argumentava o bom Motinha.⁸⁸

Apesar das necessárias advertências quanto aos perigos das cômodas sobreposições de caminhos lógicos aos irreduzíveis acasos da vida, a hipótese de uma eventual e longínqua atração pela cultura e pela *forma mentis* alemãs não deve ser descartada de pronto. Talvez esta hipótese mereceria apenas ser cuidadosamente trabalhada de modo que o encadeamento lógico do raciocínio não acabe por subtrair o contorno anguloso das coisas e dos fenômenos interpretados. Semelhante tarefa seria perfeitamente realizável se tivéssemos em conta as sugestões trazidas por Sergio Buarque em suas "Notas do Espírito Santo", onde, ao que tudo indica, um pouco desse fermento preparatório para aventuras vindouras parece também amassado, descansado e apurado na breve passagem pela terra do "velho Braga".⁸⁹

Há pouco, páginas acima, em rápida menção, apontávamos uma relativa proximidade entre a apreciação da vida e do meio capixaba presente nas citadas notas e algumas emulações características do mais famoso romance de Graça Aranha, longínquo indício, quem sabe, de que o Dr. Progresso se situava ainda bastante próximo do entusiasmo literário e sociológico que se desprendia da prosa utópica de *Canaã*:

⁸⁸ Braga, Rubem. "O Dr. Progresso acendeu o cigarro na Lua", *Op. cit.*, p. 159-60.

⁸⁹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. "Notas do Espírito Santo", in: *Raízes de Sérgio Buarque...*, op. cit., p. 89-92.

Um escritor de talento já ligou ao Estado do Espírito Santo o prestígio de terra da promessa. Do tempo em que o Sr. Graça Aranha foi magistrado em Santa Leopoldina até hoje, não decorreram, suponho, mais de três decênios, e o prognóstico que a sua visão devia sugerir naquela época começa a realizar-se admiravelmente.⁹⁰

Todavia, conforme advertia o próprio Sergio Buarque, não obstante “uma verdade antiqüíssima nos ensine que o espaço está cheio de miragens e que só o tempo se diverte uma vez ou outra em satisfazer algumas das nossas melhores aspirações”, fica difícil perceber fortes incongruências entre o trecho do romance de Graça Aranha e o teor das idéias gravadas neste artigo de 1927. Afinal, guardadas as proporções, ambos se alimentam daquilo que Sergio Buarque então fixava como “o contraste formidável entre a rudeza magnífica do ambiente e o esforço do trabalho humano para integrar essa natureza na sua ordem e nos seus sistemas”. Contudo, sendo verdade que o esforço do homem muitas vezes não pode saltar sobre sua própria sombra, ainda mais quando a ele concorrem os mais variados caracteres humanos, a assimilação desses sistemas e ordens deveria de alguma forma se ajustar às imposições da natureza, sujeitando-se, quando assim se fizesse necessário, às novas e ainda imprevisíveis sínteses. Era mais ou menos esse o panorama sugerido pelas impressões que a “índole ativa da gente que povoa hoje o Espírito Santo” provocava no futuro autor de *Raízes do Brasil*:

⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 89.

Os mineiros, baianos, fluminenses e nordestinos além dos alemães pomerânios e saxônios, dos italianos, dos austríacos, dos suíços, dos sírios, dos portugueses que se estabeleceram não deixarão decerto nos próximos descendentes mais do que uma vaga lembrança de sua origem exótica. O próprio ambiente, a exuberância da natureza que os cerca se encarregarão de perfilhar esses transplantados. Porque não creio que exista outro lugar em que nossa paisagem afirme com maior segurança, com maior poder de convicção, que estamos em terra brasileira e, mais, que precisamos, que devemos nos conformar com as promessas e até com as imposições que essa sugestão nos apresenta. Diante do trabalho magnífico que o esforço dos homens começa a realizar em todo Estado, a nitidez com que me apareceu tal constatação trouxe-me muitas vezes a idéia de que provavelmente essa natureza tão peculiar desaprova o estilo de civilização que o mundo europeu nos transmitiu e pus-me a imaginar de mil jeitos a nova síntese por ora imprevisível, mas que ocorrerá por força, entre esses dois elementos que hoje já começam a nos aparecer quase antagônicos: de um lado, a herança da cultura européia ainda tão acentuada e, do outro, esse “espírito da terra” que os mais aptos ainda não principiaram a compreender. Só a candidez que faz com que nos imaginemos eternamente presos às imagens de cultura que nos propõem os Estados Unidos e o Velho Mundo se recusa a crer que dessa síntese possa resultar um desastre para o ideal de civilização que aportou ao Brasil com os primeiros colonizadores. E que esse orgulho da Europa, a nossa atração sentimental pelas suas tradições admiráveis, pela sua cultura poderosíssima possam parecer irrisórios para os nossos descendentes.⁹¹

⁹¹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Notas do Espírito Santo”, *op.cit.*, p. 90-91.

Nessas digressões inspiradas pelo “esforço de trabalho humano” que se desenvolvia “extraordinariamente em todo Espírito Santo”, zona de preponderante imigração alemã, provavelmente já se encontram ecos antecipados da impressão simpática e favorável que Sergio Buarque guardaria da capacidade de assimilação e adaptabilidade do povo alemão aos novos moldes da vida social, sejam eles manifestos na exuberância dos trópicos ou na disciplina militarista, especulativa e metafísica das terras nórdicas e germânicas. Daí tais digressões serem retomadas em ponto menor nas primeiras colaborações enviadas de Berlim por Sergio Buarque às folhas de Assis Chateaubriand:

O povo alemão, saído da guerra, cercado ainda hoje de inimigos impiedosos e despeitados, exibe um assombroso poder de adaptação às condições sociais. Aberto a todas as influências fecundas, ele as assimila sem se deixar dominar por elas, criando assim um novo tipo de sociedade admiravelmente equipada. A sua maleabilidade permite-lhe que se empenhe sem prejuízos consideráveis nas aventuras mais arriscadas. (...) Tudo se faz sem imposições excessivas e sem normas incoercíveis, antes com certo abandono e com liberdade. Nada de implacável, nada de violento e nem mesmo de indiferente. (...) Suponho (..) que precisamente na composição e na fusão desses elementos díspares é que reside o milagre incomparável da Alemanha, seu privilégio e seu exemplo no instante que atravessamos.⁹²

Pode-se dizer que na Alemanha, como, de resto, em todo o mundo, a agitação modernizadora se realizou segundo os moldes anglo-saxões e, em particular,

segundo os norte americanos. Em nenhum outro país, porém, se fez sentir com tamanha intensidade o prestígio das fórmulas “americanistas”, dessa atitude que um professor daqui já reduziu a uma definição clara e concisa: “O instinto econômico elevado à mais alta potência em todos os departamentos da vida pública e privada”. Parece incrível a facilidade com que este povo, naturalmente lento e especulativo, encontra meios de se adaptar e de se sentir à vontade dentro dos novos moldes. (...) Mas não se imagine que essa assimilação seja cega e sem discernimento. Ao contrário, onde quer que o espírito americano se insinuou com êxito, tende a perder o acento exótico, a adquirir aspectos novos, a adequar-se enfim, por uma diferenciação considerável, ao novo organismo.⁹³

Diante de tudo que foi exposto até aqui, se somarmos as primeiras letras tomadas de Silvio Romero – desfilando saberes ou “sabenças”, como preferiria Mário de Andrade, da Escola de Recife –, passando pelas primeiras lições de alemão clássico através da leitura de Goethe no ginásio São Bento, até chegar ao contato com o expressionismo da revista *Die Sturm* nos anos 20, não seria absurdo imaginar que a literatura pouco a pouco acabaria por levar Sergio Buarque à Alemanha, senão mesmo aproximá-lo cada vez mais dela. Diga-se de passagem, ademais, que além do conhecimento e proficiência em idioma germânico, também não foi de somenos importância a circunstância casual dos saberes literários de Sergio para sua designação enquanto correspondente de O

⁹² Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Através da Alemanha (I): Berlim, 27 de julho”, in: Barbosa, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sérgio...*, *Op.cit.*, p. 133. (Originalmente publicado em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1929).

⁹³ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Através da Alemanha (II): Berlim, agosto”, in: Barbosa, Francisco Assis (Org.) *Raízes de Sérgio...*, *Op.cit.*, p. 134 e 135. (Originalmente publicado em *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1929).

jornal, primeiro em Berlim, para depois, périplo nunca completado, partir em demanda da Rússia dos soviets.

Mesmo do Brasil têm sido atraídos pelo mistério vermelho vários curiosos, e muitos operários, simpatizantes ou adeptos da doutrina marxista. Entretanto, de um ponto de vista propriamente brasileiro, nenhum desses já numerosos viajantes anoutou as suas observações diretas do meio russo, procurando extrair da experiência pessoal ensinamentos ou advertências, que nos aproveitasse.

Coube a *O Jornal* e ao “Diário de Notícias de São Paulo” a iniciativa de enviar à Rússia, com aquele objetivo, o primeiro representante da imprensa brasileira. O nosso enviado especial é o sr. Sergio Buarque de Holanda, uma das figuras mais expressivas da moderna geração dos escritores nacionais. Familiarizado particularmente com a literatura russa e com as novas formas de pensamento surgidas da revolução de outubro de 1917, ele está em condições de analisar com conhecimento de causa e com autoridade os múltiplos problemas da vida soviética. O trato demorado dos teóricos revolucionários de tendências diversas como Lenine, Trotsky, Zinoviev, Stalin, Lunatcharsky, Bukharin, do mesmo modo que dos escritores e poetas, desde Gogol e Puschikin até Alexandre Blot, Pilniak e Fedin, deu ao sr. Sergio Buarque de Holanda uma idéia clara da complexidade do gênio russo, habilitando-o a examinar com segurança o fenômeno bolchevista e a refletir com profundidade sobre suas conseqüências.⁹⁴

⁹⁴ Cf. “Em demanda da Rússia dos soviets”, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1929. Artigo disponível no Fundo Privado Sergio Buarque de Holanda, SIARQ/Unicamp, Pt 52 Pasta 13.

É certo que há um visível exagero nesta nota quanto ao preparo teórico de Sergio Buarque a respeito da literatura marxista (e afinal, de tantos outros filiados ao Comintern), porém é factível e até mesmo documentado o contato do correspondente de *O Jornal* com a mais significativa literatura russa até então. Basta lembrar a hoje quase cifrada e misteriosa menção de Tristão de Athayde, ao encetar o balanço literário de 1927, de que Sergio Buarque “passou o ano distraído com a Ásia e nada nos deu...”⁹⁵. Além disso, da sua antiga biblioteca particular, da parte do espólio que ele salvara da dispersão efetuada antes da partida para Cachoiero do Itapemirim, restam ainda alguns volumes da editora *Bossard*, de Paris, das traduções de Gogol, Fédor Sologoub, Dostoievski, saídos entre 1922 e 1927, todos eles, alguns mais outros menos, anotados.⁹⁶

Aos incautos pareceria definitivamente espantoso, senão um milagre, a forma pouco convencional com que Sergio Buarque soube conciliar uma labuta incansável com os prazeres de uma vida boêmia. Verdade é que, leitor voraz desde a juventude, custou a disciplinar as solicitações de sua curiosidade intelectual bastante dilatada, pouco afeita à rígida compartimentação das esferas do conhecimento humano. Após romper com os modernistas, em 1926, seguiu militando na carreira jornalística, e depois da curta temporada em Cachoeiro do Itapemirim, parte como correspondente internacional de *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, entre 1929 e 1930, na Alemanha.

⁹⁵ Cf. Athayde, Tristão. *Estudos: 2ª Série*. Rio de Janeiro: Edições de A Ordem, 1928, p.20.

⁹⁶ Há também um volume de poesias de Maiakóvsky, de 1924, em tradução alemã. Porém esta obra provavelmente terá sido adquirida já durante a estadia de Sergio Buarque em Berlim no final dos anos vinte. Todos estes livros podem ser consultados no acervo particular de Sergio Buarque de Holanda que se encontra sob a guarda da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas – Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda.

De volta ao Brasil, em janeiro de 1931, trazia na mala um cartapácio de mais ou menos 400 páginas datilografadas de uma “Teoria da América”, algumas das quais seriam parcialmente aproveitadas, obviamente depois de muita depuração e talvez ligeiras correções de perspectivas, na fatura de *Raízes do Brasil*. Juntamente com Pedro Meira Monteiro, somos levados a perguntar:

o que terá sido, afinal, “desconsiderado” no texto original? Não nos surpreenderia que tivesse sido exatamente aquilo que o aproximasse de uma abordagem idealista, irracionalista ou essencialista da realidade histórica.⁹⁷

Entretanto isso não implica dizer que Sergio Buarque abdicara do desenvolvimento das formas como importante passo ancilar à formulação de sínteses compreensivas. Apenas, como já tivemos oportunidade de assinalar, cuidaria de ajustar tal processo de “invenção” de formas ao procedimento de análise exaustiva da matéria tratada. Mais uma vez nos socorrendo das precisas e preciosas reflexões do autor de *A queda do aventureiro*, lembraríamos que

o labor científico guarda caracteristicamente um espaço para a criatividade. Se a “seleção” que precede a forjadura dos tipos ideais não é casual ou aleatória, nem por isso ela se fecha em possibilidades estanques. Bastando que sejam objetivas, verossímeis, as possibilidades de imputação causal são sempre várias. Portanto devemos compreender Sergio Buarque como alguém que foi à Alemanha e de lá

⁹⁷ Cf. Monteiro, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1999, p. 61. Faz-se mister ressaltar que nesses seus “*Wanderjahre* alemães” as leituras de corte idealista, irracionalista, senão mesmo essencialista, da filosofia mística de Klages ainda tinham como exercer seus aspeltos sedutores ao jovem Sergio Buarque. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*, Op. cit., p. 29-30, e também Holanda, Sergio Buarque de. “O Bom Dragão”, in: *Cobra de Vidro*. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 125-29.

trouxe um conhecimento teórico inestimavelmente rico, que contudo não significaria nada, não fosse sua criativa atribuição de certo sentido ao desenrolar de nosso próprio curso histórico.⁹⁸

Convém lembrar que essa “atribuição de sentido” ao “desenrolar do nosso próprio curso histórico” está indissociavelmente associada ao curso histórico da própria experiência de Sergio Buarque, na qual, aliás, a parte modernista desempenha um papel decisivo. E o estudo sistemático dessa experiência, salvo engano, mal se esboçou ainda. Se fosse lícito insistir num recurso exaustivamente empregado pelas práticas modernistas, seríamos tentados a parodiar as palavras de Hegel afirmando que pelo simples fato de ser geralmente conhecida a importância do modernismo na trajetória intelectual de Sergio Buarque, não nos encontramos aptos a reconhecê-la. Pois, como alertava Hegel, a maneira mais eficaz de iludir-se a si mesmo e de iludir aos outros consiste em supor conhecer algo já conhecido e deixá-lo como tal.⁹⁹

* * *

⁹⁸ *Idem*, p. 77

⁹⁹ Cf Hegel, G. W. F. *Hegel (Os pensadores)*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996, p. 309.

Vagas insinuações no plano das idéias

“..melhor para idéia bem se abrir, é sugerir bem fundamentado.”
(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas)

A singularidade de *Raízes do Brasil*, a nosso ver, decorre do fato de que o ensaio foi muito vivido antes de pensado. Nele Sergio Buarque procurou sistematizar toda uma experiência pessoal, ambientada no calor da primeira hora modernista, perpassando-o com os olhos da maturidade, meditando sobre os erros e acertos eventuais; ponderando falhas e virtudes, avanços e recuos que tiveram desdobramentos os mais variados na vida social brasileira. Trataria-se, em substância, de uma primeira investida mais detalhadamente elaborada contra aquilo que Sergio Buarque apelidou certa vez, ao comentar seu retorno regular na crítica literária, de uma espécie de “desmentido da literatura”.

Dizia então Sergio Buarque, ao retomar os rodapés literários da grande imprensa carioca, ou ingressar propriamente - segundo seu julgamento - na crítica sistemática¹ -, depois de um curto lapso de tempo, no qual, esporádica e fortuitamente, substituíra Mário de Andrade durante o início da década de quarenta:

Ao deixar a atividade regular de crítico literário, há mais de seis anos, eu não imaginava retomá-la algum dia. Preferi por muito tempo conservar-me o que fora sempre, um “bissexta” da crítica, sem mais obrigações e responsabilidades do que

¹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*, Op. cit., p. 18.

escrever em horas vagas sobre livros que ocasionalmente me interessavam. E livros que, a bem dizer, pouco tinham a ver, em sua generalidade, com a literatura, no sentido mais limitado e corrente da palavra.

O próprio desmentido da pura literatura, das 'belas-letas', pareceu-me não raro participar de algum vício de nossa formação brasileira, que, inábil para denunciar nos outros, tentei frequentemente contrariar em mim mesmo. Refiro-me naturalmente a esse gosto que se detém nas aparências mais estritamente ornamentais da expressão que tendem a conferir aos seus portadores um prestígio estranho à esfera intelectual e artística.

Fiados no poder mágico que a palavra escrita ou recitada ainda conserva em nossos ritos e cerimônias, e que será sempre de interesse para quem se proponha pesquisar o complexo folclore dos civilizados, não faltam os que vêem no "talento", no brilho da forma, na agudeza dos conceitos, na espontaneidade lírica e declamatória, na facilidade vocabular, na boa cadência dos discursos, na força das imagens, na agilidade do espírito, na virtuosidade e na vivacidade da inteligência, na erudição decorativa, uma espécie de padrão superior da humanidade. Para estes a profissão de escritor - se assim já se pode dizer entre nós - não constitui, em realidade, apenas uma profissão, mas também e sobretudo uma forma de patriciado.²

Nesse artigo, aliás, existem significativos indícios a respeito de uma correspondência de propósitos entre certos aspectos da visão crítica de nosso autor no que tange à literatura e à vida social, os quais mereceriam análise mais

² Holanda, Sergio Buarque de. "Missão e Profissão", in: *O espírito e a letra*, Op. cit., volume II, p. 35-40. (Originalmente

delicada e cuidadosa. Pois de alguma forma não estará longe das intenções latentes em *Raízes do Brasil* o flagrar de instantâneos do “complexo folclórico dos civilizados”, bem como uma hábil denúncia de “prestígios estranhos à esfera da vida intelectual e artística” que timbram em açular, quando não mesmo sustentar, formas mal disfarçadas de um patriciado subentendido.

Entretanto, é óbvio que seria extremamente redutora uma análise que privilegiasse apenas o que decorre de uma experiência especificamente literária na estrutura de *Raízes do Brasil*. Isto implicaria em abdicar toda análise da formação da sociedade brasileira ali magistralmente presente. Seria o caso de perguntar, então, até que ponto aspectos os mais instigantes da interpretação sociológica de *Raízes do Brasil* não teriam algum suporte possível nos encontros e desencontros que marcaram a trajetória modernista de Sergio Buarque.

É certo que esta foi uma trajetória muito particular, que altera passos de aproximação e distanciamento das conquistas formais das correntes estéticas presentes num movimento artístico tão difuso (ou profuso) quanto o modernismo. Sergio Buarque foi um crítico que acompanhou o desdobramento das principais tendências do movimento por dentro e formulou uma espécie de crítica interna das mesmas, envolvendo-se inclusive nos sucessos que redundaram nas cisões da suposta unidade construtora do movimento.³

publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1948).

³ Cf. Os trabalhos de Antonio Amoni Prado sobre este tema: Prado, Antonio Amoni. “Nota breve sobre Sérgio crítico”. In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p.117-135; Prado, Antonio Amoni. *Raízes do Brasil e o modernismo*. In: *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. (org. Antonio Candido). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p.71-80.

Entretanto esta é uma chave de análise que tanto não pode ser descartada quanto não pode ser tomada como um ponto de vista exclusivo. Se forçamos esta perspectiva, conscientemente desviando o foco de outros ângulos tão ou mais pertinentes de análise, é apenas para podermos enxergar como circunstâncias bastante concretas oferecem pontos de apoio para grandes vôos especulativos que enriquecem sobremaneira a formulação original, ainda que pouco tendo de inédita, da interpretação histórica e social das bases da nacionalidade brasileira.

Aqui, contudo, importa uma sutil distinção entre *originalidade* e *ineditismo*, visto que o que há de mais original em *Raízes do Brasil* é a combinação bastante peculiar de dados sobejamente conhecidos, em quase nada inéditos, e não uma intenção deliberada de revelação de novidades surpreendentes e espetaculares. Esta, caso houvesse, muito provavelmente depositaria chumbos nas asas imaginativas que informam a concepção do ensaio. Aliás, já disse que a originalidade é pretensão de principiantes, atributo pouco cabível à personalidade de Sergio Buarque quando da elaboração de seu justamente famoso ensaio.

Tempos antes, em período em que ainda tateante perseguia os caminhos pelos quais deveria trilhar, nosso autor timbrava em ressaltar que uma autêntica expressão não surge necessariamente da vontade caprichosa, porém muitas vezes se descobre na indiferença: não, é certo, na indiferença absoluta, mas naquela modalidade da indiferença que não prima por se guiar pelas recompensas e reconhecimentos imediatos, debatendo-se antes com as dificuldades a serem

vencidas, extraindo máximo proveito do aparentemente insignificante.⁴ Em suas próprias palavras:

Ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença. Isso não quer dizer que nossa indiferença, sobretudo indiferença absoluta, vá florescer por força nessa expressão nacional que corresponde ao desejo de todos. Somente me revolto contra muitos que acreditam possuir ela desde já no cérebro tal e qual deve ser, dizem conhecer de cor todas as suas regiões, as suas riquezas incalculáveis e até mesmo os seus limites e nos querem oferecer essa sobra em vez da realidade que poderíamos esperar deles. Pedimos um aumento de nosso império e eles nos oferecem uma amputação.⁵

Portanto, quer nos parecer que outra não seria a verdadeira intenção de Sergio Buarque ao escrever *Raízes do Brasil* senão o intento de fazer decantar nos fatos conhecidos mas não vistos, o vislumbrar de realidades mal compreendidas ou mal assimiladas, por ingenuidade ou conveniência dos

⁴ Referimo-nos ao artigo em que Sergio Buarque denunciava a precipitação de “esquemas premeditados, a ausência de abandono e de virgindade” nalgumas obras modernistas mais sequiosas de pronto reconhecimento, de alcance canônico e aplauso fácil junto ao público, ao que se contrapunha então o jovem Sergio Buarque. Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. in: *O espírito e a letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, volume I, p. 225-26.

⁵ Idem, ibidem. Talvez fosse isso que levasse Sergio Buarque, em outra ocasião, a sublinhar que o problema da inteligência artística expressa o capítulo “dos mais curiosos e sobretudo dos mais importantes” da arte moderna. Daí citar, em total concordância, a observação de Rubens Borba de Moraes: “A velocidade da vida moderna obriga o artista a realizar depressa o que ele sentiu depressa, antes da inteligência intervir.” Apesar de estar de acordo com o autor de *Domingo dos Séculos* quanto ao “combate à influência do intelectualismo do século passado” na arte novecentista, Sergio Buarque não se mostra convencido da simplicidade da solução apresentada por Rubens Borba para uma questão tão cheia de nuances como esta. Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. “Rubens de Moraes – *Domingos dos Séculos*”, *O espírito e a letra*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, volume I, p. 202. (Originalmente publicada em *Estética*, Rio de Janeiro, no 2, ano II, janeiro-março de 1925, p.222-24)

observadores coevos.⁶ Todos eles, diga-se de passagem, muitas vezes sedentos em propor programas para a organização nacional, ávidos para elaborar esquemas e soluções ao nosso “estouvamento de povo”, sem atentar para a adequada formulação dos problemas envolvidos e das questões que deveriam servir de ponto de partida para tais proposições. Todavia, é certo que desde cedo Sergio Buarque aprendeu a desconfiar dos raciocínios que procuram “demonstrar seguindo sempre uma linha reta entre o enunciado da questão e a resposta”, e que só afirmam tudo quanto aos seus torneios “parece indiscutível”.⁷

Daí, quem sabe, para falar com Antonio Candido, o discreto corretivo à abundância nacional que se desprende ao longo do primeiro e do último parágrafos de *Raízes do Brasil*:

Trazendo de paizes distantes as nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em um ambiente muitas vezes desfavoravel e hostil, somos ainda uns desterrados em nossa terra. (...) não será pela experiencia de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia

⁶ Aliás outra não era a intenção de Sergio Buarque no artigo que abriga a passagem citada anteriormente. Segundo Prudente de Moraes, neto, amigo e comparsa inseparável de SBH nos prélis intelectuais dessa época, o que se desprendia das linhas de “O lado oposto e outros lados”, escrevia em 30 de outubro de 1926, “marca evidentemente uma separação entre dois momentos, exprime um atitude de que ainda não tinha exemplo por aqui e parece indicar o começo de uma nova fase de nossa literatura. (...) O fato é que há de um lado os que representam um espírito de liberdade avesso a limitações. E há os do lado oposto”, presos ainda a “preconceitos inumeráveis, intelectuais e sociais, [que] cerceiam e anulam os movimentos”, resultado que são “da submissão a umas tantas idéias inalteráveis”, e que “se comprazem nessa atmosfera (...) conformados com todas as exigências da vida em sociedade, habituados a cumprir sem exame quaisquer imposições e formalidades dela, os que agem e pensam de acordo com a boa regra e o bom-tom, numa palavra, as pessoas bem educadas”. Cf. Prudente de Moraes, neto. “O lado oposto e outros lados”, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1926. Artigo reimpresso na *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p.8-10.

⁷ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p. 202. Trata-se de uma resenha que Sérgio Buarque escreveu para *Domingo dos Séculos*, obra de Rubens Borba de Moraes, e que foi originalmente publicada em *Estética*. Rio de Janeiro, II (1), janeiro-março de 1925, p. 222-4.

com a nossa realidade. Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo schemas sabios e de virtude provada, mas ha de restar um mundo de essencias mais intimas que, esse, permanecerá sempre intacto, irreductivel e desdenhoso das invenções humanas.⁸

Destarte, a questão a ser formulada era justamente: mas que *essências íntimas* são essas? Qualquer resposta razoável para esta pergunta, entretanto, não se formularia através de sínteses imediatas, pois desse modo se acabaria conferindo importância desmedida ao que não é importante, talvez encobrindo o que era e deveria ser efetivamente descoberto. Apenas seriam possíveis algumas aproximações sucessivas, contanto que empreendidas a partir de minuciosas análises, o que demanda tempo e paciência, atributos nem sempre disponíveis nas circunstâncias em que os ânimos se encontram à flor da pele.⁹

Por isso mesmo é interessante notar como feriam os brios da mocidade nacionalista, portadora daquele “nacionalismo embrabecido” de que falava Mário

⁸ Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 3 e 160-1.

⁹ Veja-se, por exemplo, a penetrante observação de Pedro Meira Monteiro: “Sergio Buarque não pretendia tratar de um ‘mundo de essências’ (palavras dele) como algo uno, fechado em seus sentidos. O ‘mundo de essências’ a que se refere é bem mais do que o caráter psicológico de um povo. Essencial não é a figura concreta de um ‘homem cordial’ lhano, afetivo e hospitaleiro (se estamos corretos quanto ao caráter típico-ideal da construção tipológica do ensaio, sequer haveria sentido para esta ressalva, dado que, desde sua gênese, o tipo ideal é já uma ficção científica, uma ‘utopia’), mas a realidade política de uma formação que, quiséssemos ou não, era a nossa. (...) A ‘essência’, como dizíamos, não é uma entidade metafísica, um ente irracional ou uma forma unívoca de compreensão do passado, mas algo que está exatamente, se de fato nos preocuparmos com questões essenciais, na forma como se manifesta, no universo material e simbólico que compõe o mundo colonial, o trabalho humano. (...) estamos nos referindo a uma certa ordem no procedimento metodológico de Sergio Buarque, que se pode reconstituir tomando como elementos primeiros (estes sim, fundantes) de sua análise não os conceitos que englobam (ou totalizam) os eventos, mas sim os próprios eventos, revestidos de uma significação que não lhes é arbitrariamente dada pelo historiador, mas é buscada no próprio nível material em que se dá, afinal, a atribuição de sentidos, pelos sujeitos históricos, a suas próprias criações, fruto de seu

de Andrade, algumas dessas afirmações antes reflexivas do que afirmativas do ensaio buarquiano.¹⁰ Eram comuns as imprecisões contra as qualidades cépticas da prosa ensaística de Sérgio Buarque, mormente contra seu espírito “mais negativista, mais dubitativo, que restaurador e construtivo”. Segundo esta apreciação de Oscar Mendes, o livro de estréia de Sergio Buarque apresentava

uma grande falha. Não conclue. Não resume numa síntese forte e clara o seu julgamento sôbre o material recolhido, nem organiza um corpo de doutrina capaz de levar o Brasil a uma renovação de valores e a uma vida mais equilibrada e ordenada.¹¹

Com ele estavam muitos outros observadores e comentaristas de *Raízes do Brasil* na primeira hora de seu lançamento. Leitores mais prudentes e mais cautelosos, entretanto, não escondiam sua perplexidade diante do texto, mesmo reconhecendo os méritos e as dificuldades de uma peculiar forma de expressão que não hesita em questionar a si mesma para lançar semelhante ordem questionadora nas mentes de seus eventuais leitores:

incansável trabalho material e intelectual”. Cf. Monteiro, Pedro Meira. “Sergio Buarque e os atores da ‘nossa revolução’.”, in: *Cadernos de História Social*. Campinas, número 4, outubro de 1996, p. 62-3 e 66

¹⁰ Neste particular cabe lembrar as pertinentes observações de Mário de Andrade a respeito “dos defeitos por assim dizer tradicionais” da crítica brasileira: “Nesta barafunda, que é o Brasil, os nossos críticos são impelidos a ajuntar as personalidades e as obras, pela precisão ilusória de enxergar o que não existe ainda. Daí uma crítica prematuramente sintética, se contentando de generalizações muitas vezes apressadas, outras inteiramente falsas. Apregoando o nosso individualismo, eles *socializam tudo*. Quando a atitude tinha de ser de análise das personalidades e às vezes mesmo de cada obra em particular, eles sintetizavam as correntes, imaginando que o conhecimento do Brasil viria da síntese. Ora tal síntese era, especialmente em relação aos fenômenos culturais, impossíveis: porque, como sucede com outros povos americanos, a nossa formação nacional não é natural, não é espontânea, não é, por assim dizer, lógica. Daí a imundície de contrastes que somos. Não é tempo ainda de compreender a alma-brasil por síntese.” Cf. Andrade, Mário de. “Tristão de Athayde”, in: *Aspectos da literatura brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 8. (Ensaio originalmente publicado na *Revista Nova*, em 1931).

É pena que o sr. Buarque de Holanda, tão notável na pesquisa e na exposição, seja tímido nas conclusões de seu livro, que é um belo livro, um dos mais belos livros ultimamente escritos no Brasil, chega a ser talvez negativista. (..) Ou não há em “Raízes do Brasil” uma afirmação ou, muito possivelmente, é ela tão sutil que escapou a minha percepção, o que de certo mais depõe contra mim do que contra o sr. Buarque de Holanda

- confessava Rubens do Amaral, articulista da *Folha da Manhã*, em artigo de 28 de novembro de 1936.¹² Mas isso só vem a mostrar o quão distante estavam vários intérpretes da perspectiva que informava o ensaio de Sergio Buarque de Holanda. Talvez as leituras de certas figuras egressas das fileiras modernistas pudessem demonstrar maior sensibilidade para as questões abordadas no ensaio.

Maior sensibilidade, quem sabe, inclusive para captar aquilo que, páginas atrás advertíamos, importava numa sutil distinção entre *originalidade* e *ineditismo* na concepção formal de *Raízes do Brasil*. Esta operação, conforme dizíamos, implica no revolver de temas sobejamente conhecidos, dirigindo-lhes porém outros olhares, de modo a se instaurar uma tensão latente que nos impulsiona, talvez com alguma segurança, rumo ao desconhecido. A pergunta que naquelas páginas ficou suspensa já pode aqui ganhar uma expressão mais direta: o que nos causa inquietação é saber quais as circunstâncias que permitiriam a apropriação, esta sim original e inédita, do arcabouço conceitual arrancado das modernas

¹¹ Cf. Mendes, Oscar. “A alma dos livros”. in *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 17/01/1937.

¹² Amaral, Rubens do. “Livros e idéias”. in *Folha da Manhã*, São Paulo, 28/10/1936.

ciências sociais alemãs (e não somente delas)¹³; se as frustrações modernistas não serviriam de acicate ou matéria-prima genuína dos primeiros ensaios de uma longa peregrinação nos desvãos da história pátria?

De fato, as análises dos processos de prolongamento e continuidade de tradições culturais ibéricas no Novo Mundo contidas em *Raízes do Brasil* combinam mal com os intuitos de ruptura e renovação estéticas promovidas pelos modernistas, embora não soaria descabida a lembrança de que ambos fenômenos convergem na perpetuação de algumas controvérsias acerca de conceitos e realizações que neles se traduzem. Terá algum significado semelhante convergência de mal-entendidos? Não serão, aliás, resultantes de raízes comuns? Afinal, não seria justamente para encerrar uma mal iniciada polêmica com Cassiano Ricardo, outro antigo militante modernista, que Sergio Buarque lavraria uma sentença inapelável ao seu conceito de homem cordial?

Se em *Raízes do Brasil* a compreensão da realidade literária não é exercida de maneira imediata, é porque assim ela não traduziria o apego ao dado concreto que informa o ensaio.¹⁴ Há verdades que se falseiam quando tornadas opacas

¹³ Para duas visões distintas, senão complementares, deste tema ver o erudito trabalho de Monteiro, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, e a sugestiva embora em tantos aspectos controversa dissertação de Eugenio, João Kennedy. *O outro ocidente: Sérgio Buarque de Holanda e a interpretação do Brasil*. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em História, Niterói: UFF, 1999. Sobre traços epistemológicos do historicismo alemão em *Raízes do Brasil* vale conferir o trabalho de Carvalho, Marcus Vinicius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação de mestrado, Departamento de História. Campinas: IFCH-Unicamp, 1997.

¹⁴ Este tipo de reflexão teórica a propósito da relação entre forma literária e realidade social tem como inspiração os trabalhos de Roberto Schwarz, particularmente, seus seminais ensaios sobre "As idéias fora do lugar" e "Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da malandragem*". Cf. Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p. 13-28; e *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 129-55. Ver também as recentes traduções das instigantes obras de Dolf Oheler: *Quadros Parisienses: a estética antiburguesa em Baudelaire, Daumier e*

por sua expressão imediata. Se fosse para captar diretamente as correlações entre a formação social brasileira e sua articulação com o sistema literário não haveria como flagrar em profundidade o real, e este se esvaziaria na discussão em torno de frivolidades, que pouco seriam capazes de explicitar o embasamento concreto, as ligações subterrâneas que unem e articulam vida social e fenômeno literário.

Também a concepção formal de *Raízes do Brasil* não se deu imediatamente. Pode-se imaginar que se trata de uma obra longamente pensada, “sem muita pressa, mas com paixão crescente”.¹⁵ Isto talvez pode ser percebido pela segurança que mantém o traço longo do texto, as interconexões entre idéias dispostas singelamente em cada capítulo, de forma que a estrutura do ensaio pode se revestir de uma polaridade conceitual de cabo a rabo do texto. Hoje em dia, principalmente depois do aparecimento do já também clássico – diria-se mesmo indissociável - prefácio de Antonio Candido à 5ª edição de *Raízes do Brasil* (1969), em que grava com vivas cores a “admirável metodologia dos contrários” que informa o famoso ensaio buarquiano, tal apreciação tornou-se

Heine (1830-1848) São Paulo: Companhia das Letras, 1997 e *O velho mundo desce aos infernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁵ Conforme as palavras de Alexandre Eulálio: “Nos anos que sucedem a volta da Europa, Sergio procura elaborar a maciça *Teoria da América* que, a partir de antigas conversas com Prudente, foi rascunhando num grosso caderno de Deve-Haver e desenvolveria em parte na Alemanha; dele vai desentranhar aos poucos a obra esbelta e provocante que viria a se chamar *Raízes do Brasil*. Sem muita pressa, mas com paixão crescente, adianta o projeto em meio às atividades jornalísticas que retomou, podendo, em 1935, divulgar, na revista *Espelho*, um esboço geral do trabalho que intitula ‘Corpo e alma do Brasil’.” Cf. Eulálio, Alexandre. “Antes de tudo um escritor”. In *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p.141; ver também Holanda, Sergio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 29-30.

quase moeda corrente.¹⁶ Entretanto, também aos leitores atentos da primeira hora este fato não passou despercebido. Uma nota no *Diário de Notícias*, de 1º de novembro de 1936, saudava o aparecimento do ensaio com as seguintes palavras:

tem como poucos, um caráter de investigação cuidadosa, de pesquisa erudita, para a interpretação racional, dos mais diversos fenômenos formadores da nossa realidade atual. Possuindo o autor uma extraordinária capacidade de analista e um poderoso senso de interpretação das causas e efeitos, entre o emaranhado dos atalhos que se abrem para o pesquisador, conseguinte [sic] evitá-los para encontrar o caminho real, conseguiu também, partindo dos remotos fatos do nosso descobrimento e da nossa colonização, fazer o estudo lógico da nossa evolução social, e uma explicação muito clara da psicologia do nosso povo, como produto dos mais diversos e por vezes contraditórios fatores.¹⁷

E deste aspecto cuidaram, explicitamente, pelo menos mais dois observadores: Lemos Britto e Plínio Barreto. Aquele assim se pronunciava a respeito:

O sr. Sergio Buarque de Holanda estudou bastante o caminho por onde devia seguir; daí a segurança de seu passo. (...) O autor destaca-se pela coragem das

¹⁶ Cf. Candido, Antonio. "O significado de *Raízes do Brasil*". In *Raízes do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. O lastro deste marco da recepção do ensaio sergiano, para se ter uma idéia, chega mesmo a adquirir um valor fiduciário nas mãos de intérpretes menos entusiastas da obra do historiador paulista. Wanderley Guilherme dos Santos, por exemplo, não sem pouca acrimônia, dizia que *Raízes do Brasil* "era uma invenção do Antonio Candido". Cf. Gaspari, Elio. "Uma cabeça que bate contra a maré; Wanderley Guilherme dos Santos, elitista e marginal, vencedor de causas perdidas", *Veja*, São Paulo, 18 de maio de 1994.

¹⁷ Cf. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1936.

idéias e firmeza com que as anuncia e debate. É um livro sério, avançado, viril. Ele nos dá a impressão de um tribunal a que comparece o Brasil, com suas organizações econômicas, política, cultural, com seus homens e princípios, com a sua história para ser julgado. O processo é rigoroso, mas está longe de ser inquisitorial. O autor é o órgão de defesa social proferindo seu libelo acusatório. Resta aos que defendem as doutrinas opostas, e, sobretudo, a política da tradição, saírem a campo e defenderem-se.¹⁸

Já Plínio Barreto, a despeito de ligeiras ressalvas apresentadas, parecia bastante condescendente:

Não direi que tudo quanto afirma o sr. Buarque de Holanda se esquive a objeções. Direi, apenas, que ele defende com muita destreza os seus modos de ver e que esses modos denotam, a um tempo, longo estudo da nossa história e da nossa psicologia e o hábito de lidar com idéias gerais. É grande, no seu livro, a virtude capital dos bons livros: o estímulo à reflexão e a abertura de largas perspectivas intelectuais.¹⁹

O caminho metodicamente traçado dos argumentos na certa estaria nas raízes dessas virtudes incitantes da reflexão e fomentadoras de amplas vistas compreensivas. A amplitude de suas sugestões está diretamente relacionada com a qualidade da fundamentação que as alicerça. O ensaio todo é construído pela sucessão de categorias polares que põem em movimento e flagram uma

¹⁸ Britto, Lemos. "Bazar de livros". *Vanguarda*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1936.

¹⁹ Barreto, Plínio. "Livros Novos", sem indicação. Recorte de jornal recolhido no Fundo Privado Sergio Buarque de Holanda guardado no Sistema de Arquivo Central da Unicamp (SIARQ). Cf. FSBH/SIARQ/Unicamp - Série PT: Pasta 61.

apreensão dinâmica de várias dimensões dos fenômenos da formação brasileira, dissecando-os no sentido mais fundo em que se processou o seu desenvolvimento. Assim, quando as referidas polaridades conceituais não cobram presença textual, como ocorre nos capítulos finais, é porque tais polaridades não mais se manifestam diretamente em figuras conceituais, mas elas estão colocadas nos dilemas históricos que se abrem para o futuro. Sergio Milliet esteve bem próximo de captar esta sutileza do texto quando escreveu que sob

o título sugestivo de "Raízes do Brasil" procurou Sergio Buarque de Hollanda averiguar até que ponto mergulham elas nas culturas estrangeiras, em que medida somos herdeiros dos traços característicos da terra de nossos colonizadores. (..) Não se limita o escritor a descobrir as raízes. Tenta ainda compreender porque vingou a planta e como, ao contato do ambiente novo, se desenvolveu. E sua originalidade reside em mostrar-nos não o que ela tem de diferente porém o que apresenta de semelhante. Qualidades e defeitos são ressaltados numa síntese rápida demais que parecerá artificial, mas não é isenta de engenho e sutileza.²⁰

Entretanto, isto posto, o sensível ensaísta limitou-se a assinalar a tese segundo a qual o individualismo e a anarquia aventureira seriam as duas vigas mestras da nossa cultura. Verdade é que se mostra inseguro em tirar grandes conseqüências dessa sua leitura. Mais acertado seria admitir que o engenho e a sutileza do raciocínio de Sergio Buarque descansam na oposição estabelecida entre as raízes ibéricas enxertadas no Novo Mundo e sua discreta esperança no cultivo das sementes que forem desabrochando dessa fragilizada árvore e de sua

²⁰ Milliet, Sérgio. *Op. cit.*, 1938, p. 51.

fruta secular: isto é, na substituição da velha erva de colonial estufa por uma nova planta, embora derivada daquela, não mais ibérica - posto que a supere -, antes ibero-americana, ou simplesmente americana. Não estaríamos aqui diante da famosa metáfora do desenvolvimento dialético hegeliano?²¹

Tais considerações fiam-se na particularidade de que nos escritos de Sergio Buarque, de ordinário, quase tudo se afirma negando ao mesmo tempo que se nega afirmando. Neste particular, a própria estrutura do seminal ensaio sergiano, expondo um dissolvente jogo de elementos contraditórios, poderia vir em nosso auxílio. Este fato, aliás, não escapou da lucidez crítica de Antonio Candido em suas várias análises da obra. Atentando para a economia interna da obra, Antonio Candido não cansou de frisar a singularidade de *Raízes do Brasil* em conciliar a análise do passado da sociedade brasileira com uma proposta radical de transformação da realidade do período em que o ensaio era escrito. Verdade é que esta proposta não ultrapassa vagas insinuações no plano das idéias. Todavia,

²¹ Veja-se, por exemplo, as palavras de Hegel no famoso prefácio a sua *Fenomenologia do Espírito*: "Assim como a opinião se prende rigidamente à oposição do verdadeiro e do falso, assim, diante de determinado sistema filosófico, ela costuma esperar uma aprovação ou uma rejeição e, na explicação de tal sistema, costuma ver somente uma ou outra. *A opinião não concebe a diversidade dos sistemas filosóficos como o progressivo desenvolvimento da verdade, mas na diversidade vê apenas a contradição. O botão desaparece no brotar da flor, e pode-se dizer que é refutado pela flor. Igualmente, a flor se explica por meio do fruto como um falso existir da planta, e o fruto surge em lugar da flor como verdade da planta.* Essas formas não apenas se distinguem mas se repelem como incompatíveis entre si. Mas sua natureza fluida as torna, ao mesmo tempo, momentos da unidade orgânica na qual não somente entram em conflito, mas uma existe tão necessariamente quanto a outra; e é essa igual necessidade que unicamente constitui a vida do todo. Mas, de uma parte, a contradição que se dirige contra um sistema filosófico não costuma entender-se a si mesma dessa maneira e, doutra parte, a consciência que apreende tal contradição não sabe libertá-la e mantê-la livre com relação à sua unilateralidade, nem reconhecer momentos necessários na figura do que aparece sob a forma de luta e oposição contra si mesmo". Cf Hegel, G. W. F. *Hegel (Os pensadores)*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996, p. 296. (Ênfases acrescentadas, CPC).

manifesta uma formulação premeditada cuja articulação de ambos os momentos constitui a essência e a motivação de toda obra:

O desfecho, solidamente plantado nas proposições anteriores, tinha por isso mesmo uma validade que ainda permanece, ao contrário da maior parte dos numerosos ensaios político-sociais daquele tempo, que o tempo levou.²²

As principais teses do livro apresentam uma indissociável unidade de interpretação e argumentação persuasiva. Além das tensões conceituais desenvolvidas a cada passo da análise, a construção dialética da interpenetração de sentidos expande-se para a iluminação recíproca dos capítulos que dialogam entre si, ao mesmo tempo delimitando e ampliando a extensão de significado das formulações dispostas ao longo do ensaio, como que a explicitar o dissolvente jogo de elementos contraditórios referido acima.²³ Os quatro primeiros capítulos de

²² Candido, Antonio. "Sérgio em Berlim e depois", *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 1 (3), julho de 1982, p.8.

²³ Numa mirada panorâmica, certamente incompleta, as principais teses do ensaio, capítulo a capítulo, podem ser resumidas da seguinte forma: as fronteiras da Europa ibérica, em contraste com a Europa de "além dos Pireneus", retratam "o fato dominante e mais rico em conseqüências" da tentativa de implantação da cultura européia no continente americano; as incompreensões fundamentais entre os princípios de uma "ética do trabalho" e de uma "ética da aventura", informam as "determinantes psicologias do movimento de expansão colonial portuguesa" nos trópicos; a instauração de "civilização de raízes rurais", em oposição a uma "civilização agrícola", fez deitar fundas conseqüências, explicitadas pelo desequilíbrio essencial entre "a pujança da vida rural" e "a mesquinhez das cidades", no desenvolvimento posterior da organização social brasileira; uma sutil distinção entre o "pedestre realismo lusitano" e o "zelo minucioso e previdente" dos espanhóis em seus respectivos domínios americanos, aparece nas categorias do "semeador" e do "ladrilhador", num primoroso capítulo de história comparativa; a análise das incompatibilidades fundamentais entre os princípios da "noção abstrata, impessoal da Cidade" e a "realidade concreta e tangível" dos laços afetivos e familiares, colore a caracterização bastante questionada do "homem cordial" e da cordialidade brasileira; o prenúncio do "novos tempos", sugerido pela brusca "transição do convívio das coisas elementares da natureza para a existência mais regular e abstrata das cidades", desfere um primeiro abalo na estrutura mental herdada das aludidas raízes rurais, estimulando "uma crise subterrânea, voraz", na personalidade dos indivíduos representativos da nacionalidade brasileira; por fim, no último capítulo, as perplexidades do autor diante das perspectivas ainda indecisas do que chama "Nossa Revolução", cujo sentido parece ser o "aniquilamento das raízes ibéricas" da cultura brasileira para a "inauguração de um estilo

Raízes do Brasil, capítulos considerados históricos, cumpririam, dentro desta perspectiva, o papel de revelar porque os laços de coesão social herdados da vida patriarcal, embora ainda tidos como “reliquias respeitáveis”, haviam ruído com o fim da escravidão, esteio e símbolo da sociedade de *raízes rurais* (e não uma “civilização tipicamente agrícola”) que a colonização lusitana aqui instaurara.²⁴ Ao lado desta leitura bastante difundida, senão a mais difundida da obra, é possível vislumbrar outras aberturas para o futuro, nem sempre satisfatoriamente exploradas.²⁵

O ensaio, por sua própria natureza, está vazado por vastos jogos de vozes, redes de significações e significados, que demandam o preenchimento inventivo e recriador de quem intercepta sua ciranda. Mais do que demonstrar, o ensaio antes sugere possibilidades compreensivas. Talvez por isso mesmo, a partir de extrapolações mais ou menos displicentes, consiga melhor nuançar contrastantes aspectos da realidade, estacando justamente quando quase mais nada resta a dizer para ferir a imaginação de um interlocutor presumido.

novos”, crismado de “americano”, porventura mais acolhedor de valores sociais positivos, capazes de assimilar, absorver e elaborar os tão almejados requisitos de civilidade e democracia na formação social brasileira.

²⁴ Para este ponto ver as considerações sensivelmente revistas e ampliadas pelo autor, visando antes uma melhor fundamentação de idéias gerais do que a franca retratação, nas edições posteriores do ensaio. Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956, p. 44-49

²⁵ Ver, por exemplo, as sugestivas observações de Flávio Aguiar a respeito do que considera “um movimento muito envolvente” na fatura de *Raízes do Brasil*: “exposição e reflexão parecem ser uma coisa só, e lemos como se víssemos um pensamento em elaboração no momento mesmo que se elabora. Esta é uma poderosa estratégia persuasiva, pois nos sentimos como um leitor, conduzido com mão de mestre por outro leitor, ao doce inferno açucarado de nossa república café-com-leite, no momento mesmo em que ela agoniza e expõe sua intimidade com o mundo do engenho que lhe foi berço e cicatriz de nascença. Faz parte desse olhar que nos conduz projetar o vaticínio de que ela agoniza exatamente porque não pode, ou não pôde, se desprender daquelas marcas de nascença. Elas, que foram seu berço, serão seu epitáfio”. Cf. Aguiar, Flávio. “A moldura e o espelho”, in *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. (Org. Edgar Salvadori de Decca e Ria Lemaire), Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 71.

O êxito que pode ou não alcançar semelhante expediente depende da sensibilidade com que se elencam as afinidades temáticas que melhor se acomodam à enquadramento do ponto de vista que se quer explicitar. Nesse vão largo, contudo, não há espaço para arbitrariedades. Quanto melhor documentada e informada a intuição do ensaísta, maior será a objetividade e destreza nas angulações imaginosas dos temas abordados, e, por conseqüência, mais livre será a desenvoltura que imprimirá às suas expansões especulativas e maior o poder de revelação de suas conjecturas. Somente assim poderíamos compreender a ferocidade com que Sergio Buarque, nos capítulos finais de sua obra, se volta contra o apego a certas formas tradicionais destituídas de sentido ou suporte de realidade, sua veemente censura ao “amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis gerais, que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmbito de nossos desejos”, suas considerações condenatórias a respeito do “prestígio da palavra escrita, da frase lapidar, do pensamento inflexível”, manancial que constitui fonte de repouso para a débil imaginação, eternamente a “desarmar todas as expressões genuínas e menos harmônicas de nossa sociedade nacional”.²⁶

Assim, vão os nossos homens apegando-se a ficções e a vaticínios enganosos, que servem para disfarçar um invencível desencanto com a nossa realidade e de nossa tradição. Os seus discursos variam de diapasão e de conteúdo, mas têm sempre o mesmo sentido e as mesmas secretas raízes.²⁷

²⁶ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 119 e 144.

²⁷ *Idem*, p.130.

Em *Raízes do Brasil*, colidindo de frente com os mais ciosos de nossa individualidade nacional, assim como já havia pelejado contra outros zelos e fórmulas modernistas no decênio anterior, Sergio Buarque intentava denunciar a trágica situação brasileira que preservava, ainda que inconscientemente, na política e nas letras, “como relíquias respeitáveis algumas formas exteriores do sistema tradicional depois de desaparecida a base que os sustentava”. Ou, em outras palavras suas: éramos apenas um povo endomingado, “uma periferia sem um centro”:

A urbanização contínua, progressiva, avassaladora, fenômeno social de que as instituições republicanas deviam representar a forma exterior e complementar, destruiu esse poderoso esteio rural, que fazia a força do regime decaído, sem lograr substituí-lo por nada de novo.

O trágico dessa situação está justamente em que o quadro formado pela monarquia ainda guarda seu prestígio, tendo perdido sua razão de ser, e trata de manter-se como pode, não sem grande artifício. O Estado brasileiro preserva como relíquias respeitáveis algumas das formas exteriores do sistema tradicional depois de desaparecida a base que os sustentava.²⁸

Nessas páginas, em já que se encaminhava para o encerramento do livro, Sergio Buarque parecia retomar, em outro plano de análise, as dúvidas colocadas à porta do ensaio: “E será legítimo, em todo caso, esse recurso ao passado em

²⁸ Idem, p.141.

busca de um estímulo para melhor organizar a sociedade? Não significaria, ao contrário, apenas um índice de nossa incapacidade de criar espontaneamente?”²⁹

Muito interessantes e merecedoras de atenção, a propósito deste ponto específico, são as considerações de Alvaro Augusto Lopes, leitor coevo da primeira edição do ensaio, que, escrevendo a respeito de *Raízes do Brasil* para *A Tribuna de Santos*, teve bastante sensibilidade para a questão.

As conclusões lógicas desse estudo, o A. sintetiza, a página 161, de maneira não muito explícita, mas permitindo ao leitor por si mesmo tirar as deduções que lhe parecerem mais consoantes com o exposto nas páginas deste livro. ‘O essencial de todas as manifestações, das criações originais, como das coisas fabricadas, é a *forma*’. Nesta última palavra, fixa o A. a essência do pensamento dominante nesta substanciosa monografia.

Poderia objetar-se: estará certo, esse apelo à ‘forma’, com desprezo pelo ‘espírito’ interior que o deve animar? Não será isso uma continuidade do erro posto em relevo, a respeito do bacharelismo palrador e romântico?

‘O espírito – acrescenta o A. - não é uma força normativa, salvo onde pode servir a vida social que lhe corresponde’. Esta frase corrige a precedente citada. Sim, o espírito, dentro do contorno das ‘formas’ adequadas é que deve prevalecer.

Foi talvez porque, no Brasil, esquecemos esse ‘espírito’ criador, deixando-nos acalentar pelas quimeras de ideologias estranhas, - que até hoje não fomos um

²⁹ Idem, p. 7.

povo verdadeiramente democrático, dando ensechas para que em nosso país proliferassem as utopias doutrinárias mais absurdas e incongruentes...³⁰

Lançando a dúvida quanto à inventividade espontânea de certos eruditos e homens de letras nacionais, reportava-se Sergio Buarque às considerações do historiador inglês Arnold Toynbee, para quem “a veneração do ser efêmero”, e erros de se tratar um passado extinto não como degrau, mas como pedestal, constituía um dos sintomas mais constantes de impotência criadora. Alguns anos mais tarde, à sombra de outros pretextos, Sergio Buarque voltaria a este assunto, utilizando-se quase das mesmas palavras, agora porém empregando-as de forma mais direta, o que talvez ajude a melhor compreender suas longínquas intenções:

Mas como explicar que, quanto mais nos deixamos acalentar pelo culto das tradições, que normalmente deveriam ser disciplinadoras e estabilizadoras, mais nos sentimos presas daquele sentimento de insegurança? A resposta deveria ser simples. O apreço à tradição é em si mesmo respeitável. A tradição erigida em programa deliberado, tradição ‘com sufixo’, como diria meu amigo Tristão de Athayde, é que constitui, na maioria dos casos, subterfúgio infeliz e perigoso. Sofístico e *sufixico* podem ser palavras sinônimas. (...) *E o que é certo na vida civil de um povo não o é menos certo em sua vida espiritual. Por isso, os estudos de história literária servidos por um espírito atilado podem fornecer-nos às vezes não*

³⁰ Lopes, Alvaro Augusto. “À margem dos livros”. in *A Tribuna de Santos*, Santos, 8 de novembro de 1936.

*somente perspectivas novas para o conhecimento do passado, mas ainda um instrumento singularmente serviçal para a análise da literatura dos nossos dias.*³¹

E aqui, porventura, vamos nos acercando da possibilidade de entrever um ponto de sustentação concreto para um melhor entendimento das reminiscências modernistas presentes em *Raízes do Brasil*. O desafio estaria em compreender de que maneira aspectos fundamentais do ensaio seminal sergiano, relacionados com algumas contradições da realidade social e literária do movimento modernista, encontram-se incorporados à estrutura e ao significado de *Raízes do Brasil*. Isto é, demonstrar que, “por meio da análise de textos significativos”, a “ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador”.³²

Até que ponto não se pode indagar que Sergio Buarque se punha então a investigar as raízes profundas do estreitamento do espectro imaginativo que vazava até então as diferentes formas de conceber o desenvolvimento passado, presente e futuro da cultura brasileira? Em que medida os argumentos de *Raízes do Brasil* não formulam interessantes considerações a respeito das tensões entre imaginação estética e imaginação histórica manifestadas no emaranhado das pregações e realizações modernistas dos anos 20?

³¹ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Crítica e História”, in: *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, volume II, p. 303-4. (Originalmente publicado no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1950) Ênfases acrescentadas, CPC.

É certo que o modernismo brasileiro não deixou de formular muitos artifícios para tentar dar lastro de prestígio a certas frivolidades nem sempre incontroversas no seio do amplo movimento de idéias estéticas e filosóficas que forcejava na cena cultural dos anos vinte. Interessaria, portanto, esmiuçar a forma muito particular com que certas tensões modernistas vão instaurando um diálogo subterrâneo no corpo do livro de estréia de Sergio Buarque.

* * *

³² Candido, Antonio. *Literatura de dois gumes*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 163-64.

Transição, tradição e marginalidade

“É preciso desfazer, a cada passo, as falsas tradições, as ‘tradições sobre as tradições’, que barram o caminho da compreensão. (..) A tradição guarda as experiências do passado e transmite-as, pela continuidade, às gerações futuras. Essa função de transmissão revela o caráter pedagógico da tradição (...) que nos ensina a guardar a continuidade em relação às experiências do passado, e a escolher as experiências que nos servem para reconhecer o durável dentro do estável em nosso curto momento de vida.”

(Otto Maria Carpeaux, Origens e fins, 1943)

Diálogos, subterrâneos ou cimeiros, pressupõem interlocução ou interlocutores. Afinal, existem leituras de *Raízes do Brasil* saídas das fileiras modernistas? Comprovadamente, *no calor da hora da publicação do ensaio*, salvo engano, temos conhecimento de apenas três registros desse naipe.³³ Aliás provenientes de figuras bastante díspares, alguma delas até de controversa filiação na corrente das idéias modernistas, a qual, diga-se de passagem, ganhou corpo numa geração suficientemente ampla para acolher gato de todas as cores: Menotti del Picchia (Helios), Sergio Milliet e Carlos Chiacchio. Os dois primeiros bastante conhecidos do público paulista e brasileiro, em geral, sendo este último, para alguns talvez, o de filiação mais ou menos controversa, o reconhecido

³³ Atente-se a ressalva: leituras efetuadas imediatamente à publicação do ensaio de Sergio Buarque de Holanda. Caso contrário, não houvéssemos explicitado este detalhe, deveríamos contemplar a leitura de Oswald de Andrade – aliás, bem posterior à primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936), reportando-se inclusive explicitamente à 2ª edição do ensaio buarquiano, que é de 1948 -, elaborada por ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, patrocinado pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, em março de 1950. Cf. Andrade, Oswald. “Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial”, in: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 157-59. O leitor interessado numa apreciação crítica dessa leitura “antropofágica” poderá recorrer ao livro de Monteiro, Pedro Meira. *A queda do aventureiro*, Op. Cit., p. 259-65.

animador do grupo baiano, reunido na redação do jornal *A Tarde*, de Salvador, de onde pregava o seu “tradicionalismo dinâmico”, flanando por entre as contradições daqueles a quem classificava de “modernistas e ultramodernistas”.³⁴

A apreciação de Menotti del Picchia apresenta-se de forma bem discreta e comedida, diferindo-se radicalmente do tom entusiasta e vertiginoso das crônicas que apareceram há três lustros atrás sob a calejada rubrica de Helios. Então, coerente com as novas frentes que abraçava, fiel ao ideário localista do movimento cultural “Bandeira”³⁵, limitava-se o cronista a sublinhar a necessidade ainda premente de se aprofundar a elaboração de monografias regionais que subsidiassem com segurança as generalizações acerca do país em estudos mais completos e abrangentes. Isto, contudo, não o impedia de ver em *Raízes do Brasil* as qualidades de um livro que “pede uma leitura atenta e meditada”. Nesse volume reconhecia os atributos dum estudo profundo e minucioso, concebido com

³⁴ Ver, por exemplo, como Wilson Martins situava o crítico baiano entre os modernistas: “Carlos Chiacchio (...), doutrinariamente flutuava como uma ventoinha ao sabor dos ventos”. Cf. Martins, Wilson. *O modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 103. Muito tempo antes dessa apreciação de Wilson Martins, Andrade Muricy classificava a campanha literária de Carlos Chiacchio na Bahia como algo “memirável”, chegando inclusive a obter “repercussão em todo país”. Em seu panorama da *Nova Literatura Brasileira*, uma das primeiras antologias a reunir as produções de escritores modernistas, Andrade Muricy apontava que “[d]e fora da geração [modernista], por pertencer a camada anterior, Chiacchio conseguiu suscitar um movimento interessante na velha metrópole do Brasil-Colônia. A revista *Arco e flexa*, constituiu a floração dos seus esforço árduos”. Cumpre lembrar que este benevolente juízo está fortemente ancorado nas proximidades ideológicas observáveis entre o crítico soteropolitano e o grupo da revista *Festa*, ao qual pertencia Andrade Muricy. Cf. Muricy, Andrade. *A nova literatura Brasileira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936, p. 15. As idéias e os artigos de polêmica literária do final dos anos vinte de autoria de Carlos Chiacchio foram depois publicadas num curioso folheto. Cf. Chiacchio, Carlos. *Modernistas e ultramodernistas*. Salvador: Progresso, 1951.

³⁵ Para um breve relato sobre o grupo “Bandeira”, consultar - Ricardo, Cassiano. “O grupo cultural ‘Bandeira’ em 36”, in: *Viagem no tempo e no espaço (memórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, p. 104-15. O principal objetivo do grupo cultural “Bandeira”, segundo o poeta Cassiano Ricardo, um de seus mais ativos animadores, “era organizar o pensamento original do país para o pacífico reajustamento das condições de vida do nosso povo dentro dos fundamentos sociais e políticos do mundo moderno”, coordenando “toda a ação criadora de São Paulo, fixada nos princípios de disciplina hierárquica e culto da tradição bandeirante, em benefício da pátria comum”. Idem, *ibidem*, p. 104.

“objetividade e sereno sentido realístico”. Em grande parte esses méritos, na opinião de Menotti, eram devidos ao “assimilado lastro de cultura” de Sérgio Buarque, o que lhe predispunha a análise honesta e o dotava de uma visão de conjunto. Ademais, encarecia o estilo “maleável e rico”, que tornava o escrito atraente e de “amável leitura”.³⁶

O polígrafo soteropolitano, por sua vez, mostrava-se assaz simpático com a forma expositiva do ensaio, principalmente naqueles aspectos que poderiam carrear água para o moinho de seu tradicionalismo dinâmico.³⁷ Curiosa, neste sentido, é a aproximação esboçada entre o autor de *Raízes do Brasil* e o diretor da Coleção Documentos Brasileiros que o ensaio inaugurava, Gilberto Freyre. De acordo com a avaliação de Chiacchio, Sérgio Buarque não seria um discípulo daquele, “porque já era mestre”. Sentia, no entanto, a aproximá-los um ideal de síntese arquitetada, quando ambos gostariam de confessar que nem “concluía” nem “julgavam”; o olhar atento ao pormenor aparentemente sem importância e geralmente despercebido por aqueles que só têm olhos para a vida que passa “numa seqüência admirável e trepidante”. Apesar de toda simulação de desprezo pelas conclusões e pelos julgamentos, não deixam dúvidas que tudo produziam conforme métodos seguros, claros e convincentes.

Dito isto, refugia-se Chiacchio na temática de sua preferência, parecendo sutilmente ferir a corda de uma questão nodal para a problemática buarquiiana, colorindo-a porém de acordo com as tintas de seu apostolado crítico:

³⁶ Cf. Helios. “*Raízes do Brasil*”. In: *Diário da Noite*, São Paulo, 12/11/1936.

³⁷ Maiores esclarecimentos acerca do significado e alcance desse conceito de “tradicionalismo dinâmico” podem ser encontrado em Chiacchio, Carlos. *Modernistas e Ultramodernistas*, Op. cit., p. 21-26.

A tradição que devemos desprezar, é a tradição, vamos acentuar – estática – a velha tradição improdutiva, para qual nossa sensibilidade contemporânea já não tem mais frêmitos criadores possíveis. Mas a tradição que vale o tom de continuidade, (...), que deve ser estudada, seguida, desenvolvida, reconstituída, é a tradição – dinâmica – renovada, esta sim, a grande fonte retemperadora das forças da inteligência e do sentimento das raças. Esta é a própria razão de ser das obras e dos homens de uma época. Sem esta não existirá o Brasil.³⁸

Verdade é que os contornos precisos do que seria essa tradição dinâmica permanecem suficientemente vagos para abrigar toda sorte de “preferências e repugnâncias” ditadas por qualquer “demônio pérfido e pretensioso”, que se

³⁸ Chiacchio, Carlos. “Homens & Obras”. *A Tarde*, Salvador, 11/11/1936. Um outro e último aspecto que vale a pena ser destacado desta leitura do engenhoso crítico soteropolitano, descansa em seu breve comentário sobre o capítulo “O homem cordial”: para Chiacchio trata-se de “*um primor de psicologia brasileira, daquela psicologia quotidiana, tão cara aos hábitos mentais dos críticos modernos*”. As ênfases que acrescentamos a este trecho pretendem não só atentar para futuras implicações destes traços tipicamente “modernistas” (psicologia quotidiana e hábitos mentais modernos), como principalmente pontuar uma dúvida que, infelizmente, não temos no presente momento condição de satisfazer: estaria Carlos Chiacchio sugerindo a apropriação dos “hábitos mentais” então elaborados e experimentados pelo pioneirismo crítico de I.A. Richards - preocupado, em seus *Principles of literary criticism* (1924) e *Practical criticism* (1929), com a extensão legítima da expressão e da comunicação na obra poética -, autor certamente lido e debatido por Sergio Buarque e Prudente de Moraes, neto (que inclusive iniciou epistolar polêmica sobre o tema com Mário de Andrade) na segunda metade dos anos vinte? Para maiores informações sobre este ponto ver Richards, I. A. *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre: Editora Globo, 1967. Quanto às leituras de Richards por parte dos dois jovens diretores da revista *Estética* veja-se o seguinte depoimento de Sergio Buarque: “Há quase trinta anos discutiu-se longamente, entre Mário de Andrade e o sr. Prudente de Moraes, neto, sobre se a arte corresponde a uma necessidade de comunicação ou simplesmente a uma necessidade de expressão”. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Poesia e Ciência”, in: *O espírito e a letra*, Op. cit., volume II, p. 460. (Originalmente publicado no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1951). Também se poderá obter algum esclarecimento sobre este assunto consultando os artigos de Sergio Buarque e Prudente de Moraes, respectivamente, “Perspectivas” e “Sobre a sinceridade”, em *Estética*, Rio de Janeiro, nos números I (3) de abril-junho de 1925 e I (2) janeiro-março de 1925.

ocupasse em “obscurecer aos nossos olhos” algumas “verdades singelas”.³⁹ Ainda assim, não deixam de apontar para questão da maior importância.

Aliás, justamente este problema da tradição seria também objeto de considerações mais pormenorizadas da parte de Sergio Milliet. Dizia ele:

O autor rebela-se contra a volta ao passado, o amor à tradição. Não somos ao seu ver um país de tradições culturais sadias que o estrangeiro maculou. Somos, sim, um amálgama de tradições estrangeiras mais ou menos mal transplantadas. Assim, si algo pode ser tentado devemos fixar-lhe o ponto ideal de referência no futuro. Nossa cultura está por criar-se ainda. Não se trata de conservar mas de fazer. Como criá-la porém? E em que bases? É o que o autor não esclarece suficientemente. Sua atitude é negativa. Montado na famigerada “realidade brasileira” que ninguém explica com clareza, e encerra tudo o que se quiser, critica com muita clarividência e severidade as panacéias dos nossos salvadores: sistemas ortodoxos, fascismos e marxismos, miragem de alfabetização, elementos todos de indestrutível bovarismo nacional.⁴⁰

Nessa leitura, embora bastante sensível para tantos aspectos certos, Sergio Milliet parece deixar-se trair pelo seu anseio de encontrar numa obra que reputava “tão bem pensada e escrita alguns princípios norteadores, úteis aos que se preparam para o governo de amanhã”.⁴¹ Não obstante, diga-se em favor de Milliet, ele próprio é o primeiro a reconhecer a extemporaneidade desta sua crítica.

³⁹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 161.

⁴⁰ Milliet, Sérgio. *Ensaíes*. São Paulo: Brusco & Cia. Editores, 1938, p. 51. Artigo originalmente estampado no jornal *O Estado de São Paulo* em 18 de novembro de 1936.

⁴¹ *Idem*, p. 51

Confessando-se admirador da “prudência da análise” de Sergio Buarque – mais até, identificando-se com o “ceticismo sereno de suas considerações” -, Milliet prontamente admite que

não pretendeu o autor resolver coisa alguma, mas tão somente trazer a sua contribuição para o melhor conhecimento do Brasil.⁴²

Afinal, ficamos a perguntar, qual vem a ser essa contribuição? A resposta, muito provavelmente decepcionante, residiria quem sabe em apenas assentar as questões sob bases mais producentes, o que pode parecer pouco, mas é de fundamental importância em determinadas ocasiões críticas. (E esta parecia ser uma delas). Neste sentido, Milliet esteve às raias de desfraldar a verdadeira essência da questão formulada por Sergio Buarque. Bastaria torcer ligeiramente as suas argutas ponderações e admitir, por mais desgratificante que isto fosse, que o terreno modernista ainda não havia sido suficientemente revolvido: após muitas lutas e alguns poucos avanços, à nitidez do discernimento modernista ainda só era possível alcançar o terreno das rejeições categóricas, mostrando-se reticente, senão mesmo discrepante e contraditório, quanto à decantação de orientações afirmativas mais precisas.⁴³

⁴² Idem, *ibidem*. A respeito da função que o ceticismo assume na visão crítica de Sergio Milliet, o leitor poderá consultar o trabalho de Francisco Cabral Alambert Jr. “A Europa curvou-se ante o Brasil? ‘Ufanismo crítico’ e ‘modernismo da melancolia’: Oswald de Andrade e Sérgio Milliet”, in: Meihy, José Carlos S.B. e Aragão, Maria Lúcia (orgs.) *América: ficção e utopias*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994, p. 511-523.

⁴³ Era mais ou menos o que exprimia Anibal Machado quando, ao referir-se às lides modernistas, expunha o sentimento de que “não sabemos discernir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos”. Afirmação que se encontra citada em Mário Vieira de Mello, *Desenvolvimento e Cultura: o problema do esteticismo no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.230 (edição original é de 1963); Ver também Martins, Wilson. *O modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 164.

Diga-se de passagem, verdade é que semelhante nitidez de propósitos jamais conseguiria apresentar algo próximo do “cunho unitário” muitas vezes associado à imagem “em que parecia fixado o movimento modernista a partir da Semana de Arte Moderna”.⁴⁴ Nem sempre foi factível converter a pretendida “unidade na negação” numa “espécie de coerência maciça e implacável nas afirmações”. Dentro de um horizonte temporal mais amplo, vista de uma perspectiva histórica mais abrangente, a idéia de uma “perfeita harmonia de intenções e propósitos entre os participantes” do modernismo não poderia corresponder senão a uma “unanimidade superficial e, em suma, fictícia”. Mas apenas o distanciamento do tempo permitiria apurar a consciência crítica desses fenômenos, pois, como muitos anos mais tarde admitiria Sergio Buarque,

A unanimidade seria sem dúvida possível, na campanha comum contra uma literatura já esvaziada de todo conteúdo, convertida, na expressão de um dos seus ilustres representantes, em “sorriso da sociedade”, e não menos contra certas condições mentais e sociais que tornavam possível esse tipo de literatura. (...) As discrepâncias surgidas (...) vieram mostrar, em todo caso, que o modernismo estava longe de representar um bloco unitário, compacto e obediente a uma orientação precisa. E mostrou, ainda, a inutilidade de esforços que viessem a dar-lhe uma homogeneidade forçada.⁴⁵

⁴⁴ As considerações deste parágrafo acompanham e resumem a interpretação impressa em Holanda, Sergio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, in: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 273-279, especialmente p. 273 e 278.

⁴⁵ Holanda, Sergio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, *Op. cit.*, p. 273-74 e 278.

Todavia, retomando novamente o fio de nossa argumentação, interessaria perguntar porque Sergio Milliet, tão próximo de ferir a corda certa das mais fundas inquietações buarquianas, terminou por desviar-se da promissora trajetória compreensiva à qual se chegava. Mais uma vez insistimos na hipótese de que a resposta para esta questão deve ser buscada no fato de que o arguto crítico se deixasse trair pelo desejo sôfrego de reconhecer no autor de *Raízes do Brasil*, “no escritor de primeira grandeza que o livro revela, uma dessas almas de líder que tanto carecemos”.⁴⁶ Note-se, contudo, que justamente quando Milliet resolve desenvolver e aprofundar a compreensão do sentido que assumem essa liderança e esse carecimento no percurso histórico da arte moderna, num outro escrito e em outro contexto, torna-se possível descortinar elementos capazes de reconciliar a perspectiva crítica de ambos os Sergios, o Milliet e o Buarque de Holanda. Vejamos, então.

Trata-se do ensaio sobre a *Marginalidade na arte moderna*, publicado originalmente em 1942, pelo Departamento de Cultura de São Paulo⁴⁷, no qual Milliet procura estudar os segredos, tendências e paradoxos do fato social artístico nas manifestações da arte pictórica do mundo contemporâneo. O grande paradoxo da pintura moderna, segundo o ponto de vista em tela, está em que, diante de uma época de franca socialização das instituições e forças sociais que governam nossas vidas, a arte foi se afastando de sua função precípua de instrumento de contato e expressão cultural de grupos sociais ligados por traços

⁴⁶ Milliet, Sérgio. *Ensaíos*, Op. cit., p. 51.

⁴⁷ Mais tarde reproduzido em Milliet, Sergio. “Marginalidade na arte moderna”, in: *Pintura quase sempre*, Porto Alegre: Livraria Globo, 1944, p.101-154.

de identidade comuns. Mais explicitamente: ela abdicou de sua função moralizadora, deixando de servir como um catalisador e difusor de valores morais, sociais e culturais minimamente aceitos pela ampla maioria, o que representa que os desajustamentos das manifestações da arte pictórica com relação a um modo de viver e sentir característico reverberam um processo mais profundo de desintegração do padrão cultural que lhe serve de substrato.⁴⁸

Para alcançar uma correta visão das dificuldades enfrentadas pela arte moderna no mundo contemporâneo era portanto imprescindível a compreensão das formas de percepção do mundo, das concepções de vida e da época presente que ela trazia em si e junto a si. Destarte, o autor desenvolve uma abordagem compreensiva de longa duração, abrangendo grandes ciclos culturais representativos de momentos precisos do mundo Mediterrâneo e Ocidental desde a emergência da Era Moderna até o entre guerras. A tese de Sérgio Milliet é a de que ainda se atravessava o lento processo de transição da cultura de origem cristã, com seus mores e corpo integrados de valores, para uma nova ordem,

⁴⁸ Citando e endossando o raciocínio etnográfico das teses de Ernest Grosse, principia por afirmar Milliet que em povos primitivos os desenhos, como os gestos, serviam para efetuar alguma comunicação e não para embelezar ambientes ou objetos particulares. Para atender essa função comunicativa de modo mais universal, tais desenhos foram progressivamente submetidos a uma estilização geométrica que os tomavam acessível a maior número de tribos e ao mesmo tempo facilitavam sua execução: "Inúmeros historiadores da arte chegaram a conclusões semelhantes sem o auxílio da etnografia, porém através, tão-somente, de um raciocínio sadio. Regina Schoolman e Charles Slatkin admitem o valor representativo da arte, mas estabelecem uma classificação especiosa ao distinguirem a arte representativa, a que chamamos de 'realística', da arte não representativa (simbólica) ou da arte dirigida (períodos de ditaduras). Há nessa tentativa de classificação um intuito político que lhe deturpa o valor sociológico. Em verdade todos esses tipos de arte são representativos. A função social não se perde; a cultura representada é que varia. Quando se admite que a linha quebrada significa, a princípio, o raio (arte realística), passando mais tarde a exprimir a idéia de perigo (arte simbólica) ou poder divino (arte dirigida) permanecemos sempre dentro da concepção da arte como instrumento de contato e representativo de uma maneira de encarar o mundo, de uma moral, de uma atitude perante os problemas materiais e

carente de soluções artísticas capazes de sintetizar e sistematizar todo um corpo de valores morais, sociais e culturais próprios à modernidade. Neste sentido, o esfacelamento da velha civilização liberal do século XIX, que sobremaneira amplificava a vertigem e os tumultos da época, era entendido como um ponto a mais do amplo arco que se inicia com o desprendimento das raízes cristãs e o declive do modo de pensar, sentir e agir próprios ao mundo medieval:

Dentro desse esquema toda a época moderna, desde o Renascimento, revela-se um período de decadência da cultura cristã e de transição para uma nova cultura, mal perceptível ainda em suas linhas gerais e que poderíamos, qualquer que venha a ser sua forma definitiva (democracia social, nacional-socialismo, comunismo, encíclica *Rerum Novarum*, etc.), denominar cultura socialista. Ao que parece essa cultura caracterizar-se-á por uma mobilidade intensa, pela centralização da riqueza e do poder no Estado, pela divisão racional do trabalho, e sua valorização, pela enorme complexidade da cultura material, pela universalização das soluções encontradas para os problemas morais devida à facilidade e à rapidez das comunicações que destruirão os “mores” e “folkways” dos grupos mais ou menos fechados ainda existentes.⁴⁹

Após o clímax alcançado pela solução gótica, último sopro comunicativo da arte pictórica do crepuscular mundo medieval, a experiência vital encerrada nas diferentes atitudes artísticas que se sucederam não mais se acomodava “sem atritos dentro de uma cultura específica”, gerando muita incompreensão e

espirituais, de uma cultura em suma. Aliás, os próprios autores confessam que a ‘expressão artística’ é condicionada pelo ‘back-ground social’.” Cf. Milliet, Sérgio. “Marginalidade na arte moderna”, *Op. cit.*, p. 102-3.

hostilidades recíprocas, sem jamais reencontrar o perdido “mundo harmonioso” em que as “situações são definidas e o destino de cada indivíduo se acha escrito em conformidade com o destino da sociedade de que participa”.⁵⁰ O conflito de atitudes se faz regra nesse contexto de interpenetração de complexos culturais, com fundas conseqüências para os indivíduos assim como para a “formação da sociedade futura” desgarrada desse processo de aculturação e desintegração cultural. Sobrevêm a coincidência da contradição entre a moral de cada um que se vê arrancado de seu grupo de origem e a realidade do mundo. Cria-se um panorama de confusão generalizada, no qual o indivíduo se encontra liberto das amarras sociais que o atavam a certos costumes, valores, idéias, etc., possibilitado a emancipar-se em meio a esse caótico fluxo de transformação e autotransformação, eventualmente tornando sua conduta mais maleável e livre.⁵¹

A violência desse processo - diria Miliet, apoiando-se aqui em vasta fortuna sociológica norte-americana - expõe estes indivíduos a uma situação de marginalidade dentro do grupo em desintegração, e, embora inconscientes dos fenômenos que os atingem, extremamente sensíveis ao que se passa:

A marginalidade representa pois um ‘status’ em que as raízes do indivíduo plantadas dentro de uma cultura são cortadas sem que novas raízes tenham tido tempo de se aprofundar em outra cultura em embrião e à qual cabe acomodar-se ou contra qual revoltar-se. Tal situação apura nos homens marginais uma sensibilidade agudíssima e não raro uma inteligência invulgar. Quando, porém, se tornam líderes e quando

⁴⁹ Idem, p. 108.

⁵⁰ Idem, p. 107 e 109.

⁵¹ Idem, p. 109-110 e p. 115-16.

renegados? Tornam-se líderes, dizem-no as pesquisas sociológicas, quando representam a aspiração inconsciente do grupo já a caminho de uma nova cultura. Renegados, incompreendidos, quando se distanciam demasiado de sua sociedade e perdem contato com a massa ainda presa aos velhos complexos culturais em desintegração.⁵²

Lançando mão deste “postulado sociológico rigoroso”, de acordo com o qual “o homem é um produto de sua cultura” e “o escritor ou o artista uma expressão fiel dela”, chegava Milliet à curva histórica apresentada. Curva esta “em que a períodos de padrões definidos se antepõem e se pospõem períodos de desintegração, de transição, nos quais é possível depararmos a cada passo com homens marginais, principalmente entre os escritores e artistas”.⁵³ A influência benéfica ou perniciosa desses *homens marginais* em seus grupos, concluía nosso crítico, varia segundo se tornem líderes da futura civilização ou tão-somente revoltados contra a cultura antiga.

Mas na vida artística tanto quanto na vida social, feliz ou infelizmente, reconhecia Milliet, nem sempre as intenções subjetivas correspondem às atitudes objetivas. Nem todas vezes as volições se desdobram em ações previamente imaginadas. Nisto que em arte muitas vezes se confunde atitude com artifício, que o anseio artístico de vencer a impotência para conter ou acelerar a marcha terrível do mundo convida às evasões e sublimações de vária natureza, soluções nitidamente introvertidas diante do complexo problema da arte no mundo

⁵² Idem, p. 110-11.

⁵³ Idem, p. 111.

contemporâneo.⁵⁴ Eis que, de acordo com o ponto de vista em questão, o paradoxo da arte moderna toma corpo:

À margem das duas culturas, observando o panorama da confusão, percebendo-o, mas ao mesmo tempo incapazes de alterar a marcha do terrível processo desintegrador e integrador, os homens marginais se desligam dia a dia mais de sua sociedade. Mesmo porque essa sociedade os rejeita e a nova sociedade em formação não lhes aceita a clarividência que se recusa à fé cega numa verdade definitiva qualquer. (...) Ora, o artista é o mais sensível desses sensibíllimos homens marginais e por isso mesmo é que se encontrará no momento da crise aguda mais profundamente afastado da sua sociedade e talvez também, o que parece paradoxal, menos próximo da sociedade futura. (...) E o paradoxo cria corpo: a arte torna-se menos representativa da cultura à proporção que lhe procura auscultar a alma instável, desamparada. Em plena transição, em plena marginalidade, a arte que melhor espelha esse estado de patologia social deixa de ser compreendida e apreciada do vulgo. Dai por diante nunca mais lhe será possível conjugarse à mentalidade da média dominante. E mesmo as reações que porventura se verificam entre os artistas, ocorrem num mundo totalmente alheio ao mundo do homem vulgar.⁵⁵

Esse decidido divórcio, argumenta Milliet, tem sua razão de ser no fato de que o próprio empenho da pesquisa do artista marginal para encontrar a expressão certa do mundo novo muitas vezes o leva a ultrapassar o estágio do público, mesmo da elite, perdendo pé, destoando da cultura em formação.⁵⁶ É

⁵⁴ Idem, p. 146.

⁵⁵ Idem, p. 116 e 119.

⁵⁶ Idem, p. 120. Diz ainda Milliet: "O artista marginal observa as modificações profundas que ocorrem no mundo; sente chegar subterraneamente a nova época; participa desta na medida em que sua sensibilidade premonitória o ajuda. Sua arte já se desprendera do formulário que ainda serve a maioria do povo; agora ele se desliga por completo da grande massa. A pesquisa da verdade intrínseca choca-se violentamente contra as falsas verdades do mundo." Idem, p. 119.

certo que nunca se está totalmente ileso do risco de desvirtuar o objetivo da arte e cultivar um esoterismo perigoso. Os desejos de segurança e correspondência – isto é, necessidades mínimas de estabilidade e apreço – podem impulsionar as atitudes introvertidas, ou seja, conduzir a soluções ensimesmadas, evasivas ou sublimadoras, neutralizando a socialização das soluções extrovertidas, ávidas de novas experiências e distinção, que se revoltam contra o encerramento das torres de marfim e se embatem pela liderança das novas e urgentes formas comunicativas. Porém, o intuito utilitário de comunicação da arte, presente desde sua origem, cobra sua presença e exige que se cumpra a “realidade palpável da socialização”:

Através de altos e baixos, de avanços e recuos, ela se firma, se enraíza. Onde os privilégios não se abdicam se arrasam. O curso natural dos acontecimentos precipita ou acerta as soluções. (...) O pintor se compenetra afinal de que ou se humaniza ou desaparece; ou participa da vida de sua época ou morre, fechado numa simplista torre de marfim, assistindo em seus últimos instantes pela turma saltitante dos não-me-toques, das “précieuses ridicules” à cata de originalidade imponderáveis.⁵⁷

O primado do sociológico – isto é, a necessidade de comunicação e sua finalidade humana - terminaria por vencer os impulsos perturbadores da psicologia da situação marginal. Enquanto isso, às armas da crítica caberia acusar os desvios causados pelo individualismo exacerbado dos artistas modernos, as manifestações cerebrais de sua arte despojada da pesquisa de humanidade, isolada “numa ilusão de arte para intelectuais, de arte sem público, sem finalidade

⁵⁷ Idem., p. 151-52.

humana”.⁵⁸ Para que não houvesse dúvida, advertia Sergio Milliet na conclusão de seu ensaio sobre a *Marginalidade na arte moderna* a respeito de suas intenções:

Não escrevo, portanto, este ensaio para combater a arte dita moderna; escrevo-o para esclarecer o processo de sua formação e para que, diante do fenômeno psico-sociológico, a compreendam os leigos. E ainda afirmo de que os mais capazes entre os próprios artistas de nosso meio evitem com clarividência a intoxicação intelectualista que os afasta do público e faz deles, salvo no que diz respeito às exceções do gênio, indivíduos destinados a serem fatalmente expulsos de sua sociedade.⁵⁹

Depois dessa grave e talvez extensa digressão acerca das noções de *marginalidade, liderança e carecimentos* na arte moderna estamos em condições de vislumbrar a possibilidade de reconciliação da perspectiva crítica anteriormente aludida entre os críticos xarás. O que, em primeiro lugar, salta aos olhos é o fato de ambos situarem a origem dos paradoxos da vida moderna no longo processo de descolamento das formas de vida, instituições e visão de mundo que se descortinaram mais ou menos por volta do século XV e XVI, quando em definitivo se começa a romper a unidade de pensamento e sentimento integral da vida de que a Idade Média se fez portadora. É por esta razão que Sergio Buarque, logo nas primeiras páginas de *Raízes do Brasil*, vai tratando de assegurar:

A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à

⁵⁸ Milliet, Sergio. “Posição do pintor”, in: *Pintura quase sempre*, Op. cit., p. 96.

⁵⁹ Cf. Milliet, Sérgio. “Marginalidade na arte moderna”, Op. cit., p. 153.

tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra a nossa desordem. Os mandamentos e as ordenações que elaboraram esses eruditos são, em verdade, criações engenhosas do espírito, destacadas do mundo e contrárias a ele.⁶⁰

Nesta passagem, em particular, Sergio parece dirigir-se, com intenção polêmica, contra as indicações de Tristão de Athayde, naquela quadra empenhado no encarecimento de certos “ideais de estabilidade” e “valores reconhecidos” de “um plano de existência superior e transcendental”, através dos quais aspirava fugir da instabilidade inerente aos valores que regem a vida moderna.⁶¹ Uma solução religiosa, em suma, que resgatasse os valores ecumênicos da época Medieval. Apenas esta solução de cunho “espiritualista”, no fundo aderente à concepção católica do mundo, poderia conter o que a Tristão parecia o caminho das diluições morais, reflexo mais evidente dos valores do mundo moderno.⁶² E

⁶⁰ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 6.

⁶¹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. “Tristão de Athayde”, in: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1928. Trata-se de uma importante resenha aos *Estudos (1ª série)* de Tristão, artigo que, dentre outras razões pessoais, serviu de acicate à conversão de Alceu Amoroso Lima. Este artigo foi reimpresso em Barbosa, Francisco de Assis. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 111-115, edição a qual citamos aqui. A respeito desse acontecimento, ver a carta de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) com que dialoga, franca e fraternalmente com Sérgio Buarque: Athayde, Tristão de. *Tentativa de itinerário*. Rio de Janeiro: Edição do Centro Dom Vital, 1929 (Série Jackson de Figueiredo, XII).

⁶² No ensaio “Politica e Polytica”, constante na primeira série de seus *Estudos*, Tristão desenvolve uma interpretação do que considera serem “três planos de irradiação das idéias” e “formas que têm dominado o mundo político”: o moral, o social e o individual. De acordo com Tristão, esses planos não tiveram um desenvolvimento regular ou sucessivo. Coexistiram e se sucederam em diversos graus de combinação ao longo da história dos homens e das idéias. Embora reconheça que a complexidade, a falta de convicções profundas e a relatividade superficial do mundo moderno têm concorrido cada vez mais para acentuar a coexistência daquelas idéias, arriscava Tristão uma “correlação histórica àqueles três campos de ação do pensamento político”, na qual o *plano social* corresponderia ao mundo antigo, com seu interesse do grupo que nascia da convivência geográfica e racial; o *plano moral*, ao mundo medieval, no qual o fundamento da autoridade deixa de ser o interesse imperial romano ou interesse regional helênico, para ser o interesse da Salvação por meio da sociabilidade; e, por fim, o *plano individual* corresponderia ao mundo moderno, o qual teria alterado, “ainda uma vez, o plano de inserção da Política, e a sua obra original – e em tantos pontos destruidora e

era justamente da inconsistência dos fundamentos que sustentavam a recusa de Tristão de Athayde a esses valores que Sergio antevia o aspecto trágico do espírito que animava “o melhor das produções da literatura moderna e essa negação da ordem civil, expressa ou dissimulada, em que concluem alguns dos contemporâneos mais ilustres”.⁶³ Tratava-se da desesperada exaltação de um ponto de partida a que já não era mais possível retornar impunemente:

As épocas realmente vivas nunca foram tradicionalistas por deliberação. A escolástica na Idade Média era viva porque era atual. A hierarquia do pensamento subordinava-se a uma hierarquia cosmogônica. A coletividade dos homens na terra espelhava palidamente a cidade de Deus. (...) A Idade Média mal conheceu as aspirações conscientes para uma reforma da sociedade. O mundo era organizado

dissolvente – foi assentar o fundamento da autoridade não já no interesse coletivo como os antigos, ou no interesse moral, como os medievais”, mas nos interesses do indivíduo, que passam a prevalecer sobre “as idéias abstratas de outrora: a pátria ou o céu”, como exclusiva “fonte de direitos e não mais de deveres”. Na opinião do ensaísta isso significaria a passagem da política à polytica, isto é, da arte de viver em cidade (que coloca o direito da cidade acima do direito do indivíduo) para a arte da mera aglomeração caótica, em que muitos mandam e obedecem sob o regime de clientelas e camaradagens eleitorais animadas pela plutocracia demagógica. Tudo nesse raciocínio era elaborado para que se chegasse à conclusão de que o ponto central do problema da moderna sociabilidade residia no seguinte aspecto: “Se a sociedade burguesa caminha despreocupadamente para o suicídio não é tanto pelos erros ou pelas ilusões políticas a que se tenha deixado levar, mas principalmente por ter deixado que essa lei moral se apagasse nas consciências, ou fosse diluída por toda sorte de sofismas e sutilezas mentais dos ‘espíritos emancipados’, cuja maior emancipação é serem escravos de si próprios. (...) O nosso dever, portanto, é compreender os defeitos do regime e procurar atenuá-los. E como um deles é justamente suscitar o arrivismo dos aventureiros, maior razão para que ‘uma doutrina da ordem’, isto é, de conservação geral da estrutura, se dê como fundamento uma doutrina moral, isto é, de contenção e guia das consciências”. Cf. Athayde, Tristão de. *Estudos (1ª série)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edição de “A Ordem”, 1929, p.272-85, especialmente, p. 274 e 284. Ver também, nesse mesmo volume, o artigo “Schema”, no qual Tristão de Athayde discute o que reputava ser “o caminho das diluições (...) a permanência no caos, com as comodidades do subjetivismo” e os desafios a serem descortinados para “arrancar-se da estagnação, restabelecer um equilíbrio da vida, disciplinar os demonismos da liberdade”. Idem, ibidem, p. 370-77. Este artigo, aliás, serve de pedra angular para as considerações críticas de Sergio Buarque constantes na resenha citada na nota anterior. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Tristão de Athayde”, Op. cit., especialmente, p. 113-15.

⁶³ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Tristão de Athayde”, Op. cit., p. 111.

segundo leis eternas indiscutíveis, impostas do outro mundo pelo Supremo Ordenador de todas as coisas. Por um paradoxo singular, o princípio formador da sociedade era, em sua expressão mais nítida, uma força inimiga, inimiga do mundo e da vida. Todo o trabalho dos pensadores, dos grandes construtores de sistemas, não significava outra coisa senão o empenho em disfarçar, quanto possível, esse antagonismo entre Espírito e Vida (*Gloria naturam non tollit sed perficit*). Trabalho de certa maneira fecundo e venerável, mas cujo sentido nossa época já não quer compreender em sua essência. O entusiasmo que pode inspirar essa grandiosa concepção hierárquica da sociedade, tal como a conheceu a Idade Média, é na realidade uma paixão de professores.⁶⁴

Uma paixão de professores, ressalte-se, sem ter muito a dizer à situação de marginalidade que caracteriza a lenta gestação e a emergência duma nova

⁶⁴ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 7, 8 e 9. (Grifo meu, CPC) Cumpre lembrar que as linhas mestras desse raciocínio já estavam presentes naquele diálogo franco com Tristão de Athayde, quando Sergio Buarque argumentava: "A todo instante encontramos nas páginas de seu livro [*Estudos (1ª série)*] desses acenos indecisos a uma justificação transcendente, dessas exigências de absoluto, desses apelos, enfim, ao 'elemento espiritual', à 'mística criadora', que virá fundir e elevar os aspectos contraditórios da nossa existência. Esse recurso a uma justificação espiritual não é inédito, dele compartilha toda uma classe de pensadores novos com os quais o autor desse *Estudos* apresenta importantes afinidades. É um processo que não deixa de evocar a fórmula que presidiu à elaboração das grandes *Summas* medievais. Apenas com a diferença que nelas o que existia era uma fé em busca de suas justificações, de suas razões – *fides quaerens intellectus* – quando, no caso presente, será antes uma inteligência que quer se apoiar numa base emocional. O Sr. Tristão de Athayde limita-se a inverter o problema que se ofereceu ao doutor Angélico. (...) Ele não compreende, ou não quer compreender, ou finge não compreender, que existe uma censura, uma disjunção fundamental entre o Espírito e a Terra ou, para usar de suas próprias expressões, entre o 'plano das verticalidades' e o 'plano das horizontalidades'. Toda a conciliação que se propuser entre esses dois planos não será outra coisa que um hibridismo insólito, uma aglutinação superficial, jamais uma combinação íntima e suscetível de permanência. Não se pode mais hoje, como no tempo de Santo Agostinho, ser ao mesmo tempo e simultaneamente um cidadão do céu e da terra. E o pensamento que realmente quiser importar para nossa época há de se afirmar sem nenhum receio pelos seus reflexos sociais, por mais detestáveis que estes pareçam". Ao que Sergio concluía, em moção respeitosa: "Sinto agora, contudo, que não poderia considerar de modo diverso uma

sociabilidade que ainda não encontrou suas raízes, não obstante vez por outra ter dado mostras de seu potencial para “construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos”, mas que nem por isso pôde alcançar bom êxito na tentativa da implantação de um tipo próprio de cultura. O que nos conduz ao segundo ponto de concentração analítica em que se torna possível vislumbrar a reconciliação das perspectivas críticas do ensaísta de *Pintura quase sempre* e o autor das *Raízes do Brasil*.

Em um e outro caso não se trata de combater as expressões de vida ditas modernas. Muito pelo contrário. Ambos se esforçam para entender e, até quem sabe, esclarecer o processo de formação e transformação dessas novas expressões a fim de que o público leigo compreenda seus paradoxos e saibam se posicionar de modo coerente diante deles. Pois, nas expressões da vida moderna já não há mais lugar, nem mais sentido, para a “nostalgia” de um “quadro compacto, único e intransferível”, pleno de estabilidade social ou afetiva.⁶⁵

A própria configuração dos espaços sociais tipicamente modernos – dos mais concretos como a rua, a praça, as avenidas, aos mais abstratos como o mercado – contém em si mesma a sugestão do movimento, do trânsito e do transitório, imprimindo suas marcas nas diferentes modalidades de contatos entre grupos humanos em meio ao contínuo fluxo de pessoas, de mercadorias ou pessoas sub-repticiamente transformadas em mercadorias. Tudo isso, além de repercutir na sensibilidade individual e coletiva, exigindo ajustamentos psíquicos e

obra e uma personalidade que eu admiro e que desejaria fossem realmente importantes, fossem *imprescindíveis* para nossa geração e para o nosso momento”. Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Tristão de Athayde”, Op. cit., p. 113-4 e 115.

⁶⁵ Holanda, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., p. 89.

sociais a todo instante, requer a elaboração de mecanismos supra-individuais de coordenação social, o que não deixa de manifestar certo potencial explosivamente conflituoso, uma vez que as pessoas resistem “a ser nivelada[s] e uniformizada[s] por um mecanismo sócio-tecnológico”:

as condições da vida citadina e metropolitana são simultaneamente causa e efeito dessa característica. Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextricável. Acima de tudo, esta necessidade é criada pela agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo. (...) a técnica da vida metropolitana é inimaginável sem a mais pontual integração de todas as atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal. Aqui, novamente, as conclusões gerais de toda a presente tarefa de reflexão se tornam óbvias, a saber, que, de cada ponto da superfície da existência – por mais intimamente vinculados que estejam à superfície – pode-se deixar cair um fio de prumo para o interior das profundezas do psiquismo, de tal modo que todas as exterioridades mais banais da vida estão, em última análise, ligadas às decisões concernentes ao significado e estilo de vida. Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico. Tais traços também devem colorir o conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintivos, soberanos que visam a

determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral e precisamente esquematizada de fora. (...) A extensão e composição desse estilo de vida, o ritmo de sua aparição e desapareção, as formas em que é satisfeito tudo isso, com os motivos unificadores no sentido mais estreito, formam o todo inseparável do estilo metropolitano de vida.⁶⁶

Há em todas essas manifestações da vida moderna, lemos em *Raízes do Brasil*, “um triunfo nítido do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e não uma depuração sucessiva, um espiritualização das formas mais naturais e rudimentares”.⁶⁷ E o processo de transição e acomodação aos modos de vida não mais ditados soberanamente por necessidades íntimas e interiores, mas que deve se ajustar a formas gerais mais ou menos esquematizadas por relações de natureza essencialmente exteriores, contrárias à interioridade dos instintos e regidas pelas formas de interação social, não tem lugar fora de grandes comoções:

Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente as estruturas das sociedades.⁶⁸

Tendências, aliás, que também se fazem presentes nas manifestações da arte moderna, uma vez que “a racionalidade técnica e sua conseqüente

⁶⁶ Cf. Simmel, Georg. “A metrópole e a vida mental”, in: *O fenômeno urbano*. (Organização e introdução de Otávio Guilherme Velho). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 14, 17 e 20.

⁶⁷ Holanda, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., p. 93.

⁶⁸ E “O estudo dessas crises constitui um dos temas fundamentais da história social”, arrematava Sergio Buarque. Idem, ibidem, p. 94.

especialização constituem justamente a marca do Real moderno, ao qual até mesmo os movimentos artísticos estão sujeitos”.⁶⁹ E que, em grande parte, como vimos em Sergio Milliet, também respondem pelo “decidido divórcio entre o artista e o público”, produto da exaltação individualista e intelectual da arte moderna, encerrada em manifestações cerebrais de pequeninos detalhes técnicos, quase sempre voltados à especulação de volumes geométricos e ensaios de fixação do movimento, afastando-se por completo, na forma e no espírito, de sua função comunicativa, de sua função de linguagem de grupo, isolando-se dentro de limites impossíveis de se transporem aos iniciados.⁷⁰

Tanto os movimentos artísticos quanto os movimentos sociais procuram construir sua visibilidade, ou suas visibilidades, num problemático jogo de espelhos, em que se refletem, em traços imprecisos, aspectos que os presidem, mas que eles não dominam inteiramente. Daí surgirem e se introduzirem certos artifícios na vida social e cultural do mundo moderno, espécie de entraves à livre circulação ou difusão mais espontânea de “novos conteúdos e esquemas formais” inerentes à quase sempre traumática experiência da modernidade.⁷¹ Os mais singulares traços dessa experiência repousam no caráter visceralmente

⁶⁹ Cf. Brito, Ronaldo. “A Semana de 22: o trauma do moderno”, in: *Sete ensaios sobre o modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1983, p. 14. (Cadernos de Textos 3)

⁷⁰ Cf. Milliet, Sergio. *Pintura quase sempre*, Op. cit., p. 94 a 96. Embora admita que tudo isso teve e tem “enorme importância para uma possível renovação da técnica pictórica”, ponderava Milliet que o exclusivismo das preocupações técnicas teria como conseqüência o estreitamento do potencial comunicativo da arte, que se veria restrita à expressão de pequenos grupos, marginalizados diante do público. Aí tem-se em presença o risco da arte se afastar da função social comunicativa. “Mesmo nos subgrupos ela deixará de ser entendida por todos, ela passará pouco a pouco a instrumento de expressão individual, de nenhuma utilidade para os demais membros do todo social.” Idem, p. 115-16.

⁷¹ As idéias desse parágrafo se inspiram nas sugestivas e pertinentes reflexões de Brito, Ronaldo. *Sete ensaios sobre o modernismo brasileiro*, Op. cit., p.14 e 17.

contraditório da modernidade, ao mesmo tempo civilizador e progressivo, revolucionário e desagregador:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade na desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. (...) É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização. No século XX, (...) o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das

peças. Em consequência disso, encontramos-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.⁷²

A hesitação entre as forças destrutivas e renovadoras da cultura modernista, ou melhor, o impasse da escolha diante delas, parece estar na base da formulação compreensiva de *Raízes do Brasil*.⁷³ Foi talvez pensando nessa ordem de contingências que Maria Odila, em estudo recentemente publicado, sugeriu que o estilo de construção narrativa desse seminal ensaio sergiano “disciplinava negações”, confluindo para “um procedimento crítico através de

⁷² Cf. Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1986, p. 15 e 17. Para o ensaísta norte-americano Marshall Berman, cuja leitura do modernismo em muitos aspectos apresenta pontos de convergência com a visão de Milliet, uma das principais causas do “radical achatamento de perspectiva” e da “diminuição do espectro imaginativo” da sensibilidade modernista advém do fato de que “não mais sabemos como usar nosso modernismo; nós perdemos ou rompemos a conexão entre nossa cultura e nossas vidas”. *Idem*, p. 23.

⁷³ No momento de formulação do ensaio, Sérgio Buarque e seus companheiros de geração modernista pareciam ainda vivenciar as injunções do que um crítico cauteloso luminariamente designou “a tradição do impasse” peculiar a certa experiência intelectual tipicamente brasileira. Esta “tradição do impasse” consiste na impossibilidade do instrumental analítico adotado por certos críticos superar os próprios limites colocados pelos termos dos problemas por eles enfrentados, o que muitas vezes deixava às claras “a desconexão do *approach* crítico de contestação do estado intelectual do país e a formulação de uma linguagem não somente apta à descrição (e, portanto, à contestação), mas à visualização de contradições fundamentais da estrutura social, que proporcionavam o aparecimento” destes mesmos impasses em atitudes e obras. Cf. Barbosa, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974, p. 105. A crítica da linguagem, como em vários momentos acentua João Alexandre Barbosa, parece ser o elemento decisivo para a implosão de fórmulas cristalizadas de observar e analisar a realidade circundante. A linguagem sanciona ou põe em xeque as representações usuais do mundo cotidiano, como que a solda a *praxis* com a teoria, ao imprimir comunicação entre as esferas do pensamento e as da ação. Portanto, alterações na formulação da comunicação de visões de mundo possibilitadas pelo olhar da crítica e do crítico, suspendem a localização temporal através da qual os sujeitos procuram se relacionar com as coisas e os seres do mundo circundante, ou seja, a se situarem diante do que se convencionou chamar realidade. Para que se sublinhe o arguto senso de temporalidade e das contradições históricas em Sérgio Buarque seria interessante observar como e de que forma *Raízes do Brasil* procura se fundamentar na crítica da linguagem de sua época. Em todo momento é presente o intuito de denunciar como idéias antigas vestem-se de casacas novas para se passar por ideais renovadores. Para usar das expressões do professor João Alexandre Barbosa, Sérgio busca fugir do impasse da linguagem que marginaliza tanto o escritor quanto o crítico no auge de sua força integradora

múltiplas e reiteradas negações”, no intuito de centrar um importante foco da argumentação do livro no desvendamento da “contemporaneidade do não contemporâneo”. Trata-se, na concepção da historiadora, de um sutil “exercício de negação das negações”, no qual os antagonismos elencados, ao invés de conduzir à síntese, “redundam em impasse”.⁷⁴

Um dos impasses originais, aliás, já se fazia presente na aurora da conquista do Novo Mundo, e prendia-se às “conexões históricas” de certa precocidade retardatária da Península Ibérica, que não chegou a conhecer, ou apenas conheceu superficialmente, “as relações sociais que prevaleceram ao norte dos Pireneus e que tiveram sua expressão mais nítida nos princípios feudais”.⁷⁵ Foram essas circunstâncias que possibilitaram a espanhóis e portugueses, muito “antes de triunfarem no mundo as chamadas idéias revolucionárias”, desprezar a “*irracionalidade* específica, a injustiça social dos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários”. E nesse ponto, ao menos, as nações ibéricas poderiam se “considerar legítimas pioneiras da mentalidade moderna”.⁷⁶

Esse pioneirismo teria fundas ingerências na formação e centralização prematura do Estado português, bem como traria conseqüências para entrada de

das atividades intelectuais num meio social onde a cultura é signo de *status*, adorno e motivo de sorriso da sociedade que se desvanece diante do talento de seus filhos ilustres.

⁷⁴ Dias, Maria Odila Leite da Silva. “Negação das negações”. Texto introdutório a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, in: *Intérpretes do Brasil*. (Cordenação, Seleção de Livros e prefácio, Silviano Santiago). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, volume III, p. 901-928, particularmente, p. 905.

⁷⁵ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. “Mentalidade capitalista e personalismo”, in: *Digesto Econômico*, São Paulo, ano III, número 28, 1947, p. 31.

⁷⁶ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., p. 9. Grifo no original.

Portugal no concerto das nações europeias. Dele deriva a formação e precipitação também prematura de uma burguesia dependente da iniciativa estatal, que cedo se amolda aos mores da nobreza lusitana quinhentista, ao invés de aburguesar os nobres ao tempo do Mestre de Aviz:

Durante o Renascimento que, em toda parte, tendeu a minar velhos preconceitos, puderam aqueles povos exhibir, por isso mesmo, uma fisionomia acentuadamente moderna por muitos aspectos. Apenas esse aparente modernismo não constituiu, entre eles, fruto de uma paulatina conquista, mas desenvolvimento normal de longa tradição. Vinha de um passado mais ou menos remoto, mas não se projetava para o futuro.⁷⁷

Nesse processo em que Sergio Buarque enxerga a demarcação das “Fronteiras da Europa”, Brasil Pinheiro Machado⁷⁸ e, antes dele, embora sob ótica diversa, Otto Maria Carpeaux, anteveriam o delineamento das fronteiras da Contra-Reforma, ou, para falar com o autor de *Origens e fins*, a extremidade do “fio condutor para se adentrar na imensa floresta das coisas americanas”, e que poderia desvendar as fontes da multiformidade e unidade da civilização do Novo Mundo, senão mesmo ferir a compreensão das mais antigas “tradições americanas”, em meio à “poliformia racial e espiritual do Continente”.⁷⁹

Pela largueza crítica do ponto de vista, além da inspiração textualmente documentada em uma leitura original e fecunda de determinados argumentos de

⁷⁷ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Mentalidade capitalista e personalismo”, Op. cit., p. 31.

⁷⁸ Machado, Brasil Pinheiro. “Raízes do Brasil: uma re-leitura”, *Estudos Brasileiros*. Curitiba, dez. 1976, nº 2, p. 179-180.

⁷⁹ Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, in: *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1943, p. 379-399.

Raízes do Brasil, valerá a pena insistir na caracterização das tradições americanas perpetrada por Otto Maria Carpeaux. De acordo com este crítico, um mergulho na história seria o único método possível para decodificação de tudo quanto ainda resta por compreender da vida americana. Esse mergulho revelaria que a mais velha tradição do Novo Mundo remonta a uma “época bem definida”, é “filha da era barroca”:

A história da tradição americana precisa de uma distinção acertadíssima entre a época do descobrimento e da conquista, que pertence à renascença, e, doutro lado, a época da colonização, que pertence ao barroco. Já passou o tempo em que o barroco foi considerado o sucesso em linha reta – se bem que não legítimo, mas bastardizado e desprezado – da renascença.⁸⁰

Essa filiação barroca, tal qual a efetua Carpeaux, é interessante para nossa leitura por suas aberturas aos processos sociais vivos e mais amplos, uma vez que o barroco é compreendido como o último estilo que abrangeu ecumenicamente toda a Europa, alcançando, segundo o crítico austro-brasileiro, todos os domínios da vida – belas artes, letras, filosofia, religião, pensamento econômico e político -, fenômeno que gravaria nos sentimentos e compreensão da vida americana – e não apenas latina ou ibero-americana – certo universalismo e algumas expressões inconfundíveis, ao que parece indelévels, no seu

⁸⁰ Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, Op. cit., p. 380.

desenvolvimento ulterior: “se, como estilo, o barroco é um fenômeno europeu, como ‘survival’ é muito mais um fenômeno americano”.⁸¹

Dessa maneira, Carpeaux empreende o estudo da vida social e cultural americana comparando suas tradições a “uma ilha barroca no continente da civilização ocidental”, ilha na qual “sobrevivem, entre os arranha-céus da economia capitalista e da sociedade moderna, os traços inconfundíveis da sociedade e do espírito barrocos”, por consequência da longa época colonial e dos seus prolongamentos e resíduos sociais:

Para simplificar as linhas: é a civilização internacional do catolicismo pós-tridentino, aristocrática e patriarcal, mística e supersticiosa, baseando-se numa sociedade de mentalidade pré-capitalista.⁸²

E é justamente na abertura de *Raízes do Brasil*, particularmente na oposição entre a mentalidade ibérica e o catolicismo gótico de Dante, que o autor

⁸¹ Carpeaux acredita que esse universalismo das manifestações do estilo de vida barroco auxiliam e facilitam sua compreensão enquanto fenômeno histórico. Arriscando um rápido panorama comparativo, a multiformidade e unidade da civilização do Novo Mundo apresenta, com retardo, o fenômeno similar de decantação da unidade e diversidade das tradições nacionais européias: estas nascem na Idade Média, expandindo-se através dos grandes centros regionais de cristalização espiritual que se constituíram em Bolonha, Pádua, Paris, Oxford, Cambridge, Salamanca, Coimbra, Praga, Lípsia, Leyden. Na América as altas escolas ou as instituições similares foram fundadas entre 1550 e 1700, época em que prospera o barroco. Daí derivando suas tradições ao mesmo tempo locais e universais: “A civilização americana era e continua membro da mais ampla civilização européia, propagada no solo americano por europeus aclimados ou mestiçados e os seus descendentes; fenômeno incompreensível se não considerarmos a civilização americana como membro da civilização ocidental. Era assim sobretudo na época do barroco, estilo de civilização católica, ecumênica e universal; e continua assim, sobretudo nos países da América Latina, onde a longa época colonial e seus prolongamentos e resíduos sociais e econômicos até a atualidade exercem uma função de isoladores, como certas espécies, extintas em outras partes, sobrevivem nas ilhas remotas”. Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, op. cit., p. 379 e 380-1. Para outra leitura da importância do período barroco na formação social brasileira consultar os estudos de Machado, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

⁸² Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, Op. cit., p. 383.

de *Origens e fins* vai colher elementos para situar o que considera ser uma “interpretação dinâmica do barroco americano”:

Um quadro perfeito dessa sociedade barroca acha-se - em resumo luminoso - no começo (pp. 11-15) das *Raízes do Brasil*, do sr. Sergio Buarque de Hollanda. É verdade que o esboço lá está sob a rubrica ‘mentalidade ibérica’. Mas a mentalidade ibérica não é uma entidade invariável e imutável: uma literatura extensa - cumpre salientar o nome de Menéndez Pidal - está ali para extremar o iberismo gótico do iberismo barroco, e o próprio autor das *Raízes do Brasil* opõe à sua civilização ibérica o catolicismo gótico de Dante, como para convencer-nos de que estamos diante do iberismo especificamente barroco, transplantado para a América.⁸³

Embora reconheça o que possa haver de litigioso na apreciação que Sergio Buarque faz do individualismo ibérico, Carpeaux acentua que tal fato em nada altera a valia de semelhante esboço para “intensificar a distinção entre a interpretação estática e a interpretação dinâmica do barroco americano”. Distinção, aliás, que timidamente já se anunciava na ilustração histórica da época do descobrimento e da conquista e da época da colonização:

O individualismo renascentista, que se exprime também na Conquista, provoca os contrapesos da monarquia absolutista e da Inquisição: os poderes tipicamente barrocos são, na América. poderes da primeira hora. A organização corporativa - gótica, medieval - continua rudimentar.⁸⁴

⁸³ Idem, *ibidem*.

⁸⁴ Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, *Op. cit.*, p. 383.

A empresa da ocupação do território americano, procurando refrear os impulsos individualistas da conquista, ou melhor buscando discipliná-los e enquadrá-los em seu projeto mais amplo, abortou o florescimento das conquistas humanísticas da renascença no continente americano. Mas não só elas:

A mentalidade pré-capitalista dos grão-senhores rurais nos seus domínios autárquicos não permite uma organização econômica da sociedade - eis um dos resultados mais valiosos do estudo do sr. Sergio Buarque de Hollanda. Resta apenas um princípio de organização social: a família patriarcal. E a sociedade barroca é, em toda parte, familiar e patriarcal. Na Europa, esse patriarcalismo cedo se dissolve: na França, pelos começos da mentalidade burguesa, que Bernard Groethuysen estudou; na Inglaterra, pelo amolecimento 'baxteriano' do puritanismo, e mais tarde pela revolução industrial. Na América, e especialmente no Brasil, a vida da sociedade barroca, familiar e patriarcal, acha-se artificialmente prolongada pela instituição da escravidão. É exatamente essa sociedade patriarcal e escravista, "survival do barroco" que o sr. Gilberto Freyre tão magistralmente estudou. Introduzindo no seu conceito um fator dinâmico, dialético, reencontramos o "individualismo ibérico".⁸⁵

Uma interpretação dinâmica do barroco, segundo Carpeaux, visa apreender o processo de dissolução da família patriarcal frente ao nascimento do Estado Moderno e seus princípios jurídicos,

Pois uma consequência funesta do patriarcalismo é a falta de sociabilidade. Em toda parte onde a família patriarcal se decompõe, antes de ser substituída pelo Estado

moderno e os seus princípios jurídicos, a falta de sociabilidade provoca uma oscilação prolongada entre dois extremos de individualismo: a anarquia e o 'cesarismo bárbaro' (Rodríguez Mendoza). Oscilação que constitui a história hispano-americana do século XIX, mas que não é um fenômeno especificamente americano, e sim um sintoma de decomposição em toda sociedade barroca. Não basta, porém, citar a história espanhola do mesmo século, tão análoga à hispano-americana, e sintomas semelhantes na Itália do século XVII, na Alemanha do século XVIII. Na própria França apresenta-se o mesmo dilema perigoso, em pleno século XIX, particularmente agudo entre a anarquia de 1848 e o despotismo de 1852, quando a família e o Estado se decompõem ao mesmo tempo. Uma reação muito curiosa contra essa decomposição francesa é a sociologia "familiar e patriarcal" de Le Play; e foi com métodos dessa sociologia que o sr. Oliveira Vianna explicou os defeitos da sociabilidade brasileira. Ele também não escapou ao vício tipicamente leplayano de glorificar os seus 'senhores'. Mas a longevidade tenaz e anacrônica da sociologia leplayana no Brasil é propriamente um *survival* de sentimentos e ressentimentos patriarcais; e a regeneração daquela sociologia no sindicalismo de Sorel, transmitido a Charles Maurras por intermédio de George Valois, provocou prontamente a voga da *Action Française* em toda América Latina. O barroco 'vit encore'. Vida, porém, é um ato dinâmico, e, logo, dialético. E a dialética da sociedade patriarcal está nas dificuldades de transição da família ao Estado. O estudo dessa dialética ajuda-nos a 'dinamizar' o quadro estático da sociedade

⁸⁵ Cf. Carpeaux, Otto Maria. "Tradições americanas", Op. cit., p. 384.

barroca americana, e leva a conclusões que explicam surpreendentemente certos fatos da história colonial.⁸⁶

Ajudaria, particularmente, situar e esclarecer a distinção entre a *utopia renascentista*, que orientou o período da conquista, e o *projecto tipicamente barroco*, que guiou a colonização. Trata-se, portanto, de estudar as implicações das tentativas barrocas de resistir aos imperativos da moderna sociedade capitalista, tema que animava certos conceitos daquilo que Carpeaux chamou de uma incipiente “sociologia barroca”, em especial, de sua concepção de Estado ou Império, lançando curiosas luzes para a percepção da dialética da transição da família patriarcal para o moderno poder estatal, ou ao menos às dificuldades dessa tradição.

O que parecia sublinhar Otto Maria Carpeaux, antecipando um assunto que seria muito caro às preocupações posteriores de Sergio Buarque, é a forma bastante peculiar com que se esboçam as tentativas barrocas de realizar o ideal de um Estado cristão, de organizar a comunidade nacional e religiosa na base da família patriarcal, profundamente oposta às bases do Estado moderno, no exato momento em que o processo colonizador vai tomando corpo. Uma balbuciante “teoria da colonização” andaria de mãos dadas com a afirmação das concepções políticas tipicamente barrocas e patriarcais. A citação é extensa, mas, por muito reveladora, vale a pena transcrevê-la:

Onde estamos? Precisamente no capítulo mais ‘barroco’ da história americana: a colonização. Não esperamos que a sociologia abstrusa do século XVII elucide esse

⁸⁶ Cf. Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, Op. cit., p. 383.

assunto, e ao sociólogo moderno repugnará o internar-se nas estranhas especulações sobre o destino das tribus, enumeradas na bíblica 'lista dos povos' (*Gem.*, X), sobre a origem hebraica de todas as línguas, sobre a história dos primeiros homens e dos heróis da Antigüidade greco-romana: especulações que aparecem ainda na filosofia de Vico. Mas como as concepções de Vico contêm, em germe, as noções da sociologia histórica moderna, aquelas especulações representam símbolos, ou, antes, as imagens, de realidades sociais do século XVII. E uma dessas imagens representa exatamente a teoria da colonização.

Desde os princípios da sociologia grega existe uma dialética entre a concepção platônica, baseada na família e com o 'pater familias' como arquétipo do rei patriarcal, e, de outro lado, a concepção aristotélica, baseada no indivíduo, e como o 'ciclope', o bárbaro primitivo, como arquétipo do rei absoluto. A Escolástica medieval, substituindo ao 'pater familias' o Adão da Bíblia, quis reunir, na síntese tomista, as duas concepções. No barroco, a contradição manifesta-se de novo. Filmer coloca nos princípios da história humana o 'patriarca' Adão, o pai de família do qual todas as dinastias cristãs descendem; Mariana, Suárez e os outros colocam ali os ciclopes, que vivem solitários nas florestas e desertos, e cuja luta incessante de 'omnium contra omnes' só cessa pela conclusão do 'tratado social'. Compreende-se que estamos ante duas ideologias, das quais uma, a teoria adamita, quer justificar a organização patriarcal da sociedade, e a outra, a teoria ciclopista, engendra ou a monarquia absoluta do Rei-Indivíduo, ou o *Contrat social* de todos os indivíduos. A monarquia espanhola quis desempenhar o papel de Adão do Novo Mundo; mas os seus colonos e bandeirantes, lá preferiram o papel dos ciclopes. 'El monarca' - diz Blanco Fombana - 'legisla. A dos mil leguas, la voz de Su Magestad

apenas se percibe. Se oye, pero no se obedece.' No reino do individualismo colonizador, a legislação d'El-Rei patriarcal permanece letra morta.

Mas a sociologia barroca é tudo, menos ingênua. Previu esse caso. Compreendeu o rei como advogado do povo, do 'popolo minuto' contra o 'popolo grosso'. E quando esse advogado falta a seu dever, aparece uma nova instância: o tribuno.

Na história da América barroca, os que desempenharam o papel de tribunos são os jesuítas. São os únicos que cumprem fielmente a *Recopilación de los Indios*. Acham-se os traços do tribunato em certas passagens quase revolucionárias do maior daqueles tribunos, o padre Antonio Vieira. Certamente o ideal não se conservou puro. Às vezes, degenerou bastante. (...) O ponto fraco da atuação jesuítica era a atitude inconseqüente com os escravos índios e negros. E para a explicação dessa ambigüidade singular, reaparecem as teorias dialéticas do pai Adão e dos ciclopes, mas, desta vez, na tentativa de reconciliação da síntese tomista. A diferença entre o tratamento dado aos índios, filhos da natureza paradisíaca, e o tratamento dados aos negros, filhos da cólera de Deus, baseia-se na teoria de um duplo direito natural, do qual o 'locus classicus' se acha em S. Tomaz, *S. Th.* I.-II, qu. 94, a. 5 ad 3 (v. também II. - II qu.57, a. 3 ad 2): no Paraíso Adão gozava das liberdades ilimitadas do primeiro direito natural; pelo pecado original, perdeu esse privilégio, e desde então a humanidade, neste vale de lágrimas, sofre o direito natural secundário, justificação de todos os sofrimentos e violências, e sobretudo da escravidão. Essa teoria, tão cômoda e tão cara ao absolutismo e aos seus apologistas, como mais tarde ao pré-capitalismo colonial, é

já tipicamente americana; na Europa, aparece sob outro aspecto: como teoria das elites, fruto do catolicismo e do humanismo na doutrina inaciana.⁸⁷

O Barroco, portanto, argumenta Carpeaux, é a fonte de uma extensa tradição americana, colonizada pela civilização cristã ocidental. Mais até: representando para o catolicismo o que a Antigüidade teria representado para a Renascença, seu verdadeiro sentido residiria na preparação turbulenta de novos ideais: “Um humanismo americano, para não degenerar em pálido classicismo de colunas imitadas, não tem ponto de partida legítimo senão no barroco”.⁸⁸

⁸⁷ Cf. Carpeaux Otto Maria. “Tradições americanas”, Op. cit., p. 388-90. Não seria inoportuno lembrar aqui que justamente a preocupação em mostrar até que ponto, em tomo de imagens edênicas, tal como se achavam difundidas na era do descobrimento e imediatamente depois, puderam se organizar muito dos fatores que presidiram a ocupação do Novo Mundo é o tema central de *Visão do Paraíso*, talvez a obra máxima, em termos de erudição e composição, de Sergio Buarque. Aliás, o próprio autor teve, certa vez, oportunidade de comparar esta obra com *Raízes do Brasil*, que obviamente saiu minorada, na avaliação mesmo de Sergio Buarque, no confronto. Dizia ele que *Visão do Paraíso* era, antes de mais nada, “um livro de circunferência, aberto a acréscimos e pesquisa, o oposto de *Raízes do Brasil*, que não pretendo retomar”. Cf. “O mundo edênico dos descobridores. Sérgio Buarque de Holanda fala da nova edição revista e ampliada de ‘Visão do Paraíso’.”, recorte de jornal, sem referência, guardado no Fundo Privado de Sergio Buarque de Holanda no Arquivo Central da Unicamp (SIARQ/Unicamp), Vp 211 Pasta 4. No entanto, mal comparando, abusando-se talvez da figuração imaginativa, estes dois livros poderiam ser visualizados como duas pontas de uma intrigante luneta: de um lado, o alcance crítico se beneficia pela perspectiva aberta em profundidade, que enxerga longe em sua mirada redutora e nítida, ainda quando imprecisa, generalizante, de certas totalidades – este é o campo visual simultaneamente fragmentário e coerente do ensaísmo de *Raízes do Brasil*; no outro extremo, esse movimento “intuitivo” das lentes, tem sua contrapartida na verticalidade duma circunscrição microscópica, que se aprofunda com as ampliações das minúcias e dos detalhes, a selecionar contornos precisos em tudo aquilo que é invisível a olho nu, em meio ao processo da reconstituição sistemática dos motivos edênicos a presidir e sustentar, com sua duração própria e particular, a decantação estrutural daquilo que já Sebastião da Rocha Pita, provavelmente inspirado na famosa *Carta de Vaz de Caminha*, considerava verdadeira “procissão de milagres”, em que tudo se extrai da terra fértil, sem que qualquer retribuição de sacrifício se faça necessária.

⁸⁸ Idem, p. 392. Neste particular talvez haverá algum interesse em anotar que esta hipótese já se apresentava mais ou menos explicitada no estudo de Mário de Andrade sobre “O Aleijadinho”, de 1928, quando resolve estudar os processos diferenciadores nacionais nas expressões plásticas da coletividade colonial luso-brasileira. Estudo, aliás, bastante curioso para quem conhece os frutos posteriores da crítica literária brasileira, em particular o primeiro volume da obra magna de Antonio Candido, uma vez que Mário de Andrade principia afirmando: “Si excetuarmos os tempos de agora, o período que vai mais ou menos de 1750 a 1830, será talvez o de maior mal-estar para a entidade nacional brasileira”...

O autor de *Origens e fins* volta a tecer considerações de corte comparativo entre Novo e o Velho Mundo para justificar este ponto de vista, chegando mesmo a insinuar que as nações européias fixam suas raízes, suas tradições nacionais, na época barroca, quando então “*natio*” significava apenas colégio universitário.⁸⁹ Aponta que o barroco teve uma função bem definida na secularização dos poderes religiosos na história política européia, fato muitas vezes obscurecido por não se atentarem as distinções semânticas entre *nação* e *Estado*, principalmente por meio do compósito conceito de *Estado-nação*, que é filho da revolução burguesa. A noção elitista exacerbada na condição dos eleitos de Deus dos reis absolutistas, teria uma papel fundamental para a abolição da sociedade barroca

Bom, mas não são os fenômenos de acumulação literária, fundamentais no desenvolvimento dos processos formativos, que chamam a lembrança desse estudo de Mário de Andrade, e sim sua mirada crítica acerca da obra do Aleijadinho, propriamente naquilo que diz respeito à confluência, e diferenciação – é claro -, das tendências renascentistas e barrocas: “o caso deles – escreve Mário – é perfeitamente o de completamento e coroação duma fase. Ele transporta ao seu clímax a tradição luso-colonial da nossa arquitetura, lhe dando uma solução quase pessoal, e que se poderá ter por brasileira por isso. (...) O Aleijadinho, surgindo da lição de Pedro Gomes Chaves, vem genializar a maneira deste, criando ao mesmo tempo um típico de igreja que é a única solução original que jamais inventou a arquitetura brasileira. E o que tenho por absolutamente genial nessa invenção é que ela contém algumas das constâncias mais íntimas, mais arraigadas e mais étnicas da religiosidade brasileira. Esse tipo de igreja, fixado imortalmente nas duas São Francisco de Ouro Preto e São João d’El-Rei, não corresponde apenas ao gosto do tempo, refletindo as bases portuguesas da Colônia, como já se distingue das soluções barrocas luso-coloniais, por uma tal ou qual denguice, por uma graça mais sensual e encantadora, por uma ‘delicadeza’ tão suave, eminentemente brasileiras. (...) São dum sublime pequenino, dum equilíbrio, dum pureza tão bem arranjinha e sossegada, que são feitas pra querer bem ou acarinhar, que nem na cantiga nordestina. São barrocas, não tem dúvida, mas a sua lógica e equilíbrio de solução é tão perfeito, que o jesuitismo enfeitador desaparece, o enfeite se aplica com uma naturalidade tamanha, que se o estilo é barroco, o sentimento é renascente. O Aleijadinho soube ser arquiteto de engenharia. Escapou genialmente da luxuosidade, da suprefetição, do movimento inquietador, do dramático, conservando uma clareza, uma claridade é melhor, puramente da Renascença.” Cf. Andrade, Mário de. “O Aleijadinho”, in: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 27, 30 e 31.

⁸⁹ Convém lembrar, já que também o citamos no início dessa digressão, que na leitura de *Raízes do Brasil* efetuada por Brasil Pinheiro Machado está presente, a todo instante, um esforço para fazer convergir momentos decisivos da história européia e ocidental com o evoluir da história brasileira e nacional. Cf. Machado, Brasil Pinheiro. “*Raízes do Brasil: uma re-leitura*”, Op. cit., em especial pp. 176 e seguintes.

européia pela reação iluminista, anti-cristã, que desembocará na Revolução Francesa.

As modernas nações européias só aparecem definitivamente com a supressão do universalismo medieval após o fim da Guerra dos trinta anos, que começou como uma guerra religiosa e terminou como arranjo provisório de duas dinastias. É neste momento, segundo Carpeaux, que o universalismo medieval, sobre base religiosa, cede ao “Concerto Europeu”, sobre base diplomática, compostas pelos “gabinetes”, que representam as individualidades nacionais. A definitiva emancipação européia da ordem patriarcal barroca, entretanto, apenas adviria com as conseqüências das revoluções burguesas.⁹⁰

Na América, semelhante processo não se procedeu com a mesma organicidade, uma vez que os princípios de 1789, quando trasladados ao Novo Mundo, interromperam a tradição barroca sem contudo abolir todas as servidões do barroco que o continente continuou a carregar: a reclusão na “imobilidade perfeita, até a estagnação, da sociedade latifundiária, imobilidade que corresponde a indiferença total das massas, a indiferença sonolenta do ‘nada que fazer’. Indiferença social, depois indiferença transcendental, ela também tipicamente barroca”.⁹¹ Ou, para falar com Sergio Buarque:

De todas as formas de evasão da realidade, o convívio com as idéias e especulações pareceu-nos a mais fácil e dignificante. Trouxemos de terras estranhas um sistema completo e acabado de preceitos, sem saber até que ponto se ajustam à vida brasileira. Na verdade a ideologia impessoal e anti-natural do

⁹⁰ Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, Op. cit., p. 392-3.

liberalismo democrático, com as suas maiúsculas impressionantes e com as suas fórmulas abstratas, jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios, até onde eles coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando o nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratarmos com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal importou-a e tratou de acomodar-se como lhe fosse possível às suas leis, que tinham sido justamente a bandeira de combate da burguesia européia contra os aristocratas, e isso só porque essas leis pareciam as mais acertadas para a época e eram exaltadas nos livros e nos discursos.⁹²

Dessa forma não haveria como estabelecer correspondências entre a sociedade política e a comunidade nacional: cria-se o Estado, mas não se cria a nação. Na América Latina, portanto, a experiência da subversão da tradição barroca não se processou de forma orgânica, fato que traria consigo as graves conseqüências da degenerescência de todas as magníficas fórmulas jurídicas do liberalismo democrático em retórica romântica.⁹³

As funções públicas constituíram, desde muito cedo, aliás, o apanágio quase exclusivo da mesma casta de homens a que pertenceram os nossos proprietários

⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 381.

⁹² Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., p. 122.

⁹³ Cf. Carpeaux, Otto Maria. "Tradições americanas", Op. cit., p. 393. De acordo com o autor esse processo não se limitou à América Latina, mas também pode ser observado na América anglo-saxã. Nesta parte do continente, porém, segundo a leitura de Carpeaux, os ajustamentos desse processo de "descolonização" puderam contar com outros freios e instrumentos compensadores: "Os Estados anglo-saxões venceram essa etapa da evolução nacional pelo 'espírito da

rurais. Alimentavam com freqüência, a mesma digna ociosidade, que tanto singularizou esses senhores de engenho, de quem dissera Antonil que os escravos eram suas mãos e pés. A constituição de uma burocracia numerosa e próspera, comportando postos cuja remuneração e cuja importância social estavam muitas vezes – quase sempre – na razão inversa do trabalho que lhes correspondia, impunha-se como o expediente próprio para assegurar um bem estar relativo a parte considerável da população, que do contrário se veria condenada a uma irremediável ruína. E quando não o assegurasse, valeria, ao menos, pelo efeito compensador, que garante a um indivíduo mal tratado pela sorte a possibilidade de se conceber não somente como cidadão do ‘maior e mais rico país do mundo’, mas sobretudo como peça necessária de seu mecanismo administrativo, como parte do Estado, de um ‘nós’ poderoso e respeitável. Essa a origem verdadeira de certo patriotismo ingênuo e contente de si, que ainda hoje vemos florescer entre nós. Patriotismo negativo, feito de ressentimentos, não se recomendava certamente como elemento ativo e construtor, e tão pouco se recomendava, sob nenhum aspecto, o espírito da ‘casa grande’, estereotipado por centenas de anos de vida rural, e transportado, bruscamente, de corpo e alma, para as cidades.⁹⁴

O romantismo latino-americano, de acordo com Carpeaux, seria melhor compreendido como um *ersatz* da tradição barroca interrompida, interpretação corroborada pela experiência da cultura européia, e que por si só compendia quase que toda história política e espiritual da América Latina no século XIX:

fronteira móvel (F.J. Turner) que conferiu à *Constitution of the United States* um sentido realista, quase agressivo (ver art. IV, sect. 3.1, sobre a admissão de novos Estados da União)”. Idem, *ibidem*.

⁹⁴ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., p. 47.

O romantismo é um verdadeiro contra-barroco, criação do conservantismo nacional dos princípios do século XIX, como reação contra a destruição do Estado Absolutista barroco pela Revolução. Essa origem conservadora parecerá estranha, em vista do papel revolucionário do romantismo na Europa ocidental e na América. O romantismo, porém, é uma das encruzilhadas da história espiritual, onde as contradições se encontram e se entrelaçam, dialeticamente.⁹⁵

Ao analisar o caso da transplantação do romantismo liberal para a América Latina, Carpeaux acrescenta que a relação geralmente estabelecida entre “classicismo e conservantismo, e, de outro lado, entre romantismo e liberalismo” na história literária latino americana é como que uma repetição das fórmulas e traços característicos que dominaram o romantismo alemão:

terra colonial, disposições sentimentais, falta de tradições e vontade de criá-las artificialmente, até o falso indianismo, vontade de criar um nação; todas essas coisas se correspondem. O sonho romântico suplanta o sonho barroco, e, como este, é muito durável. Ao fim de todo barroco aparece, cada vez, um romântico imortal. Dom Quixote ou seu irmão americano Martin Fierro. O romantismo americano parece um fenômeno imortal, num mundo onde o barroco não morreu nunca inteiramente.

Na América Latina, a tradição barroca corresponde ao estado colonial e a tradição romântica corresponde à tentativa de descolonização. O par contraditório “barroco-romantismo” determina toda a história moderna da América Latina.⁹⁶

⁹⁵ Carpeaux, Otto Maria. “Tradições americanas”, Op. cit., p. 393.

⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 395.

Surge daí o caldo de cultura favorável à perpetuação de uma concepção aristocrática e personalista da autonomia da pessoa, “traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde os tempos imemoriais”, que se traduz na cultura da personalidade. Esta característica tipicamente ibérica, com o passar do tempo, projetando-se sobre o espaço colonial, vai se revelar um dos principais óbices ao desenvolvimento de “formas de organização” e de “associações que impliquem solidariedade e ordenação” entre os indivíduos, ao menos sob os pressupostos do moderno contratualismo e do impersonalismo democrático.⁹⁷ Isto porque, da mesma forma que esta cultura da personalidade se distingue do universo mental feudal, ele também se mostra inconciliável com o individualismo moderno: ao mesmo tempo que não encontra apelo nos privilégios herdados, recusa terminantemente a igualdade, ao menos formal, pressuposta pela ideologia liberal. Trata-se mais precisamente, como bem atinou Brasília Sallum Júnior, de um “individualismo aristocrático, de uma aristocracia aberta ao talento”⁹⁸, mas que se recusa ou tem dificuldade em aceitar “o esforço humilde, anônimo e desinteressado”, que “nada acrescenta à sua glória e não aumenta [sua] própria dignidade. Pode dizer-se que, ao contrário, a prejudica e a avilta”.⁹⁹ Esta, como se vê, é uma ética de fidalgo, não de plebeus.

A “inteireza”, o “ser”, a “gravidade”, o “termo honrado”, o “proceder sisudo”, esses atributos que ornaram e engrandeceram o nobre escudo, na expressão do poeta

⁹⁷ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., p. 5.

⁹⁸ Sallum Jr., Brasília. “Sérgio Buarque de Holanda: *Raízes do Brasil*”. In: Mota, Lourenço Dantas (org.) *Introdução ao Brasil: Um banquete nos trópicos*. São Paulo: Editora Senac, 1999, p. 241.

⁹⁹ Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, Op. cit., 13 e 12.

português Francisco Rodrigues Lobo, representam virtudes essencialmente inativas, pelas quais o indivíduo se reflete sobre si mesmo e renuncia a modificar a face do mundo. A ação sobre as coisas, sobre o universo material, implica submissão a um objetivo exterior, aceitação de uma lei estranha ao indivíduo. (...) O trabalho manual e mecânico visa a um fim exterior ao homem e pretende conseguir a perfeição de uma obra distinta dele. (...) as nações ibéricas colocam-se ainda largamente do ponto de vista da antigüidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais do que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.¹⁰⁰

Talvez não fosse despropositado lembrar aqui o quanto desta concepção contemplativa, desse sisudo proceder aristocrático se insinuava em muitas improvisações estéticas do modernismo brasileiro. Muitas das quais, aliás, embora refletissem inquietações mais ou menos estranhas ao vulcão de complicações íntimas da sensibilidade moderna, eram aparentemente modernistas, não obstante constituírem o prolongamento normal e estável de longa tradição, raramente proveniente de uma paulatina conquista sobre as “relações intrínsecas entre forma – expressão – cultura” em seu “feixe de possibilidades expressivas” infundidas nas manifestações concretas da vida contemporânea. Eram, em suma, muitas vezes fruto de simples ajustamentos de fórmulas que vinham do passado um tanto remoto, mas não se projetavam no futuro.¹⁰¹

¹⁰⁰ *Idem*, p. 12 e 13.

¹⁰¹ O escritor Cândido Motta Filho, numa tentativa de caracterização do homem e artista Mário de Andrade, teve ocasião de observar: “o modernismo estava cheio de adeptos, que não eram modernos e que, na verdade, não eram adeptos, nem literatos, nem artistas. E Mário julgava-se com o direito de separar o joio do trigo. (...) Dava, além de tudo isso, a

Talvez também não haja demasiado exagero em se aventar a hipótese de que o modernismo brasileiro constituiu um campo vasto e heterogêneo, não obstante estruturado, sob o qual em parte repousam tanto a *origem* das preocupações intelectuais de Sergio Buarque como a *matéria* das idéias por ele plasmadas na composição de *Raízes do Brasil*.¹⁰² Particularmente do estudo da mentalidade ibérica – ou de modo mais preciso, da atitude ibérica diante do Novo Mundo – para uma configuração alegórica do modernismo, donde muitas ambigüidades engastadas no corpo do texto, muitas delas formuladas de maneira obscura, compreensíveis e identificáveis apenas por meio de um longo trato com as incursões modernistas de Sergio Buarque.¹⁰³

impressão de que desejava eliminar do modernismo as contaminações provincianas. (...) Mário de Andrade queria ser, mais do que revolucionário, um autêntico. Fez a revolução pela autenticidade. E por isso, como revolucionário, concluiu como se fosse um acadêmico". Cf. Motta Filho, Candido. *Notas de um constante leitor*. São Paulo: Livraria Martins, 1960, p. 213-214. Ver também, a propósito, Andrade, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 27-8 e 47-8. Caberia sublinhar, quem sabe a título de sugestão para pesquisadores mais preparados e melhor dotados de instrumental crítico, que falta um estudo sistemático acerca das afinidades visíveis, embora nem sempre prontamente identificáveis, entre a visão crítica de Mário de Andrade e Sergio Buarque (e, se quisermos – por que não? -, também Antonio Candido). Na correspondência de Mário para Sergio Buarque existem vários indícios que poderiam sustentar alguns pontos de convergência entre os dois amigos, além de testemunhar a que ponto chegava a admiração do poeta de *Losango Cáqui* pela "sensibilidade intelectual" do camarada mais jovem. No início de dezembro de 1944, Mário confessa a Sergio que havia lhe erigido a função de "meu primeiro controlador das minhas aventuras histórico-sociais, não sei se o título lhe ilustra, mas você tem que aguentar a função. (...) Você vai ser meu único controlador e conselheiro, tenha paciência". Cf. SIARQ/Unicamp, Fundo Privado Sergio Buarque de Holanda, Pasta 6: Cp 65, Cp 66, Cp 69, Cp 70 e Cp 71.

¹⁰² A respeito da noção de "um campo vasto e heterogêneo, mas estruturado, que é resultado histórico, e pode ser origem artística", Cf. Schwarz, Roberto. "As idéias fora do lugar", in: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 3ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988, p. 24 e 25.

¹⁰³ Infelizmente, não temos aqui condições para desenvolver à exaustão esse tema. Mas para que se faça alguma idéia da factibilidade em se imaginar a projeção de certas atitudes tipicamente ibéricas nas práticas artísticas do modernismo, poderíamos evocar os comentários de Ronaldo Brito acerca das limitações estruturais do "ângulo de percepção" e do "olhar modernista brasileiro" presentes nos trabalhos de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral: "As suas produções estavam no ângulo mais agudo da percepção moderna brasileira. E esta percepção, naquele momento, deve ser considerada como aproximativa – a diminuição de uma distância inelutável, historicamente construída enquanto tal." Aponta o crítico

Convém insistir nesta configuração alegórica do ensaio sergiano. Entendido o conceito de alegoria tal qual o concebia Sergio Buarque. Isto é, uma configuração alegórica no sentido de que procurando “traduzir, através de imagens tangíveis, uma experiência individual, e a rigor incomensurável com os recursos normais de expressão, porque ela mesma já foge à norma, o autor tenta infundir no leitor uma experiência que pertence ao seu mundo pessoal” e talvez “somente a ele”.¹⁰⁴ Muitas das ambigüidades do ensaio, portanto, pressupõem um conjunto de princípios que correspondem a um sistema mais ou menos coerente de idéias e noções consagradas e familiares à primeira geração modernista, quase que assumindo colorações dogmáticas, contra as quais Sergio Buarque procurava se posicionar.

que nem mesmo no plano da teoria, onde são mais fáceis observar avanços abstratos, os mais radicais modernistas – Oswald e Mário de Andrade – atingiam visões mais avançadas em matéria de artes plásticas. E, conforme sugere, havia uma forte razão para tanto: o primado da “cor local”, da questão da brasilidade, não apenas como conseqüência ou como um dos fatores de trabalho, mas fundamentalmente entendido como a “essência da pesquisa visual”. Há mesmo, segundo assevera o crítico, um fundamento literário nesta conceituação de brasilidade, o que confere à pintura um caráter exterior, que a impede de realizar a busca de um novo espaço, de um novo modo de vivenciar o mundo, de se introjetar nele. Daí que o crítico sublinha a necessidade de uma conceituação à parte em torno da questão da brasilidade: “O que se fala pouco, ou não se fala nunca, é o caráter literário da ideologia da brasilidade. O fato evidente de ser ela, antes de mais nada, verbo, e por isto infundir, de fora para dentro, conteúdos ao trabalho dos pintores e escultores. Assim, apesar dos avanços, seguimos atrelados à tradição cultural portuguesa: o verbo comandava inteiramente o olho, que por si só detinha o poder de significação. Ameaçados estávamos de repetir a secular pobreza visual do colonizador, inclusive sua pobreza moderna nas artes plásticas. A vigência e a premência do tema da brasilidade nas artes plásticas e conseqüente subordinação do olho a uma inteligência apenas ilustrativa, é indissociável da herança portuguesa do totalitarismo do verbo. O Cubismo, o Fauvismo, o Suprematismo, o Neoplasticismo são exemplos de Modernismo exclusiva ou predominantemente visuais. A sua eventual tradução brasileira, no entanto, se faria sempre através do filtro da brasilidade. A fixação de enunciados plásticos brasileiros, quase verbalizáveis, parecia uma necessidade estrutural do nosso Modernismo. A assim chamada ‘cor local’ não era conseqüência ou um dos fatores de trabalho: era a essência da pesquisa visual. Este dado específico do nosso Modernismo – sua conquista, frente ao academismo europeizante – nem por isso deixava de ser até certo ponto contraditório com a própria modernidade”. Cf. Brito, Ronaldo. “A Semana de 22: o trauma do moderno”, in: *Sete Ensaios sobre o modernismo brasileiro*, op. cit., p. 16.

¹⁰⁴ Cf. Holanda, Sergio Buarque de. “Símbolo e alegoria”, in: *O espírito e a letra*. Op. cit., volume II, p. 272-76, especialmente p. 274. (Artigo originalmente publicado no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1950).

Justamente nisso encontramos preciosos elementos para interpretar a ponte existente entre sua vocação de crítico e historiador e sua militância modernista. A riqueza de *Raízes do Brasil*, em nossa opinião, está em que Sergio Buarque conseguiu realizar a universalização de “uma realidade singular e íntima” de uma maneira genial, em que a expressão da atitude e intenção do jovem modernista encontra-se articulada a uma explicação abrangente do processo formativo da nacionalidade, isto é, a uma exposição didática das raízes da sociedade brasileira.

A dificuldade está em conferir concretude a esta realidade particular, interpretando a forma como ela se incorpora na estrutura por assim dizer didática do texto. Trata-se de um procedimento crítico que consiste em reinscrever certos acontecimentos em contextos históricos específicos, transformando as “reminiscências históricas em imagens dialéticas, (...) imagens nas quais, ao mesmo tempo que o passado, o próprio presente vem à luz”. A real dificuldade, portanto, reside no fato de que a efetiva compreensão destas “imagens dialéticas” da modernidade literária exige pleno conhecimento do contexto semântico e do mundo das idéias a que ela se reporta de modo crítico e irônico.¹⁰⁵ Dificuldade ainda maior quando se tem em mente que o texto do ensaio buarquiano arquiteta uma simbiose perfeita entre o domínio das noções e o das imagens manipuladas, de modo que nem a exposição didática nem a experiência pessoal possam destacar-se, sem violência, do conjunto assim criado.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Cf. Oehler, Dolf. *O Velho Mundo desce aos Infernos: auto-análise da modernidade literária após o trauma de junho de 1848 em Paris*. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 10, 18 e 19.

¹⁰⁶ Holanda, Sergio Buarque de. “Símbolo e alegoria”, Op. cit., p. 274-75.

Destaque-se que, desse ponto de vista, justamente na felicidade da solução encontrada pelo autor de *Raízes do Brasil* será possível discernir as razões para se compreender porque “a melhor opinião corrente” e mesmo Sergio Buarque parecem julgar ou julgavam dispensável aprofundar o estudo do substrato modernista presente na “argumentação histórico-sociológica” daquele seminal ensaio. Para Ricardo Benzaquen de Araújo, por exemplo, autor a quem pertence esta última observação,

os compromissos estéticos de Paulo Prado, bem como de Sérgio Buarque de Holanda, que em 1936 publica *Raízes do Brasil*, depois de uma longa militância modernista, dão a impressão de que não são habitualmente considerados fortes o suficiente para afetar, com profundidade, a substância de sua argumentação histórico-sociológica. No máximo, é possível encontrar-se às vezes uma indicação de que esta argumentação era perfeitamente compatível com o segundo momento do modernismo, de 1924 em diante, no qual a preocupação com o progresso técnico parece harmonizar-se com uma revalorização da tradição, infundindo-lhe método e racionalidade para transformá-la na base de uma verdadeira identidade nacional.

Basta ver, a propósito, que o justamente famoso prefácio de Antonio Candido à 5ª edição de *Raízes do Brasil* (1967) não julgou indispensável ressaltar a sua associação com o modernismo, preferindo enfatizar – corretamente, aliás – a dívida intelectual com a reflexão alemã, particularmente com a de Max Weber. É lógico que o tom do texto é memorialístico, em especial na sua primeira parte, mais geral, mas, por isso mesmo, essa omissão me parece extremamente significativa. Com efeito, o próprio Sérgio, em uma entrevista a Richard Graham (1987), reconhece o seu

débito modernista de forma apenas ligeira, como uma entre outras vertentes relevantes na sua formação, sem lhe dar qualquer realce.¹⁰⁷

Uma apreciação mais judiciosa, entretanto, não se deixaria iludir aceitando como dado o reconhecimento de generalidades proclamadas de modo apenas superficial. Revelaria, ao contrário, *uma secreta – senão mesmo discreta – fidelidade* aos compromissos estéticos e aos valores modernistas nesta espécie de atitude por assim dizer dissimuladora do autor de *Raízes do Brasil*.¹⁰⁸ Fidelidade ainda mais acentuada se pensarmos, como pensava Sergio Buarque ao empreender o balanço do que entrava de precipitação e justiça na reação de certos poetas e teóricos “neomodernistas” da geração de 45, que a verdadeira superação do modernismo não haveria de “nascer de uma inversão meticulosa da sua imagem real ou convencional”, muito menos da “antítese de suas virtudes e de seus defeitos, mas antes de uma síntese onde se incorporem suas conquistas positivas ou ainda atuais”:

¹⁰⁷ Araújo, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994, p. 20.

¹⁰⁸ A propósito da referida entrevista a Richard Graham, caberia lembrar que mesmo a “ligeira” menção quanto ao “débito modernista” na formação de Sergio Buarque por muito pouco não ficou de fora da edição final deste precioso depoimento. Remetendo as provas da primeira versão da entrevista para que Sergio Buarque as examinasse, o historiador norte-americano solicitava em tempo alguns adendos: “Aqui vai o primeiro rascunho da entrevista. Aproveitei as anotações que D. Maria Amélia [esposa de SBH] me deu como também alguns dados da introdução em *Tentativas de Mitologia*. Mas o grosso veio diretamente da nossa conversa. // Só depois é que senti a necessidade de fazer uma pergunta sobre a relação entre o modernismo e seus trabalhos históricos. Faço esta pergunta agora, e muito apreciaria se pudesse incluir um parágrafo de sua autoria sobre este assunto na página 18. Além disso, me faltaram alguns nomes, etc., assinalados na margem, e alguns dados bibliográficos nas páginas 20 e 21. Deixei de lado aqui a crítica literária, o jornalismo, e as sucessivas edições, para que a bibliografia ficasse mais compacta. Mas se deixei de incluir outros itens, por favor, adicione-os. // Fico com as suas anotações aqui para serem entregues pessoalmente quando de sua vinda ao Rio em meados de junho. Naquela ocasião poderão me trazer as informações que me faltam, e a resposta

Observar que a geração de 22 se encontrou e se descobriu, encontrando e descobrindo o Brasil, não significa, neste caso, reivindicar uma primazia cronológica. Sobretudo não significa tentar, a qualquer preço, um panegírico dessa geração. Penso, ao contrário, que em mais de um ponto, o “encontro”, assim como a espécie de autolatria nacional e regional que se seguiram a ele, padeceu de alguns vícios de origem que já é possível e necessário, talvez, denunciar. O fato é que apesar de tudo entrou muita improvisação e facilidade na escolha de rumos seguidos. Mais uma vez o Brasil fora “descoberto”, e descoberto, mais uma vez, por acaso. No meio da navegação que devia levar às Índias incógnitas, sua aparição empolgou subitamente pelo que oferecia de único, de peculiar, de jamais visto. E a cor de nossa surpresa, apesar de alguns esforços lúcidos para retificá-la, continua a colorir não apenas a arte e a literatura, mas até a ciência, até a política, onde a “realidade brasileira”, as tradições brasileiras, livremente interpretadas, o “mau, mas meu” passaram a ser padrões supremos e insuperáveis.¹⁰⁹

O vício congênito, forçoso e passível de severa denúncia, estaria numa espécie de capitulação romântica das práticas modernistas, repentinamente acomodada na prestidigitação de assuntos pitorescos e exóticos a serviço da exaltação patrioteira, tematizando cenas e quadros em si mesmos sugestivos à imaginação do leitor e pouco exigentes do engenho e arte dos criadores. O emprego de tais recursos, embora constituíssem o atalho encontrado para a

à pergunta acima.” Cf. Carta de Sandra e Richard Graham a Sergio Buarque de Holanda (Rio de Janeiro, 24 de maio de 1981), depositada no SIARQ/Unicamp, Fundo Privado Sergio Buarque de Holanda, Cp 353 P11.

¹⁰⁹ Holanda, Sergio Buarque de. “Fluxo e Refluxo – III”, in: *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, volume II, p. 345 e 343. (Originalmente publicado no *Diário de Carioca*, Rio de Janeiro, 04/02/1951)

reconciliação da plêiade modernista com o público, tornando-o apto - na sugestiva imagem de Gilberto Freyre - a servir-lhe de “sexo oposto ao deleite do espírito”, terminariam por converter em fórmulas as formas ainda mal dominadas. Tudo isso em detrimento do impulso renovador, deprimido em sua potencial tensão criadora, uma vez prematuramente mergulhado numa longa fase de rotina e relaxamento.¹¹⁰

Mal descobertos os veios da rubra terra, nossos pioneiros da conquista dos trópicos para a civilização literária do século XX quedaram a faiscar o brilho fácil dos borrões de verde e amarelo, cuidando em feitorizar a riqueza fácil, quase ao alcance da mão, “jogando colonialmente no certo”¹¹¹ em assuntos que se prestavam menos à expansão do estímulo criador do que para desculpar e substituir patentes insuficiências. Donde se dizer que

Essa exploração dos trópicos não se fez, é verdade, por um empreendimento metódico e racionalizado, não emanou de uma vontade construtiva e enérgica: fez antes com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores.¹¹²

¹¹⁰ Consultar a este respeito a série de críticas publicadas no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, entre setembro de 1940 e novembro de 1941. Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*, Op. cit., volume I, p. 271-369.

¹¹¹ A expressão pertence a Mário de Andrade, que a utilizou na famosa conferência de 1942 sobre “O Movimento Modernista”. Cf. Andrade, Mário. “O Movimento Modernista”, in: *Aspectos da literatura brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 231-55.

¹¹² Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 19-20. Lembre-se também da citada conferência de Mário de Andrade: “A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reavaliação e mesmo a remodelação da inteligência nacional. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal. Há um mérito inegável nisto, embora aqueles primeiros modernistas... das cavernas, que nos reunimos em torno da pintora Anita Malfatti e do escultor Vitor Brecheret, tenhamos como que apenas servidos de altifalantes de uma

O que parecia preocupar Sergio Buarque, está visto, era o fato de que o abandono sôfrego das rotinas e das disciplinas de ontem se fizesse em favor de outras novas rotinas e outra novas disciplinas tão ou mais intransigentes quanto as últimas. Quando, em *Raízes do Brasil*, Sergio Buarque fala de nosso apego a fórmulas fixas é certo que retrata um consistente dado de nossa formação sócio-cultural, mas pode-se imaginar que também está se referindo a um vício ou constante empregado/emprestado em nossa literatura, não menos amiga das facilidades retóricas e dos quadros coloridos e bem forjados.¹¹³

Mais ou menos como se quisesse expressar que as limitações que levam à crise das letras e das artes fossem algo próximo de um epifenômeno das limitações críticas mais profundas da sociedade. Ao menos é o que se pode inferir do raciocínio buarquiano quando se propõe a uma possível correção do “diagnóstico pessimista de Mário de Andrade” a respeito do “ciclo de desistência”

força universal e nacional muito mais complexa que nós. Força fatal, que viria mesmo. Já um crítico de senso-comum afirmou que tudo quanto fez o movimento modernista, far-se-ia da mesma forma sem o movimento. Não conheço lapalissada mais graciosa. Porque tudo o que se faria sem o movimento modernista seria pura e simplesmente... o modernismo”. Cf. Andrade, Mário. “O Movimento Modernista”, Op. cit., p. 231.

¹¹³ Basta lembrar a profusa mania de fórmulas presente no modernismo: *futurismo, desvairismo, subjetivismo e objetivismo dinâmicos, terror cósmico, Pau-Brasil, Verde-Amarelo, etc.* e muitas outras por aí afora. Foi pensando nesses casos que Mário de Andrade, em uma de suas “Crônicas de Malazarte”, escrita em 1924 para a revista carioca *América Brasileira*, comentava acerca dos episódios iniciais da campanha modernista: “O mal de tudo isso foi o batismo do grupo. Futurismo! Eu chamara a atenção de Oswald sobre isso. Ele insistira na palavra. Oswald impunha-lhe, não uma significação estreita de escola, mas a mais larga de renovação universal, em que se poderiam reunir as tendências mais díspares. Comuniquei-lhe que recusaria o título. E o fiz. Poucos dias depois do artigo, publiquei pelo mesmo jornal a resposta em que rejeitava a escola italiana. Tenho horror inato às escolas e abomino aqueles que se imaginam condutores de artistas. E assim serei sempre. Só um orgulho eu tenho e só duma prerrogativa não desisto. Orgulho do que fiz para mim mesmo, e a prerrogativa de que ninguém me conduziu ou conduz. (...) E da mesma forma com que não sou caudatário de ninguém, previ o perigo de um outro se deixar levar pela liberdade exagerada de Paulicea. Isso me ditou aquela ‘blague’, de fundo verdadeiro, muito pensada, de criar uma escola e destruí-la no mesmo livro”. Cf. Andrade, Mário de. “Crônica de Malazarte – VII”, in Batista, Marta Rosseti; Lopez, Telê Porto Ancona; Lima, Yone Soares de. (Orgs.) *Brasil: 1º Tempo modernista (1917/29)*. São Paulo: IEB/USP, 1972, p. 73.

que principiou a empolgar as letras brasileiras por volta de 1930. Para Sergio Buarque, “a promessa de malogrados e demissionários” que povoava a nossa novelística imediatamente posterior à fase heróica do modernismo lhe sugeriria menos “um sintoma possível de um mal de raiz profunda”, que não se deveria procurar apenas nas modas literárias, como pensava Mário de Andrade, do que uma conseqüência de uma atitude essencialmente lírica com freqüência adotada por nossos escritores. Juízo que motivava as seguintes ponderações:

Mas se a estética da demissão e do fracasso é quase inevitável na obra de ficção que tenha o indivíduo isolado por centro empolgante ou objeto imediato, neste caso seria possível tentar corrigir o diagnóstico pessimista de Mário de Andrade. A atitude lírica, associada aqui, bem ou mal, àquela estética, já não significa que o homem brasileiro possa estar às portas de “desistir de si mesmo”, e sim que a sociedade brasileira, até agora, só deu terreno fértil e bem amanhado para uma arte que se pode chamar de “microscópica”, onde o indivíduo – a parte – vem a ser maior do que o todo: o mundo que o abrange e envolve.

Estaríamos novamente diante do velho individualismo romântico, lírico e envolvente, tão ao gosto para embalar a imaginação dócil do leitor pouco exigente. Uma fórmula de sucesso garantido – “O bom sucesso do indivíduo quer dizer apenas que ele soube acomodar-se ao seu mundo circunstante, quer dizer que a sociedade assentou nele como uma luva” –, que não conviria arriscar ousando outras tentativas mais audaciosas:

O longo romantismo de nossa literatura, no caso de nossa literatura de ficção, deveu-se, segundo [Lúcia Miguel-Pereira], a essa insuficiência de elementos

romanceáveis, na sociedade brasileira do tempo da monarquia. A maturidade de Machado de Assis, e é apenas neste ponto que já me permiti discordar da autora, corresponderia ao amadurecimento dessa sociedade. Acredito, ao contrário, que a arte de Machado, também “microscópica” a seu modo, formou-se a despeito das situações adversas que encontrou e retratou. Creio também que, se nossa sociedade pôde evoluir, de então pra cá, no sentido de um maior cosmopolitismo e de uma complexidade maior, não deixou, contudo, de se conservar largamente aluvial, sem contorno definidos e sem a densidade necessária para alimentar, salvo caso excepcionais, uma arte social no sentido em que foi uma arte social o romance burguês europeu do século XIX e continua a sê-lo sua prole recente.¹¹⁴

As atitudes individuais dos artistas brasileiros pareciam, portanto, corresponder a formas determinadas de acomodação e ajustamento a certas expectativas sociais, muitas das quais estranhas ao campo das artes. A compreensão dessas atitudes e dessas expectativas é passo necessário para que se rasguem horizontes, por assim dizer, “macroscópicos” e “sociais” para as expressões artísticas originais. Mas há que se atentar que as distâncias entre o ideal das intenções artísticas que viessem a superar os impasses modernistas e suas modestas realizações são distâncias historicamente construídas.

Daí que Sergio Buarque se ponha a examinar, do ponto de vista do presente, as vicissitudes do passado com os olhos voltados para o futuro.¹¹⁵ Daí

¹¹⁴ Holanda, Sergio Buarque de. “Situação do romance”, in: *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, volume II, p. 327-330. (Originalmente publicado no *Diário de Carioca*, Rio de Janeiro, 14/01/1951)

¹¹⁵ Aqui talvez, teria alguma utilidade expor como Sergio Buarque de Holanda, certo que alguns poucos anos depois da publicação de *Raízes do Brasil*, concebia ou insinuava compreender a noção de tradição: “Não sei se é possível [um

também, quem sabe, sua forte sugestão de que a nossa cultura está toda ainda por criar-se, mas frisando taxativamente que as bases ibéricas já haviam criado tudo o que ela podia criar, sendo necessário concatenar esforços para levar adiante a lenta gestação de “um estilo novo, que crismamos talvez ilusoriamente de americano, porque os seus traços se acentuam com maior rapidez em nosso hemisfério”.¹¹⁶

Mas a pergunta persiste: como? Em que bases? Talvez principiando por abandonar um dos traços mais característicos de nossos ancestrais lusitanos, que eram “homens que sabiam repetir bem o que estava feito ou que lhes ensinara a rotina”, cientes de que os novos tempos destituíram de realidade vital uma série

historiador que não seja tradicionalista]., o fato é que eu não sou. Compreendo o tradicionalismo como atitude estética. Mas acho que o culto à tradição, o amor do passado pelo passado, do ponto de vista social e político, é infecundo e negativo. Admito que os poetas gostem da tradição, como nós gostamos de ver velhas ruínas, mas o passado, como simples espetáculo, não me interessa. Observe que o tradicionalista, em geral, procura não a Tradição, mas certa tradição, mais de acordo com suas idéias e conveniências às vezes momentâneas. Com o recurso à palavra 'tradição', palavra naturalmente prestigiosa, o que ele procura é apenas um endosso para suas idéias, quase sempre reacionárias, e que precisam dessas muletas para se apoiarem. Por isso, o tradicionalismo, transposto para o plano social e político, pode ser nefasto. Creio que é de Goethe a frase de que a função da História é libertar-nos do passado. Nada mais certo. O conhecimento da História nos liberta do passado, nos faz conhecer melhor o presente e nos prepara para encarar sem preconceitos o futuro. Mas 'o passado pelo passado', é uma espécie de 'arte pela arte', capaz de estorvar todo e qualquer progresso. Mesmo porque uma coisa que pertence ao passado não é, só por isso, necessariamente boa. O conservantismo, esse tem uma razão de ser, possui até uma função de equilíbrio social muito importante. Não é possível que todo mundo seja permanentemente revolucionário. É preciso, mesmo, que haja elementos conservadores e até rotineiros na sociedade. Mas o conservantismo, ao contrário do tradicionalismo, não é uma atitude fabricada, nasce do sentimento espontâneo de defesa". Cf. Senna, Homero. "Modernismo, tradição e regionalismo" (entrevista com Sergio Buarque de Holanda) in: *República das Letras (20 entrevistas com escritores)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957, p.126-27. Mas para um registro de uma preocupação próxima da que foi apontada acima, esta sim datando do período efervescente do modernismo, vale a pena ler o seguinte trecho de uma carta de Sergio Buarque endereçada a Mário de Andrade: "A verdade é que não creio na ' vaidade de todas as coisas' senão como uma das atitudes possíveis neste mundo. De fato, esta não é a minha atitude. Ou melhor não é a minha atitude *permanente*. Ao contrário quero aceitar a realidade cotidiana tal como é, embora pense que ela vale principalmente pelo que contém de promessa". Cf. Holanda, Sergio Buarque de. Carta para Mário de Andrade (02/12/1925), *apud* Candido, Antonio (Org.) *Sergio Buarque de Holanda e o Brasil*, Op. cit., p.111.

de costumes que ainda galhardamente grassavam em nossa vida social.¹¹⁷ Depois, então, laborando para a decantação de uma tradição modernista? Existiria, no entanto, isso ou algo que o valha? Não repercutiriam estes questionamentos um clima modernista que se faria ecoar, tanto ou mais forte do que as leituras feitas na Alemanha de Weber, Meinecke entre outros epígonos das modernas ciências do homem e do espírito, sempre tão alardeadas pela crítica habitual, no seio do próprio ensaio buarquiano? Devemos procurar na passagem modernista de Sérgio Buarque a raiz e a seiva da originalidade de suas perspectivas analíticas e formais? Em caso negativo, seriam estas questões desprovidas de pertinência para um melhor conhecimento da seleta buarquiana e sua fortuna crítica?

De qualquer forma, mesmo pateado o desmentido da literatura, o mistério modernista permanece em pé.

* * *

¹¹⁶Cf. Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. 137.

¹¹⁷ Idem, p. 27, 138 e seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... uma das virtudes específicas do modernismo é que ele deixa suas interrogações ecoando no ar muito tempo depois que os próprios interrogadores, e suas respostas, abandonaram a cena.”

(Marshall Berman, Tudo o que é sólido desmancha no ar)

Estreando em livro tardiamente, no ano de 1936, Sergio Buarque já podia se considerar um escritor maduro, experimentado no tratamento geral de idéias após uma longa jornada como crítico literário nas fileiras modernistas. Esta passagem de sua trajetória intelectual é ainda bastante viva quando da redação de *Raízes do Brasil*. Tanto isto é verdade que o próprio autor, ainda em 1935, se considerava “apenas meio contador de histórias do Brasil, além de esforçado crítico, um tanto bissexto, e sem livro publicado”.¹

Na ambiência vibrante da boêmia literária do modernismo Sergio aguçara seu fino senso de humor, adquirindo uma estranha capacidade de rir do absurdo, a essência satírica para ironizar a sisuda pretensão das coisas sérias. Seria esta característica singular que conferiria o aspecto sinuoso de muitas passagens de suas obras.² Diluídas em eruditas digressões, nos meandros de seu raciocínio, não raro a ironia vai tomando corpo na lei do mansinho, de quando em quando

¹ Holanda, Sergio Buarque de. “O operário em construção e outros poemas”, in: *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 426. (Originalmente publicado como prefácio ao livro de Moraes, Vinícius de. *O operário em construção e outros poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 7-11)

² Aliás, no calor da hora de seu lançamento, este aspecto de *Raízes do Brasil* foi sublinhado pelo articulista do *Correio do Povo*, de Porto Alegre (RS), ao apresentar o ensaio ao público gaúcho: “a crítica, de vigorosos traços do sr. Sergio Buarque de Holanda, leva-nos imediatamente a pensar na palavra irreverente, vingativa, satírica do nosso vocabulário cotidiano”. Cf. Vasconcellos, Waldemar. “Documentos Brasileiros”. In *Correio do Povo*, Porto Alegre, 15/11/1936.

atacando bonito, como a sugerir, nos interstícios de sua prosa discursiva, aquela máxima do matuto Riobaldo: “se divertindo, a gente se economiza”.

Sensível farejador de detalhes significantes, mais uma vez Alexandre Eulálio nos daria mostras de sua perspicaz sensibilidade quando observou a ubiqüidade da atenção e receptividade do ensaísmo buarquiano à complexidade psicológica e à pesquisa formal inovadora, conferindo a estas duas qualidades a função dum travejamento dialético na obra de Sergio Buarque:

Pensando com abrangência filosófica, dono de expressão precisa e densa, senhor de invejável coragem intelectual, Sergio era servido por um espírito dialético que buscava na ironia a base de um distanciamento que devia desaguar antes de mais nada na objetividade do juízo crítico.³

A atitude brincalhona e irreverente de Sergio Buarque invariavelmente lograva estabelecer uma tensão dialógica com seu interlocutor. Aos afoitos por soluções prontas e facilmente aplicáveis, o autor devolve, como vimos acima, uma série interminável de questões, como a forçar-lhes o pensamento. A toda hora convida seus leitores a duvidar do óbvio, alimentando o velado intuito de que descubram por si mesmos suas próprias respostas. *Melhor para idéia bem se abrir, ensina a matuta sabedoria dum Guimarães Rosa, é sugerir bem fundamentado.*

Seria então o caso de refletir se o tipo de formulação compreensiva que ordena e singulariza o conjunto da obra de Sergio Buarque não comporta uma hábil estratégia para torcer o rumo das discussões em direção a terrenos mais

³ Eulálio, Alexandre. “Antes de tudo um escritor”, *Op. cit.*, p.141.

propícios a uma compreensão ampliada da vida cultural brasileira. O que nestas considerações finais, a título de *dúvida metódica*, gostaríamos de sugerir ao leitor é a seguinte pergunta: não seria possível admitir que a “admirável metodologia dos contrários” – segundo Antonio Candido, o elemento estruturante do pensamento do autor de *Raízes do Brasil* – traz consigo as marcas da experiência modernista de Sergio Buarque?

Afinal, a construção redutora de oposições polarizadas de certa forma também impregnou a demarcação do campo modernista, não raro, em seus piores momentos, remexendo velhos fantasmas que se agitavam no vazio, tais como as bizantinas querelas entre passadistas e futuristas, localistas e cosmopolitas, etc. Mesmo o episódio do “*affaire*” Monteiro Lobato versus Anita Malfatti propicia algumas sugestões valiosas para a releitura de determinados conceitos e elucubrações presentes em certos argumentos de *Raízes do Brasil*, livro que pode ser lido como uma espécie de “carta de intenções”, onde o autor delineia questões que serão desenvolvidas, reavaliadas e, quem sabe, superadas nos seus trabalhos subseqüentes.

Ao longo das páginas desta dissertação procurou-se apresentar elementos para sugerir que as ambigüidades do pensamento de Sergio Buarque em sua “primeira maturidade” são de alguma forma tributárias da ambigüidade própria do modernismo. Contudo, é bom deixar claro, seria um equívoco inferir desta última assertiva algum velado intuito de se dissimular os limites de um estilo de pensamento, inocentando-o de qualquer julgamento crítico mais aprofundado, pela simples remissão das supostas ambivalências a uma categoria tão difusa quanto imprecisa como a de modernismo. Neste trabalho, entretanto, não se tratou de

valorar tais ambigüidades e ambivalências, mas de tentar historicizá-las através da leitura crítica de alguns textos. É certo que esta proposta de historização implica numa valorização implícita. Entretanto esta valorização implícita, justamente porque se pretende histórica, não é definitiva, e sim circunstancial; portanto, ela é possível de ser reavaliada, revista, senão mesmo exigir sua superação por desenvolvimentos concretos, que subvertam e transformem a base que a estrutura e fundamenta.

Em apoio da hipótese acima esboçada, cabe ressaltar que a própria composição e desenvolvimento do ideário modernista não se deu por meio da meridiana clareza que muitos discursos posteriores lhe atribuem. Assim, caso hipoteticamente se aceite que o seminal ensaio sergiano em sua estrutura de composição dialoga com a experiência modernista da década de vinte, muitas de suas passagens mais sibilinas ou desfocadas, que a muitos podem parecer certo exibicionismo de Sergio Buarque, portador de uma imensa erudição, podem se ver redimensionadas, carregadas de sentido quando esmiuçados os motivos do autor.

Encerramos estas páginas na esperança de que os leitores ou leitoras eventuais também cheguem à conclusão da leitura convencidos de que alguma contribuição para que se redimensionem certas passagens e certos sentidos do pensamento de Sergio Buarque foi, senão alcançada, ao menos tangenciada neste trabalho.

* * *

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes

a. *Fundo Privado Sergio Buarque de Holanda (Sistema de Arquivo Central da Unicamp: SIARq/UNICAMP):*

- | | |
|---------------------------------|--|
| 1) Série Vida Pessoal: | A. Sub-série: <i>Acervos de Fotografias Pessoais</i>
B. Sub-série: <i>Entrevistas</i> |
| 2) Série Correspondência: | A. Sub-série: <i>Ativa</i>
B. Sub-série: <i>Passiva</i> |
| 3) Série Produção Intelectual: | A. Sub-série: <i>Atividades Jornalísticas</i>
B. Sub-série: <i>Atividades de Pesquisa Atividades Crítica e História Literária</i>
C. Sub-série: <i>Originais e Monografias</i>
D. Sub-série: <i>Anotações de Pesquisa</i> |
| 4) Série Produção de Terceiros: | A. Sub-série: <i>Recortes de Jornais Pessoais de Sérgio Buarque</i>
B. Sub-série: <i>Artigos de Jornais sobre Sérgio Buarque</i>
C. Sub-série: <i>Resenhas de obras de Sérgio Buarque</i>
D. Sub-série: <i>Documentos Históricos Reproduzidos</i> |
| 5) Série Homenagens Póstumas: | A. Sub-série: <i>Homenagens e Notas Fúnebres</i>
B. Sub-série: <i>Semanas Sérgio Buarque de Holanda</i> |
| 6) Série Dossiês: | A. Sub-série: <i>Dossiê Centro Brasil Democrático</i>
B. Sub-série: <i>Dossiê Instituto de Estudos Brasileiros</i>
C. Sub-série: <i>Dossiê Museu de Arte Moderna</i>
D. Sub-série: <i>Dossiê Prudente de Moraes Neto.</i> |

2. Obras de Sergio Buarque de Holanda

a. *Livros*

Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

_____. *Raízes do Brasil*. 2ª ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

_____. *Raízes do Brasil*. 3ª ed. (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956

_____. *Cobra de Vidro*, São Paulo, Perspectiva, 1978.

_____. *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Perspectiva, 1979.

- _____. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. (organização e prefácio de Francisco de Assis Barbosa). Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
- _____. *Visão do Paraíso*. 4ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *O espírito e a letra*. (organização, introdução e notas Antonio Arnoni Prado) São Paulo: Cia das Letras, 1996, dois volumes.

b. Artigos, folhetos e outros impressos

- Holanda, Sergio Buarque de. "Um homem essencial". *Estética*, Rio de Janeiro, I (1): 29-36, setembro de 1924.
- _____. "Perspectivas". *Estética*, Rio de Janeiro, I (3) de abril-junho de 1925.
- _____. Carta para Mário de Andrade (02/12/1925), *apud* Candido, Antonio (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- _____. "O lado oposto e os outros lados". *Revista do Brasil* (2ª fase), Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1926, p. 9-10.
- _____. "Instintos de Sabedoria: Algumas considerações à margem da recente viagem do Dr. Pontes de Miranda a Berlim". *O jornal*, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1930.
- _____. "Corpo e Alma do Brasil. Ensaio de Psicologia Social". *Espelho*, Rio de Janeiro, nº 1, março de 1935, p.14-16, 52-53.
- _____. "Depois da Semana". *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 24/02/1952.
- _____. *Elementos básicos da nacionalidade: o homem*. Rio de Janeiro: Estado Maior das Forças Armadas. Escola Superior de Guerra, 1967.
- _____. "A juventude de Prudente nas recordações de Sérgio Buarque de Hollanda". *O Estado de São Paulo*, 19/05/1977, (*Suplemento Literário*, nº 877).

3. Bibliografia Geral

- Aguiar, Flávio. "A moldura e o espelho". *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. (Org. Edgar Salvadori de Decca e Ria Lemaire), Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- Almeida, Guilherme de. *Raça*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- _____. *O sentimento nacionalista na poesia brasileira*. São Paulo: Typographia da Casa Garrux, 1926. (Tese de Concurso)
- _____. *Rhythm, elemento de expressão*. São Paulo: Typographia da Casa Garrux, 1926. (Tese de Concurso)
- _____. "São Paulo e o espírito moderno". *São Paulo e sua evolução: Conferências realizadas no Centro Paulista em 1926*. Rio de Janeiro: Gazeta Bolsa, 1927.
- Almeida, Renato de. *Formação Moderna do Brasil*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, 1923.
- Andrade, Jorge de. *Labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- _____. "Um Buarque antes do Chico. O perfil de um dos maiores historiadores brasileiros: Sérgio Buarque de Holanda, 42 a.C. (entrevista)". *Realidade*. São Paulo, ano VII, nº 75, junho de 1972, p. 70-80.
- Andrade, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro, Organizações Simões Editora, 1958.
- _____. *O empalhador de passarinho*. 3ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972, p. 189.
- _____. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- _____. *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- Andrade, Rodrigo M. F. de. "Singularidade e multiplicidade de Sergio". *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro: 3 (6), julho de 1987, p.86-87.
- Aranha, Graça. *O espírito moderno*. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.
- _____. *A estética da vida*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d.
- Atahyde, Tristão de. "Política e letras". In: Cardoso, Vicente Licínio. *À margem da história da República*. Rio de Janeiro: Edição Anuário do Brasil, 1924.
- _____. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- _____. *Estudos: 1ª Série*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edição de "A Ordem", 1929.
- _____. *Estudos: 2ª Série*. Rio de Janeiro: Edição de A Ordem, 1928.
- _____. *Estudos: 3ª Série*. Rio de Janeiro: Edição de A Ordem, 1929 e 1930.
- _____. *Estudos: 4ª Série*. Rio de Janeiro: Edição de A Ordem, 1931.
- _____. *Estudos: 5ª Série*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A., 1933.
- _____. *Tentativa de Itinerário*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1929.
- Avelino Filho. George. As raízes de "Raízes do Brasil". *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n.18, p.33-41, set. 1987.
- Bandeira, Manuel. "Retirada da Rússia", *O jornal*. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1931. Artigo reimpresso em: Barbosa, Francisco de Assis (Org.) *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988, p. 291-293.
- _____. "Sérgio, anticafajeste". *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p. 90-91.
- Barbosa, Francisco Assis. (org.) *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 (6), p. 32-42, julho de 1987. (Número especial dedicado a Sergio Buarque de Holanda)
- Barbosa, Francisco Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- _____. "Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: Ensaio sobre sua formação intelectual até *Raízes do Brasil*." In: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, Arquivo do Estado; USP, IEB, 1988, 27-54.
- Barbosa, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Editora Ática, 1974.
- _____. "Linguagem e realidade do modernismo de 22". *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p.73-106.
- Berriel, Carlos Eduardo Ornelas. *Dimensões filosóficas de Macunaíma*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Teoria Literária. Campinas: IEL-Unicamp, 1987.

- _____. *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado*. Tese de Doutorado, Departamento de Teoria Literária. Campinas: IEL- Unicamp, 1994.
- Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª edição. São Paulo: Cultrix, 1975.
- Braga, Rubem. "O Dr. Progresso acendeu o cigarro na Lua". *O recado da Primavera*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- Brito, Mário da Silva. *História do modernismo Brasileiro*. São Paulo: Edições Saraiva, 1958.
- _____. "A revolução modernista"; in: Coutinho, Afrânio (org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- Candido, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- _____. "Inéditos sobre literatura colonial". In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p.92-104
- _____. "O significado de *Raízes do Brasil*". In: Holanda, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- _____. "Sérgio em Berlim e depois". *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 1 (3), julho de 1982.
- _____. "Literatura de dois gumes". *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- _____. *Literatura e Sociedade*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- Cano, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 1990.
- Carvalho, Elysio de. *Esplendor e decadência da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Briguet, 1911.
- Carvalho, Elysio de. & Carvalho, Ronald de. *Afirmção de um ágape de Intelectuais*. Rio de Janeiro: Monitor Mercantil, 1921.
- Carvalho, Marcus Vinicius Corrêa. ***Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida***. Dissertação de mestrado, Departamento de História. Campinas: IFCH-Unicamp, 1997.
- Carvalho, Ronald de. *Estudos Brasileiros: 1ª série*. Rio de Janeiro: Editora Anuário do Brasil, 1924.
- _____. *Estudos Brasileiros (3 séries)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Aguilar; Brasília: INL, 1976.
- _____. *Toda América*. Rio de Janeiro: Pimenta de Melo, 1926. (Recentemente foi lançada uma 3ª edição deste livro de poemas pela editora carioca *Razão Cultural*, 2001)
- _____. *Espelho de Ariel e Poemas Escolhidos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Brasília: INL, 1976.
- _____. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 3ª edição. R.J.: F. Briguet & Cia., 1925.
- _____. *Luz Gloriosa*. Paris: Crès et Cie, 1913.
- Castro, Conrado Pires de. ***Raízes do Brasil e o debate sobre a "modernização" da sociedade brasileira na década de 30***. Monografia, Instituto de Economia. Campinas, IE-Unicamp, 1996.
- Chiacchio, Carlos. *Modernistas e ultramodernistas*. Salvador: Progresso, 1951.
- Coelho, João Marcos. "A democracia é difícil: as observações e as conclusões de um especialista com base no exame da História", (entrevista de Sérgio Buarque de Holanda), *Veja*. São Paulo, 28 de janeiro de 1976, p. 3-6.
- Coutinho, Afrânio. *Introdução à literatura brasileira*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

- _____. *No hospital das letras*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.
- Dias, Maria Odila Leite da Silva. "Sérgio Buarque de Holanda, historiador (Introdução)". *Sérgio Buarque de Holanda - Coleção Grandes Cientistas Sociais nº 51*, São Paulo, Ática, 1985.
- Eagleton, Terry. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- Eugenio, João Kennedy. *O outro ocidente: Sérgio Buarque de Holanda e a interpretação do Brasil*. Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em História, Niterói: UFF, 1999.
- Eulálio, Alexandre. "Antes de tudo um escritor", in: *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, 134-141.
- Franco, Afonso Arinos. "Introdução e Itinerário", in: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15.03.42. Artigo depois recolhido e publicado no volume de crítica literária *Mar de sargaços*, São Paulo: Livraria Martins, 1944.
- Frederico, Celso. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.
- Galvão, Walnice. "Modernismos intertextos", in: Dedecca, Edgar & Lemaire, Rita (org.) *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp e Ed. da UFRG, 2000, p.289-300.
- _____. "Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda", in: *Estudos Avançados*, São Paulo, IEA/USP, v.15, n.42, maio/ago. 2001, p. 471-486.
- Gaspari, Elio. "Uma cabeça que bate contra a maré; Wanderley Guilherme dos Santos, elitista e marginal, vencedor de causas perdidas", in: *Veja*, São Paulo, 18 de maio de 1994.
- Hardman, Francisco Foot. "Antigos modernistas", in: Novaes, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- Hegel, G. W. F. *Hegel (Os pensadores)*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996, p.27-44; 273-288 e 295-329.
- Kayser, Wolfgang. *Análise e interpretação da Obra Literária: Introdução à Ciência da Literatura*. (2ª edição portuguesa totalmente revista pela 4ª edição alemã por Paulo Quintas). Coimbra: A. Amado, 1958, volume I, p. 80-89.
- Lafetá, João Luiz - *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.
- Lara, Cecília. *Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas*. São Paulo: IEB/USP, 1972.
- Lawrence, D. H. *Studies in classic american literature*. Penguin Books, 1977.
- Leite, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 2ª edição, São Paulo: Pioneira, 1969, p.286-293.
- Leonel, Maria Célia de Moraes. *Estética (revista trimensal) e modernismo*. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- Marson, Adalberto. "Dimensões políticas do modernismo na década de 20". *Ciência e Cultura*, 25 (11), novembro de 1973, pp. 1030-1037.
- Martins, Wilson. *O modernismo: 1916-1945*. 4ª edição, São Paulo: Cultrix, 1973.
- Mello, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- Mészáros, István. "El concepto de dialéctica en Lukács", in: Parkinson, G.H.R. *Georg Lukács: El Hombre, su Obra, sus Ideas*. Barcelona-México: Ediciones Grijalbo, S.A., 1973, p.45-101.

- Micelli, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Milliet, Sérgio. "À margem da obra de Sérgio Buarque". *Quatro ensaios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966, p. 49-55.
- _____. *Ensaio*. São Paulo: Brusco & Cia. Editores, 1938.
- _____. *Pintura quase sempre*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1944.
- Monteiro, Pedro Meira. "O brasileiro sem nenhum caráter (Sérgio Buarque de Holanda e o 'homem cordial')", in: Ribeiro, Maria Thereza Rosa (org.) *Intérpretes do Brasil: leituras críticas do pensamento social brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001, p. 63-78.
- _____. "A queda do Aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em **Raízes do Brasil**", mimeo., trabalho apresentado no IX Congresso Brasileiro de Sociologia, GT 19 (Pensamento Social no Brasil), promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia, em Porto Alegre (RS), entre os dias 30 de agosto e 03 de setembro de 1999.
- Monteiro, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- _____. "Sérgio Buarque de Holanda e as palavras: uma polêmica", in: *Lua Nova*, São Paulo, CEDEC, n.48, 1999, p. 145-159.
- _____. "Sérgio Buarque de Holanda e os atores da 'nossa revolução'.", in: *Cadernos de História Social*, Campinas, n.4, out. 1996, p. 59-72.
- _____. "As 'raízes rurais' em **Raízes do Brasil**", mimeo., trabalho apresentado na mesa-redonda "O tema da herança colonial no pensamento social brasileiro", na *Reunião Intermediária da ANPOCS*, GT 22 (Teoria Política e História das Idéias), promovida pelo Grupo de Teoria Política do IEA/USP, *Mestrado em Sociologia e CEB/UNICAMP*, em Campinas (SP), entre os dias 12 e 13 de agosto de 1996.
- _____. "O homem cordial e a democracia quase impossível: caráter típico-ideal e significado político da cordialidade em **Raízes do Brasil**", in: *Ciência & Trópico*, Recife, FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco), v. 24, n.2, jul./dez. 1996, p. 333-357.
- Moraes, Rubens Borba de. *Domingo dos Séculos*. Rio de Janeiro: Candeia Azul, 1924.
- _____. "Memórias de um sobrevivente de *Klaxon*". *Anhembi*, São Paulo, ano XII, nº 138, vol. XLVI, maio de 1962, pp. 492-500.
- Morais, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- Morais, neto, Prudente de. "O lado oposto e outros lados", *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1926. Artigo reimpresso na *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p.8-10.
- _____. "Sobre a sinceridade". *Estética*, Rio de Janeiro, I (2) janeiro-março de 1925.
- _____. Prudente de. *Vida da Estética e não Estética da Vida*. *Estética*. ed. fac-similada. Rio de Janeiro: Gernasa/Prolivro, 1974.
- Morse, Richard. "Modernismo", in: *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: DIFEL, 1970, p. 338-354.
- Mota, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1977.

- Nietzsche, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. (seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; pós-fácio de Antônio Cândido). 3ª Edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983, (Excertos de *Ecce Homo*).
- Oehler, Dolf. *Quadros parisienses: estética antiburguesa em Baudelaires, Daumier e Heine*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *O velho mundo desce aos infernos: Auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 9-151.
- Ortega y Gasset, Jose. *Em torno de Galileu*, Petrópolis, Editora Vozes, 1989.
- _____. "Goethe desde dentro", in: *Tríptico: Mirabeau o el político, Kant, Goethe*. Quinta edición. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S.A., 1952, p. 127-179.
- Paes, José Paulo. **Canaã** e o ideário modernista. São Paulo: EDUSP, 1992.
- Pascal, Roy. "Georg Lukács: El concepto de totalidad", in: Parkinson, G.H.R. *Georg Lukács: El Hombre, su Obra, sus Ideas*. Barcelona-México: Ediciones Grijalbo, S.A., 1973, p.171-198.
- Piva, Luis Guilherme. *Ladrilheiros e semeadores: a modernização brasileira no pensamento de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Azevedo Amaral e Nestor Duarte (1920-40)*. São Paulo: Departamento de Ciência Política da USP; São Paulo: Editora 34, 2000.
- Prado, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. "Nota breve sobre Sérgio crítico". In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p.117-135.
- _____. "Raízes do Brasil e o modernismo". In: *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. (org. Antonio Candido). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p.71-80.
- _____. "Uma Visita à casa de Balzac: Crônica, memória e história na crítica de Sérgio Buarque de Holanda". In: *Revista USP*, n. 38, junho/julho/agosto de 1998, p.10-19.
- Prado, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: D. P. & C., 1928.
- Revista do Brasil*, São Paulo, 1916.
- Ricardo, Cassiano. Variações sobre o homem cordial. In: Holanda, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956, p. 283-310.
- Richards, I. A. *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre: Editora Globo, 1967.
- Rocha, João Cezar de Castro. *Literatura e Cordialidade*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.
- Romero, Sylvio. *História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992, 2 volumes.
- Schwarz, Roberto. "As idéias fora do lugar". *Ao vencedor as batatas*. 3ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p. 13-28.
- _____. "A carroça, o bonde e o poeta modernista". *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 11-28.
- _____. "Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da malandragem*". *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 129-155.

- Senna, Homero. "Modernismo, tradição e regionalismo" (entrevista com Sergio Buarque de Holanda) in: *República das Letras (20 entrevistas com escritores)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
- Silveira, Tasso da. *Definição do modernismo*, Rio de Janeiro, 1932.
- Souza, Otávio Tarquínio de. "Cinqüentenário do mestre", in: *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 11/06/1952. Artigo reimpresso no número especial da *Revista do Brasil* dedicado a Sergio Buarque de Holanda, organizado por Francisco de Assis Barbosa. Cf. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, p.88-89.
- Süssekind, Flora. Outra nota - comentário ao texto "Nota breve sobre Sérgio crítico" de Antonio Arnoni Prado. In: *Sérgio Buarque de Holanda: 3º Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.
- Ventura, Roberto. *Estilo Tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- Verissimo, José. *História da Literatura brasileira*. 4ª edição: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- _____. *Homens e cousas estrangeiras*. 3 séries. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1902 a 1910.
- _____. *Literatura, política e cultura na América Latina*. (organização e introdução de João Alexandre Babosa) São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Wegner, Robert. *A conquista do oeste: a noção de fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.